



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARLIA FERREIRA RIBEIRO

JUVENTUDES PENSADORAS DAS MÁSCARAS DOS MEDOS: "Visitantes" na
Escola Pública

Teresina
2026

MARLIA FERREIRA RIBEIRO

GRUPO-PESQUISADOR LIBERTÁRIOS: ALONE, AVATAR, BELLADONA, LION,
FRAJOLA E MORGANA

**JUVENTUDES PENSADORAS DAS MÁSCARAS DOS MEDOS: "Visitantes" na
Escola Pública**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Piauí, na Linha de Pesquisa: Educação, Diversidade/Diferença e Inclusão do Mestrado em Educação, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad

Teresina
2026

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Representação da Informação

R484j Ribeiro, Marlia Ferreira
 Juventudes pensadoras das máscaras dos medos : "Visitantes"
 na Escola Pública / Marlia Ferreira Ribeiro. – 2026.
 179 f. : il.

 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
 Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em
 Educação, Teresina, 2026.
 “Orientadora: Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad.”

 1. Jovens. 2. Juventude. 3. Escola – Medo. 4. Sociopoética.
 I. Adad, Shara Jane Holanda Costa. II. Título.

CDD 305.235

MARLIA FERREIRA RIBEIRO

**JUVENTUDES PENSADORAS DAS MÁSCARAS DOS MEDOS: "Visitantes" na
Escola Pública**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação
(PPGE) da Universidade Federal do Piauí,
como requisito para obtenção do título de
Mestre em Educação.

Aprovada em: 06/04/2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/CCE/UFPI
Orientadora e Presidenta

Profa. Dra. Maria do Socorro Borges da Silva

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/CCE/UFPI
Examinadora Interna

Prof. Dr. Fábio Soares da Costa

Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede (ProEF - UNESP/UESPI)
Examinador Externo



Em memória da minha mãe, que sempre esteve presente durante a minha formação, que me acompanhou no dia a dia, ajudando-me a superar os desafios da escola. Ela lia os textos de História, Geografia, OSPB (Organização Social e Política Brasileira) e Biologia, quando eu não conseguia assimilar a matéria.

Contava-me sobre sua infância, sobre seu cachorro Leão, que se jogou debaixo do trem quando pensou que ela havia sido atropelada. Ela superou esse trauma para que as filhas pudessem ter um cachorro. Relatava sobre seu bairro Rebouças, em Curitiba, periférico e popular, cheio de famílias de todos os lugares da Europa, que, como a família dela, vieram para o Brasil fugindo da guerra e da fome: os polacos, cujas festas duravam uma semana; os italianos, que comiam polenta e tomavam vinho todos os dias no almoço, eram alegres e gostavam de cantar. Ela narrava sobre a festa que os ciganos faziam todos os anos, quando passavam pelo seu bairro; sobre seus tios comunistas, que fugiam para os trilhos

da estrada de ferro quando eram perseguidos pela polícia, devido às ideias libertárias que traziam. Mamãe recordava sempre a sua admiração por Getúlio Vargas, as histórias sobre a política, seu respeito ao Brasil, que começou por sua mãe, vinda pequena da Alemanha, quando não registrou as filhas e o filho com os sobrenomes islandês e alemão, por se considerar brasileira. Dissertava, ainda, sobre o nacionalismo, as cantoras do rádio, o Vasco da Gama, as Marchas e Dobrados.

Minha mãe, cuja juventude foi marcada pela Segunda Guerra Mundial, contava-me que a partida dos primeiros pracinhas de Curitiba para a guerra foi marcada por festa, mas que, quando chegaram as primeiras notícias das baixas, a população não queria mais mandar seus filhos para a guerra, e os trens cheios de jovens saíam de madrugada, às escondidas, para evitar protestos. Seu aniversário de quinze anos só teve bolo porque uma de suas tias, casada com um militar, conseguiu açúcar, que, na época, era racionado. Até hoje, eu sei o hino dos expedicionários: “Por mais terras que eu percorra, não permita Deus que eu morra, sem que volte para lá, sem que leve por divisa esse V que simboliza a vitória que virá”.

Minha mãe Dirce, que competia pelo Clube Ferroviário em corrida e no basquete, que a levou a ser convocada para a Seleção Paranaense de Basquete. Essas histórias me incentivaram a praticar corrida e a jogar handebol. Ainda lembro dela torcendo por mim nas arquibancadas.

Minha mãe, que aprendi a admirar ainda mais depois de seu falecimento, olhando fotos, lendo seu diário e as cartas de amor entre ela e meu pai. Uma mulher forte, lutadora, que, na década de 1950, lutou por sua felicidade, deixando um casamento abusivo e seguindo o amor da vida dela pelos caminhos da vida a dois. Passaram por vários caminhos do Brasil: Curitiba, Vitória, Salvador, Balsas, Campo Maior, Monsenhor Gil, Barra Mansa, Maceió, novamente por Vitória, São Luís, Teresina, Baixa Grande... Viveu, lutou, criou três filhas, perdeu dois filhos, criou um neto, ajudou a criar outro e enterrou seu grande amor.

Uma mulher de tantas histórias, que eu tive o prazer de ouvir muitas delas e de descobrir outras tantas através de seus diários.

Tenho saudades de sua presença, mas trago muitas memórias.

O desenho acima foi feito por meu filho Bernardo, enquanto nós duas olhávamos as plantas de minha casa. Plantar, trocar mudas, sair para comprar plantas, era um dos amores que a gente compartilhava.

AGRADECIMENTOS

A todas as aliadas e aliados que enchem minha vida de encontros alegres e potentes, e se transformam em cantos de amor para minha vida.

À Espiritualidade

Ao meu companheiro **Vidoni** e meu filho **Bernardo** que são força, e transformam nossa casa em lugar de apoio, alegria e amorosidade. Vocês são para mim o ponto de equilíbrio para resistir às atribulações da vida.

A minha irmã **Elda**, pelo apoio durante esta caminhada, e por estar a cada dia mais próxima.

A minha mãe Dirce e ao meu pai Edsé, a quem devo ensinamentos de vida.

A **Josy**, uma amiga que eu conquistei e por quem fui conquistada. Obrigada por estar comigo desde o primeiro semestre do curso de pedagogia, por me mostrar a Sociopoética, e a possibilidade de pesquisar com a razão, a emoção, a intuição e a espiritualidade. Você me mostrou que eu poderia ir além do curso, e nos tornarmos mestras e nos tornaremos doutoras. Obrigada por me permitir estar ao seu lado no momento mais potente de sua vida, quando você desabrochou em busca da felicidade.

A minha amiga **Naira Jane**, uma aliada para permanência no curso, que me ouvia nas horas de apertado, e seus conselhos realistas que eu adoro ouvir. Obrigada pelos fins de turno nas conversas quase intermináveis no estacionamento antes de voltarmos para casa.

Aos **Libertários: Alone, Avatar, Belladonna, Lion, Frajola, Morgana**, meu grupo-pesquisador, que chegaram em minha vida em um momento de descobertas, e foram acolhimento, potência, e carinho, iluminando minhas tardes das quintas-feiras na escola.

A **Wilker**, meu copesquisador, pela sua presença ao meu lado durante a pesquisa, e por transformar a Sociopoética em Doce Contagante

A minha orientadora Passarinha, **Shara Jane**, Sociopoeta potente, que me ensinou os caminhos da pesquisa, do pesquisar com o corpo todo, com poesia, música e dança, e por me fazer perceber que tudo sentimos, tudo experimentamos e transformamos em conhecimento e nos tornamos potentes para transver o mundo.

Ao **Wanderson**, que está presente em minhas conquistas desde que entramos juntos para o Nepegeci, e me permitiu acompanhar as suas próprias conquistas.

Ao **Wesley**, aliado em muitas horas de conversas e conselhos.

Ao grupo de pesquisadores, orientandos da mesma Passarinha, que enchem o OBIJUVE de alegria: **Ana Jéssica, Andréia, Artenildes, Claudiney, Débora, Josy, Jorrania, Maira, Fabio, Vilma, Wesley, Renan, Sabrina, Wanderson, Wilker.**

A Professora **Rosangela**, da Sociologia UFPI, que não deixou que eu desistisse da seleção de mestrado, e se tornou minha Professora, com quem aprendi muito sobre Corpo e pesquisa.

A Professora **Socorro Borges**, obrigada por me trazer as epistemologias negras e seus saberes de Sociopoéta.

Ao orientando da Professora Socorro Borges que me acolheram em seu ninho: **Karoline, Samuel, Talita e Zenaide.**

Professora Dolores pelo sorriso acolhedor.

Professora Marta Rochelly pelo apoio.

Ao Professor **Neuton**, por sempre ter tempo para dar conselhos.

A Professora **Francisca (Tchesca)**, pessoa doce e acolhedora que marcou com sua presença a minha Iniciação Científica.

A todas as pessoas pesquisadoras do NEPEGECI.

A todas as Professoras e Professores que me acompanharam na graduação e na pós-graduação.

Aos anjos da equipe administrativa do PPGEd que sempre me receberam com um sorriso, e me socorreram todas as vezes em que precisei de ajuda **Álefe Henrique, Lalyne e Mirvênia**, muito obrigada.

Ao grupo de trabalho que dividiu comigo os momentos mais difíceis da pandemia, a presença diária de vocês me deu forças. **Danielle, Suely, Thais, Andréia, Amanda, Guilherme, Hermes, Graça, Socorro** e aos que de longe se fizeram presentes **Janaina, Valdeci e Eliane.**

Danielle e Suely, obrigada por me liberarem para assistir às aulas na graduação e na pós-graduação, vocês contribuíram para eu estar aqui agora me tornando mestra.

Ao **Júnior**, responsável pela petição que evitou minha saída da disputa pela vaga no mestrado.

A todas essas pessoas maravilhosas, meu muito obrigada!

“Existência é a soma de tudo o que fizemos de nós até hoje.” (André Luiz/ Chico Xavier)

Caçador de mim

*Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu, caçador de mim*

*Preso a canções, entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim*

*Nada a temer, senão o correr da luta
Nada a fazer, senão esquecer o medo
Abrir o peito à força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura*

*Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim?
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim*

*Nada a temer, senão o correr da luta
Nada a fazer, senão esquecer o medo
Abrir o peito à força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura*

*Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim?
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim*

(Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá)

RIBEIRO, Marília Ferreira. **Juventudes pensadoras das máscaras dos medos:** "Visitantes" na Escola Pública. 2026. 179 f. : il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2026. Orientadora: Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema o medo na escola, assim delimitado: O medo e sua influência sobre o modo como os jovens habitam a escola pública de Ensino Médio em Teresina. Fundamentada teórica e metodologicamente na Sociopoética, o estudo contou com um grupo pesquisador de seis jovens que, através da confecção de máscaras, deram forma ao medo, que foi metaforicamente chamado “Visitante”. A pesquisa traz como resultados confetos (conceitos + afetos) para mapear os medos na escola em três dimensões: 1- Dimensão do Corpo, território político, social e emocional, os confetos são: **Visitante-corpos-multidão-de-desconhecidos** - o medo provocado pelo excesso de pessoas, invasão, perturbação, falta de controle, **Visitante-corpos-maior-comunidade** sobre a questão do assédio na escola, sentimento de invasão, ultrapassando os limites, tocando, descrito pela metáfora do olhar “objetificador, animalesco e vermelho”. 2- Dimensão da relação com o outro e a Identidade, quem somos é moldado pelo que os outros veem, falam e como nos tratam, os confetos: **Visitante-Sombra-Julgamento** a sensação de ser observado por muitos olhos, que faz a jovem se desmanchar, degradar diante das críticas, especialmente quando ouve que não vai ser ninguém, **Visitante-Professor Fariseu-fogo-na-escola**, a metáfora da duplicidade, o professor é o fogo que queima, pela falta de respeito causando traumas, mas que também é vida, **Visitante-desconhecido-amigo múltiplas-facetas** o amigo que assume "vários rostos" na mente da jovem, provocando a incerteza sobre quem é aliado. **Visitante-Confusa-duas-facetas** a adaptabilidade social realça que os estudantes fingem felicidade para se proteger, criando uma "adaptabilidade extrema" que os faz desconectar do que realmente sentem. 3- Dimensão Temporal, o visitante ligado ao tempo, que para os alunos o tempo na escola não é um relógio, é um julgador que acelera e paralisa presente nos seguintes confetos: **Visitante-Sombra-tempo**, o tempo que escorre lá fora, mas o medo paralisa quando sussurra que não estamos à altura, o tempo "ri e sabota" as chances de seguir em frente, deixando o jovem travado enquanto vê a vida correr lá fora; **Visitante-Tic-tac-na-escola**, o som do relógio que vira um grito quando o tempo toma posse das juventudes e termina em desespero do “Corre! Vai perder o ônibus!” **Visitante-Fariseu-sentimentos** uma metáfora cromática, onde o amarelo que é felicidade é invadido pelo azul/verde da tristeza, e pelo vermelho da ameaça, uma avalanche de sentimentos que quebra a paz e espalha medo. A influência do medo na convivência na escola é a Dimensão das Flutuações Afetivas, que traz o confeto **Momentos-intensidade**, ondas de sentimentos que percorrem as juventudes, causa rupturas, traz tristeza, medo, frustração. O modo de resistência para superar o medo vem na Dimensão das Práticas de resistência e

reexistência, com o confeto: **Espaços-furos-no-visitante** táticas para enxergar através do medo, usando furos estreitos e pontiagudos para subvertê-lo. A resistência se dá no encontro com aliados, como família, amigos e o próprio medo como ferramenta, permitindo que as juventudes desenvolvam saberes para reexistir e habitar a escola.

Palavras-chave: Juventudes; Medo; Escola; Sociopoética.

RIBEIRO, Marília Ferreira. Young thinkers of the masks of fear: "Visitors" in Public School. 2026. 179 p. : ill. Dissertation (Master's in Education) – Center for Education Sciences, Postgraduate Program in Education, Federal University of Piauí, Teresina, 2026. Advisor: Prof. Dr. Shara Jane Holanda Costa Adad.

ABSTRACT

This research focuses on the theme of fear in school, delimited as follows: Fear and its influence on the way young people inhabit public high schools in Teresina. The general objective is to investigate the fears that affect the bodies of young people in their way of inhabiting public high schools, and the specific objectives are: to identify the fears of young people in/public schools; to understand the influence of fear on the way young people inhabit the school territory; and to perceive the modes of resistance these young people use to overcome fear. Theoretically and methodologically grounded in Sociopoetics, the study involved a research group of six young people who, through the creation of masks, gave form to fear, which was metaphorically called the "Visitor." The research presents as results "confects" (concepts + affects) to map fears in school across three dimensions: 1- Dimension of the Body, a political, social, and emotional territory, the confects are: Visitor-bodies-crowd-of-strangers - fear caused by an excess of people, invasion, disturbance, lack of control; Visitor-bodies-greater community regarding the issue of harassment at school, a feeling of invasion, crossing boundaries, touching, described by the metaphor of the "objectifying, animalistic, and red" gaze. 2- Dimension of the relationship with the other and Identity, who we are is shaped by what others see, say, and how they treat us. The confects: Visitor-Shadow-Judgment – the sensation of being watched by many eyes, which makes the young person feel they are falling apart, degrading in the face of criticism, especially when hearing they will never be anyone; Visitor-Teacher-Pharisee-fire-at-school – the metaphor of duplicity; the teacher is the fire that burns, through lack of respect causing trauma, but who is also life; Visitor-unknown-friend multiple-facets – the friend who takes on "several faces" in the young person's mind, causing uncertainty about who is an ally; Visitor-Confused-two-facets – social adaptability highlights that students fake happiness to protect themselves, creating an "extreme adaptability" that disconnects them from what they truly feel. 3- Temporal Dimension, the visitor linked to time, where for students, time at school is not a clock, it is a judge that accelerates and paralyzes, present in the following confects: Visitor-Shadow-time – time flowing outside, but fear paralyzes when it whispers that we are not good enough; time "laughs and sabotages" the chances of moving forward, leaving the young person stuck while watching life go by outside; Visitor-Tick-tock-at-school – the sound of the clock that becomes a scream when time takes possession of the youth and ends in the despair of "Hurry! You'll miss the bus!"; Visitor Pharisee-feelings – a chromatic metaphor, where yellow, which is happiness, is invaded by the blue/green of sadness, and the red of threat, an avalanche of feelings that breaks the peace and spreads fear. The influence of fear on coexistence at school is the Dimension of Affective

Fluctuations, which brings the confect Moments-intensity – waves of feelings that run through the youth, causing ruptures, bringing sadness, fear, frustration. The mode of resistance to overcome fear comes in the Dimension of Practices of resistance and re-existence, with the confect: Spaces-holes-in-the-Visitor – tactics to see through fear, using narrow and pointed holes to subvert it. Resistance occurs in the encounter with allies, such as family, friends, and fear itself as a tool, allowing young people to develop knowledge to re-exist and inhabit the school.

Keywords: Youth; Fear; School; Sociopoetics

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Reflexões em sala - Aula com Profa Shara Jane	27
Figura 2 - Elis Regina.....	45
Fonte: Site Metrôpoles	45
Figura 3 – Marlia, aos 9 anos	45
Figura 4 - Tempo. Desenho de Wilker, sala do OBIJUVE.	62
Figura 5 - Desenho do Circuito Neural do Medo	66
Figura 6 - Esquema para palestra na SEMEC	67
Figura 7 - Foto Muro é Medo	70
Figura 8 - Foto Placa do Auditório Clóris Oliveira de Carvalho - IFPI	84
Figuras 9 e 10 - Escadas de Emergência - IFPI Central	85
Figura 11 - Pichos na Escada de Emergência - IFPI Central.....	85
Fonte: Arquivos da autora (2025).	86
Figura 12 - Pichos na Escada de Emergência - IFPI Central.....	86
Figura 13 - Pichos na Escada de Emergência - IFPI Central.....	87
Figura 14 - Pichos na Escada de Emergência - IFPI Central.....	87
Foto 15 - Material Oficina de Negociação	93
Foto 16 - Relaxamento	94
Foto 17 - Explicação da Oficina	95
Fotos 18 e 19 - Oficina de Negociação.....	95
Foto 20 - Oficina de Negociação - parte 2	105
Foto 21 - Desenho do símbolo do grupo - Libertários	105
Foto 22 - Foto Oficina de Negociação.....	106
Foto 23 - Oficina de Negociação - Metáfora do Medo.....	107
Foto 24 - Oficina de Negociação - Canetou!	109
Foto 25 - A metáfora	109
Foto 26 - Oficina de Produção de dados - material.....	113
Figura 27 - Início da Oficina de Análise pelo Grupo-pesquisador.....	130
Figuras 28 e 29 - Oficina de Análise pelo Grupo-pesquisador	130
Figuras 30 e 31 - Oficina de Análise pelo Grupo-pesquisador	130
Figuras 32 e 33 - Afeto Família e Afeto Orientandos Shara Jane	160
Fonte: Arquivo da Pesquisa.....	160
Figura 34 - Afetos copesquisadores e Profs do IFPI.....	161
Fonte - Arquivo da pesquisa	161
Figura 35 - Afetos Orientadora Shara ecopesquisadores	162
Figura 36 - Afetos Banca de mestrado: Profa Socorro Borges, Shara Jane, Marlia e Prof Fábio Soares.....	164

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

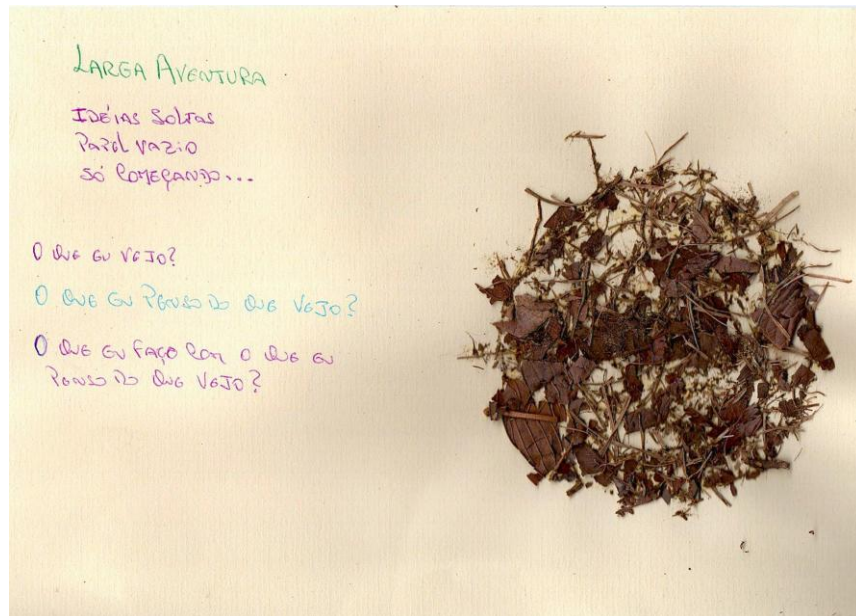
APBI	Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
CNTE	Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IFPI	Instituto Federal do Piauí
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários, e outras orientações sexuais e identidades de gênero não mencionadas na sigla
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NEPEGECEI	Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero e Cidadania
OBIJUVE	Observatório das Infâncias, Juventudes e Violências na Escola
OMS	Organização Mundial de Saúde
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PCD	Pessoa com Deficiência
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação
SEDUC/PI	Secretaria de Estado da Educação do Piauí
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCI	Terapia Comunitária Integrativa
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPI	Universidade Federal do Piauí

SUMÁRIO

OUTRA COISA ALÉM DE INTRODUÇÃO: PULSAÇÕES DE VIDA.....	27
FRAGMENTOS DE GERAÇÕES: CONECTANDO SENTIDOS SOBRE	
JUVENTUDES	42
Pausa na Escrita: Das Dores da Pesquisa	61
MEDO: ENTRE O TREMOR DO CORPO E OS MUROS DO MUNDO.....	63
SOCIOPOÉTICA: TRAÇANDO MEUS PASSOS DE PESQUISADORA.....	75
Território de Pesquisa: Instituto Federal do Piauí (IFPI)	80
A SOCIOPOÉTICA: “DOCE-CONTAGIANTE”.....	89
Medo-morte: Operando a violência.	103
A PRODUÇÃO DAS MÁSCARAS DO MEDO: TECENDO SABERES COLETIVOS	
PARA “O VISITANTE” NA ESCOLA.....	111
Libertários: O percurso analítico entre máscaras e saberes pelos próprios jovens.....	129
O percurso analítico da Pesquisadora/Facilitadora	133
JUVENTUDES: ONDE HÁ MEDO, EXISTE PODER.....	153
Movimentos finais: a socialização, a banca e os afetos	160
REFERÊNCIAS	165

OUTRA COISA ALÉM DE INTRODUÇÃO: PULSAÇÕES DE VIDA

Figura 1 - Reflexões em sala - Aula com Profa Shara Jane



Fonte: Arquivo pessoal da autora/2022.

Escolhi este título para minha Introdução por pensar que meu texto é mais que trazer uma contextualização da minha pesquisa de forma clara e objetiva, esse texto são pulsações de vida, da minha vida como pesquisadora e da vida de algumas pessoas que foram tocadas pelo medo na escola.

Falo em pulsações na perspectiva de que as batidas do coração são pulsações de vida, e troca com o cérebro pulsações racionais e emocionais, em um ritmo que hora acalma o coração, ora a mente. Se o coração falha, o cérebro para de funcionar, se o cérebro falha, o coração pulsa desordenado.

Nesse início de narrativa, quero deixar claro que escrever implica em me responsabilizar pelo que escrevo, e, mais ainda, de estar implicada dentro do texto, reconhecendo que o conhecimento é influenciado pela cultura, pela sociedade e por fatores pessoais. Quando escrevo em primeira pessoa, trago minhas experiências, reflexões, enriquecendo minha escrita, criando um movimento criativo de produção de conhecimento do corpo permeado pela produção de conhecimento científico. Essas experiências e reflexões formaram traços, produziram caminhos, por onde eu possa andar e entender os processos de minha formação.

Najmanovich (2001, p. 8) mostra a importância de especificarmos o lugar de onde falamos, o que, para ela, é uma:

[...] perspectiva conceitual que rompe com os discursos da modernidade; exige como ponto de partida a especificação do lugar de onde se fala. Esse gesto não é um mero indicativo, nem uma regra protocolar. Ao contrário, trata-se de uma afirmação: ética, porque indica a decisão do falante de fazer-se responsável por seu discurso; estética, já que reconhece a importância do conteúdo, da forma e dos vínculos específicos que esta cria; e política, porque pretende um lugar no emaranhado de relações contemporâneas.

Falar em primeira pessoa é desafiar as normas tradicionais da escrita acadêmica, trazer diferentes linguagens. É, também, criar uma conexão entre a autora, o texto e a leitora, permitindo que leitores que não tenham proximidade com a escrita e pesquisa acadêmica possam sentir proximidade e identificação com esse texto.

Essa escrita encarnada, comprometida com a liberdade de pesquisar e com a autenticidade nas escolhas do como pesquisar, que foge à dicotomia mente-corpo, em que a razão e a emoção fazem parte desse fazer pesquisadora, faz-me lembrar Raul Seixas¹, e me sentir um pouco Maluca Beleza.

Enquanto você se esforça pra ser um sujeito normal, E fazer tudo igual. Eu do meu lado aprendendo a ser louco, Um maluco total, Na loucura real, Controlando A minha maluquez, Misturada Com minha lucidez. Vou ficar, Ficar com certeza Maluco beleza. E esse caminho que eu mesmo escolhi é tão fácil seguir, Por não ter onde ir Controlando A minha maluquez, Misturada Com minha lucidez. Eu! Vou Ficar, ficar com certeza maluco beleza (Seixas, 1977, s/p).

Quando fujo à escrita da pesquisa de abordagem impessoal e universal trazida pela visão moderna do mundo, vista por esse paradigma como uma normalidade, vou aprendendo a ser louca, maluca total, seguindo pelos caminhos da pesquisa comprometida com a liberdade e a autenticidade, na loucura real, em que corpo e mente se completam. Eu controlo a minha maluquez e misturo com a minha lucidez, trazendo a razão misturada à emoção e a intuição para dentro da pesquisa, de forma harmoniosa e comprometida com a diversidade das experiências que a vida traz e a produção científica acadêmica, em uma relação de percepção, liberdade e responsabilidade. Penso que o conhecimento pode surgir do encontro com o outro, da ludicidade, da arte, do sonho, da nossa capacidade de ver o mundo de maneiras diferentes e de se deixar ser atravessado pelas diferentes perspectivas de mundo que o outro nos traz.

¹ Raul Seixas, compositor e cantor brasileiro, considerado um dos pioneiros do rock nacional. Ouça em: <https://youtu.be/OTFN-zCSLY4?si=eZzhHFJBOCmwJ1B0>

A “maluquez” possibilita-me ir além do conhecimento tradicional, romper com os paradigmas dominantes, resistir à normalização e à exclusão, não aceitar a marginalização de modos diferentes de pensar, de viver e de existir. Valorizar os saberes marginalizados, romper com as relações de poder que são próprias das estruturas acadêmicas. De maneira alguma, a “maluquez” é uma forma de rejeitar a ciência, mas sim, uma forma de pensar que há outras possibilidades de pensar a ciência. É pensar com Stengers (2019) e encontrar novas formas de imaginar e construir um futuro que valha a pena viver, dismantelar hábitos sociais e acadêmicos que tolhem presenças e modos de pensar e criticar, promovendo a integração entre as diferentes formas de saber, utilizando-se de um diálogo mais aberto e respeitoso. Stengers (2019) critica o modo como a academia cobra produção acadêmica e intelectual alinhada ao mercado acadêmico, e o modo como essa perspectiva restringe a liberdade de pensamento e pesquisa.

Mas também sabemos que, em todos os lugares, os mesmos processos de desempoderamento estão em ação. Em todos os lugares, um corte semelhante é introduzido, separando pessoas e coletivos de sua capacidade de vislumbrar, sentir, pensar ou imaginar. Em todos os lugares, o mesmo tipo de ataque foi lançado, o que pode ser caracterizado como uma forma de feitiçaria que obstinada, furtiva e perversamente paralisa nossa capacidade de resistir (Stengers, 2019, p. 3).

Defender essa perspectiva é me colocar politicamente na minha posição de mulher e pesquisadora, que historicamente tem sua participação restrita tanto no contexto social como no acadêmico, através de mecanismos de controle, de silenciamento, que são colocados dentro de estereótipos de gênero, como “dócil”, “submissa”, “de capacidade intelectual reduzida”. As mulheres que escapam e resistem a esse controle, desatinam, e são chamadas de histéricas, tristes, loucas ou más, como musicalizou a banda “Francisco, el Hombre”² (2016, s/p):

Triste, louca ou má, será qualificada ela quem recusar, Seguir receita tal. A receita cultural, do marido, da família, Cuida, cuida da rotina [...] Ela desatinou, desatou nós, vai viver só. Eu não me vejo na palavra Fêmea, alvo de caça, conformada vítima. Prefiro queimar o mapa, Traçar de novo a estrada. Ver cores nas cinzas, E a vida reinventar [...]

A maluquez coloca-me dentro desse lugar, imposto às mulheres que exercem seu poder de fala e de presença e, por isso, são chamadas de “malucas”. Aproprio-me desse lugar e homenageio todas as mulheres que foram e são mortas, internadas, desacreditadas, isoladas por escolherem ser donas de si, de seu destino e do lugar que ocupam.

² Banda brasileira, Francisco, el Hombre, foi formada em 2013 pelos irmãos mexicano-brasileiros, Sebastián e Mateo Piracés-Ugarte. Ouvir em: <https://youtu.be/FX8WuVy3Azo?si=l0KBtOk-sJgAASXJ>

Ser uma pesquisadora “Maluca Beleza” é renunciar ao poder que nossa posição de pesquisadora nos dá, pois busca olhar para o outro sem querer exercer poder sobre ele, e escutar. Dunker e Thebas (2021) ensinam que a arte da escuta começa pela renúncia ao poder, que tanto o psicanalista quanto o palhaço devem suspender o exercício do poder, porque a escuta é uma atitude ética e política. Os autores supracitados trazem quatro sinais de que estamos diante de uma atitude crítica do poder, e o terceiro sinal é o momento em que rompemos com os personagens de poder sobre o outro, como chefe, pai ou mãe, professor, entre outros, e buscamos a autoridade na palavra do outro. Segundo os autores, “[...] saímos de nós mesmos e estamos no hospício” (Dunker; Thebas, 2021, p. 43). Ainda nessa perspectiva, os autores acrescentam que:

Aqui retornamos à ideia antiga de loucura, ou seja, não se trata do objeto do discurso e da consciência médica, psiquiátrica e mesmo psicológica, mas dessa experiência trágica que fazia do louco um errante, um porta-voz das verdades insuportáveis, provenientes de um outro mundo, terreno ou transcendental. **Vem dessa época a ideia de que a loucura é um estado em que estamos “fora de nós mesmos” e o complementar e adequado para o indivíduo normal é estar “dentro de si”** (Dunker; Thebas, 2021, p. 43, grifos nossos).

Assim, essa perspectiva da maluquez, que me faz pesquisadora “Maluca Beleza”, coloca-me dentro do ensinamento de que escutar o outro, a partir de sua perspectiva, é estar fora de mim e acolher o outro, e, nessa transformação da escuta, acolho a mim mesma, reconhecendo que a escuta é coletiva.

Ser uma pesquisadora “Maluca Beleza” é responsabilizar-me por olhar para o mundo e para o conhecimento e não me conformar em simplesmente ver. A partir dessa diferenciação discutida por Cardoso (1988), o ato de ver é passividade, como no espelho, é se conformar com o que está dado, aceitar o que já está estabelecido, conformando-me com o conhecimento que me é dado sem questioná-lo. Ao contrário, o olhar é atividade, é uma visão feita interrogação, que indaga, investiga, crítica, rebela-se na intenção de ir além do que é visto. Cardoso (1988, p. 3) continua instigando-me a sempre olhar para as coisas, quando ensina o que é olhar:

Por isso é sempre direcionado e atento, tenso e alerta no seu impulso inquiridor... Como se irrompesse sempre da profundidade aquosa e misteriosa do olho para interrogar e iluminar as dobras da paisagem (mesmo quando “vago” ou “ausente” deixa ainda adivinhar esta atividade, o foco que rastreia uma paisagem interior) que, frequentemente, parece representar um mero ponto de apoio de sua própria reflexão.

Como olhar exige mais atenção, mais envolvimento, mais tempo e cuidado, impulsionando a sair do costume aprendido pela ação do cotidiano, durante a pesquisa, pretendo

me manter vigilante ao olhar para o meu tema, para meus objetivos, para a escola e para o grupo-pesquisador que irá realizar a pesquisa junto comigo.

A frase de Seixas (1977, s/p): “E esse caminho que eu mesmo escolhi, é tão fácil seguir, por não ter onde ir”, expressa bem o processo criativo que a pesquisa encarnada me proporciona, a produção de caminhos onde o que importa é entender a formação dos seus processos de criação e produção. Assim, o “não ter onde ir” lembra-me que o caminho é mais importante do que a descoberta de verdades, que a realidade não está pronta, mas é conexão, e, à medida que seguimos o caminho da pesquisa, criamos possibilidades da realidade. Escolher caminhos, ser lançado para outros, refazer-me nas encruzilhadas. Andar pelos caminhos da pesquisa é caminhar em diferentes ritmos, é aceitar que o conhecimento é embalado pelas incertezas.

Essas reflexões levam-me a uma questão provocada pela minha orientadora, sempre que começamos a escrever, e que ressoa profundamente em mim: Como habitamos o território da pesquisa e como esse território habita em nós? A Experiência Sensível do Corpo Lesma ressalta a importância da percepção e da sensibilidade do pesquisador durante o processo de investigação. É importante destacar que não existem métodos preestabelecidos para a descoberta de tesouros. A verdadeira arte da pesquisa aprende-se quando o corpo do pesquisador entra em contato com os outros corpos que permeiam o campo investigativo. O que trago na pesquisa reflete minhas implicações e compromissos, assim como as experiências da pesquisa em mim revelam como me deixo influenciar e transformar pelas interações com aqueles que investigo, que se tornam parte de mim mesma (Adad, 2010).

Começar a escrever essa dissertação, que tem o medo, a juventude e a escola, como temas interrelacionados, traz emoções que me deixam insegura por não saber por onde começar, o que devo trazer para compreender o que eu proponho, o que me implica dentro dessa pesquisa e a sua relevância. Traz, ainda, o medo de não ser capaz de escrever, de coadunar as ideias, fazer as implicações necessárias para que a pesquisa avance, que minha escrita não seja capaz de trazer a dimensão do que são esses três conceitos e como eles operam juntos, nas relações que ocorrem dentro do território da instituição chamada escola.

Em um de nossos encontros, minha orientadora observou o quanto estou implicada com o medo. Percebi ser verdade, pois essa emoção me chegou com o inventário de dissertações sociopoéticas dos anos de 2013 e 2014, defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), que pesquisaram, com/entre jovens do Ensino Médio integrado das escolas públicas, sobre os temas: afetos, violências, sexualidade e ser jovem na escola. Essas pesquisas me marcaram muito porque, apesar de terem temas diferentes, o medo estava presente em todos eles.

Conforme o Relatório Final da Iniciação Científica (Ribeiro; Adad, 2022), as dissertações inventariadas na pesquisa foram:

- Cristianne Teixeira Carneiro, ano 2013, título: “Sociopoetizando o ser jovem nas linhas do pensamento dos jovens do curso técnico em enfermagem do Colégio Técnico de Bom Jesus – PI”, te
- É importante destacar que o conceito de juventude não pode ser encerrado em esquemas modulares tendentes à homogeneização.ma gerador: “O que é ser jovem”;
- Francimeiry Santos Carvalho, ano 2013, título: “Sociopoetizando as sexualidades: o pensamento filosófico de jovens do Colégio Técnico de Floriano-PI”, tema gerador: “Sexualidade”;
- Kathia Raquel Piauilino Santos, ano 2013, título: “Afetos na escola: confetos produzidos por jovens alunos de uma escola técnico-profissionalizante: uma pesquisa sociopoética”, tema gerador: “Um olhar para além do paradigma cartesiano instalado nas mais diversas modalidades de ensino, em específico nesta pesquisa, o ensino técnico”;
- Vanessa Nunes dos Santos, ano 2014, título: “Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina – PI”, tema gerador: “Violências na relação com a convivência na escola, no Centro Estadual de Educação Profissional ‘Prefeito João Mendes Olímpio de Melo’ PREMEN-NORTE, em Teresina-PI”.

Essas dissertações fizeram-me olhar para o medo e pensar na escola. Olho para o medo ao modo de uma pesquisadora “Maluca Beleza”, e enredo pelo plano imanente de minhas memórias, minha experiência viva e as de outros que me chegaram, que formam um fluxo contínuo no tempo de minha vida e influenciam a minha percepção e a construção de meu conhecimento. Deste plano, emergiram várias outras experiências, pulsões de vida, que vou trazer aqui pela importância que têm sobre a escolha do meu tema de pesquisa.

Início a exposição de minhas memórias com o inventário. Este inventário, responsável por me fazer olhar para o medo na escola, foi realizado durante minha pesquisa de iniciação científica, nos anos de 2021 e 2022, quando cursava Pedagogia na UFPI. A análise dessas quatro pesquisas foi realizada através dos confetos (conceitos permeados de afetos), que é a forma como a metodologia Sociopoética produz seus conhecimentos, de maneira coletiva, crítica e criativa, a partir de oficinas. Esses confetos resultam da produção do grupo-pesquisador, que é

o autor da pesquisa, cujo facilitador é o acadêmico. Esta metodologia é a única que tem os confetos como fundamentação teórica e metodológica, sendo este seu diferencial epistemológico.

Durante a descrição da metodologia desta pesquisa, farei uma apresentação mais aprofundada sobre a Sociopoética, mas deixo claro que, sem dúvida, essa metodologia foi o diferencial para perceber a presença do medo na escola, e como sua forma de produzir dados me possibilitou ouvir as vozes das juventudes na escola. Trago esse encantamento por esse método de pesquisa na conclusão de meu Trabalho de Conclusão de Curso, publicado como artigo:

[...] percebi a potência e contribuição da abordagem Sociopoética na produção de um pensamento juvenil coletivo, crítico e inventivo sobre os temas, problemas, confetos cartografados das dissertações envolvidas nesta pesquisa, a partir da possibilidade que ela traz, como método de pesquisa, da possibilidade de participação do jovem inserido no grupo-pesquisador, e que através dos confetos, me trouxe a possibilidade de conhecer o medo que afeta os jovens dentro da escola (Ribeiro e Adad, 2023, p. 31).

Acessei vários confetos, como o **Parangolé-João-da-Angústia**, da dissertação que pesquisa a violência e a relação com a convivência na escola:

Parangolé-João-da-Angústia é a roupa feita para dançar a violência na relação com a convivência que tem este nome porque está sempre angustiada, chorando, triste pela violência que sofre diariamente. E esta roupa produz **peessoas-botões-pretos** que são as pessoas que sofrem com a violência e não denunciam, não falam, não procuram alguém para conversar, para desabafar.

Bom, o meu Parangolé tem o nome de João da Angústia, porque como vocês estão vendo, aqui, ele sempre está angustiado, ele sempre está chorando, ele sempre está triste, assim pela violência, entendeu? Que ele sofre diariamente. Aqui, os botões pretos estão representando, tipo, as pessoas que sofrem com a violência e não denunciam, não falam, não procuram alguém pra conversar, não procuram alguém, pra, tipo, desabafar (Grupo-pesquisador *apud* Santos, 2014, p. 86, grifos do autor).

O grupo-pesquisador traz palavras fortes, carregadas de angústia e medo, que me tocaram e me fizeram pensar em como tamanha tristeza pode habitar o território da escola, um lugar que deveria ser de acolhimento, de tranquilidade, de inclusão, onde ocorre a formação dos jovens para a vida. Peace, copesquiador de Carneiro (2013), expressa seu medo de perder familiares:

Eu tenho medo de meus familiares ficarem doente, porque tanto vai ser uma pessoa que a gente vai perder que é importante tanto afetivamente, como financeiramente, vai desabar tudo, tudo que a gente construiu até hoje, tudo que nós somos vai cair por terra, você vai ter que se refazer completamente. Medo da minha morte eu não tenho, mas da morte dos outros eu tenho (Peace *apud* Carneiro, 2013, p.78).

Com Larrosa (2019), aprendi que o sujeito da experiência é um território de passagem e aquilo que nos acontece nos afeta de algum modo e deixa sempre alguma marca. Foi assim comigo, quando minhas experiências me colocaram em contato com a pesquisa, pois não apenas me marcaram, mas também operaram de outro modo, reavivando marcas de medo em minha trajetória pela escola, pelas décadas de 1970 e 1980, em um tempo em que se podia matar uma mulher em legítima defesa da honra. A mulher não tinha direito de gerir os bens da família, e um estuprador poderia sair livre se casasse com sua vítima. Um tempo em que eu, como mulher, tinha meu futuro demarcado, não podia ocupar todos os espaços no mercado de trabalho.

As marcas ficam. São experiências como cantos de lamento, que atravessam nossa vida no tempo e no espaço, como uma potência de vida de possibilidades enjauladas, conforme destaca Larrosa (2019). Todos têm lembranças de violências na escola, e esses cantos despertam lembranças que nos moldam e influenciam quem nós somos, fazendo-nos pensar em superação ou nos faz lembrar que temos emoções ainda não resolvidas, não superadas, que atravessam gerações.

Conversando com minha família sobre minha pesquisa, minha mãe, Dirce, de 94 anos, é tocada por suas memórias. Faz seu relato dos afetos tristes que teve na escola, e lembra de Dona Iraíldes, a diretora que metia medo, brigava, deixava de castigo, iniciava o dia observando quem cantava o hino, se ficava de pé corretamente, na postura de respeito à bandeira. A diretora tinha suas preferidas, entre as que se vestiam bem, que mantinham seus cabelos arrumados cheios de laços, que tinham dinheiro. Vê-se pelo relato que Dona Iraíldes tinha mais respeito pelos rituais do que pelas crianças.

Minha mãe tinha vergonha de ir para a escola, por ser muito pobre, com seu sapato furado, seu uniforme feito de saco alvejado, não tinha livro. Suas lembranças da escola estão presas ao sentimento de humilhação. Minha mãe deixou a escola cedo para trabalhar, só terminou o fundamental, porque se sentia mal. Nas palavras dela: “Tinha sentimentos ruins”. Por morar longe e ir a pé para a escola, chegava sempre suada, “toda ruim”, e sentia vergonha, já não estudava direito por não ser igual aos outros. Ela fala que essa época foi de sofrimento para ela. Mas toda história na escola tem os afetos alegres, que acalentam nossa potência de vida: uma professora que é amiga, no caso de minha mãe, a professora de bordado, que a ajudava com o material da aula. Pelo relato de minha mãe, eu percebo que lembrar o nome de quem te fez mais mal, e não de quem te fez bem, dá pistas de que uma experiência ruim deixa mais marcas do que uma boa. O medo deixa marcas.

As memórias de minha mãe puxam as minhas. A sua presença ao meu lado, quando eu era criança. Sua presença na escola era constante, pois não admitia distratos com suas filhas

nem o uso de palavras ruins para nos apontar. Estava, também, sempre presente na hora do dever de casa, lia comigo os assuntos mais difíceis para me ajudar a entender, e, na véspera das provas, por instinto, lia o assunto enquanto eu dormia. Dizia que assim a cabeça não esquecia, firmava-se na memória. Minha mãe não foi acolhida pela escola, e teve sua vida podada, diminuída, conduzida a um futuro de poucas perspectivas profissionais, de ascensão social, mas essa experiência se tornou resistência e reverberou em um canto de proteção, de amor e de acolhimento para com suas filhas, que se transformaram em afeto alegre para nosso caminhar dentro da escola.

Minha irmã, Elda, lembra da época em que estudou no Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Maceió, um colégio de elite, onde as meninas ricas eram as favoritas das freiras. Minha irmã enfatiza que o colégio era para essas meninas, e sentia que não era para ela. As meninas humilhavam as pessoas em sala de aula, as bolsistas e as que consideravam mais pobres, nenhuma freira dizia nada. As favoritas “colavam” nas provas e não eram repreendidas.

O não pertencimento, sentir que a escola não foi feita para atender a todos, é resultado das estruturas de poder que foram construídas na escola, que delimitam quem é aceitável, de acordo com sua classe social, sua cor, seu sexo, sua identidade de gênero, sua religião ou sua capacidade física e intelectual. O sentimento de não pertencimento é compartilhado por crianças e jovens negros, que são colocados dentro de um sistema educacional que não os valoriza nem inclui, principalmente meninas e mulheres negras.

A autora Bell Hooks (2013), em seu livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade”, descreve como o ambiente escolar pode ser hostil para estudantes negros, especialmente para meninas negras. A autora explica que tinha medo de não ser vista, ouvida, e ser silenciada, e como esses sentimentos afetavam sua autoestima e capacidade de aprender. Escolas brancas veem alunos negros como pessoas que não deveriam estar ali.

Quando entramos em escolas brancas, racistas e desagregadas, deixamos para trás um mundo onde os professores acreditavam que precisavam de um compromisso político para educar corretamente as crianças negras. De repente, passamos a ter aula com professores brancos cujas lições reforçavam os estereótipos racistas. [...] A sala de aula já não era um lugar de prazer ou de êxtase. A escola ainda era um ambiente político, pois éramos obrigados a enfrentar a todo momento os pressupostos racistas dos brancos, de que éramos geneticamente inferiores, menos capacitados que os colegas, até incapazes de aprender (Hooks, 2013, p. 12).

Hooks (2013) lembra de como a escola, depois da integração racial nos EUA, tornou-se lugar de medo. No livro, ela lembra de sua infância, quando frequentou escolas exclusivamente negras, “a escola era pura alegria”, onde era amada e ensinada, nas palavras da autora: “[...] realizássemos nosso destino intelectual e, assim, edificássemos a raça” (Hooks, 2013. p.11).

Carneiro (2023) evidencia, em seu texto, como as normas escolares excluem o reconhecimento de raça, criando um espaço para baixo desempenho e abandono, e o quanto isso influencia em uma falta de recurso emocional que colabora para forçar um ajustamento e sujeição às normas da escola.

Para mim, Marlia jovem, o medo na escola vinha da experiência de ser mulher, de ser lembrada por alguns professores que nossa “delicadeza e capacidade muscular” nos deixava fora de algumas profissões, que deveríamos escolher uma profissão que não nos afastasse de nossa vocação para ser mãe. Esses discursos misóginos vinham acompanhados de silenciamentos, de assédios, através de “brincadeiras” que colocavam as meninas como objetos.

Lembro que, já na Universidade, na minha graduação em Engenharia Agrônômica, cursada na Universidade Estadual do Maranhão, minha turma era a primeira com a maioria de mulheres, procuramos nos proteger, mas não estávamos livres das “brincadeiras de mal gosto”, e até de assédio. Mas, nessa época, o que mais me tocou, foram as palavras de uma professora, uma mulher, que dava aula de genética. Ela me perguntou porque eu estava ali e me esforçava tanto, se eu era bonita e podia arranjar um namorado rico.

Moacir Gadotti (1992) conta sua experiência na escola, na introdução do livro “Escola vivida, escola projetada”, um garoto de família descendente de italianos, que “morava nos cafundós” de Santa Catarina, num lugar chamado Rio Belo, sem eletricidade, sem rádio. Sua família vivia da agricultura de subsistência, ele mesmo trabalhou na enxada desde os quatro anos de idade, e que, pelo isolamento, aprendeu italiano e tinha dificuldade de falar português.

A escola proibia outra língua que não fosse o português. A professora castigava quem fosse pego falando a língua de origem, com uma colher de óleo de rícino.

Acabávamos tendo vergonha de nossa língua materna e também dos próprios pais que a falavam. Até hoje essa repressão escolar se faz sentir em certas regiões de Santa Catarina. Fomos muito humilhados por isso. Mais tarde, mantive com regularidade um diário íntimo. Nele escrevi, quando tinha 15 anos, que havia recebido zero em português porque, numa leitura em classe, pronunciava mal todas as palavras terminadas em “ão”. Acabei ficando com medo de todas essas palavras. Até hoje (embora tenha superado esse medo) não consigo nasalizar bem (Gadotti, 1992, p. 17).

As experiências de medo na escola afetam muitas pessoas, e, por vezes, esses cantos de vida se transformam em música, que transforma a vida de outras pessoas. A música de Guilherme Arantes³, “Meu mundo e nada mais”, traz-me um desses cantos:

³Guilherme Arantes: Cantor e compositor brasileiro. Ouvir em:
<https://youtu.be/WsyVEORhAd8?si=iSUfu8nAmV7dceuR>

Quando eu fui ferido
 Vi tudo mudar
 Das verdades
 Que eu sabia
 Só sobraram restos
 Que eu não esqueci
 Toda aquela paz
 Que eu tinha

Eu que tinha tudo
 Hoje estou mudo
 Estou mudado
 À meia-noite, à meia luz
 Pensando!
 Daria tudo, por um modo
 De esquecer
 Eu queria tanto estar
 no escuro do meu quarto
 à meia-noite, à meia-luz
 Sonhando!
 Daria tudo por meu mundo e nada mais.

Não estou bem certo
 Que ainda vou sorrir
 Sem um travo de amargura
 Como ser mais livre
 Como ser capaz
 De enxergar um novo dia

Eu que tinha tudo
 Hoje estou mudo
 Estou mudado
 À meia-noite, à meia luz
 Pensando!
 Daria tudo, por um modo
 De esquecer
 Eu queria tanto estar
 no escuro do meu quarto
 à meia-noite, à meia-luz
 Sonhando!
 Daria tudo por meu mundo e nada mais.

Desde minha adolescência, amo essa música, como uma música romântica, de perda da pessoa amada, mas, recentemente, ao dar uma entrevista no Canal Corredor 5 (2022), Arantes conta que a música foi feita por conta de uma violência que ele presenciou na escola.

(1:31:34) ferido era melhor, porque o ferido era uma coisa que abrangia, também, os que sofreram bullying. Porque eu tive colega que foi estuprado na sala de aula, colegas que eram gays. A gente era adolescente. Eu tive três colegas que foram violentados pela turma dentro da classe, pela turma, no recreio fechavam a porta. Dez covardes pegavam o moleque e comiam o moleque, e eu fui marcado para ser o próximo. Isso aconteceu no meu colégio (Corredor 5, 2022, 1:31:34).

Por conselho do pai, por ter sido marcado para ser o próximo a passar pela violência do estupro, ele reagiu com ultra violência, virou o perigo na escola e acabou sendo expulso.

Arantes reforça na entrevista que o crime de gênero lhe provoca nojo, um colapso inaceitável da humanidade.

Essa entrevista fez-me ressignificar a música, a letra e o cantor. Passei a admirá-lo ainda mais por transformar sua dor em arte e reverberá-la como forma de pensar. A música agora é uma lembrança de como o medo marca nossa vida, fere-nos e nos faz mudar, mesmo que essa mudança seja traumática, que nos force a ver e sentir o pior que a vida traz, enxergar que algumas pessoas podem te mostrar o pior que elas trazem.

Como fala a música de Arantes, tudo muda quando somos feridos, e nos faz perder a paz que a inocência nos permite ter. A arte toca a vida, e é capaz de transformar a dor de um menino transformado pela violência na escola em algo tão poderoso e significativo que se expande para além de sua dor e vai tocar a outros. Ajuda-nos a refletir sobre nossas próprias experiências, para nos ajudar a expressar o que não conseguimos externar, e assim encontrar modos de compreender o que sentimos, abrindo possibilidades de superar ou ressignificar.

As dissertações inventariadas durante a Iniciação Científica foram levadas para meu TCC, e mostram o medo da situação financeira em casa, da separação dos pais, do futuro, da escola, do convívio, da busca por novas amizades, do desconhecido, da sexualidade, da violência, do bullying.

Como essas dissertações foram resultados de pesquisas Sociopoéticas realizadas entre 2013 e 2014, especulei, já nos estudos do mestrado, a possibilidade de haver trabalhos realizados de 2014 a 2024. Com a realização de um levantamento bibliográfico do tipo estado da questão, nas plataformas Repositório Institucional da UFPI, Revista LES/PPGED, Scielo e Capes, retornaram 343 trabalhos, sendo apenas 7 (sete) trabalhos relacionados diretamente aos descritores escolhidos, quais foram: juventude; ensino médio; medo. Portanto, o levantamento indicou uma necessidade de realização de mais pesquisas sobre juventudes no Ensino Médio, além de ter revelado que o medo ainda não é um tema totalmente explorado, estando aberto para mais contribuições significativas, principalmente na área da educação, que corresponde a 28,57% dos trabalhos relacionados. Dos 7 (sete) selecionados, 2 (dois) estão na área da educação, 4 (quatro) da saúde e 1 (um) da psicologia.

Analisando os trabalhos levantados, o medo presente na escola me chegou através das dúvidas e medos quanto às transformações próprias dos adolescentes, que envolvem sexo, uso de contraceptivos, aborto, maternidade, violência sexual, percepção de seus corpos, aparência física que gera sofrimento, normalização e docilização pela escola, além dos medos dos jovens gays que sofrem com a violência, dúvidas e inseguranças, preconceitos e negação de seus corpos.

Ademais, alguns aspectos não foram detectados nos trabalhos relacionados, a saber: como o medo influencia no modo como as/os jovens habitam a escola e seus modos de resistência para conviver ou superar esses medos.

Essas provocações feitas pelas dissertações Sociopoéticas, pela pesquisa do estado da questão e pelas experiências de medo na escola trazidas por mim e por outros, fizeram-me pensar as juventudes no Ensino Médio e o medo: como é possível que, em um local de aprendizado e de socialização das juventudes, possamos encontrar o medo? O que tem nesse espaço que é capaz de provocar encontros tristes, que provoquem situações de sofrimento, de desconforto, de apreensão, que nos levem a questionar a necessidade e a vontade de ir para a escola? Que diminuam nossa capacidade de agir, de nos conectar ao campo de aprendizado, de dificultar nossa visão de um futuro de possibilidades? Essas inquietações levaram-me a identificar o tema a ser pesquisado para o mestrado, que é o medo na escola, assim delimitando-o: O medo e sua influência sobre o modo como os jovens habitam a escola pública de Ensino Médio em Teresina. O meu desejo de conhecer os medos que afetam, hoje, as/os jovens na escola, levou-me ao problema da pesquisa: Quais os medos que atravessam os corpos das/dos jovens na escola pública de Ensino Médio e que influenciam no seu modo de habitar esse território?

Todas as pessoas que fazem parte da comunidade escolar são sujeitos socioculturais, que integram vários coletivos, como os sociais, étnicos e geracionais, que trazem marcas de gênero, sexualidade, raça, classe, dentre outros. Em seu trabalho, desempenhado dentro do espaço escolar, esses sujeitos revelam seus preconceitos, suas crenças, seus desgostos, de forma inconsciente.

A escola é um espaço intersubjetivo, onde as relações sociais são construídas e os indivíduos compartilham emoções e experiências.

Além disso, a intersubjetividade também desempenha um papel importante na formação de normas e valores sociais. É através da interação com os outros que as pessoas internalizam as regras e normas da sociedade em que vivem. Essas normas e valores são compartilhados e aceitos pelos membros de uma comunidade, e influenciam o comportamento e as atitudes das pessoas (Só Escola, 2023, s/p).

Este espaço de compartilhamento de experiências e emoções, onde ocorre a construção de um conhecimento coletivo, cheio de significados e de um entendimento comum, é importante para a formação da identidade. A formação das juventudes dentro da escola se dá no convívio com seus pares, com funcionários, professores, coordenadores e diretor, e, dentro desse processo formativo, todos os envolvidos trazem consigo suas implicações políticas,

sociais, religiosas, valores morais, de classe, que irão influenciar em seu convívio na escola, no modo como tratam o outro, como veem e como se identificam com o outro.

Portanto, é necessário que todas as autoras e atores da comunidade escolar exponham suas ações inconscientes, procurando explicá-las e analisá-las, permitindo que exerçam um mínimo controle sobre as influências que exercem sobre as/os jovens, evitando que construam representações negativas, como a da/o jovem ideal. Essas representações demonstram um visível desconhecimento dos sujeitos jovens reais, de seus medos, de seus desejos, valores, sonhos, esperanças e desesperanças, e visão de futuro, e da relação entre a comunidade escolar e a juventude que frequenta a escola (Dayrell; Paula, 2011).

O objetivo geral deste trabalho - Investigar os medos que atravessam os corpos das/dos jovens no seu modo de habitar a escola pública de Ensino Médio - vai me ajudar a definir o propósito principal da minha pesquisa. O que me levou a detalhar os objetivos específicos: Identificar os medos das/dos jovens da/na escola pública; compreender a influência dos medos no modo de habitar das/dos jovens no território escolar; e perceber os modos de resistência dessas/es jovens para superar os medos.

A motivação para investigar o pensamento juvenil tem o intuito de descobrir os medos enfrentados por jovens e a maneira de pensar em como suas vidas na escola são mobilizadas por esses medos, influenciando no modo como esses jovens habitam o território escolar, a construção de suas relações com o outro, os seus processos de aprendizagens, as experiências que vão influenciar na construção de seus saberes, o modo como lidam com as diferenças e com a sociedade, bem como a forma como essas/esses jovens olham para o mundo à sua volta, como se enxergam e como se colocam nesse contexto social que exige delas/deles uma preparação para se tornarem adultas/adultos, cidadãos/cidadãos.

Ademais, a escolha pela metodologia Sociopoética, além das contribuições que me trouxe durante minhas pesquisas, desde a iniciação científica, como citado no texto, vai me proporcionar um encontro com as juventudes que habitam a escola hoje, notadamente no Instituto Federal do Piauí, para a realização de uma pesquisa colaborativa entre as/os jovens e a pesquisadora/facilitadora, sem hierarquias, onde o silenciamento e o medo ficam de fora.

Além desta introdução, o trabalho se divide em cinco capítulos. O primeiro capítulo nomeado de “Fragmentos de Gerações: Conectando Sentidos sobre Juventudes”, explora o conceito de juventudes; o segundo, intitulado “Medo: Entre o Tremor do Corpo e os Muros do Mundo”, aborda o medo, entendimento fundamental para compreender a experiência no território; o terceiro trago meu envolvimento com a metodologia da Sociopoética, ao qual nomeei “A Sociopoética: Traçando meus passos de Pesquisadora”; o quarto capítulo trago a

metodologia e seu desenvolvimento, e nomeio como “A Sociopoética: “Doce Contagante”; o quinto, chamado “A Produção das Máscaras do Medo: Tecendo Saberes Coletivos para “O Visitante” na Escola”, onde a ligação afetiva a base conceitual e a metodologia se fundem, contribuindo e propiciando a realização de oficinas sociopoéticas, com a produção de dados da pesquisa, o percurso analítico das máscaras, os saberes construídos pelo grupo-pesquisador e a análise da facilitadora. Por fim, trago minhas considerações finais sobre a pesquisa, no capítulo que intitulo de “Juventudes: Onde há medo, existe poder”, e a ultima solicitação de minha orientadora, falar sobre a minha defesa, e assim trago: “Movimentos finais: a socialização, a banca e os afetos”

FRAGMENTOS DE GERAÇÕES: CONECTANDO SENTIDOS SOBRE JUVENTUDES

*Porque se chamava moço
Também se chamava estrada
Viagem de ventania
Nem lembra se olhou pra trás
Ao primeiro passo, asso, asso...
Porque se chamavam homens
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem (...)*

(Clube da Esquina nº 2 ⁴ - Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges)

Em todas as minhas pesquisas, eu uso o termo “juventudes”, no plural, seguindo a orientação de Abramovay (2015), ao chamar a atenção para o uso do plural, destacando a importância de reconhecer que existem diferentes tipos de sujeitos jovens. Retorno sempre ao conceito de juventudes plurais, entendendo que não existe um modelo pré-existente de juventudes, que vai além da demarcação por faixa etária. Ser jovem é uma experiência real e complexa, permeada por questões como raça, sexualidade, gênero, territórios onde habitam e os que ocupam, classe social, religião, e a condição de ser uma pessoa com deficiência (PcD's)⁵, conforme denominados nas escolas. Todas essas questões irão marcar suas trajetórias. Dayrell e Carrano (2003, p. 1) fizeram-me refletir sobre esses aspectos:

É importante destacar que o conceito de juventude não pode ser encerrado em esquemas modulares tendentes à homogeneização. A pluralidade e circunstâncias que caracterizam a vida juvenil exigem que os estudos incorporem o sentido da diversidade e das múltiplas possibilidades do sentido de ser jovem. Essa diversidade presente no cotidiano nem sempre encontra correspondência nas representações existentes na sociedade sobre a juventude; é comum que essas sejam ancoradas em modelizações sobre o que seria o jovem típico e ideal. Quase sempre os modelos se espelham em jovens de classe média e alta.

Grosso (2017) traz o marcador das juventudes pela faixa etária, em que as fases da vida são limitadas por faixas, modelo utilizado para atender às instituições, como creche, escola, universidade, quartel, e às políticas públicas. Nessa perspectiva, o Estatuto da Juventude - Lei nº 12.852/2013, considera jovem a pessoa com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos.

⁴ Clube da Esquina nº2 <https://www.youtube.com/watch?v=V5Qq9rA2Hio>

⁵ De acordo com a Lei nº 13.146/2015, no art. 2º, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

O autor também se refere às juventudes como um período na vida que marca a passagem da infância para a vida adulta. É uma categoria social, coletiva, dentro da estrutura social, é, portanto, uma categoria histórica. O autor coloca a juventude dentro de uma representação social que opera de modos diferentes em casa, na sociedade, de acordo com a classe social, e que está sujeita a transformações, imprimindo, assim, um modo próprio de se vestir, falar, se juntar, construir suas práticas culturais, e de ver a sociedade e o mundo à sua volta.

Juventude... parece longe para mim esse tempo de vida, de certo que esse tempo de experiência passou para mim, porém, é a partir do plano imanente de minhas memórias do que era ser jovem que eu vou começar. Eu, uma mulher branca, cisgênero, hétero, que estudou em escolas particulares, filha da classe trabalhadora, que se reconhece em algumas lutas das juventudes.

Enquanto fazia o inventário das pesquisas sociopoéticas, percebi que muitas experiências partem dos mesmos medos e conflitos, e me fizeram pensar o modo como fui jovem e habitei a escola. Alguns medos me tocaram como se fossem meus, como a sexualidade:

Cachorro-verde-amarelo-da-sexualidade

É o medo da falta de informação, ou da pouca informação que ela tem de aplicar aquilo, ou não só de aplicar, buscar informações em outros lugares ou na própria família. Tem medo de chegar e ser tachada, como a pessoa o que você quer saber sobre isso? Você não tem idade, eu acho que ela tem medo, muito medo de se decepcionar, de se mostrar e timidez também. Ela pode ter medo, por não ter a confiança daquela pessoa não passar a informação pra ela, mas já ouviu falar que isso resulta em outra coisa ruim, mas por mais informação que ela tenha vai ouvir de um e de outro mas opta por medo, o medo domina ela, aí fica nessa condição, que não realiza por conta dessa outra informação contrária, do resultado escolhido (Grupo-Pesquisador *apud* Carvalho, 2013, p. 102).

Na minha época de escola, quando comecei a pensar em minhas experiências com meninos, namoro, intimidade e sexo, não tive com quem conversar. O assunto era tabu, casar virgem ainda era o esperado, mesmo em meio a uma revolução de libertação sexual que havia começado na década de 1960. A sociedade ainda nos cobrava um comportamento puro, namoro sem sexo, filhos só dentro do casamento. Minha sexualidade representava medo de errar, de ser julgada. Poucas meninas, no colégio, escapavam a essas restrições ao nosso prazer, e algumas que engravidavam tinham suas vidas negadas. A escola não era mais lugar para elas, o convívio com as amigas era dificultado por medo de seu comportamento influenciar a promiscuidade, ao contrário dos meninos que as engravidaram, esses estavam livres para continuar suas vidas, nada pesava sobre eles, nenhuma pena, nenhum sacrifício, afinal, eles estavam exercitando o seu direito masculino ao prazer.

Ao ler o texto “Primeiros materiais para uma teoria da jovem”, da revista *Tiqqun*⁶ (1999, p. s/n), um trecho me toca, e o reproduzo aqui como está diagramado na revista. Trazer assim é necessário para marcar o impacto que o trecho do texto provocou em mim.

Toda a liberdade de movimentos de que goza a Jovem em nada a impede de ser *prisoneira*, de manifestar em qualquer circunstância os automatismos de alguém encarcerado.

O jeito de ser da Jovem é não ser *nada*. Alcançar “o sucesso na vida amorosa e na vida profissional ao mesmo tempo”: algumas jovens consideram este lema uma ambição digna de respeito.

O “amor” da Jovem é apenas uma palavra do dicionário.

O texto traz uma personagem, a jovem, como uma representação do cidadão ideal, um modelo integrado ao consumo dentro da sociedade capitalista, onde perdemos nossa individualidade. É disso que se trata, é essa a perspectiva, o controle, uma liberdade assistida de movimentos, de desejar o que a sociedade pode me trazer, mas não poder ir além do que me é destinado. E assim se fez a luta diária de ser mulher na minha juventude.

Porém, em virtude disso, sempre me rebelei contra essa construção engessada para me tornar mulher, tantas exigências, tanto controle, tanta gente dizendo o que podíamos ou não fazer, ocupar ou não um lugar no mercado de trabalho, como nos vestir “para não provocar desejos⁷”. Tanta proibição, ainda me lembro dos olhares, dos cochichos, quando, aos dez anos de idade, cortei meu cabelo ao estilo da Elis Regina, bem curtinho. Na escola, recebi muitos olhares de reprovação, chamavam-me de menininho. Esses enfrentamentos moldaram meu gosto e meu jeito de ser, não usava vestido porque era “coisa de menina para ficar feminina”, não gosto da cor rosa até hoje, tenho cisma de quem gosta de dividir os grupos, seja na situação que for, entre homens e mulheres.

⁶ *Tiqqun*. Órgão consciente do partido imaginário. É uma publicação francesa sobre filosofia, fundada em 1999 e dissolvida em 2001, com o objetivo de recriar as condições de outra comunidade. Os textos são coletivos, não existe um autor, e sim vários colaboradores. Em um diálogo na revista entre Éric Hazan e Giorgio Agamben (colaboradores), Fulvia Carneval (2009) fala: “Em primeiro lugar, gostaria de dizer que *Tiqqun* não é um autor. *Tiqqun* era um espaço de experimentação. Foi uma tentativa de preencher a lacuna entre a teoria e um conjunto de práticas e certas formas de “estar juntos”. Disponível em: <https://tiqqunim.blogspot.com/2020/05/agamben.html>.

⁷ A responsabilização da vítima. Em muitos casos, a vítima de estupro é culpabilizada por usar roupas que “provocaram” seu estuprador.

Minha mãe sempre me apoiava, não deixava que eu me abatesse pelo preconceito, mas confesso que, enquanto meu cabelo não crescia, toda vez que saía de casa, superava meu medo da violência expressa em palavras. Poder fazer o que eu quisesse com meu cabelo era um ato de resistência, já que mulher, para ser atraente e atrativa, tinha que ter os cabelos longos, uma representação ideal de ser mulher. Afinal, cabelo curto é coisa de homens.

Figura 2 - Elis Regina



Fonte: Site Metrôpoles ⁸

Figura 3 – Marlia, aos 9 anos



Fonte: Arquivo da autora

Na dissertação que estudou o conceito de ser jovem, a liberdade é vista como algo distante para as jovens: “Ninguém é totalmente livre, porque o mundo é cheio de regras,

⁸ Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/beleza/cabelo-pixie-usado-por-elis-regina-volta-e-faz-sucesso-entre-famosas>.

ninguém tem toda liberdade de fazer o que quer, sempre tem alguma regra a seguir, mesmo que não queira” (Grupo-pesquisador *apud* Carvalho, 2013, p. 144).

Por consequência dessa liberdade assistida, passei a agir de forma a provar que eu, como mulher, poderia pertencer à sociedade, fazer parte daquilo que era um mundo masculino, um mundo feito mais para eles do que para nós, e, na minha inocência, usando do que eu conhecia, eu passei a querer fazer escolhas optando para o que era preferencialmente para os homens. Queria provar que eu poderia fazer parte com a mesma competência. Voltando ao texto da Revista Tikkun (1999, s/p):

“Eu faço o que eu quiser com meu cabelo!”

A Jovem reinveste metodicamente tudo de que foi libertada em pura servidão (seria bom, por exemplo, perguntar o que a *mulher atual*, que é uma espécie bastante terrível de Jovem, fez da “liberdade” que as lutas do feminismo vencidas por ela).

A Moça é um atributo de um *programa* próprio, no qual tudo deve estar ordenado. (TIQQUN, 1999)

E, nesse movimento de liberdade e contenção, segui o meu caminho na escola e na vida, e quando nos mudamos para Vitória, no Espírito Santo, eu tinha 12 anos, e, na época, um medo aguardava as meninas na saída da escola: a violência contra mulheres. Depois de três anos da morte de Araceli, o crime ainda estava sem solução: uma menina de oito anos, raptada e estuprada quando voltava da escola para casa. Pela primeira vez na minha vida, entendi que eu, como mulher, estava exposta a esse tipo de violência, por isso, tinha medo de voltar para casa sozinha. A rotina da minha família não permitia que minha mãe fosse todos os dias me levar e buscar de ônibus na escola, superei meu medo, mais uma vez.

Araceli foi assassinada no mês de maio de 1973, e devido à violência do crime, despertou no país a necessidade de proteger crianças e adolescentes contra a violência sexual:

“Na época do crime não havia normas específicas e um olhar diferenciado para a proteção de crianças e adolescentes. Muita coisa mudou desde então, a começar pela percepção de que crianças e adolescentes são sujeitos de direitos [e não propriedade de seus pais]”, afirma a Promotora de Justiça Valéria Scarance (Marie Clair, 2024, s/p).

Segundo o site Marie Clair (2024), em maio de 2023, fizeram 50 anos do crime, e os culpados não foram punidos, contudo, em 2000, o assassinato de Araceli inspirou a

promulgação da Lei nº 9.970, que criou o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

Wilker (2024), em maio de 2024, escrevendo para o jornal Brasil de Fato, trouxe os dados da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, sendo registradas 11.692 denúncias até maio, e relata que a Organização Mundial de Saúde (OMS) mostra que, no país, 320 crianças e adolescentes são explorados sexualmente a cada 24 horas, sendo que 75% das vítimas são meninas, na maioria negras. A reportagem traz como fatores para a perpetuação da impunidade a falta de profissionais treinados para atender as vítimas, a lentidão dos processos judiciais e a baixa taxa de condenação.

Araceli, que era uma menina como eu, não conseguiu justiça, e desde 1973 até hoje, muitas foram mortas ou tiveram suas vidas marcadas, sem direito à justiça. Hoje, a perversidade no judiciário se apresenta com outra face, a do fundamentalismo religioso, que nega direito ao aborto a meninas estupradas.

De certo, o medo da violência contra a mulher que eu sentia aos meus doze anos de idade, e que me acompanhou durante minha juventude e que ainda trago comigo hoje, centenas de meninas e jovens sentem atualmente, pois, apesar da criação de leis, de instituições de proteção e apoio, crianças e jovens ainda estão expostas à violência sexual e os assediadores e molestadores continuam agindo na certeza da impunidade.

Nesse sentido geracional, devo deixar claro que a diferença entre as gerações traz traços diferenciados quanto a perspectiva de como olhar, pensar, sentir e reagir a problemas, e experiências como da violência contra a mulher, como o assédio. A ideia de geração está relacionada a um período de tempo, que se move entre seus aspectos individual e coletivo, na qual são construídas identidades, Cerioli e Teitelbaum (2017) trazem:

As gerações, conglomerados de jovens em processo de construção da identidade, não se diferenciam unicamente pela faixa etária, mas sim, pelo contexto social vivido e pelos eventos compartilhados – elementos que contribuem diretamente para a caracterização de cada perfil geracional. Não se pode dizer, portanto, que o que forma uma geração é a data de nascimento. (Cerioli e Teitelbaum, 2017, p. 29)

Novas gerações criam novas identidades e conseqüentemente, novas possibilidades para a ação.

Tomando como base os estudos de Cerioli e Teitelbaum (2017), vejo que entre a minha geração e a geração atual, existe um caminho que foi percorrido, partindo de uma geração que atuou ativamente em movimentos revolucionários, reinventando direitos, manifestos

estudantis, movimento hippie, de liberdade sexual, em uma sociedade onde o patriarcado era forte na estrutura social, e as violências contra as mulheres, como o assédio, eram normalizados, passamos por um caminho através das gerações onde o assédio tornou-se um problema a ser debatido e desconstruído, os valores também foram sendo desconstruídos como resultado dos debates sobre gênero, machismo, preconceito e patriarcado, o assédio passou a ser visto como violência, e com o avanço das tecnologias, em um mundo ativamente engajado no meio digital, as pautas das gerações anteriores são aprofundadas, a discussão sobre a violência contra a mulher é mais presente, onde abusadores são expostos ao julgamento nas redes sociais.

A minha geração lutou para reinventar direitos dentro de uma estrutura patriarcal, e as gerações que seguiram tiveram o discurso e as conquistas possíveis como ponto de partida, e caminharam para não permitir que a violência contra mulheres e meninas não fosse mais banalizada, e alcançaram conquistas significativas.

Nós, mulheres, meninas, jovens, apesar das leis feitas para nos proteger, nossas realidades são envoltas pela violência, como explicado por Mbembe (2018), em seu conceito de necropolítica. Somos vistas como vidas sem importância, em que o poder do Estado cria situações e facilita o risco de nossas mortes. Essa vertente da necropolítica, a violência contra a mulher, cria um ciclo de medo na escola, através da violência de gênero, do medo de assédio, do *bullying* e da impunidade e se estende por toda a vida.

A morte de Janaína, em 2023, mulher negra, estudante de jornalismo da Universidade Federal do Piauí, fez-me lembrar o quanto somos frágeis, o quanto gênero e raça nos expõem à violência. Pensar que a sala de aula foi o local de uma agressão tão abjeta deixa a todos abalados, a nossa impotência se expressa em revolta e protesto, caminhar por Janaina e por todas nós, naquela tarde de segunda-feira, deixou-me extenuada. A Marlia daquele dia, com 57 anos de idade, voltava a ser a menina de 12 anos de idade, e se via novamente diante de uma violência injustificada, bruta, e se sentia novamente angustiada, triste e impotente. Os próximos dias seriam de medo e insegurança no *campus*.

Não conheci Janaína Bezerra, soube de seus sonhos através das memórias dos seus pais, da tia, das amigas e amigos, mas sua vida, seus anseios, expectativas, sua consciência por ser uma mulher negra, o que define o que a vida lhe traz, chegam até mim através de seu poema:

*Que em mim a solidão não habitue morada
E muito menos que me seja confortável o seu abraço
O Astro Rei sempre mostra para os filhos o caminho
Então, confio*

De onde venho não se encontra esperança em fundos escuros como fez Pandora
Pelo contrário
Me impedem de ver o sol
E ele pra mim dá o norte para a estrada
Rumo a minha casa
No berço do mundo onde me roubaram até a língua
Ma não esqueci de falar
Falo em poesia
Negra
Palavras permanecem e não podemos esquecer
Que o calor que aquece nosso corpo
Vem do sol que queima e faz-se reluzir em nossa pela
Escura
Cor de terras distantes
Onde temos solo fértil em Ankh
Representando vida eterna.

Ao contrário de Araceli e de sua família, Janaína teve justiça, a justiça dos homens, das instituições do Estado, criadas para que o cidadão se sinta seguro. Sua família foi envolvida pelo afeto político do medo, que se alimenta de um estado potencial de insegurança, em nossa sociedade capitalista e individualista. Somos envolvidos por uma cultura de segurança latente, que é o modo como somos reconhecidos e representados como sujeitos, assim, quando a segurança nos trai, fica evidente nossa fragilidade, nosso desamparo. Estamos sempre circulando em torno de duas premissas do medo: a que nos leva a respeitar as leis e a que nos move por medo da violência (Safatle, 2015).

Janaína sabia como era reconhecida por ser uma mulher negra. Ela representa a luta e a resistência das juventudes negras que sofrem o apagamento de suas identidades dentro da escola, que são obrigadas a conviver com o peso do racismo estrutural presente em nossa sociedade, e que, apesar das políticas afirmativas, ainda têm dificuldade em acessar e permanecer no ensino superior.

Em sua dissertação de mestrado intitulada “Os ‘corres’ como ação afirmativa: Jovens Cotistas pensadoras/es da permanência na UFPI, Wanderson William Fidalgo de Sousa (2025), pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGEI), fala:

Na universidade jovens-cotistas são pressionadas/os por serem cotistas, pois tem gente que acredita que são incapazes de estar na universidade. Por isso, são pressionadas/os do lado de fora (sociedade) e do lado de dentro (universidade), isso acarreta a perda do interesse sobre determinadas coisas na universidade e causa insegurança as/os jovens-cotistas de não serem suficientes. Isso acontece, pois existe um tabu que jovens-cotistas estão na universidade por serem pretos ou baixa renda, sendo que este pensamento não parte de jovens-cotistas, advém de terceiros com esse preconceito de acreditar que são superiores (Sousa, 2025, p. 119).

O estudioso ensina-nos que a juventude negra cotista dentro da universidade enfrenta preconceitos e recebe o estigma de serem menos capazes, o que gera sentimento de inadequação, interferindo em seu desempenho acadêmico. No texto transversal de sua pesquisa sociopoética, ele escreve sobre a aventura de ser jovens-cotistas-mutantes, que cumprem um ritual de passagem ao atravessarem a porta de entrada da UFPI:

Durante a conversa, jovens-cotistas-mutantes falam sobre os obstáculos para permanecer na universidade após seu ritual de passagem pelo portal. O obstáculo da jovem-cotista-mais-ou-menos-pertencente e da jovem-cotista-amarrada são elas mesmas, pois se sentem insuficientes e não inteligentes para estar na universidade. Jovem-cotista-encantado e jovem-cotista-monstro têm como obstáculo às diferenças, para isso, o primeiro jovem é aquele que se adapta às diferenças e o segundo é o jovem que se reconhece a jovem-cotista-monstro é ainda tem medo de ser destruída pelo mutante-fogo e pelo mutante-vento devido sua diferença (Sousa, 2025, p.101-102).

Sousa (2025) reafirma que o direito à cota é política pública destinada à promoção da equidade e inclusão, que abre portas, e não é a porta dos fundos, e segue ensinando que ser jovem-cotista não é favor, ao contrário, a conquista do ingresso na universidade é uma realização para todos as/os jovens. O autor lembra que permanecer ainda é um desafio, e sugere que, para assegurar a permanência dessas/desses jovens, devem ser ampliadas as políticas de assistência estudantil.

A violência marca o corpo e as relações dentro da escola. Adad, Santos e Silva (2021), a partir de uma análise da filosofia produzida por um grupo de jovens sobre o tema “violências na relação com a convivência na escola”, alunas e alunos da 2ª e 3ª série do Ensino Médio Integrado do Centro Estadual de Educação Profissional “Prefeito João Mendes Olímpio de Melo” (PREMEN-NORTE), trazem o confeto Bagunça na cabeça dor da violência-carinha-triste-na-escola, que nos faz entender esse aspecto da violência:

Bagunça na cabeça dor da violência-carinha-triste-na-escola é a violência que produz sentimentos de dor, de tristeza e a bagunça que ficam na cabeça de uma pessoa que sofre violência, pois não sabe se vai fazer a mesma coisa que fizeram com ela, se ela não vai fazer nada, se ela vai tentar falar para alguém. São as ideias, pensamentos misturados, como: briga, discussão, apelidos e, às vezes, chega à escola os amigos ficam tirando sarro da cara dele por ter apanhado em casa (Grupo-pesquisador *apud* Adad; Santos; Silva, 2021, p. 5).

As questões que permeiam a experiência de ser jovem caracterizam sua diversidade. Essas questões, de diversas formas, vão influenciar no convívio social e produzirão relações de vulnerabilidade que afetam as juventudes em sua capacidade de sentir e apreender a realidade à sua volta, de construir sua subjetividade, afetando, inclusive, o reconhecimento de suas identidades.

Butler (2019) ajuda-me a pensar sobre isso em seu livro “Vidas Precárias”. Os jovens constituem-se, constroem-se na relação com o outro. O convívio social é importante nessa questão, e, neste livro, Butler traz o conceito de endereçamento, que trata da relação ética com o outro, do reconhecimento mútuo, da sua humanidade. As estruturas políticas decidem quem pode ou não pode ser endereçado, quem não é merecedor, não é reconhecido pela sua humanidade, e não é digno de reconhecimento, de compaixão e luto.

Mais enfaticamente, no entanto, o que nos vincula moralmente tem a ver com a forma como somos endereçados pelos outros de maneiras que não podemos evitar ou prevenir; esse impacto pelo endereçamento do outro nos constitui primeiramente contra nossa própria vontade ou, talvez, posto de maneira mais apropriada, antes da formação da nossa vontade (Butler, 2019. p. 2).

Para as vidas das juventudes serem reconhecidas e valorizadas, dignas de serem pensadas e cuidadas, precisam ser endereçadas. Quando essas vidas não são reconhecidas pela sociedade e pelas estruturas políticas, são precarizadas, sua existência não é reconhecida e são abandonadas, suas demandas e seu sofrimento são ignorados (Butler, 2019).

As juventudes LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não -binários, e outras orientações sexuais e identidades de gênero não mencionadas na sigla), também sofrem com a falta de reconhecimento e com a precariedade de sua existência.

Em sua dissertação de mestrado, o pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECEI), Wesley da Silva Rodrigues (2023), ouviu de seu grupo-pesquisador sobre a importância do que eles conversaram e produziram durante a pesquisa, e que deveria estar nos livros das escolas para dirimir preconceitos, ajudar os alunos gays a pensarem sobre sua sexualidade e revelar a precariedade da existência de pessoas LGBTQIAPN+ dentro das escolas. Um dos copesquisadores do estudo explicita a vulnerabilidade da comunidade:

Os copesquisadores se pronunciaram: — quero expressar minha felicidade ao ver você fazendo mestrado e ser de Piripiri. Primeiro, porque, eu não tinha noção que a gente que é gay conseguia chegar tão longe nos estudos. Aqui na cidade vejo os gays trabalhando nas cozinhas, salão de cabeleireiro, restaurantes e na prostituição. Ao participar dessa pesquisa percebi que podemos estudar e ter uma formação superior. Vou te fazer uma pergunta: como foi sua trajetória até chegar ao mestrado? (Copesquisador *apud* Rodrigues, 2023, p. 85).

De certo, pesquisas como a de Rodrigues (2023) devem ultrapassar os muros da academia. A convivência dentro das escolas deve ser pensada, discutida a partir das

diversidades, para que violências não sejam permitidas, para que a escola supere suas práticas de convívio construídas a partir de uma visão heteronormativa para classificar seus estudantes, o que reforça as hierarquias de gênero, de raça e de classe que causam sofrimento às juventudes. Podemos pensar em práticas a partir do sentimento que Corpo-Giz-Fuga tem da escola:

As invisibilidades do Corpo-Giz-Fuga do jovem gay no chão da escola é a falta de diálogo, de orientação em casa e na escola, isso é o que nos torna invisível e também a falta de apoio é muito difícil. A gente acaba aceitando qualquer coisa para fugir dessa realidade. Os pontos visíveis do Corpo-Giz-Fuga do jovem gay é a confusão que é feita, muitos se perdem nesse caminho, pela falta de suporte e apoio e sem ter um norte. O Corpo-Giz-Fuga do jovem gay resiste a partir do momento que se aceita, mas não é fácil (Grupo-pesquisador *apud* Rodrigues, 2023, p. 83).

A pesquisa de Rodrigues (2023), pensada a partir de sua experiência de criança viada que sofreu violências e foi inviabilizada na escola, vislumbra romper essa invisibilidade imposta a jovens gays na escola. Sua dor gera pesquisa e se alia à Sociopoética para dar passagem às dores das juventudes LGBTQIAPN+.

A pesquisadora Josy Gomes, também do NEPEGEI, iniciou sua transição no final de 2021, quando éramos graduandas em Pedagogia, e eu presenciei o aparecimento de uma mulher forte, que se fez feliz, apesar de conhecer e temer a violência que corpos como o seu sofrem em nossa sociedade. A transição trouxe-lhe estranhamentos que provocaram sonhos e se transformaram em pesquisa. Lembro, em 2022, de um sonho que ela me contou: viu uma cobra trocando de pele. Essa “cobra”, na minha frente, transformou-se, em um movimento sociopoético CRI-CRI (crítico e criativo), em um bicho-pesquisa, de “uma mulher trans que, como a cobra, em seu processo de transição, troca de pele, e com seu corpo ‘estranho’ e ‘monstruoso’⁹ serpenteia pelos corredores da UFPI, entrando por brechas, por pequenos espaços pelos quais lhe é permitido caminhar” (Josy, conversa em algum dia do ano de 2022).

Tanto Wesley como Josy, em suas juventudes, passaram por violências durante seu percurso na escola, mas, hoje, seus corpos pesquisadores são resistência e suas pesquisas denunciam esse sistema opressor, ao mesmo tempo em que educam e trazem saídas para uma escola mais segura para as juventudes.

E as juventudes com deficiência, como elas se apresentam, o que elas pensam? Elas têm espaço para falar como parte das juventudes? Quando participei da Oficina Regional de Elaboração do Plano Nacional de Juventude, durante a plenária final, onde foram lidas todas as colaborações feitas nas diversas oficinas realizadas no evento, após as leituras, um senhor

⁹ O corpo abjeto, fora das normas de gênero, é expulso do domínio humano e, por isso, lhe é dado um espectro monstruoso, como trazido por Butler (1993), em seu livro “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘Sexo’”.

levantou-se, e se apresentou como José Ronaldo¹⁰, conhecido como Professor Branco, militante pelas pessoas com deficiência, presidente da Associação Regional de Audiodescritores do Piauí, que questionou o porquê da juventude deficiente não estar ali presente. Isso me deixou bem embaraçada, em nenhuma das oficinas foi colocada as dificuldades e aspirações da pessoa com deficiência, ninguém se lembrou dessas pessoas. Nas três oficinas das quais participei: direito à educação, à saúde e ao território e mobilidade, elas não foram lembradas, não foram pensadas. As outras juventudes estavam ali com suas demandas. Senti-me uma espartana, jogando do penhasco suas narrativas, suas identidades e seus sonhos.

Dessa minha experiência, percebo o quanto essa juventude é segregada, não só quando não acessa os espaços fisicamente, mas por mecanismos de marginalização ao ser tratada como estranha, diferente e ser vista como “incapaz”, um “obstáculo”, “não sabe interagir”, que “atrasa as brincadeiras e jogos”. Assim, a segregação se dá por estereótipos: a cadeirante, a autista, a retardada, a mongol, e os estereótipos são resultados da construção de uma história única dessa juventude, e tudo o que vemos sobre elas é sua deficiência e o quanto esta “diminui” suas vidas. Lembrou-me Chimamanda Adichie (2009), em uma palestra sobre os perigos da história única, onde conta a maneira como sua companheira de quarto na Universidade esperava que ela fosse.

O que me espantou foi isso: Ela tinha sentido pena de mim mesmo antes de me ter visto. A sua posição base em relação a mim, enquanto Africana, era uma espécie de piedade paternalista bem intencionada. A minha companheira de quarto tinha uma história única de África. Uma história única de catástrofe. Nesta história única não havia possibilidade de Africanos serem semelhantes a ela, de forma alguma. Nenhuma possibilidade de sentimentos mais complexos que a piedade. Nenhuma possibilidade de uma conexão entre humanos iguais (Adichie, 2009, p. 2).

Tomo a liberdade de reescrever esse trecho da palestra de Adichie: “Nós temos uma visão paternalista ‘bem intencionada’ das juventudes com deficiência, só enxergamos a história única de incapacidade, dificuldade, vulnerabilidade que a sociedade traz, e não olhamos para elas como pessoas capazes como qualquer outra e sentimos pena antes de conhecer seus modos de conviver com suas deficiências”.

Ignorar sua deficiência é uma forma de apagar sua existência, de torná-las invisíveis ou subestimar essa deficiência tratando-as com paternalismo. E o que eu considero mais cruel: fazer com que elas sintam que temos por elas baixas expectativas. Oliveira e Miranda (2024) trazem o relato de Rafael, estudante com deficiência visual, sobre se sentir incluído na escola.

Estar incluído na escola é me sentir igual a todos os alunos, com materiais e recursos adequados. Se ele tem papel e caneta, eu preciso de soroban e máquina Braille, se ele

¹⁰ Não encontrei o site da Associação para obter maiores informações.

tem professor, eu preciso de auxiliar de classe, é ser incluído como aluno e também, reprovado como aluno (Rafael) (Oliveira; Miranda, 2024, p. 14).

Em seu relato, Rafael fala que os professores não poderiam reprovar um aluno com deficiência visual. O jovem também se ressentia da estrutura física da escola, que impedia sua autonomia, e reclama: *“Se eu quiser comer um lanche no pátio, dependendo de um aluno. Se eu quiser subir para ir ao banheiro, dependendo de alguém. Pois não me propiciam uma simples linha guia”* (Oliveira; Miranda, 2024, p. 17).

Notamos que a estrutura deve ser capaz de atender às juventudes com deficiência, de modo a contribuir para evitar o isolamento, facilitar a criação de vínculos com outras/os alunas/alunos, causando um sentimento de pertencimento à escola. Pertencer, ter amigas/amigos, é criar possibilidades de ser aceita, de não ser vista como diferente e não sofrer *bullying*, mas isso não é possível para todas. No caso de Daniele, uma menina de 14 anos, com deficiência intelectual, retratado no texto de Barbuio e Freitas (2023, p. 64), as relações na escola se traduzem em solidão e conformismo:

Pesquisador: Me fala da escola, o que você acha da escola?

Daniele: É, a escola é legal...os colegas são meio pouquinhos legais...

Pesquisador: Você falou que a escola é legal, os colegas são meio legais, me fala mais da escola, o que você faz aqui?

Daniele: Eu estudo, eu desenho, eu como merenda, depois vou pra escada [refere-se à escada que dá acesso ao piso superior da escola].

Pesquisador: Legal, você vai para a escada fazer o quê lá?

Daniele: Fico sentada.

Pesquisador: Entendi, sozinha?

Daniele: É.

Pesquisador: Você não chama seus amigos pra ir junto?

Daniele: Eu não tenho amigos, não gosto de ter amigos.

[...]

Pesquisador: Mas por que você não quer que ninguém veja você?

Daniele: É porque eles mexe comigo. [Muda o tom da voz, aparentando desconforto]

Pesquisador: Quem?

Daniele: Os outros... os menino e as menina.

Pesquisador: Mexe como?

Daniele: É... mexe comigo... fala... me fala umas coisa.

Pesquisador: Entendi, tipo o quê?

Daniele: É... fala coisa que... é, não gosto.

Pesquisador: Assim, você não gosta quando eles falam, você fica chateada, triste, como você se sente?

Daniele: Não... não... sempre fala. É sempre assim.

Pesquisador: Assim, como?

Daniele: Ah, eles vêm, fala..., mas é, já acostumei um pouquinho... é sempre assim... na outra era assim.

Pesquisador:

Que outra?

Daniele:

Outra escola.

Enfim, as juventudes devem ser vistas para além da sua história única, e serem ouvidas em suas demandas para se tornarem agentes de sua própria inclusão. As escolas devem ser

pensadas para que as barreiras que enfrentam sejam por nós percebidas e façam parte de nossa luta por uma escola inclusiva, que entenda e acolha a diversidade.

Declarações

Universais, cartas magnas.
Abismos, o que é o humano?
Indígenas não falam!
(Socorro Borges, Ventos que sopram aquelas noites)

A história única também encobre as identidades das juventudes indígenas, provenientes de diferentes povos e etnias. A luta pela afirmação das identidades e pelo território é uma luta comum a essas juventudes, além da criação de redes de apoio para o enfrentamento de preconceitos e violências, tanto fora quanto dentro das suas comunidades.

O direito ao território é uma luta antiga. O Marco Temporal, Lei nº 14.701/2023, restringe o direito à terra que estavam ocupadas em 1988, abrindo espaço para invasão e exploração e devastação ambiental de terras demarcadas, como também dificultando novas demarcações. Isso deixa diversas etnias em perigo pela manutenção de seus territórios originários. Segundo o advogado da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Guila Xukuru,

O direito ao território é originário, anterior à própria Constituição. Não podemos abrir mão de um direito que conquistamos com muita luta. Indenização por terra nua é algo que, se a gente permitir, será mais uma das muitas desculpas utilizadas para não se demarcar terras indígenas (Simões, 2025, s/p).

Durante o Acampamento Terra Livre de 2025, jovens indígenas trouxeram suas preocupações relativas à falta de financiamento e à integração das diferentes culturas e pensamentos, assim como reivindicaram políticas públicas que garantam acesso às instituições federais de ensino superior, com a expansão do Processos Seletivos Diferenciados. Jéssica Sateré-Mawè, jovem indígena da etnia Sateré-Mawé, do estado do Amazonas, afirma que a emergência climática pela qual seu estado passa, com secas prolongadas, rios secos, falta de recurso para gasolina, dificulta o acesso:

Hoje em dia, a juventude indígena está num contexto de cidade, está num contexto de trânsito, e a juventude de território [...] A juventude indígena do Amazonas está pedindo um Enem específico para o estado, pois a crise climática impede muitos jovens de chegar aos polos de prova., afirmou (Piratapuia, 2025, s/p).

As reivindicações sobre o direito à educação se estenderam ao respeito à diversidade cultural, ao apoio à Educação Escolar Indígena, e à garantia de acesso a uma educação de qualidade desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, que seja contínua, permanente e próxima às aldeias (Simões, 2025).

Entendo a importância de afirmar e reafirmar essa diversidade, para que os grupos mais sacrificados dentro da sociedade, e, conseqüentemente, dentro da escola, sejam sempre lembrados, pensados e endereçados, de forma que possamos discutir os motivos das discriminações e pensar em modos de resistência e de políticas públicas para visibilizar e tirar esses jovens da precarização imposta pelo sistema.

Como já citado, em uma experiência recente, participei da Oficina Regional de Elaboração do Plano Nacional de Juventude, que visava a produção de subsídios para a elaboração do Plano Nacional de Políticas de Juventude. Contribuí para o eixo 2 - do direito à educação; para o eixo 5 - do direito à saúde; e para o eixo 9 - do direito ao território e à mobilidade, e insisti para que, no Plano, não nos referíssemos à diversidade como termo genérico, mas que afirmássemos as diversidades, e nomeássemos, nas ações, os grupos mais sensíveis, invisibilizados, como a população negra, os PcD's, os LGBTQIAPN+, com ênfase na pessoa trans, pois entendo que, para políticas públicas mais eficientes, temos que nomear e problematizar as juventudes mais exposta à necropolítica do Estado, pensando com Mbembe (2018), com práticas e políticas que se direcionem às juventudes em risco de vida, de sua dignidade, de seu bem-estar social ou emocional, principalmente quando se reforçam as relações de desigualdades e exclusão.

Durante a oficina do direito à educação, foram levantados e discutidos diversos pontos importantes, como: o combate à evasão escolar, garantindo a permanência dos alunos de baixa renda através de programas de financiamento nas universidades e institutos federais, assim como nas faculdades particulares; creches nas escolas para mães adolescentes; a garantia de transporte; o combate à violência no ambiente escolar, com atendimento à saúde mental dos estudantes; a formação continuada de todos os atores da escola sobre a diversidade de gênero, sexual, étnico-racial; cotas nas universidades e institutos de educação e em concursos públicos para a população trans e travesti; garantia do direito do uso do nome social na escola e em todos os documentos institucionais; promoção da participação política dos estudantes, com a valorização dos grêmios estudantis; garantia da participação das juventudes em todas as instâncias de deliberações políticas que tratem sobre o tema juventude; inclusão no currículo de questões importantes sobre diferenças, abordando os temas sobre educação sexual, científica

e financeira em sala de aula; valorização da Educação de Jovens e Adultos (EJA); e garantia da inserção das pessoas com deficiência (PcD's) na escola.

Na oficina de direito ao território e à mobilidade, as questões trazidas giram em torno do direito à posse do território onde moram; proteção contra a grilagem e a especulação imobiliária; transporte que garanta a mobilidade dos estudantes das comunidades rurais, povos originários e quilombolas; programa de financiamento para as juventudes do campo produzirem; valorização das identidades; ampliação das escolas; ensino diferenciado, com a implantação da pedagogia da permanência, tanto nas escolas quanto nas universidades e institutos federais.

Na oficina do direito à saúde, foram abordadas questões ligadas à saúde mental das juventudes; apoio psicológico e de assistência social nas escolas; promoção de atendimento especializado e multidisciplinar para as juventudes, em suas especificidades, em especial à população trans e travesti.

Notamos que a necessidade de recursos financeiros está presente em todas as demandas. A classe social determina acessos à formação de qualidade. O financiamento é importante para a formação e o direito a uma vida digna das juventudes. A luta pela posse da terra, contra a especulação imobiliária, o acesso ao transporte público, ao atendimento humanizado da saúde, à educação de qualidade, todos esses aspectos se relacionam com o sistema econômico, político e social da nossa sociedade.

As juventudes estão inseridas em uma sociedade capitalista neoliberal, que transforma a vida social em mercadoria, privatiza ou elimina as atividades do Estado, principalmente na manutenção e promoção do bem-estar social. Esse sistema desmobiliza a força social coletiva da classe trabalhadora, através da exaltação da família e do empreendedorismo, um sistema que afeta a vida social, política, cultural, educacional, ética e subjetiva.

Santos, Amorim e Sousa (2023) escreveram sobre o neoliberalismo para além da economia, e trouxeram-me alguns elementos para pensar sobre as relações sociais e a produção de desigualdades neste modelo de sociedade. Esses elementos influenciam a vida das juventudes, como a hierarquização social, que privilegia o homem branco detentor de capital, ferindo a justiça social em nome da autoridade patriarcal, dos valores e da moral tradicionais, enfraquecendo a solidariedade e a coesão social. Isso reforça a desigualdade de gênero e sexualidade, marginalizando as mulheres, sobretudo as mulheres negras, e a população LGBTQIAPN+. Além disso, reforça a desigualdade racial, através de um processo de desenvolvimento desigual, inferiorizando e expropriando as populações racializadas. Cria-se, portanto, um ambiente hostil, que alimenta comportamentos racistas, misóginos e homofóbicos.

Para manter o poder, o capitalismo neoliberal busca aliados em grupos religiosos conservadores, que apoiam lideranças autoritárias dispostas a defender seus valores conservadores.

Desde o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, em 2016, uma onda conservadora ataca as juventudes, com cortes na educação, desmobilização de políticas públicas para a educação de jovens e adultos, escândalos de corrupção no Ministério da Educação durante o governo Bolsonaro, precarização do trabalho, aumento da violência, sobremaneira contra a juventude negra e LGBTQIAPN+, ataques às Universidades públicas. A Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), em 2022, listou sete desastres do governo Bolsonaro na educação pública, a saber: 1) os cortes de recurso, com a educação básica perdendo 13% dos seus investimentos, e o governo federal bloqueou três bilhões da educação, prejudicando as instituições federais de ensino; 2) a má gestão do Enem, como a perda do direito à isenção de 2,8 milhões de candidatos em 2021, por não terem comparecido à prova do ano de 2020; 3) escândalo da liberação de recursos do Ministério da Educação (MEC) para prefeituras intermediadas por pastores evangélicos; 4) guerra ideológica da extrema-direita nas escolas, com a criação de escolas cívico-militares e a escola sem partido; 5) o veto de Bolsonaro ao projeto de lei que incluía, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), o ensino diferenciado em escolas da zona rural; 6) dificuldade do acesso à internet, evidenciada pela pandemia da covid-19, dificultando o acesso dos alunos das escolas públicas ao ensino remoto; 7) o orçamento secreto, que retirou dois bilhões de recursos que seriam destinados ao MEC.

Safatle, Junior e Dunker (2020) trazem o neoliberalismo como uma força performativa, que recodifica identidades, valores e modos de vida, modificando os sujeitos, não nas representações que têm de si, mas modificando a si próprios. Nessa perspectiva, as juventudes têm, dentro do neoliberalismo, um espaço de produção de subjetividades, do modo de ser sujeito como capital humano, do dever de sempre se adaptar a novas circunstâncias, de ser competitivo e de buscar a alta performance, e, dentro desta lógica, entender que ele é o único responsável pelos seus êxitos ou seus fracassos.

Aqui, ocorre uma transformação social em que não se privilegiam os laços sociais e solidários, há exigência do controle das emoções, como medo, raiva, rejeição e ansiedade. O sentimento de plena felicidade é necessário na gestão das emoções (Caponi; Daré, 2020). A subjetividade como uma mercadoria vendável, como característica da sociedade de consumidores:

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar,

ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável (Bauman, 2022, p. 16).

Na sociedade de consumidores, o valor das juventudes é medido pela sua capacidade de consumo, pelo estilo de vida, que deve ter um padrão socialmente esperado. Se o jovem não tem dinheiro para gastar e se enquadrar nesse padrão, é visto como um consumidor inadequado, um fracassado (Bauman, 2011).

Santos, Amorim e Sousa (2021), quando tratam da educação na sociabilidade do capital, fazem-me pensar sobre a maneira como o capitalismo vê as juventudes, como um recurso, manipulável aos interesses econômicos e políticos das classes dominantes, capaz de ser moldado para manter e fortalecer o modo de produção capitalista. Assim, a educação é reduzida à qualificação para inserção no mercado de trabalho, formando-se sujeitos dóceis e aptos ao exercício da cidadania, retirando de seu processo formativo a formação humana integral, que faz pensar e criticar o mundo à sua volta. Isso retrata um modelo decadente de sociedade, que desvaloriza a vida e promove a individualidade.

Ainda pensando com os autores, a imposição da sociedade capitalista neoliberal na educação das juventudes, cria um ambiente educacional onde se reforça a competitividade entre os educadores, que são premiados ou culpabilizados pelo cumprimento ou não de metas. Essa competitividade transforma esses educadores em meros executores de projetos didáticos pedagógicos, que não atendem às necessidades dos estudantes, impondo uma adaptação ao sistema social existente. Nesse ínterim, dentro da escola se implantam mecanismos rigorosos de punição e avaliação, agindo constantemente sobre estudantes e professores, o que gera desconfiança, insegurança, incentivando a luta de todos contra todos, fragmenta os sujeitos, desvaloriza a vida, fazendo com que a escola se torne um local propício ao medo.

Essa orientação da formação das juventudes se dá de forma mais precária para as juventudes que estudam na escola pública, território da minha pesquisa, jovens da classe trabalhadora, marcados por uma educação em que as desigualdades aparecem na estrutura do sistema educacional, na formação sem qualidade, com foco em habilidades e competências. Esse tipo de educação visa a preparação para o mercado de trabalho, gerando insegurança em relação ao futuro e negando o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes, em uma sociedade em que a educação é uma das poucas possibilidades de ascender socialmente.

Desse modo, a educação capitalista neoliberal pretende formar as juventudes transformando os indivíduos em ativos, na perspectiva da Teoria do Capital Humano, quando prioriza as habilidades técnicas e competências voltadas para o mercado de trabalho, visando empregabilidade e produtividade (Santos; Amorim; Sousa, 2021). Sobre a Teoria do Capital

Humano e a lógica perversa do capitalismo, Santos, Amorim e Santos (2021, p. 153-154) asseveram:

Dessa forma, a Teoria do Capital Humano exerce sua ideologia levando o indivíduo a crer que está sendo preparado para atuar no mercado de trabalho e que terá a possibilidade de superar as desigualdades que o capitalismo provocou, entretanto, está sendo preparado para o subemprego ou mesmo para o desemprego, um dos aspectos mais perversos da crise estrutural do capital. Daí o discurso da formação para o empreendedorismo, se tornarem autônomos, o que significa que, em geral, desenvolverão trabalho precarizado. Infelizmente é essa a lógica que ampara a atual reforma do Ensino Médio, materializada pela Lei 13.415/17 e pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

A plataforma QEdU, projeto da Fundação Lemann e da Fundação Roberto Marinho, traz indicadores sobre as juventudes brasileiras, retirados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo dados da plataforma, o Brasil possui em torno de 48,5 milhões de jovens, juventudes diversas marcadas pelas desigualdades:

O Brasil possui em torno de 48,5 milhões de jovens, número que representa quase $\frac{1}{4}$ da população brasileira. Trata-se de juventudes com diferentes realidades e marcadas por desigualdades de sexo, cor ou raça, renda domiciliar per capita, além de desigualdades regionais. Grande parte dela não possui seus direitos garantidos, como uma educação de qualidade e o acesso a um trabalho digno capaz de promover o pleno exercício da cidadania (QEDU, 2023, s/p).

Os dados estatísticos, de certo, vêm a confirmar essa diversidade, essa multiplicidade de juventudes, e as diferentes formas como são vistas, entendidas e acolhidas.

Pausa na Escrita: Das Dores da Pesquisa

Fiz o que era mais urgente: uma prece. Rezo para achar o meu verdadeiro caminho. Mas descobri que não me entrego totalmente à prece, parece-me que sei que o verdadeiro caminho é com dor. Há uma lei secreta e para mim incompreensível: só através do sofrimento se encontra a felicidade. Tenho medo de mim pois sou sempre apta a poder sofrer. Se eu não me amar estarei perdida — porque ninguém me ama a ponto de ser eu, de me ser. Tenho que me querer para dar alguma coisa a mim. Tenho que valer alguma coisa? Oh protege-me de mim mesma, que me persigo. Valho qualquer coisa em relação aos outros — mas em relação a mim, sou nada. É tão bom ter a quem pedir. Nem me incomodo muito se eu não for totalmente atendida. Eu peço a Deus para eu ser mais bonita — e não é que meu olho faísca ao mesmo tempo que meus lábios parecem mais doces e cheios? Eu peço a Deus tudo o que eu quero e preciso. É o que me cabe. Ser ou não ser atendida — isso não me cabe a mim, isto já é matéria-mágica que se me dá ou se retrai. Obstinação, eu rezo. Eu não tenho o poder. Tenho a prece. (Ninguém me ama a ponto de ser eu).

(Clarice Lispector, em "Um Sopro de Vida")

É necessário... é providencial... buscar um tempo para meditar, reler e pensar. É doloroso o processo de “mestrar”? Clarice ajuda-me nisso, trazendo-me uma verdade necessária: parar é urgente, é como uma prece para achar ou continuar no caminho. E ela me cobra: “Se eu não me amar estarei perdida — porque ninguém me ama a ponto de ser eu, de me ser. Tenho que me querer para dar alguma coisa a mim”.

Tenho que me querer, revolver as páginas de minha dissertação, os textos e autores que me guiam, envolver-me na pesquisa, voltar sempre ao que me trouxe até aqui, retomar a minha maluquez, reler minha introdução, reintroduzir-me no meu desejo de pesquisar o medo que as juventudes sentem na escola, voltar ao que trouxe meu problema da pesquisa e meu tema. E o poema de Clarice Lispector é minha oração neste momento... rezo e continuo.

Figura 4 - Tempo. Desenho de Wilker¹¹, sala do OBIJUVE.



Fonte: Arquivo pessoal Wilker (2025).

Para além do medo que sentia na criação do desenho, esse medo acompanhava um pensamento que se transformava no tempo, e se materializava naquela expressão do corpo. E assim é meu sentimento desenhado na parede: o tempo governa tudo, faz crescer reinos e os leva à queda, dá a vida e toma de volta. A consciência não se mede em dias, nem a tua essência vai acabar com o passar dos anos. Tem verdades que nascem antes dos nomes, atravessam os séculos, se reinventando em novas formas, mas sempre carregando sua antiga potência. Tempo, tudo aquilo que não se limita ao agora, que não pertence a um único momento, mas ecoa além dele (Wilker, 2025).

¹¹ Wilker: Sou uma árvore de grande copa que atravessa a casa em construção que habito. Sou o vento de Teresina, quente e forte. Sou um *moletom de uma marca que gosto. Sou um remédio para dor que ajuda a sarar um nariz quebrado. Sou uma nave espacial que voa sobre um bairro periférico de uma cidade turística. Às vezes, sou companheiro, mas ausente, problemático e questionador. Sou delicado e genioso assim como um espetáculo confuso, mas engraçado. Sou hip-hop que cura as dores na cabeça e abraça. Na internet, sou low profile, mas as vezes chamaria atenção. Wilker [Valdecy Wilker da Rocha Barrozo]. “Sobre Quem sou eu”. WhatsApp (Mensagem Individual), 27 jun. 2025, 16:29. Meu cofacilitador, a quem agradeço todo o apoio e companheirismo durante a minha pesquisa.

MEDO: ENTRE O TREMOR DO CORPO E OS MUROS DO MUNDO

[...] agora ela voa, ninguém maltrata ela, ela sente amor no coração. O poder dela é ficar voando [...] o poder dela é ficar voando e também ela pegou um barco e saiu para onde estavam os pais dela para buscar as coisas dela e ir para a casa que ela comprou. Agora ela ia ser feliz no corpo mutante voadora, ela ia voar.

(Grupo-pesquisador *apud* Adad, 2012, p.271)

Um amigo pesquisador, Wesley Rodrigues, doutorando em educação, em uma conversa me orientou a fazer um movimento de extrapolação do conhecimento que eu já havia adquirido, para ficar mais aberta a absorver novos conhecimentos. Fiquei pensando em como extrapolar para adquirir, e este amigo me trouxe a resposta, convidando-me a proferir uma palestra sobre “O medo na escola”, de modo que pudesse passar o que eu já tinha aprendido para professoras da rede pública municipal de Teresina. No primeiro momento, congelei. Falar o que tinha aprendido me fez buscar, naquele mesmo instante, por essas informações em minha memória. Nada, estava vazia. Mas aceitei, e, de volta para casa, tive que materializar essa palestra, e foi, a partir dessa experiência, que planejei como escrever este capítulo.

Extrapolar ajudou-me a criar novas conexões, erguer pontes entre o conhecido e o desconhecido, levar meu conhecimento a novos contextos, colocá-lo à prova. Trago o modo como realizei meu processo de aprendizado, levando-me a pensar sobre a emoção do medo para além do que já trazia comigo, o que ele reproduz em mim. Meus medos, como o de olhar debaixo da cama à noite, de andar sozinha pela rua, de perder um membro de minha família, de ser morta ou molestada (o que é um medo bem próprio de ser mulher), de lugares pequenos e fechados, de não dar conta, do desemprego.

À medida que lia sobre essa emoção, percebi que seus primeiros tremores se apresentam no corpo, produzindo suor, aceleração e vigilância, e revela sua importância para nossa autoproteção e nossa preservação. Depois, o medo apresenta-se na forma de dispositivos sociais, operando de forma invisível, através de discursos, comportamentos, encontros e afetos, passando, assim, a ser utilizado como instrumento de poder.

Eu lia, ia dando conceitos e entendendo esses medos, mas ainda não compreendia como colocar no papel esse meu processo de aprendizagem, que considero importante para o entendimento do conjunto de conceitos que trago em minha dissertação, como: juventude,

escola, e para a maneira como planejei minhas oficinas para produção de dados e as análises pensadas como facilitadora.

Como pesquisadora “Maluca Beleza”, estudo o medo na escola não apenas pelo tremor biológico provocado pelo circuito cerebral do medo, mas também pelo tremor do meu corpo quando subverto normas e busco metodologias dissidentes para pensá-lo. A via rápida emocional do medo dispara e me lembra do risco de pensar diferente, não perdendo de vista a necessidade de desterritorializar esse pensar e, junto com a via lenta, cuidadosa com minha obrigação de pesquisadora, alimento-me de autores, como Bauman, Safatle e outros “malucos belezas”, que transformam esse medo em potência política, e faz pensar, e dançar com minhas memórias, sempre lembrando que pesquisar é aceitar que a ciência é paixão, é rebeldia, é método e rigor. É falar no medo não somente como uma emoção marginalizada, mas como necessária e, por vezes, emancipadora, lembrando-me que estou viva, pensante e criativa.

Em meu artigo de TCC, eu trouxe Spinoza, o corpo e suas afecções. Para o filósofo, o corpo é uma potência em ato, uma força de existência que se modifica ao entrar em contato com o mundo e com outros corpos, pelos quais ele pode afetar e ser afetado. Esses encontros são chamados de afecções, e as experiências a partir dessas afecções são os afetos. Essas experiências afetos podem aumentar ou diminuir nossa potência de existir e agir no mundo. Quando aumentam, são chamados de encontros alegres - um bom encontro, e, quando diminuem, encontros tristes - um mau encontro. O filósofo chama a alegria e a tristeza de afetos primários, de onde surgem todos os outros afetos (Trindade, 2014).

O medo, para Spinoza (2009), é um afeto triste, como uma “tristeza instável”, proveniente de algo duvidoso e que tememos, “[...] à medida que deixa o homem numa situação tal que ele evita, em troca de um mal menor, um mal que julga estar por vir”.

Assim, o medo chega até nós por meio da aprendizagem do corpo: é um afeto triste que surge de encontros com outros corpos, situações ou objetos que nos paralisam. Um mau encontro, portanto, que reduz nossa potência de agir e existir, afastando-nos da realidade.

Tienen miedo de reír y miedo de llorar
Tienen miedo de encontrarse y miedo de no ser
Tienen miedo de decir y miedo de escuchar
Miedo que da miedo del miedo que da. (Julieta Venegas¹²)

¹² Julieta Venegas, é compositora, cantora e musicista mexicana, toca piano, acordeão e violão. Premiada com discos de ouro no México, EUA, Argentina, Brasil e Espanha. Embaixadora da Boa Vontade pela UNICEF. Ouça em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZYOF-K0OFXI>

Em uma palestra para o Café Filosófico da TV Cultura, em 2024, o psiquiatra Paulo Gaudêncio trouxe a reflexão de que o homem equilibrado tem todas as emoções penduradas nele, e que todas são boas, com resultados que podem ser tanto bons quanto ruins. Essa ideia reforça o que aprendi com Spinoza (2009), o que vai influenciar a equação para obter esses resultados são os encontros, as experiências afetos de encontros bons ou ruins.

Spinoza e Gaudêncio sugerem que pensemos sobre a origem de nossas emoções, de onde elas vêm, que encontros foram capazes de criá-las ou potencializá-las. Devemos nos questionar de onde vem o medo, em que encontro ele foi criado, lembrado e potencializado, de que modo esse encontro diminuiu a nossa potência de vida. É fundamental estarmos atentas a essas questões, pensarmos nos encontros e nos afetos que cultivamos, porque estes moldam a vida que construímos para nós.

O psiquiatra analisa o medo trazendo três aspectos que, para ele, são importantes quando pensamos nessa emoção: sua função de salvar vidas, quando nos prepara para a reação de luta ou fuga diante de um sinal de perigo; sua função pedagógica, que ensina sobre limites, a respeitar esses limites, pois sem medo não se aprende sobre as normas; e a contribuição do medo para a ordem social.

No modo sobrevivência, o medo prepara nosso corpo para reagir às ameaças e disparar em nosso corpo a reação de luta ou fuga. Essa é a expressão fisiológica e biológica no cérebro, é uma resposta orgânica do corpo. Entender o básico sobre esse modo foi importante para a construção do meu entendimento sobre o medo, que este não é apenas subjetivo, que tem bases neurológicas e fisiológicas. Lutar ou fugir são reações de autoproteção e preservação, um dos principais mecanismos de sobrevivência da espécie humana durante esses milhões de anos de evolução, uma resposta fisiológica ancestral.

Para pensar nessa resposta do corpo ao medo, busquei entender como ele acontece em nível cerebral, e descobri que existe um circuito que envolve algumas estruturas cerebrais que trabalham juntas para detectar e receber estímulos de ameaça, e que podemos chamar essa estrutura de circuitos neurais do medo. Assim, a partir do meu olhar de pedagoga, que tem a intenção de pensar em como acontece o medo a partir desse circuito, não tendo a intenção de estender seu olhar como uma neurocientista, ou uma psiquiatra, trago uma explicação simplificada, o suficiente para entender como a percepção de perigo chega ao cérebro, a resposta imediata que ele produz, e como essa resposta é regulada, o que me ajudará a entender o medo, como ele nos afeta de maneira física e emocional, interferindo em nossos modos de viver e ver o mundo.

Algumas estruturas no cérebro trabalham juntas para detectar ameaças e responder de forma emocional e rápida, e depois de forma racional, como esclarecem Sanches e Rodrigues (2023, p. 4-5):

Tálamo - decide para onde enviar os dados sensoriais recebidos (dos olhos, dos ouvidos, da boca e da pele).

Hipocampo - armazena e busca memórias conscientes, além de processar conjuntos de estímulos para estabelecer um contexto.

Córtex sensorial - interpreta os dados sensoriais.

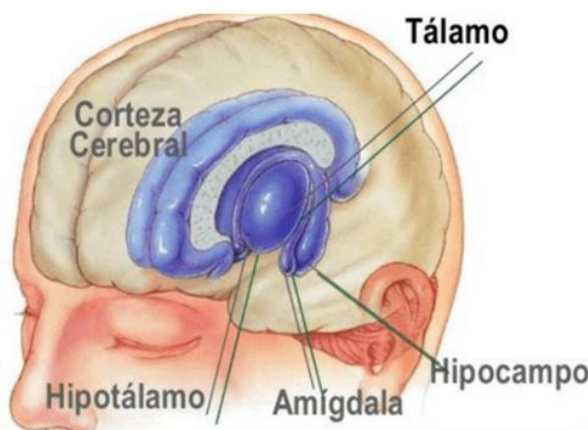
Amígdala - decodifica emoções, determina possíveis ameaças como modulador para armazenar memórias do medo.

Hipotálamo - ativa a reação de "luta ou fuga".

Os autores ensinam que o medo é um sinal de perigo, de ameaça ou conflito, que desencadeia estímulos que dão origem ao nosso comportamento de defesa ou de fuga, e que a amígdala recebe informações de todos os sistemas sensoriais, desempenhando um papel importante para a detecção, geração e manutenção do medo, inclusive no reconhecimento das expressões faciais e respostas relacionadas a ele.

Hakme e Santos (2013) e Sanches e Rodrigues (2023) discutem o circuito neural do medo, permitindo-me trazer de forma simplificada e explicativa por meio da Figura 5.

Figura 5 - Desenho do Circuito Neural do Medo



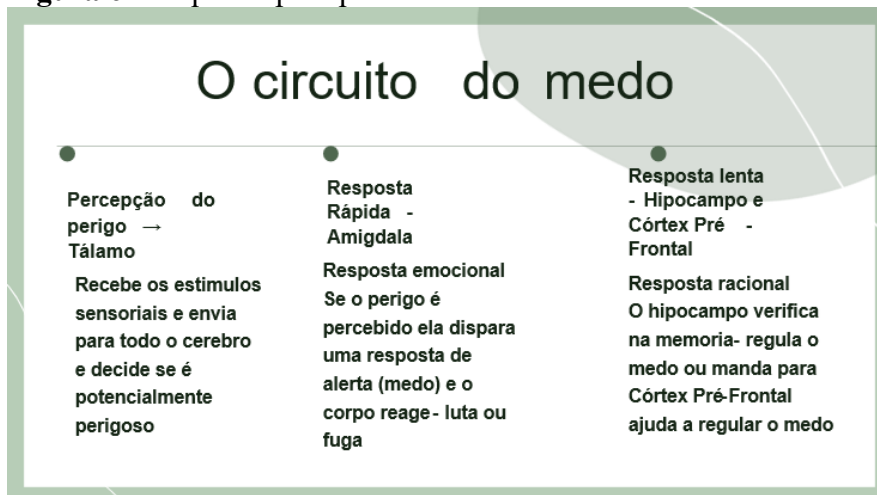
Fonte: ANDREA,GoComqr (2017).

Segundo os autores, a percepção de perigo, recebida através dos sentidos, chega ao cérebro pelo tálamo, que vai funcionar como uma espécie de central de processamento e distribuição desses estímulos. Esse processamento pode seguir por duas vias. Uma via, de resposta rápida, os estímulos são enviados à amígdala, que é nosso centro de alarme emocional, nela estão guardadas lembranças e reações emocionais que ajudam a processar, de forma

instantânea, o estímulo do medo, desencadeando, de forma imediata, nossas reações de luta, fuga ou congelamento, mesmo antes de termos consciência plena da ameaça, o que explica porque pulamos na rua quando ouvimos um barulho de buzina muito alto. Esse estímulo rápido é necessário para produzir uma reação instantânea do corpo ao perigo e manutenção da sobrevivência.

Por meio das pesquisas citadas, entendo que a via de resposta mais lenta e analítica se dá quando o tálamo envia a informação para o córtex sensorial, que envolve o hipocampo e o córtex pré-frontal, informação essa enviada, ao mesmo tempo, para a amígdala. O hipocampo recebe a informação e compara a outras experiências para conferir se a ameaça é real ou apenas semelhante às memórias de ameaças anteriores. Esse processo de decisão reduz ou aumenta a resposta de medo. Se o medo não fizer sentido, ele manda uma mensagem para o córtex pré-frontal que decide se a reação ao medo foi necessária. O córtex pré-frontal atua como um moderador emocional, analisando a informação enviada pelo hipocampo de forma racional, inibindo ou não a resposta exagerada da amígdala.

Figura 6 - Esquema para palestra na SEMEC



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Hakme e Santos (2013) apontam ansiedade, apreensão, nervosismo, preocupação, consternação, cautela, escrúpulo, inquietação, pavor, susto, terror, fobia e pânico como características do medo, e completam:

Tão logo esses sinais são recebidos, você fica inteiramente possuído pelo medo: percebe o característico aperto nas entranhas, o coração acelerado, a contração da musculatura do pescoço e dos ombros, o tremor nos membros; o corpo se imobiliza você fica atento a outros sons e, em sua cabeça, você visualiza todos os perigos possíveis e como vai reagir a cada um deles. Toda essa sequência — da surpresa para a incerteza, da incerteza para a apreensão, da apreensão para o medo — ocorre em torno de um segundo (Hakme, Santos, 2013, p.10).

Segundo Goleman (1996), a amígdala é importante para esse circuito, e através das palavras dele, estendemos um pouco mais nosso entendimento do tremor que o medo causa ao corpo, lembrando que esse entendimento é para pensar no que o medo causa ao corpo, não é fixar o entendimento das partes do cérebro e secreção de hormônios e suas funções:

Quando soa um alarme, digamos, de medo, ela envia (**a amígdala**) mensagens urgentes às principais partes do cérebro: dispara a secreção dos hormônios orgânicos para lutar ou fugir, mobiliza os centros de movimento e ativa o sistema cardiovascular, os músculos e os intestinos. Outros circuitos da amígdala enviam sinais para a secreção de gotas de emergência do hormônio noradrenalina, para aumentar a reatividade das principais áreas cerebrais, incluindo as que tornam os sentidos mais alertas, na verdade deixando o cérebro de prontidão. Os outros sinais da amígdala dizem ao tronco cerebral para afixar no rosto uma expressão de medo, paralisar movimentos que os músculos estariam em vias de executar, acelerar a pulsação cardíaca, aumentar a pressão sanguínea e reduzir o ritmo da respiração. Outros fixam a atenção na causa do medo e preparam os músculos para reagir de acordo. Simultaneamente, sistemas da memória cortical são vasculhados em busca de qualquer conhecimento relevante para a emergência em questão, passando por cima dos outros fios de pensamento (Goleman, 1996, p. 42, grifo nosso).

O medo faz o corpo tremer, o coração disparar, o cérebro mobilizar-se, os músculos contraírem, os membros tremerem. Um artigo postado na página Clube de Meditação (2021) fala que o tremer é uma reação instantânea diante de uma emergência, ação necessária à nossa sobrevivência. Porém, no mundo atual, a estrutura do circuito do medo em nosso cérebro é a mesma de nossos ancestrais, fazendo com que este circuito seja ativado diante de um enfrentamento, como assaltos, brigas, discussões no trânsito, embates acadêmicos, ameaças físicas e morais, assim como em situações de enfrentamento no trabalho, na escola, de contas para pagar, quando somos injustiçados, depreciados, criticados, assediados, agredidos verbalmente. Na maioria desses casos, não podemos fugir e nem lutar, somente nos controlar, manifestar raiva, argumentar, isolar-nos socialmente, usar álcool ou drogas como fuga, televisão *etc.* Pode-se incluir:

(...) tentar convencer ou bajular os outros para te deixarem sair de uma situação estressante, lisonjear o agressor, se encolher em obediência ao abusador, tentar agradar e buscar favor de seus algozes, oferecendo alternativas; fazendo qualquer coisa necessária para nos salvar, incluindo se humilhar (Clube de Meditação, 2021, s//p).

Continuando com o artigo, a tendência é voltar à normalidade com uma resposta de relaxamento, o que, em nosso tempo, muitas vezes não acontece, e permanecemos na reação de luta/fuga por períodos prolongados, desencadeando doenças físicas, emocionais, e provocando comportamentos indesejados. Esses medos modernos são acionados de forma simbólica,

ameaças simbólicas e subjetivas. Nossas ameaças, hoje, estão no campo social e de convivência, o embate não precisa ser físico, mas o verbal funciona como uma resposta ativa, falar como se sente ajuda a escoar.

Na História do medo no ocidente, Delumeau (2009) lembra que o medo habita em toda parte, que todos temos medo, das mais variadas formas, como o medo do mar, do que é novo, do que é antigo, do amanhã, da noite, do pecado, do diabo, medo do outro. Ele nos faz pensar que o medo tem uma perspectiva individual e coletiva, e que quando sai de um para o outro, o comportamento da multidão exagera o comportamento individual, e esse excesso individual agrava o medo e a capacidade do homem em influenciar o outro. O autor usa o mecanismo de segurança para proteger a cidade de Augsburg, Alemanha, do século XVI, como metáfora para salientar que as coletividades, indivíduos e as civilizações estavam em constante diálogo com o medo, e a cidade sitiada é uma forma de pensar que as ameaças constantes criaram uma cultura de vigilância e angústia coletiva.

Essa perspectiva histórica revela que o medo não é apenas uma emoção individual e passageira, ela é um elemento estrutural, que define comportamentos e organiza as relações de poder ao longo de séculos.

A sociedade moderna nasce quando desaparece a comunidade, onde seus destinos e de cada membro, de forma natural, estava ligada a uma fonte divina externa, que definia o lugar fixo de cada um desses membros, e estabelecia uma hierarquia. Seu governante era um intermediário do divino, e tudo que vinha dele era a própria expressão da vontade desse Deus. Não havia distinção entre o divino, o governante e a sua razão, vontade e poder. “A comunidade é uma realidade orgânica, divinizada, naturalizada e praticamente imóvel ou imutável, dirigida por forças que lhe são transcendentais” (Chauí, 1989).

Segundo Chauí (1989), o medo nas comunidades estava ligado ao seu próprio fim, por obra de um tirano ou de um demônio, de perder a proteção divina, ou de ser julgado pelos seus representantes na comunidade, de tudo que fosse obra do inimigo de Deus, como demônios, feiticeiras, bruxos, hereges, ateus, tiranos, fomes, cataclismas, um medo teológico-político. Com o advento da sociedade moderna, o medo se expande para um medo sócio-político:

Assim, ao lado do medo de Deus e do Diabo é do medo à Natureza, os homens passam a ter um medo fundamental: têm medo uns dos outros enquanto seres humanos. Onde as teorias políticas modernas do “homem lobo do homem” e da “guerra de todos contra todos”. O medo, que antes era teológico-político, torna-se medo sócio-político e medo do humano OU como dizia Riobaldo: “Tenho medo de homem humano” (Chauí, 1989, p.18).

Seguindo com Chauí (1989), quando o homem passa a ser visto como sujeito social, político e histórico, o medo passa a fazer parte da própria sociedade. No Brasil, o medo é retrato

das desigualdades sociais, pois cada classe vive o medo de forma diferente. As elites temem perder seus privilégios, a classe média teme perder status e posição social, as classes populares temem a violência e a marginalização. O medo é ferramenta de controle para manter privilégios, poder e riqueza.

Percebo que a divisão social está impregnada pelo medo, o que divide e dificulta a união em torno de uma luta comum, criando muros de medo, afastando possibilidades de cura coletiva.

Figura 7 - Foto Muro é Medo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Passando por uma rua¹³ em Teresina, li essa frase em um muro, o que me remeteu ao álbum *The Wall*, do Pink Floyd¹⁴, que foi para o cinema através de uma Ópera Rock. O personagem central é Pink, baseado nas experiências de vida de Roger Waters, letrista e baixista da banda. As músicas vão reproduzindo o modo como Pink constrói seu muro imaginário de dor, abandono e tristeza que o separa do mundo à sua volta. O primeiro tijolo no muro é a dor

¹³ Rua Marcos Parente, esquina com Av. Cel Costa Araújo, Bairro de Fátima, Teresina/PI.

¹⁴ Banda britânica de rock. Integrantes: Roger Waters, Devid Gilmour, Richard Wright e Nick Mason.

pela perda do pai durante a Segunda Guerra Mundial: “Another Brick In The Wall (Pt. 1)¹⁵”. O segundo tijolo é a escola:

Nós não precisamos de nenhuma educação
We don't need no education

Nós não precisamos de nenhuma lavagem cerebral
We don't need no thought control

De nenhum sarcasmo velado na sala de aula
No dark sarcasm in the classroom

Professores, deixem as crianças em paz
Teachers, leave them kids alone

Ei! Professor! Nos deixe em paz!
Hey! Teacher! Leave us kids alone!

Em suma, você é apenas mais um tijolo no muro
All in all, you're just another brick in the wall

(Another Brick In The Wall (Pt. 2) - Pink Floyd)

O terceiro tijolo, “Another Brick In The Wall (Pt. 3)”, as drogas, a depressão, um adulto exposto às violências sociais, que constrói um muro em que os tijolos são o sistema educacional repressor, uma mãe dominadora, as drogas, um casamento que não dá certo e o estrelato.

Os muros da cidade não são somente metafóricos, expressam nossos medos: da violência, do outro desconhecido, de como somos vistos e respeitados. Safatle (2015) concebe o medo como um afeto que desempenha um papel importante na formação de corpos políticos, exercendo influência decisiva sobre as estruturas das relações sociais. Esse afeto atua como um potente mecanismo de controle social, criando um sentimento de desamparo. Assim, os indivíduos se sentem impotentes diante das forças sociais e políticas que limitam suas ações e sua expressão. Como consequência, são encaixados dentro de normas e expectativas sociais pré-estabelecidas, tanto explícitas quanto implícitas, desde aquelas claramente enunciadas até as que agem em silêncio.

Enquanto sistema de reprodução material de formas hegemônicas de vida, sociedades adotam tais formas de força de adesão ao produzir continuamente afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vida a despeito de outras. Devemos ter sempre em mente que formas de vida determinadas se fundamentam em afetos específicos, ou seja, elas precisam de tais afetos para continuar a se repetir, a impor seus modos de ordenamento definindo, com isso, o campo dos possíveis. [...] Uma sociedade que desaba são também sentimentos que desaparecem e afetos inauditos que nascem [...] (Safatle, 2015, p. 8).

¹⁵ Ouvir em: <https://youtu.be/mP-ZAgsMAkE?si=tAaJ8aywmM4c-QK7>

Em uma sociedade que valoriza intensamente a individualidade e institucionaliza as liberdades individuais, o medo acaba por fomentar uma cultura centrada na segurança. Safatle (2015) nos convida a refletir sobre como essa busca por segurança está profundamente vinculada à forma como o indivíduo é reconhecido e representado como sujeito. Para ser reconhecido, o sujeito precisa afirmar atributos sobre si, tornar-se um “proprietário de si”, o que Safatle chama de predicado. No entanto, esse reconhecimento social só é concedido quando nos encaixamos em categorias pré-fabricadas pelo sistema. Assim, os direitos e a proteção são condicionados à performance de identidades fixas, como gênero, raça e classe, restringindo a existência social à conformidade com normas previamente estabelecidas.

Desse modo, podemos pensar que alguns sujeitos não se encaixam na performatividade social, e que o modo como são reconhecidos e representados os destitui de direitos sociais, como a segurança, envolvendo as suas vidas pela incerteza e pelo medo. Como as mulheres, as juventudes negras, LGBTQIAPN+, indígenas e Pessoas com Deficiência, que constantemente têm que reafirmar suas identidades para serem reconhecidos e representados, e garantirem a frágil proteção que suas identidades oferecem.

Bauman (2022) mapeou os medos sociais, chamando-os de medos derivados, que têm origem em um medo primário: o da morte. Esse medo emerge do sentimento de suscetibilidade, da percepção de estar exposto a um mundo repleto de perigos que podem se manifestar de forma inesperada. Essa exposição gera dois estados afetivos centrais: a insegurança, que diz respeito à imprevisibilidade das ameaças; e a vulnerabilidade, que se refere à incapacidade de escapar ou se defender delas. Esses sentimentos moldam nossa visão de mundo e provocam reações que são, elas mesmas, movidas pelo medo. Como o próprio autor afirma: “Medo é o nome que damos à nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito — do que pode e do que não pode — para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance” (Bauman, 2022, p. 8). O autor identifica esse medo em três tipos:

Alguns ameaçam o corpo e as propriedades. Outros são de natureza mais geral, ameaçando a durabilidade da ordem social e a confiabilidade nela, da qual depende a segurança do sustento (renda, emprego) ou mesmo da sobrevivência no caso de invalidez ou velhice. Depois vêm os perigos que ameaçam o lugar da pessoa no mundo - a posição na hierarquia social, a identidade (de classe, de gênero, étnica, religiosa) e, de modo mais geral, a imunidade à degradação e à exclusão sociais (Bauman, 2022, p. 10).

Vemos que Bauman (2008) mostra que os medos não são de coisas aleatórias, mas daquilo que deveria nos dar segurança: o medo de perder nosso corpo, pois o corpo seria nossa última propriedade, é um medo concreto da perda do corpo e dos bens; o medo do abalo às instituições, que prometiam ordem, mas que podem desaparecer pelo rompimento da estrutura

política ou econômica, tirando emprego, aposentadoria, plano de saúde, previdência, o Sistema Único de Saúde (SUS), um colapso da ordem social que mantém a “normalidade”; e o medo existencial, a perda de nosso lugar no mundo, do status social, de que nossa identidade seja desqualificada, deixando de ser reconhecida e representada, digna de proteção.

As juventudes que pertencem à diversidade têm suas vidas expostas à violência. São alvo do medo concreto: a perda do corpo, a dificuldade de acesso à saúde, à escola e ao mundo do trabalho. Além disso, a cada dia, são confrontadas em suas identidades e lutam para não virarem fantasmas sociais que as levará à morte. Essas juventudes são encaixadas dentro do que Safatle (2015) chama de expectativas sociais pré-estabelecidas, que diminui potências de vida. Seus medos são sociais, como expresso por um copesquisador de Rodrigues (2023), que relatou sua surpresa ao ver um colega de Piripiri ingressando no mestrado, destacando que, até então, não imaginava que pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ pudessem alcançar níveis tão altos de escolaridade. Segundo ele, em sua vivência local, era comum ver homens gays atuando cozinheiros, cabelereiros, e até na prostituição. A participação na pesquisa o fez perceber que também é possível para pessoas LGBTQIAPN+ acessar o ensino superior e construir uma trajetória acadêmica.

Esses medos provocam temores, o corpo treme diante de uma experiência contínua de viver com medo no mundo líquido. Bauman (2022) chama de tremores existenciais, provenientes do medo constante de não ter valor, não ser necessário, de ser invisível, de não ter futuro, da sensação constante de ameaça, de não serem endereçados. Inegavelmente, o medo faz o corpo tremer. “O ciclo do medo e as ações por ele ditadas não prosseguiram ininterruptamente nem ganhariam velocidade se não extraíssem sua energia dos temores existenciais” (Bauman, 2022, p. 173). Podemos pensar que, quando o corpo treme, a amígdala reage.

Nessa linha de pensamento, eu trago para me ajudar Sueli Carneiro (2023) e penso no medo como dispositivo de biopoder que opera sobre as/os jovens, um modo de governar pela gestão da vida, o poder de fazer viver e deixar morrer, controlando e regulando aspectos relacionados à saúde, reprodução, qualidade de vida, o biopoder estatiza o biológico, e subalternizar os seres humanos que não estão dentro do que é considerado ideal de cor, raça, gênero, identidade de gênero, origem, classe social.

Seguindo nessa perspectiva do biopoder, Carneiro (2006) me fez pensar que as juventudes negras não tem apenas o medo concreto da violência e da exclusão, mas também o medo do discurso, quando especialistas e membros da sociedade tentam desracializar o debate sobre as cotas e acabam por ignorar as desigualdades reais inscritas na cor da pele, perpetuando,

na prática, com medo de perder privilégios históricos da supremacia branca, condenando essas juventudes à invisibilidade e à margem da sociedade. Ou seja, sobre as juventudes negras institui-se o medo do medo que o outro sente.

Tenho medo de gente que tem medo de gente, como aquele ex-presidente da ditadura militar que tinha horror até do cheiro de povo. Tenho medo especialmente de quem tem medo de gente pobre, preta, de gente que veio de baixo e ousou sair do lugar que lhe estava destinado como um vaticínio. (...) Tenho medo de quem é capaz de usar o medo para acovardar outros; para domesticar consciências, manter o status quo e inviabilizar a emergência de qualquer alternativa. Que tentam nos convencer que esgotou-se a capacidade humana de criar, sonhar e cultivar a esperança.(Carneiro, 2008)

Na escola, as sanções normalizadoras se dão através da imposição do silêncio, do controle das roupas usadas, do andar de mãos dadas, das conversas em grupo, ameaças de levar ao pai o comportamento não desejado pela escola, e ameaças de expulsão. Essas sanções fazem parte da convivência na escola, envolvendo professoras/es, gestoras/es, alunas/os e funcionários/as.

SOCIOPOÉTICA: TRAÇANDO MEUS PASSOS DE PESQUISADORA

O criador da Sociopoética, Jacques Moendy Gauthier, em seu último livro, “Sociopoética e Contracolonialidade”, refere-se aos cinco princípios norteadores do método como estrelas sociopoéticas. No livro, deparei-me com um poema chamado “A Decisão” (Gauthier, 2024, p.62):

[...] Já sou fruta
E uma mão de criança está me colhendo
E uma mão de criança está me sacudindo
E as estrelas no meu coração estão dançando [...]

É como me sinto quando penso em como a pesquisa Sociopoética é realizada. Entrar na pesquisa, preparar-me para ela, ler autoras e autores, poemas, músicas, ouvir-me, sentir-me, ouvir e sentir o outro, processos que me ajudarão a amadurecer na pesquisa. Como ouvir o outro? Esse exercício é imprescindível para uma pesquisa Sociopoética, vibrar em harmonia com o outro, sem a intenção de sobrepujar.

Ser colhida pelas mãos de uma criança é manter a inocência e nunca olhar para as coisas e pessoas do mundo como se já os conhecesse. O olhar inocente frente ao outro evita que eu, como pessoa e pesquisadora, procure afirmar o outro como uma extensão de mim, ou com algum estereótipo trazido pela minha experiência social. A curiosidade deixa-me aberta ao aprendizado, para adquirir novos conhecimentos e ressignificar o que já foi adquirido. É ser sacudida pelas mãos dessa criança: inocência e curiosidade.

Ter estrelas no coração é ter esperança, é dar luz aos bons sentimentos que trazemos no coração, nossas emoções e sonhos, para nos lembrar que, mesmo nos momentos mais difíceis, em que sentimentos de medo tomam conta da gente e os desafios parecem ser intransponíveis, elas continuam a brilhar, mostrando-nos novos caminhos. As estrelas também são inspiração, trazem novas ideias, que mexem e misturam-se às antigas, impulsionam-nos a perseguir nossos objetivos. Levam-nos, ainda, à busca de aprendizagem, à descoberta de conhecimentos, através de novas experiências. Como canta Ana Vilela¹⁶, em sua música “Dádiva”:

É tão bonito quando a gente perde o brilho
Então a vida nos faz o favor de entregar pro coração
Pedacos de estrelas no céu pra outra vez nos iluminar
Com um sorriso ou dois, ou um segredo que se expôs
Tão gentilmente que nem deu pra perceber
Um abraço apertado ou uma voz do outro lado
De uma ligação só para acalmar o coração

¹⁶ Compositora- cantora brasileira. Ouça em: <https://youtu.be/USXsEtGet1A?si=oTOA78I IHU804jE>

As estrelas da Sociopoética iluminam meu caminho na pesquisa, lembrando-me que estou conectada ao cosmo, que faço parte de um mundo interconectado, de uma natureza interconectada a qual pertencemos. Tudo o que fazemos, nossas ações e pensamentos, produzem ação e provocam um impacto no mundo e nas pessoas ao nosso redor. Essa premissa leva-nos a pensar na responsabilidade, no comprometimento, na importância de nos comprometermos com a comunidade.

A primeira vez que me vi provocada a pensar em comunidade foi através dos ensinamentos da religião da Grande Deusa. Nessa religião, o sentimento de comunidade abrange animais, plantas, terra, pedras, ar, água, fogo e vento, enfim, todos os sistemas de energia que vão manter a vida no universo. Aqui, sempre pensei nas diversas possibilidades de energias que não temos o alcance de conhecer as existências que elas trazem, já que fazem parte de outras esferas e outros mundos, mas que, na visão dessa religiosidade, estão conectadas a essa comunidade universal. E dentro dessa comunidade, crescemos e transformamo-nos através das interações íntimas e das batalhas comuns, em uma ação coletiva para a criação de um mundo justo e equilibrado, onde todas as formas de vida-energia sejam respeitadas e valorizadas. É desta comunidade que quero fazer parte (Starhawk, 1993).

É essencial promover a inclusão de todos nessa comunidade universal, por meio de um diálogo CRI-CRI, criativo e crítico, como propõe Gauthier (2016). Esse diálogo se constrói a partir da aprendizagem mútua, reconhecendo e valorizando as diferenças entre os saberes que emergem da comunidade, da ancestralidade, da cultura e da vida social do grupo-pesquisador. Trata-se de explorar as potências criativas do corpo, gerando rizomas existenciais e epistemológicos, e integrando ao conhecimento dimensões como a espiritualidade, a solidariedade, o amor e a compaixão por todos os seres vivos. Para Gauthier (2016, 2024), a espiritualidade se apresenta como o principal marcador contracolonial da metodologia, desafiando paradigmas hegemônicos e abrindo espaço para outras formas de saber e existir.

A Sociopoética se configura uma abordagem contracolonial ao deslocar a produção do conhecimento para os sujeitos envolvidos na pesquisa, produzindo conhecimento a partir de suas experiências compartilhadas e de seus contextos socioculturais, mostrando que esses sujeitos, longe de serem vulneráveis, também elaboram estratégias e formas de enfrentamento, produzindo sentido a partir de sua realidade, que é marcada por criatividade, solidariedade e resistência, reconhecendo que a ciência deve ser produzida para além da academia, deslocando do centro do saber, para o coletivo, comunitário e situado nas culturas de resistência, utilizando

práticas culturais como a arte, rituais, oralidade e corpo como centro do método e da linguagem. (Gauthier, 2020)

A partir do meu sentir a Sociopoética, as cinco estrelas me falam em pesquisar em grupo, com as culturas que foram dominadas pelo colonialismo. Pesquisar com a potência do corpo, utilizando práticas artísticas para produzir dados na pesquisa, e ter responsabilidade ética, política e coletiva pela comunidade que nos acolhe para pesquisar.

Essa perspectiva, inovadora, libertária, ética e política trouxe-me até a Sociopoética. Não imaginei que um dia seria pesquisadora, de forma tão apaixonante, racional e encarnada. Essa admiração é potencializada pelas pesquisas Sociopoéticas que li dentro dos arquivos do OBIJUVE e NEPEGEI, e pelas escritas de Adad, que escreve sobre sua paixão:

Respiro fundo para acalmar o peito, que acelerado pelos batimentos cardíacos, proclama um lastro intensivo – intuição, sensações, emoções e desejos. Tudo escapa, escorre, vaza... Efeitos da paixão que esse método provoca em mim. Decido que escrever sobre ele não é o mesmo que dizer sobre dados quantitativos, tabelas, mapas, generalizações e verdades, pois o que se faz, constantemente, são experimentações de pesquisar palavras mais por amor do que por sintaxe, como faz o poeta Manoel de Barros em sua poesia (Adad, 2014, p. 43).

Adad (2014) compreende a Sociopoética como uma prática filosófica. Isso porque essa metodologia permite a descoberta e a problematização de questões que mobilizam grupos sociais, buscando novas formas de refletir sobre a vida.

Assim, para descobrir os medos que afligem as juventudes na escola, é necessário ouvir as/os jovens contarem sobre isso, deixar que elas/eles se expressem, que sejam capazes de falar sem que sejam calados pelo poder que está imposto dentro da escola, tanto o poder que os submete ao silêncio, quanto ao burburinho que não os deixa respirar, que os fazem falar apenas o que está ordenado, segundo critérios de legitimidade impostos (Larrosa, 2019). Para isso, é necessário silenciar esse burburinho que anula qualquer forma de pensar e falar suas experiências no território escolar, deixar que se faça silêncio, que se crie um “oco” temporário, e que, deste “oco”, apareçam suas próprias impressões. Que sejam suas as vozes que ecoam na escola. Esse ‘oco’ que dá espaço a vozes excluídas possibilita o início de uma pesquisa Sociopoética.

A Sociopoética, com sua abordagem qualitativa, que rompe com as relações de poder próprias das pesquisas acadêmicas, desestabilizando o mundo acadêmico e rompendo com a relação hierárquica entre o conhecimento acadêmico e os saberes populares, sem perder seu caráter científico e didático, orientando-se por cinco princípios, suas cinco estrelas. Reafirmo aqui esses princípios: 1) a formação do grupo-pesquisador; 2) pesquisar com as culturas

dominadas e de resistência; 3) pesquisar com as potências do corpo inteiro; 4) pesquisar utilizando técnicas artísticas; 5) responsabilidade ética, política e coletiva (Adad, 2014).

Nesta metodologia, os dados, chamados confetos (conceitos permeados de afetos), são produzidos através de técnicas artísticas, instrumentos de pesquisa que traçam linhas de fuga, facilitando a expressão e o aprofundamento das singularidades do grupo-pesquisador, porque somente a arte é capaz de trazer à tona o inconsciente coletivo ou individual (Gauthier, 2014). A respeito da produção de confetos, na Sociopoética:

Passamos a dizer que essa abordagem de pesquisa é uma prática filosófica, pois: descobre os problemas que inconscientemente mobilizam os grupos sociais; promove a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida; favorece a criação de confetos – conceitos contextualizados no afeto e na razão, na sensualidade e na intuição, na gestualidade e na imaginação do grupo-pesquisador –; e possibilita a criação de conceitos desterritorializados, que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos e teóricos profissionais (Adad; Santos; Sousa; Sousa, 2017, p. 76).

Gauthier (2012) trata o grupo-pesquisador como um ser único, um filósofo. Para o autor, durante a pesquisa, não devemos apenas pensar no que pensa o grupo-pesquisador, mas é importante descobrir como ele pensa, por isso são chamadas/os de copesquisadoras/es.

Em um artigo, publicado com minha orientadora, falamos da potência da metodologia da Sociopoética:

Por fim, percebi a potência e contribuição da abordagem Sociopoética na produção de um pensamento juvenil coletivo, crítico e inventivo sobre os temas, problemas, confetos cartografados das dissertações envolvidas nesta pesquisa (de TCC) a partir da possibilidade que ela traz, como método de pesquisa, da possibilidade de participação do jovem inserido no grupo-pesquisador, e que através dos confetos, me trouxe a possibilidade de conhecer o medo que afeta os jovens dentro da escola. (Ribeiro; Adad, 2025, p. 19, grifo nosso).

Logo, transformar jovens da escola em pesquisadores, e, portanto, em filósofos, é dar espaço de fala para as vozes silenciadas no interior da escola, através da produção de conhecimentos que relatem seus medos, suas formas de resistência, compreendendo como esses medos influenciam seu modo de habitar a escola.

Nesta metodologia, a pesquisadora exerce a função de facilitadora. Segundo Gauthier (2009), esta deve interferir de maneira metódica, sabendo escolher as técnicas artísticas que produzirão os dados, mediadas por oficinas, como analisar esses dados e organizar a análise crítica com o grupo-pesquisador. O autor ensina:

Os facilitadores e facilitadoras devem esvaziar-se. O momento deles, delas, é quando examinam o conjunto das produções do grupo, em casa ou na mata, para tentar

entender como se configura o conjunto desses dados, quais as grandes linhas de pensamento e afeto que divergem, convergem, se completam ou contradizem, para depois voltar ao grupo pedindo que este avalie essa reflexão e a complete, critique, precise... (Gauthier, 2025, p. 41).

A Sociopoética permite-me entrar em devir facilitadora- maluca-beleza, comprometida com a liberdade, a autenticidade e a responsabilidade com meu grupo-pesquisador, trazendo emoção, intuição e razão através do corpo para dentro da pesquisa. Nesse movimento, valorizo o encontro com o outro, a ludicidade, a arte, o sonho para a produção de conhecimento, possibilitando a criação de novas formas de ver, sentir e viver o mundo. Estando em devir facilitadora-maluca-beleza, eu renuncio a toda forma de poder e passo a olhar para o conhecimento produzido, um olhar ativo, interrogativo, que indaga, investiga e crítica.

O primeiro passo para a realização da pesquisa foi a escolha de uma escola pública de Ensino Médio, como será relatado no próximo item, no tópico sobre o território da escola.

Ao adentrar o território da pesquisa, contei com o apoio de duas pessoas comprometidas com a pesquisa e a produção de conhecimento. A primeira pessoa foi Luan Andrade, que chegou a mim pela amizade com minha orientadora, e me encantou por sua gentileza e delicadeza em acolher e orientar. Passei a admirá-lo pelo seu trabalho com as pessoas da classe trabalhadora que lutam por uma vida melhor, que lutam por moradia. Ele acredita em “sair de si” como partilha, colocar-se a serviço e ver o serviço como uma dádiva. Acredita que o conhecimento é responsabilidade e compromisso, que é preciso cultivar uma espiritualidade libertadora, a que faz tremer frente às injustiças, que nutre a fé no amor ao próximo, que acolhe os valores espirituais vivos no povo (OPA, 2021).

Luan abriu as portas para me conectar com a segunda pessoa, a Professora de Arte do IFPI, Aracely Lucena, mestra em arte, educadora, museóloga e caçadora de asteróides¹⁷. Com amorosidade, responsabilidade com o saber e o conhecimento científico, acolheu-me e abriu as portas para a formação do meu grupo-pesquisador, sendo responsável por fazer o link com as/os seis alunas/alunos que se comprometeram a participar da pesquisa, assim como a escolha e disponibilização da sala para a realização das Oficinas. Por diversas vezes, agradei, mas sinto que não foi o suficiente. Obrigada, Professora!

¹⁷ Professora Aracely Lucena orientou o Programa Caça Asteróides - MCTI, e, junto com sua equipe, composta por seis alunas do IFPI, encontraram 17 asteróides. <https://www.ifpi.edu.br/teresinacentral/noticias/alunas-do-teresina-central-descobrem-asteroides-e-receberao-medalhas-do-mcti>.

Território de Pesquisa: Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Enquanto alunos de baixa renda dependem da escolarização para criar um novo mundo e sustentar sua capacidade de sonhar habitá-lo, as classes mais favorecidas, no Brasil, tornaram a escola a depositária de sonhos hiperpotentes, em um mundo já conquistado e povoado hobbesianamente pela guerra de todos contra todos (Dunker, 2020, p. 69).

A escola é um território de disputas — de saberes, de culturas, de projetos de mundo — onde múltiplos sujeitos interagem em diferentes níveis de influência e poder. Trata-se de um espaço de produção de sentidos, no qual professoras e professores, alunas e alunos, funcionárias e funcionários, e as famílias constroem coletivamente realidades sociais.

Ao mesmo tempo, a escola é palco de interesses de instituições nacionais e internacionais, do Estado, da igreja, que moldam os saberes legitimados pelo currículo, definem quem deve ser acolhido e reconhecido, e a serviço de quem a educação deve operar. No entanto, é também nesse espaço que educadoras e educadores desafiam a lógica educacional dominante, estudantes lutam pela afirmação de suas identidades, e a comunidade se mobiliza pela defesa de uma educação pública, gratuita e emancipadora.

Foi esse território que eu e minha orientadora escolhemos para a pesquisa de mestrado, mais precisamente, o Ensino Médio de uma escola pública. Inicialmente, pensamos na rede estadual de ensino, uma escola vinculada à Secretaria de Estado da Educação do Piauí (Seduc/PI).

Para facilitar o nosso deslocamento, escolhi uma escola próxima à Universidade Federal, que pertence à 20ª Gerência Regional de Educação (GRE), a Unidade Escolar Professora Maria de Lourdes Rabelo. Conversei com a diretora e a coordenadora pedagógica, entreguei minha carta de apresentação e elas gostaram da proposta. A escola ficou à disposição para a pesquisa, mas seria necessária a autorização da Gerente da 20ª GRE.

Refiz minha carta de apresentação e me dirigi à Gerente Regional. Fui bem recebida e conversei sobre a pesquisa e a onda de violência que tem atingido as escolas de Teresina. Contudo, ela me informou que a autorização estava fora de sua alçada, pois o atual Secretário de Educação centralizou em suas mãos a competência para autorizar qualquer pesquisa nas

escolas da Seduc/PI. Fui, então, orientada a abrir um processo administrativo para a minha solicitação.

Abri o processo administrativo no protocolo geral da Seduc/PI, no dia 22 de novembro de 2024. Acompanhei o processo pessoalmente por diversos setores, mas ele ficou parado no Gabinete do Secretário, para análise, por quatro meses. Percebi que a demora dificultaria minha pesquisa e fiquei angustiada. Conversando com outros mestrados, descobri que a Secretaria, geralmente, não autoriza pesquisas na área de educação, e as que são realizadas nas escolas são autorizadas pelos próprios diretores.

Pela demora, eu e minha orientadora decidimos buscar o Instituto Federal do Piauí - Central (IFPI Central). Encaminhei um e-mail solicitando a autorização, aguardei ansiosa. O tempo estava correndo, eu precisava do meu território de pesquisa para submeter o projeto de pesquisa à apreciação do Comitê de Ética. Dois dias depois, fui ao IFPI acompanhar pessoalmente minha solicitação, e, no dia seguinte, minha autorização assinada pelo diretor geral estava na caixa de entrada do meu e-mail. O recebimento da autorização resultou na seguinte escrita em meu diário:

Diante das adversidades que eu enfrento no meu percurso do mestrado, preocupada com minha mãe internada, buscando meu local de pesquisa, precisando dar entrada no meu projeto no Comitê de Ética, ficando sem resposta a um pedido de liberação para pesquisa, entrar no IFPI, ser bem recebida por todos os funcionários que me atenderam, e a resposta rápida do diretor geral liberando meu acesso para realizar minha pesquisa, me deixou muito animada. (Ribeiro, Diário da minha angústia, 2025).

Ao levar minha pesquisa para o Instituto Federal, sinto que estou realinhando meu percurso à minha experiência na iniciação científica. Um retorno ao território de pesquisa das dissertações que inventariei: o Ensino Médio integrado, a união entre Ensino Médio e formação profissional. É como se, agora, minha pesquisa fosse complementar e aprofundar aquele inventário inicial.

O Instituto Federal do Piauí possui três modalidades de curso técnico: o Integrado, o Concomitante e o Subsequente:

Na forma integrado ao médio, o aluno faz simultaneamente o ensino médio e o curso técnico da área escolhida. A forma concomitante exige que o aluno esteja cursando a 1ª, 2ª ou 3ª série do ensino médio em outra instituição de ensino; paralelamente, ele faz o curso técnico no IFPI. Para fazer um curso técnico na modalidade subsequente, é necessário que o aluno já tenha concluído o ensino médio. (“Perguntas Frequentes — IFPI Instituto Federal do Piauí”, 2025).

Essa extensão na modalidade do curso técnico amplia o acesso à formação técnica, unindo, de outras maneiras, o Ensino Médio e a formação profissional. Esta união tem como

princípio educativo a concepção de trabalho, habilitando o aluno para exercer uma profissão, proporcionando às juventudes e aos adultos novas oportunidades de trabalho e condições de cidadania.

A oferta do Ensino Médio integrado à Educação Profissional deverá contribuir com a melhoria da qualidade dessa etapa final da educação básica. Em termos curriculares, essa modalidade reunirá conteúdos do Ensino Médio e da formação profissional que deverão ser trabalhados de forma integrada durante todo o curso, assegurando o imprescindível diálogo entre teoria e prática (Brasil, 2006, p. 4).

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) foram criados pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, junto com a instituição da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Sendo assim designadas pelos artigos 1º e 2º da supracitada lei:

Art. 1º Fica instituída, no âmbito do sistema federal de ensino, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, vinculada ao Ministério da Educação e constituída pelas seguintes instituições:

I - Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - Institutos Federais;

II - Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR;

III - Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET-RJ e de Minas Gerais - CEFET-MG;

IV - Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais; e ([Redação dada pela Lei nº 12.677, de 2012](#))

V - Colégio Pedro II. ([Incluído pela Lei nº 12.677, de 2012](#))

Art. 2º Os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas, nos termos desta Lei.

O art. 5º, em seu inciso XXIV, cria o Instituto Federal do Piauí, mediante a transformação do Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí. De acordo com Pacheco (2008), os Institutos Federais (IFs) nasceram como um projeto político-pedagógico que pretende uma educação profissional que vai além da preparação para o mercado, para além da formação de mão de obra. Os IFs devem formar cidadãos e cidadãs que contribuam para a construção de um projeto de nação soberana, inclusiva e sustentável.

O Brasil de hoje participa do ciclo de revolução tecnológica com grau relevante de conhecimento no processo de transformação da base científica e tecnológica. Frente às questões da inovação tecnológica, uma oportunidade singular se assenta para o Brasil, oportunidade da qual não se pode furtar de tomar parte. Eis uma forte razão pela qual a educação profissional e tecnológica passa a exercer um papel, não único, porém fundamental neste crescimento que o país vivencia (Pacheco, 2008, p. 15).

O autor traz algumas prerrogativas políticas, pedagógicas e estruturais que levaram à criação dos IFs, como a expansão da rede federal de educação profissional e tecnológica, que

passa a ser vinculada às universidades; a interiorização da rede; a verticalização do ensino, que passa a oferecer desde o Ensino Médio até o doutorado, possibilitando um itinerário formativo contínuo e integrado, articulando ensino, pesquisa e extensão. Isso reflete um compromisso com o desenvolvimento local e regional, priorizando as demandas socioeconômicas e culturais das regiões em que estão inseridos, o que é garantido por uma autonomia institucional que proporciona liberdade para definir suas políticas pedagógicas e curriculares.

Segundo Pacheco (2008), o compromisso dos IFs envolve a integração entre ciência, tecnologia, cultura e trabalho, articulando teoria e prática, de forma que a pesquisa se torne um princípio educativo voltado para a emancipação humana e para a formação crítica e criativa. Essa proposta representa um marco nas políticas públicas de educação, ao promover uma abordagem transformadora do conhecimento. Como afirma o autor, “[...] na esquina do tempo, essas Instituições Federais públicas podem representar o desafio a um novo caminhar na produção e democratização do conhecimento”.

Após a autorização para a pesquisa, planejei-me para, antes da escolha do meu grupo-pesquisador, entrar no IFPI e observar a escola, as/os jovens, os espaços que eles ocupam, os corredores, os murais, o pátio na hora do intervalo, os pixos nos banheiros. Minha orientadora pediu-me atenção especial a isso. Ela entende que devo conhecer um pouco das/dos jovens com quem vou pesquisar, e cada detalhe que eu conseguir capturar de minhas andanças dentro da escola vão me falar muito sobre elas/eles.

Procurei em algumas pesquisas uma maneira de planejar meu caminhar atento pelo IFPI, que me desse pistas para pensar meu próprio caminhar, de modo a conhecer meu território de pesquisa. Busquei uma orientação atenta, crítica e permeada de afetos, e assim me lembrei do vídeo “Caminhando com Tim Tim” e voltei a ele. A caminhada é feita por Valentim e sua mãe Genifer para a casa da avó, e, durante o percurso diário de dois quarteirões, a mãe relata as descobertas do menino durante o percurso. Além dos quatro encontros que ele tem todos os dias com pessoas que trabalham na rua, sobre Tim Tim e o caminho, a mãe fala:

Da nossa casa até a casa da avó são duas quadras. Para mim, calçada, ferragem, mercadinho, e chegou, para Valentim, pedrinhas, árvores, pedras soltas que toda vez tira e coloca, buscar encaixe. Duas ruas atravessadas para dar a mão para mamãe, poças d’água, pisoteia, alegre, refresca. Ai que água suja! Dizem uns. É água de chuva, meu caro! Ah, que delícia! Apontam outros. TimTim nem liga, só pisa, pisa, pisoteia. Mas no percurso da casa da avó há, também, o que me parece mais valioso para Tim Tim: os quartos encontros estabelecidos por ele desde o início, que nem sei precisar quando foi. Nesses, eu só respeito e acompanho. Só olho e vibro (Gerhardt, 2014)

Tim Tim faz seu caminhar lento e atento, e é nessa calma comprometida que pretendo caminhar pelo IFPI. Só pude retornar ao IFPI no dia 23 de abril, e, conforme fui orientada,

procurei pelo professor Cunha, responsável pela logística e acesso aos prédios. Apesar de estar em reunião, atenciosamente saiu para me atender e liberar meu acesso ao prédio B, onde ficam as salas de aula. Entrei pelo portão principal e percebi duas entradas, uma pela rampa de acesso ao hall de entrada, e outra para uma pequena praça, uma mangueira grande e antiga fazendo sombra sobre o local, em frente à lanchonete, cheia de alunas e alunos, muitas conversas no ar.

Ao lado direito, o acesso ao auditório “Clóris Oliveira de Carvalho”, minha tia-avó, que foi professora de música da instituição. Ela regia o Coral da Escola Técnica Federal do Piauí (ETFPI), hoje, IFPI. Parei em frente à entrada, recordei do dia em que foi inaugurado. Tia Clóris já havia falecido, e meu pai representou a família naquele dia, fazendo o discurso de agradecimento.

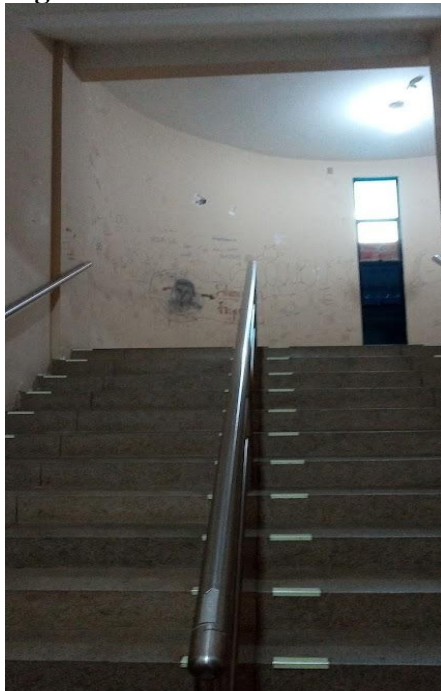
Figura 8 - Foto Placa do Auditório Clóris Oliveira de Carvalho - IFPI



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Já no hall de entrada, optei por acessar os andares pelas escadas. Subi todos os andares, as paredes impecavelmente limpas. Em cada andar, podia ver os quadros de aviso: comunicados institucionais, propaganda de venda de lanches, brownies, e outras tantas coisas. Minha orientadora tinha orientado que era imprescindível observar os vestígios dos jovens que ocupam o território, e que as pichações eram um caminho de expressão libertária diante das regras institucionais. Não encontrei, lembrei dos banheiros, entrei em dois, e nada. No último andar, o cheiro de comida, o restaurante, estava próximo ao jantar. Havia alunas e alunos ocupando as mesas. Observei uma porta vermelha, a escada de incêndio, entrei por ela. Para minha surpresa, ali estava uma zona de expressão, marcas, desenhos, assinaturas, frases.

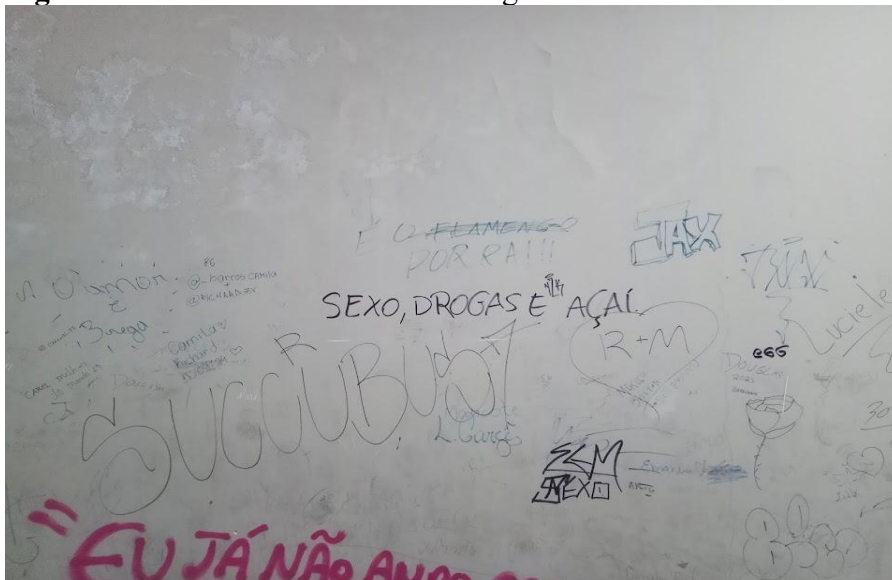
Figuras 9 e 10 - Escadas de Emergência - IFPI Central



Fonte: Arquivos da autora (2025).

Zona de expressão livre de ser jovem, com gírias próprias de uma época: “Sexo, drogas e açaí”, uma recriação de jargões que marcaram várias gerações.

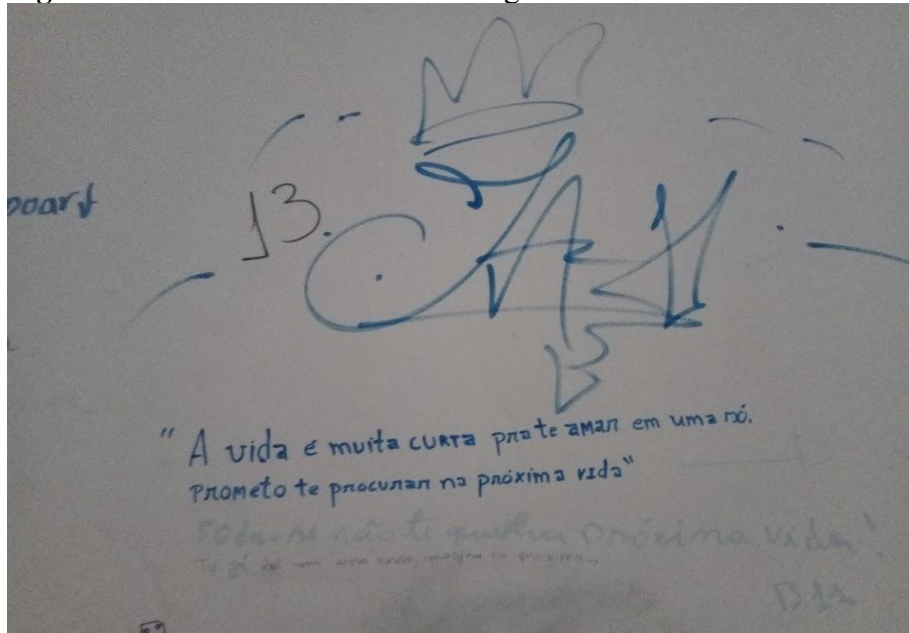
Figura 11 - Pichos na Escada de Emergência - IFPI Central



Fonte: Arquivos da autora (2025).

“Galileu, Galilei, com que mãe eu fiquei” - falar mal da mãe ainda é uma grande provocação. Até o xingar se ressignifica em: “Escrevi essa frase e saí correndo, pau no cú de quem tá vendo”.

Figura 14 - Pichos na Escada de Emergência - IFPI Central



Fonte: Arquivos da autora (2025).

O “dar o fora” em alguém se expõe na parede: “A vida é muito curta para te amar em uma só. Prometo te procurar na próxima vida”. O que provoca uma resposta à altura: “Foda-se, não te quero na próxima vida!” E alguém acrescenta: “Tú já não serve nessa, imagina na próxima.”

Ferreira (2018) fala que o picho é uma forma de apropriação dos espaços pelas juventudes, uma forma de resistência. Quando deixam suas marcas, desafiam a invisibilidade a que são submetidas. O picho é dotado de códigos próprios, grafias únicas, reconhecimento entre os pares, é uma escrita visual que se contrapõe à escrita tradicional dada na escola.

Ao pensar que a expressão juvenil está restrita às escadas de incêndio, revela-me a intenção da escola em dialogar com suas alunas e alunos, de reconhecer o modo de expressão das juventudes, suas linguagens, porém, a escolha do local revela o controle sobre essa expressão. O picho é, nesse caso, presente, mas vigiado e escondido.

SOCIOPOÉTICA: “DOCE-CONTAGIANTE”

Intitulei este capítulo com o nome que o cofacilitador Wilker deu ao nosso primeiro encontro com as/os copesquisadoras/es, que foi regado a doces, sorrisos, conversas e aprendizados.

A pesquisa Sociopoética tem início com o primeiro contato com o território da pesquisa, onde negociamos a realização da pesquisa, o uso do espaço e a permissão para convidar alunas e alunos interessados em participar. Após esse contato, a facilitadora realiza um primeiro encontro com os interessados em participar da pesquisa, chamada de Oficina de Negociação, para conversar sobre a metodologia, as oficinas, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para menores, que tem uma função ética e pedagógica e garante respeito e autonomia das jovens e dos jovens participantes, e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelos pais dando consentimento à participação de suas filhas e filhos, e a negociação do tema gerador da pesquisa.

A importância dessa fase reside na instituição do dispositivo do grupo-pesquisador, o qual será responsável pela produção e análise dos dados. Em razão de sua dimensão coletiva na qual a produção dos dados ocorre por meio da razão, articulada à emoção, à intuição, à imaginação e à criação — compreendo o grupo-pesquisador como uma entidade, um ser com existência própria e independente.

en·ti·da·de sf

1 Aquilo que constitui a essência de um ser ou de uma coisa.

2 Essa existência considerada em si mesma, separadamente do respectivo atributo da coisa. (Michaelis On-Line, 2026)

Uma entidade que dá vida ao conhecimento produzido pelo grupo-sujeito, como dito por Gauthier (2009) sobre o grupo-sujeito “que age na pesquisa como se fosse um único pensador, percorrido por caminhos diversos, às vezes contrários, que se encontram, tecem juntos ou divergem.

Em uma segunda etapa, temos a Oficina de Produção de Dados, onde serão produzidos os dados da pesquisa, com a utilização de técnicas artísticas e experiências estéticas e corporais.

Após a produção de dados, chega a hora de transcrever os relatos orais, organizar o material plástico, organizar os dados produzidos e iniciar as análises pela Análise dos dados pelos

Copesquisadores, quando o facilitador devolve ao grupo-pesquisador aquilo que ele criou e os copesquisadores conversaram sobre os dados produzidos, realizando uma análise coletiva.

Na sequência é realizada a Análise de dados pelo Facilitador, nesse momento, o facilitador se aventura pelos caminhos abertos pela pesquisa, e faz sua própria análise dos dados, iniciando com a Análise plástica, quando o facilitador se debruça sobre a produção plástica produzida pelo grupo-pesquisador, como se fosse sua, e produz um texto literário, seguindo dos Estudos Classificatórios, neste momento o facilitador retoma os relatos orais, buscando selecionar ideias predominantes do pensamento do grupo-pesquisador, observando as semelhanças, oposições, divergências e ambiguidades.

O objetivo é apontar o ou os problemas filosóficos que o grupo-pesquisador elaborou, sendo um problema caracterizado por uma contradição, um conflito cognitivo ou um paradoxo. Já nasce o grupo-pesquisador como filósofo mesmo! (Gauthier, 2015, p.83)

Para facilitar essa análise, ao meu ver, a mais delicada, colocamos os dados em Dcategorias, promovendo uma organização que facilita o cruzamento de ideias da Análise Classificatória. Nesse momento, depois que separamos e categorizamos, relacionarmos novamente os dados em um movimento chamado Estudo Transversal, onde o facilitador produz textos transversais trazendo os dados da pesquisa em forma de textos literários, inserindo nestes textos os conceitos produzidos pelo grupo-pesquisador. É importante notar que esse movimento de organizar, categorizar, classificar e novamente relacionar transforma o pensamento individual em coletivo, dando forma à entidade grupo-pesquisador.

A última fase da Análise de Dados é o que chamamos de Contra-Análise, a última oficina da pesquisa sociopoética, onde o facilitador coloca o texto transversal produzido para análise do grupo-pesquisador, que poderá contestar, reafirmar, ampliar os dados produzidos. Gauthier (2015) considera a Contra-Análise como “um momento que permite um aprofundamento da pesquisa em direções inesperadas”.

Ao passear pelo modo de fazer da pesquisa Sociopoética, reafirmo o porquê da escolha da metodologia para minha pesquisa. Porque participar da pesquisa Sociopoética é trazer experiências que são vivenciadas por muitos, mas vistas e sentidas de modos diferentes. A escola como um espaço intersubjetivo nos provoca a pensar a diversidade que encontramos dentro desse espaço, e perceber cada um desses sujeitos, por vezes é um exercício difícil de ser realizado, porém, encontrar dentro das pesquisas as diferentes maneiras de se olhar para a vida, para o dia-a-dia, para as dificuldades que cada um traz, é tornar a pesquisa aliada no dia-a-dia de professoras, diretoras, coordenadoras, funcionários.

Me encanta que a Sociopoética não tem a intenção direta de transformar a realidade social, ela trabalha com os membros do grupo-pesquisador, que, a seu modo, se transformam ao longo da pesquisa, mudando a realidade social em que estão inseridos.

Gauthier (2015) ensina que durante a pesquisa Sociopoética enfrentamos nossos monstros interiores e sociais.

Importante neste sentido é o devir do grupo-pesquisador, principalmente quando nos sentimos atravessados por afetos que atravessam também outros copesquisadores, quando nos sentimos múltiplos, ao mesmo tempo infra e supra-individuais. Aí estão em jogo coisas fundamentais, que mexem com nosso estar-no-mundo e acontece que a pesquisa, apesar de não ser feita para isso (nunca é instituído um contrato de cura, e sim de criação de saber), tem efeitos de cura. (Gauthier, 2015, p.86)

Como Terapeuta Comunitária Integrativa¹⁸ - TCI, eu vejo a cura que as Oficinas Sociopoéticas produzem. A roda da TCI, é um espaço de partilha das nossas inquietações do cotidiano, como o medo que sentimos, mas também das conquistas e histórias de superação, espaço que favorece a troca de experiência, o resgate da identidade, fortalece os vínculos comunitários promovendo uma rede de solidariedade. A TCI propicia o uso de recursos de cura disponíveis dentro da própria comunidade. E promove um ambiente seguro, com algumas regras: não dar conselhos, não julgar ou fazer sermão ou análise, falar de si, respeitar a fala do outro, propor música, piadas, provérbios. “Na terapia comunitária, a cura passa pelo resgate das raízes e dos valores culturais que despertam no homem o valor e o sentido da pertença.” (Barreto, 2008)

Percebe-se que o cuidado na Sociopoética se aproxima dos cuidados dentro da Roda de TCI, e mesmo tendo a certeza de que cada uma tem seu valor em seu campo de atuação, uma na pesquisa e a outra como Terapia Comunitária, e afirmando que para ser Terapeuta Comunitário é preciso treinamento, e prática, nas minhas vivências com as duas, eu vi modos de resistência às dificuldades, às inquietações aparecer através de experiências de vida, propiciando o início de um processo para cura.

Assim, vejo a metodologia como um ato de pesquisa, de resistência, de amorosidade, um encontro, onde o grupo-pesquisador, afetado pelo mundo e pelo outro, aumenta sua potência de agir e de existir, cria ideias e produz confetos.

Na etapa de preparação da pesquisa e formação do grupo-pesquisador, fiz meu próprio caminho, e dividi a Oficina de Negociação em duas partes. Primeiro, preparei um encontro

¹⁸ TCI - Criada e Sistematizada pelo Professor, psiquiatra e antropólogo Dr. Adalberto Barreto, da Universidade Federal do Ceará - UFC. Prática reconhecida pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) do SUS, pela Portaria nº 849 de 27 de março de 2017.

inicial com as alunas e alunos que atenderam ao chamado da professora Araceli Lucena. Nesse encontro, conversei sobre a Sociopoética, os horários e dias para a realização das demais oficinas, assim como o local, que foi reservado pela professora Araceli junto à coordenação do IFPI: todas as quintas-feiras de setembro, às 13h30, na sala 474, no segundo andar do Prédio B.

Neste primeiro momento, apresentei-me, junto com meu cofacilitador, Wilker, pesquisador do OBIJUVE. Realizei a leitura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), que deveria ser assinado pelos pais, e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelas/pelos participantes. Ambos os modelos estão apresentados no Apêndice A.

Estava ansiosa em como seria recebida, porque, na quinta-feira da semana anterior, houve um contratempo e não compareci ao encontro. Ao chegar, encontrei Lion (pseudônimo escolhido por uma das copesquisadoras, que será apresentada mais à frente), que foi acolhedora, e fez-me sentir mais leve.

A expectativa por esse primeiro contato não era só meu, pois o cofacilitador, Wilker, também tinha seus receios, e escreveu em seu Diário do primeiro dia como cofacilitador, em 11 de setembro de 2025:

Hoje foi apenas um dia para conhecê-los e para apresentar os termos do conselho de ética, mas uma palavra para resumir este encontro é: **doce-contagante**. Sempre que volto para a escola, eu volto a ser o **Wilker-estudante-do-ensino-médio**. Está sendo um dia muito exaustivo, porque integrei a mesa sobre a série adolescência e estava morto de vergonha e de medo. Medo de errar, medo de falar, mas que bom, que bom que estou vivo para sentir medo e adrenalina. No final, deu tudo certo. Eu e Marlia tínhamos combinado de chegar às 13:00 no IFPI, local que será nosso encontro para realizar as oficinas de pesquisa de Marlia. Consegui chegar às 13:30, preocupado de estar atrasado. Quando eu chego, logo sou acolhido por Marlia e três jovens que lá estavam. Eram Ana Clara, Érica e Gustavo. Passou um tempinho e os outros já foram chegando, e depois de acalmar os nervos e poder sentar-se com eles no chão, tinha uma bacia de bis e marshmallow. Quando Marlia disse que eles poderiam comer, foi muito engraçado. Logo eles começaram a pegar e a comer os doces. Em meio a isso, eu conversei muito com o Marcos, um menino muito engraçado e conhecedor das coisas. Ele dizia que não gostava de marshmallow e que o bis black é o verdadeiro chocolate, pois era mais amargo. Então, Marlia se apresentou, explicou sobre a pesquisa, leu os termos para eles e ainda falou da Sociopoética. A nossa amiga Millena disse que ainda não tinha entendido a Sociopoética, e, então, eu disse para ela que é normal, e que minha orientadora fala que a gente só entende quando vive (Wilker, Diário, 2025, grifos do autor, 2025).

Planejei o acolhimento, sabendo que eles vinham do almoço. Pensei em uma sobremesa, e levei chocolate bis de sabores diferentes, e marshmallows. Elas/eles adoraram! Estendi minhas mantas no chão e todos sentamos para conversar.

Na segunda parte da Oficina de Negociação, na semana seguinte, reservei o momento para acordar o tema gerador da pesquisa, receber os termos de consentimento e assentimento assinados e realizar a apresentação do grupo.

Uma das alunas que se interessou pela participação, mandou-me mensagem um dia antes para avisar que, por motivo de saúde, não poderia participar da Oficina, mas que gostaria de continuar no grupo. Enviou-me os termos assinados pelo whatsApp, e o atestado, mesmo não havendo necessidade. Como a Oficina seria de apresentação e a colocação de alguns pontos que eu já tinha iniciado no encontro anterior, combinei com ela que enviaria as instruções para a realização da apresentação dela, mas que, na oficina de produção de dados, não haveria como se ausentar.

Eu e Wilker chegamos cedo. Encontramos Lion à porta, entramos e arrumamos a sala, colocando na mesa o material que seria utilizado, fixamos no chão papel kraft e jogamos as mantas por cima.

Foto 15 - Material Oficina de Negociação



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2025).

Nesta oficina, ficou acordado o tema gerador da pesquisa e recebemos os termos assinados. Conversamos sobre a importância do grupo confiar na facilitadora, e o respeito necessário para escutar uns aos outros, a escolha do pseudônimo para usar na pesquisa e manter a segurança deles no anonimato.

Mostrei o diário das afecções, nome que dei ao diário de itinerância, e falei sobre sua importância, que estaria à disposição deles, se assim desejassem, para colocarem seus escritos, músicas, fotos, poemas, tudo que lhes tocar durante os encontros. Gauthier (2024) ensina que o diário de itinerância sociopoético atua como um espelho, por meio do qual vemos a nós mesmos nas escritas dos outros membros do grupo-pesquisador. Esse olhar nos ajuda a quebrar a ilusão da separação, aceitando uma singularidade sagrada, o nascer.

Entreguei a eles um pequeno bloco com caneta, para que usassem da mesma maneira que o diário das afecções, em momentos em que se lembrassem de sua experiência nas Oficinas. Pedi para que carregassem consigo e fizessem dele um parceiro de memórias. Solicitei que todas e todos se levantassem, expliquei que iríamos fazer um relaxamento e, após, uma dinâmica em que todos se apresentariam.

Relaxamento da Água

Com som de água preenchendo o ambiente, pedir que se deitam nas mantas
Iniciar comando - respirar profundamente, encher os pulmões de ar - segura - solta lentamente (3x) - ouça a água... ela flui pelo seu corpo... Você é líquido, seu corpo é água... deixe que a maré líquida da vida se espalhe por cada pedacinho de seu corpo, banhe cada célula... Descubra os calmos lagos de tranquilidade dentro de você... Os rios de sentimentos, de vida... Se deixe levar por esse rio... flutue com a correnteza... confia no rio, no caminho...sinta se misturar com a água...você é acolhido pelo embalo do rio.... o poder do rio,a renovação... o rio é transformação... o rio é fluxo de vida, se deixe levar por esse fluxo... mexa lentamente seus braços, use-os para que seu corpo não acompanha mais a correnteza do rio... devagar comece a sentar-se... o rio vida ainda escorre à sua volta... seu poder ainda flui em seu corpo... ele te diz quem é você, ele traz suas marcas, suas memórias... quem é você? ... lentamente abra os olhos.

Foto 16 - Relaxamento



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2025).

Foto 17 - Explicação da Oficina



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2025).

Pedi para sentarem e entreguei a elas/eles uma ficha que chamei de “Retrato falado - Quem sou eu?” (Apêndice - B), de modo que respondessem às perguntas: em qual bairro mora e como ele é; curso no IFPI; série; o que você faz além das aulas regulares; seus desejos; seus sonhos; qualidades e defeitos. Além disso, cada um/uma teria que desenhar um símbolo que o/a representasse e, a partir dele, escolhesse seu pseudônimo.

Fotos 18 e 19 - Oficina de Negociação



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2025)

Neste momento, propiciamos a produção de personagens, que provêm da necessidade dos próprios copesquisadores. E inspirada em Deleuze, percebo que, por vezes, quando mergulhamos e enfrentamos forças do caos, transformadoras, quando intentamos criar conceitos e traçar planos sem nos perder, necessitamos de um outro além de nós, uma proteção, uma ajuda. Assim, travestimo-nos desses personagens conceituais (Trindade, 2017). Essa

perspectiva levou-me a solicitar a criação do símbolo e do pseudônimo de cada componente do grupo.

Para criar sentidos de grupalidade, já que na Sociopoética a pesquisa se dá com o grupo-pesquisador, solicitei que o grupo pensasse e criasse um símbolo para o grupo e um nome. Conforme modelo abaixo.

RETRATO FALADO - QUEM SOU EU?

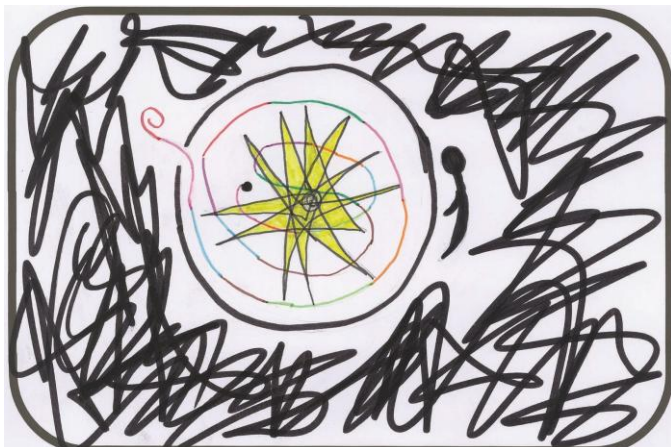
PSEUDONIMO:

IDADE:

QUEM É VOCÊ:

QUAL O BAIRRO ONDE VOCÊ MORA E COMO ELE É: CURSO NO IFPI: SÉRIE: O QUE VOCÊ FAZ ALÉM DAS AULAS REGULARES:	QUEM É VOCÊ: SEUS DESEJOS - SEUS SONHOS - SUAS QUALIDADES - SEUS DEFEITOS -
--	---

Depois de feito, cada um se apresentou a partir de seu retrato falado e da forma, cor e significado do símbolo escolhido.



COPESQUISADORA: ALONE

O meu pseudônimo é Alone. Eu não sei falar inglês muito bem, mas a tradução é sozinha ou sozinha, e é para falar do desenho agora? Eu desenhei tipo uma, um círculo assim, e dentro desse círculo tipo tem eu não sei, não era para ser uma estrela, mas era algo que significasse tipo eu não sei explicar. É algo tipo, tipo assim, que se expande sabe, tipo algo agitado assim e ao redor dela tem tipo uma linha assim com cores assim, várias cores, e tem uma abertura

nesse ciclo saindo essa linha de cores. E esse círculo aqui representa eu, é representa eu, e esse negócio amarelo aqui que é tipo uma estrela, só que tem várias pontas, representa o que eu sou de verdade, o meu lado engraçada, legal, interativa. E aqui tem um pontinho preto que representa os meus traumas e meus problemas, que não foram poucos, mas eu vou ter tempo, que ele fosse para mostrar o tamanho. Eu acho que eu ia cobrir esse negócio inteiro aqui e dele vem saindo essas linhas coloridas para representar a minha essência, que eu trago para o mundo. E essa parte de fora aqui cheia de riscos pretos é o mundo e aqui representa todas as pessoas desse mundo. E eu tento trazer minha essência só que... ó.. isso tá dividindo, sabe, quem eu mostre quem eu realmente sou e eu gosto mais de simbologia, nada que seja direto, mas algo que, tipo, um símbolo que representa muitas coisas que eu mesma faça, eu já... Não é a primeira vez que eu faço isso. Eu já fiz várias quando eu me sinto mal. Eu gosto de desenhar o que eu estou sentindo através de símbolo de cor de rabisco. E agora vamos falar sobre eu mesmo, sobre mim. Eu escolhi essas cores porque eu queria representar a felicidade, a felicidade que eu carrego em meio a todo caos. Sim, o amarelo, ele representa o meu lado mais que eu não mostro para todo mundo, para minha família. Eu não mostro para minha família, que é o lado interativo, legal, que fala demais, que sorri demais e sorrir alto. O preto em volta representa a ignorância e a razão das pessoas, que as pessoas, hoje, elas agem muito na base da razão. E, sabe, quando eu venho para escola eu ando pela rua, eu não só apenas venho para escola, eu olho ao redor e fico pensando: “Nossa, todo mundo um dia vai morrer, né? E eles só agem de forma monótona, como se fosse programado para fazer alguma coisa. Eu vejo todo mundo passando todo dia, as mesmas pessoas, eu vejo praticamente fazendo a mesma coisa, algo monótono. E, às vezes, é por conta de mudar um pouco o caminho. Sabe, eu, tipo, ah... eu ia para essa rua, mas agora eu vou para outra, porque é uma coisa diferente. Eu quero ver coisa diferente, pessoas diferentes e tem coisas diferentes.

O bairro que eu moro é o bairro Santo Antônio. Ele é legal, tem uma açaiteria que é a minha preferida, que eu gosto muito de açaí. E quando eu tô triste, eu gosto de comer açaí, porque me faz ser feliz. E lá tem uma praça que eu gosto de lá, porque, quando eu voltava da minha escola que eu estudava, eu passava e gostava de olhar para a lua, porque lá dava para ver a lua muito bem. Ela fica bonita e também um dia eu passei por lá, né, tava chovendo. Eu saí da escola com chuva porque eu queria sair da escola, porque eu queria tanto chuva, porque faz dias que eu não tinha tomado banho de chuva. Eu lembro desse dia ainda. O curso que eu faço aqui no IFPI é Segurança do Trabalho e eu sou do primeiro ano do ensino médio. O que eu gosto de fazer, além das aulas, é desenhar, ler e escrever. Quando eu tô triste, feliz ou muito inspirada e reflexiva, principalmente dentro do ônibus, que eu gosto

de escrever dentro do ônibus, que eu gosto de observar as pessoas, a forma como elas se vestem, a forma como elas interagem no mundo social. E também gosto de chorar por algumas coisas, porque na minha cabeça faz sentido. Tipo, eu passei o dia inteiro e só segurar aquilo para mim não faz sentido, fazer se sentir bem. Aí, eu gosto mesmo, só eu gosto e eu acho até estranho saber se alguém gosta de chorar. Dependendo, né? Porque tem gente que chora de felicidade, mas não é toda vez... que eu perdi a felicidade, nunca. Não lembro qual foi a última vez que tive felicidade, mas eu, geralmente, choro pelos problemas, porque faz sentir bem, como se eu tivesse derramando os meus problemas em lágrimas e eles estão saindo de dentro de mim. E também gosto de falar sozinha, comigo mesmo, sem precisar prender uma voz na minha cabeça. Tá um monte de coisa assim acumulada, sabe? Aí, quando eu tô sozinha em casa, eu gosto de falar sozinha. Eu realmente falo sozinha, falo alto comigo mesmo. Aí, às vezes, me olho no espelho e para e penso, e, tipo... Nossa, eu acho que se uma pessoa me conhecer de verdade talvez pensaria: “Nossa, essa menina, ela deve ter algum tipo de problema. Mas, na verdade, eu só acho que as pessoas, elas querem só seguir um padrão, porque ela tem preguiça de ser algo diferente do mundo e de criar personalidade. E eu gosto dessa música, principalmente, de Tempo Perdido, de Legião Urbana, e Love me Note, de Ravyn Lenae.



COPESQUISADORA: AVATAR

o meu pseudônimo é Avatar e eu desenhei umas árvores, né? Eu desenho passarinhos, borboletas e livros, e o símbolo da música e uma televisão e um sol e uma boca vermelha, porque, sei lá, eu acho que eu sou uma mistura de tudo isso, de que eu uso o batom vermelho, né? Aí, todo mundo fala que: “Aí, cadê o batom vermelho? Quando eu não uso. Eu acho que é uma marca minha mesmo. E aí, a borboleta, porque eu

gosto, porque tem a questão aí, né? Tem a questão da borboleta, porque a borboleta sai do casulo. É tipo uma transformação que ela sofre, né? Uma metamorfose. E aí eu acho que todos nós somos uma metamorfose. E aí eu misturei uma coisa porque, porque eu gosto de tudo misturado assim. Eu não gosto de uma coisa só, eu gosto de muita mistura, muita cor também, que eu botei várias cores e aí é isso. Porque é porque uma mistura que eu sou. Não é tipo, eu sou a Paula, e a Paula é o meu nome, tá, que eu o que eu acho que eu sou. Se tirasse o meu nome, tirasse o lugar que eu moro, quem é minha mãe, quem é meu pai, ficaria só isso, sabe, para me definir como pessoa. Não sei, mas aí eu pesquisei, não o significado do nome, aí diz que é transformação, uma coisa assim, eu gostei. O bairro onde moro, dessas coisinhas, tá bom, mora no Torquato Neto. É o bairro é bem problemático, né? Lá, é bem problemático, mas eu gosto, de que... eu moro lá desde os meus dois anos de idade, então, tem um apego emocional. Aí o curso Meio Ambiente no Instituto Federal, pode falar, né? Aí eu tô no segundo ano do Ensino Médio. O que eu faço além das aulas, eu trabalho e estudo, jogo vôlei e eu gosto de pintar e escrever.



COPESQUISADORA: BELLADONA

Oi, boa tarde! Então, né? Mais tarde, falando sobre o desenho que eu escolhi... escolhi fazer uma Belladona, belladona com B, que é uma espécie de flor e, sim, é uma espécie que eu sou muito obcecado, sou obcecado com flores em geral, gosto de a linguagem das flores e é uma flor que ela é venenosa, mas ela é muito bonita. Acho que uma das Flores, espécies mais venenosas que eu acho que tem, ela dá um frutinho bem pretinho, pequenininho, que é muito venenoso, e ela também é afrodisíaca. Ela também pode ser usada para medicina. Ela é uma flor, né, como qualquer outra, e eu escolhi ela porque, às vezes, eu me sinto assim, sei lá, uma, uma espécie assim, que eu tenho uma função só. Às vezes, eu

me sinto, às vezes, eu quero também, sei lá, só, só tomar esse remédio. Às vezes, eu quero tomar esse veneno. Às vezes, eu quero tomar esse negócio afrodisíaco. Às vezes, eu me sinto assim, por isso eu escolhi ela e meu pseudônimo é Belladona, que é o nome da flor. As cores dela, em si, mas também são as cores que eu mais gosto assim. Eu fiz assim, eu acho que há mais significados além da flor, é a forma que eu pinto, que eu uso muita linha quando eu vou pintar qualquer coisa. Sempre foco em usar linha, porque é mais fácil, uma coisa reta vai na parte, ai, mais filosófica assim, que é, para mim, eu gosto de facilidade. Eu gosto de uma coisa mais simples, e eu gosto de ficar preso nisso, eu gosto de focar nessas partes, porque é uma coisa que não exige tanto de mim e que eu consigo me expressar, consigo me divertir, não preciso forçar, forçar algo, eu fico na parte que eu gosto. A maioria dos meus desenhos é assim, com linhas, com formas básicas. Agora, é falando, deixando de lado o pseudônimo e falando um pouco de mim... é, eu moro no bairro Buenos Aires, e não tem como definir muito ele, porque eu não me sinto parte dele, não me sinto parte de lá, me sinto parte da minha casa, que é o único lugar que eu frequento no bairro inteiro. Eu não costumo sair de casa, eu ando mais pelo centro do que pelo meu bairro e é uma coisa assim um pouco estranha, porque como é que você não anda pelo seu bairro? Mas não costumo andar porque não tenho essa prática, e também não me sinto bem, lá em si, é na zona norte, e eu não me sinto bem, porque é perigoso. É um bairro comum, ele tem como fazer comunidade, eu não conheço muita gente lá, estudei lá minha infância inteira e não conheço mais ninguém, não tenho contato com ninguém, e é um lugar intimista e reservado. Só quem tá lá mora, pouca gente conhece de fora, ninguém sabe muito bem onde é. Conhece só os pontos, como praça do Buenos Aires, cemitério do Buenos Aires, são os únicos pontos que o povo conhece. Eu faço curso técnico de Meio Ambiente, que é uma área que eu decidi escolher, escolhi primeiro técnico em Informática, mas eu falei: “Não faz sentido fazer técnico em informática, eu não quero ficar sentado no computador, eu não quero ficar parado, eu quero fazer uma coisa que envolva prática, uma coisa que envolva atividade, uma coisa que me faça pensar assim, não só que seja que já tem uma base tão grande quanto informática. Segundo ano, aí, vivências são vivências. Aí passei o primeiro tensa, a gente passou pela greve, que foi o período bem difícil. Muito difícil mesmo é ficar em casa sem ser de férias, dá um sentimento muito de culpa, se senti culpado, metade dessas férias não tá fazendo nada e eu ia fazer o quê? Assim, não tem uma base para estudar, eu ficava ali no que eu tinha, tá? Eu vejo

uma videoaula e parava, porque eu não conseguia entender, e era isso, o primeiro ano. No segundo ano, a gente está aqui, a gente está vivendo, a gente está um pouco mais ranzinza, a gente não está tão feliz como no primeiro ano, porque a gente cansa, a gente cansa muito, e estamos nessa. O que que eu faço além desse cansaço, que é o IFPI? Eu gosto de desenhar, eu gosto muito de desenhar, mas eu gosto mais de modelagem de 3D, que a coisa fácil do que desenhar e eu consigo mais me expressar. Ultimamente, eu só faço modelagem em 3D, eu costumo desenhar assim, desenhar no sentido digital, eu não costumo fazer muita coisa física não. Sempre é ai, no aplicativo, e mandar áudio também. Nunca tentei fazer uma escultura, mas é uma das minhas metas, eu quero fazer, e eu também gosto de nadar, eu tô fazendo natação, estou começando a voltar e é uma coisa que... são três coisas, na verdade, são terapêuticas, para mim, são as coisas que me acalmam, as coisas que eu gosto de fazer.



COPESQUISADORA: FRAJOLA

O meu pseudônimo é Frajola, mas tem uma explicação que é por causa do desenho, porque o desenho é um pássaro já crescido e ainda no ninho, porque ele tem medo de voar, aí ele resolveu ficar no ninho. Ele tem medo de tentar coisas novas e eu me sinto assim, por isso que eu escolhi o nome Frajola, porque, às vezes, eu me saboto como um gato que quer pegar o passarinho. Aí as cores, porque remetem alegria, porque o passarinho, ele tem personalidade, ele tem tudo para tentar algo para ser alguém, mas o que impede ele é esse medo. Eu moro no bairro Matheuzinho, em Timon, e é um lugar super tranquilo, com pouca movimentação, poucos automóveis e, tipo, o povo não sai nas ruas. Quando

dá assim umas 3 horas, o máximo que a gente ver, são as crianças brincando lá na rua. É, eu faço curso técnico de Meio Ambiente, estou no segundo ano e aulas que eu faço, ô, as atividades que eu faço além das aulas regulares, é eu estudo outras línguas ou tento, e, eventualmente, desenho, faço as atividades de casa, como lavar a louça, arrumar quarto, varrer a casa, descanso bastante e assisto bastante, procrastinação...



COPESQUISADORA: LION

Tá bom, né? Eu começo falando meu, meu nome aqui, que eu inventei, tá bom? O meu nome, o meu nome é Lion, tipo, eu gosto desse nome, porque é o nome do meu antigo cachorro falecido, né? Aí eu gosto dele. Eu tenho 16 anos, né? Agora, eu vou falar sobre o meu desenho. No meu desenho é uma borboleta saindo do casulo, tipo a primeira coisa, eu tava... Quando a senhora falou sobre desenhar um símbolo que a gente se vê nele, eu pensei na, na borboleta, tipo, mas antes da borboleta foi um caso. Eu me identifico mais com o casulo do que com a borboleta, enfim, eu desenhei isso porque eu me vejo muito fechada, sabe? Muito, muito mesmo. É como se eu quisesse mais, ficar mais fechada na minha zona de

conforto. Aí, eu... aí eu só penso, sei lá, no dia em que eu virar uma borboletinha, criar minhas asas e olhar lá para o mundo, porque eu olho mais para mim mesma, sabe? Tem uma certa insegurança comigo mesma. Aí eu penso: “Nesse dia, quando eu finalmente crescer, e aí, eu ia para o mundo voar”.

O bairro que eu moro é a Pedra Mole, é um interior bem quente e sem graça. É muito perigoso também. Eu também não saio muito de casa, né? Então, eu não eu não tenho muito o que falar sobre a Pedra Mole. Bem, lá é um pouco legal, sei lá. O curso no IFPI é Meio Ambiente, estou no segundo ano do Ensino Médio. O que eu faço além das minhas aulas, eu faço teatro, né? Na mesma escola que estudo, eu gosto muito do teatro, sabe? Lá, eu imagino que lá não é para qualquer um, por causa do tipo de professor que eu tenho. O meu professor Moisés, do teatro do IFPI, eu amo muito ele. Ele é tipo uma pessoa que eu admiro, sabe? Porque é o tipo de pessoa que já passou com muita coisa, muito sofrimento mesmo, e hoje em dia ele é um cara muito... eu acho que pode dizer que ele é bem consigo mesmo, ele é ele, é do tipo que não tá nem aí para o que você pensa, e isso eu tenho medo. Admiro porque eu não consigo fazer isso. Eu, eu gostaria de eu... gostaria demais não ligar para o que as outras pessoas pensam. Aí, sei lá, talvez eu, talvez eu possa ter ele como uma referência para, para ser a mesma coisa. Eu mexo no telefone fazendo nada ou desenho. Eu desenho também. Eu desenho, eu desenho, sei lá, algum, alguns desenhos que eu faço são reflexo da minha própria mente, né, que é meio conturbada.



COPESQUISADORA: MORGANA

O pseudônimo que escolhi foi Morgana, tá? Mas por que escolhi esse nome? Porque eu acho o nome bem forte e bonito e não é muito comum, e representa força e equilíbrio, coisas que eu quero ter. Eu tenho 16 anos. Quem eu sou? Foi bem difícil pensar em algo sobre mim, mas eu sou curiosa, dedicada, e gosto de aprender coisas novas. Eu moro no bairro Mangueira, em Timon. É um bairro calmo, eu não saio muito, não conheço tudo, mas é um lugar bem tranquilo. Eu faço curso de técnico em Meio Ambiente, no segundo ano, e o que eu faço além das aulas... ah, eu ouço música, eu converso com meus amigos, assisto séries, animes, desenhos, leio, danço.

Notamos que as copesquisadoras vêm de bairros diferentes de Teresina/PI e Timon/MA, e fazem reflexões críticas do lugar onde moram, provenientes de memórias afetivas e experiências subjetivas.

Alone mora no bairro Santo Antônio, localizado na zona sul de Teresina, mantém um forte vínculo afetivo com o bairro, construído através de rituais, como o de tomar açaí quando está triste, de ir à praça olhar para a lua, e sente que sua casa é o local seguro onde ela pode ser ela mesma.

Avatar mora no Torquato Neto, bairro também da zona sul de Teresina. Ela tem consciência da violência que acomete seu bairro, mas o vínculo emocional com seu lugar é forte, porque vem da sua história de vida, criada quando da sua chegada aos dois anos de idade. Sua casa é um local de convívio seguro com sua mãe.

Belladonna e Lion não veem seus bairros como locais de pertencimento. A insegurança que sentem gera um confinamento. O espaço público não seguro restringe a formação de vínculos, as suas casas são o refúgio contra o território hostil. Belladonna mora no Buenos Aires, zona norte de Teresina, e não se sente parte de seu bairro, apesar de morar nele desde sua infância, e se ressentido de ser um espaço intimista e reservado, ocupado só por quem mora lá. Lion não tem experiência afetiva com seu bairro, a Pedra Mole, zona leste de Teresina, que é um lugar bem quente e sem graça, e, por isso, não tem muito o que falar dele. Sua conexão é sua visão pela janela de casa.

Em um artigo de Silva e Adad (2012), que analisa os confetos produzidos por jovens entre 14 e 19 anos, em uma escola pública de Teresina/PI, sobre a relação entre corpo e medo na escola, as/os jovens trazem o conceito de medo-morte, que permeia a sua relação com o lugar onde moram.

Os jovens relatam que diante do medo-morte é preciso ter cuidado, como? se afastando das más companhias e do mundo das drogas. Este medo citado pelos jovens é um medo que despotencializa o corpo do jovem fazendo com que não se sinta parte do bairro em que mora.

Como ele diz: “O que dá pra fazer mesmo naquele bairro lá é só ficar em casa, isolado, porque se ficar fora é perigoso”. Neste caso, o jovem mora, mas não habita o bairro – não faz usos de suas praças, logradouros e outros espaços públicos (Grupo-pesquisador *apud* Silva; Adad, 2012, p.7).

Do espaço de tempo de 2012 para 2025, percebemos que as juventudes ainda têm que se preocupar com a violência quando habitam seus espaços, que deveriam ser de pertencimento. Frajola e Morgana moram em Timon/MA, nos bairros Mateuzinho e Mangueira, respectivamente. Descrevem seus bairros como tranquilos, mas apresentam uma neutralidade afetiva. Suas casas são locais de acolhimento. Frajola fala em pouca movimentação e reclama que o povo não sai para as ruas. Já Morgana diz que não conhece tudo, mantém uma relação parcial com o bairro, e gosta do anonimato e do isolamento que a tranquilidade do bairro proporciona.

Após a escrita sobre a importância do bairro onde moram as juventudes, aconteceu, mais uma vez, uma operação policial violenta nos morros do Rio de Janeiro, e não pude deixar de trazer, como lembrete, de um dos vários tipos de violências às quais estão expostas as juventudes.

Medo-morte: Operando a violência.

Hoje, dia 28 de outubro de 2025, o Governo do Rio de Janeiro, utilizando a força de segurança do estado, invade os complexos da Penha e do Alemão, onde moram cerca de 300 mil pessoas, numa operação considerada a mais sangrenta da história do estado brasileiro. A Operação chamada de Contenção, contra o Comando Vermelho, facção ligada ao narcotráfico.

Segundo o site da Agência Brasil (2025, 15:45), a operação se iniciou pela manhã, momento em que crianças e jovens estão se deslocando para suas escolas e até mesmo para o trabalho. Na região do complexo do Alemão 31 escolas tiveram suas aulas suspensas, na Penha foram 17 escolas, todas ligadas ao município, pré-escola (crianças entre 4 e 5 anos) e anos iniciais do ensino fundamental (crianças e jovens de 6 a 10 anos). As juventudes foram afetadas com o fechamento de 35 unidades da rede estadual.

A Universidade Federal Fluminense (UFF) suspendeu as atividades acadêmicas e pediu a alunos, professores e funcionários buscarem locais seguros e se manterem informados, mas como orientar uma criança de 4 anos, meninas e meninos de 10 anos a evitar locais de confronto e se proteger se elas moram dentro das áreas invadidas, vivem no meio da violência entre o estado e o tráfico?

O estresse tóxico gerado pelo medo impacta a saúde mental de crianças e jovens, atrapalhando no desenvolvimento infantil e provocando dificuldades de aprendizado. A diretora de Dados e Transparência do Instituto Fogo Cruzado, fala que a violência armada corrói a capacidade da educação em funcionar como opção de mobilidade social, o que atinge principalmente as crianças e jovens das classes trabalhadoras:

O relatório mostra que, ao longo da série histórica, alunos de escolas em áreas não dominadas apresentaram resultados melhores tanto em Língua Portuguesa quanto em Matemática nas duas séries analisadas (5º e 9º ano). Nessas áreas também está a menor proporção de estudantes com conhecimentos “abaixo do básico” (cerca de 19%). Já nas áreas controladas pela milícia ou tráfico, os percentuais vão de 22,6% a 38,7%, dependendo da localidade na região metropolitana e do tipo de controle armado. (Veja, 2025)

Expostas a violência, e as perdas familiares, essas crianças e jovens aprendem desde cedo a importância que o estado dá a suas vidas. Em seu programa do dia 28 de outubro de 2025, na Rádio BandNews FM, Reinaldo Azevedo fala sobre a matança no Rio de Janeiro:

(...) sobre os 60 que morreram, saibam, saibam, que dificilmente nós vamos ter dados objetivos sobre essas pessoas, se isso garantisse segurança pública, estaríamos diante de um questionamento ético sim, (...) isso além de horrível é ineficaz, isso não vai garantir segurança de ninguém, e a lambança do governador dando entrevista, depois ligando pra ministro para se explicar, falando incongruências e absurdos, evidencia que a extrema-direita, para a segurança pública brasileira, sabe o que ela tem a oferecer? Pilhas de corpos, de pobre, e a cascata de lei anti terrorismo, essa estupidez. (RÁDIO BANDNEWS FM, 2025, 12min50s)

Deixo aqui., um trecho da música com a qual Azevedo inicia o programa:

A carne¹⁹

(Seu Jorge / Marcelo Yuka / Ulisses Cappelette)

(Tá ligado que não é fácil, né, mano?)
 (Né, mano? Vixe!)
 (Se liga aí!)

A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Só serve o não preto)

Que vai de graça pro presídio
 E para debaixo do plástico
 Que vai de graça pro subemprego
 E pros hospitais psiquiátricos
 A carne mais barata do mercado é a carne negra (diz aí!)

Que fez e faz história
 Segurando esse país no braço, mermão
 O cabra aqui não se sente revoltado
 Porque o revólver já está engatilhado

E o vingador é lento
 Mas muito bem intencionado
 E esse país vai deixando todo mundo preto
 E o cabelo esticado

Mas, mesmo assim
 Ainda guardo o direito de algum antepassado da cor
 Brigar sutilmente por respeito
 Brigar bravamente por respeito

Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)
 De algum antepassado da cor
 Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar
 (Se liga aí!)

A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Na cara dura, só serve o não preto)
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 A carne mais barata do mercado é a carne negra
 (Na cara dura, só serve o não preto)
 A carne mais barata do mercado é a carne negra

(Tá ligado que não é fácil, né, mano?)

Negra
 Negra
 Carne negra (pode acreditar)
 A carne negra

¹⁹ Composição: Seu Jorge / Marcelo Yuka / Ulisses Cappelette. Interpretada por Elza Soares:
<https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMocIXw>

Quando respondem sobre o que fazem quando não estão no IFPI, a expressão artística surge como uma prática de renovação, um hobby. Alone e Avatar usam a escrita, Belladona, a modelagem 3D (desenho), Lion e Frajola usam o desenho como forma de expressão. Lion encontra no teatro seu espaço de expressão, e Morgana usa a dança. A arte para esses jovens é uma expressão de liberdade, que permite que saiam da realidade cotidiana que reproduz medo, tristezas, confinamentos, pressões, para um espaço seguro e libertador.

Foto 20 - Oficina de Negociação - parte 2



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2025).

Dando continuidade, pedi que fizessem um símbolo para o grupo e escolhessem um nome:

Foto 21 - Desenho do símbolo do grupo - Libertários



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2025).

E o grupo-pesquisador decidiu por uma espiral feita com borboletas e flores e um campo, porque vai representar a liberdade em meio aos ciclos, porque todos do grupo querem sua independência e liberdade. As borboletas representam metamorfose e mudanças. E pensam

que a questão da espiral são os ciclos, e as flores representam renascimento. A natureza é vida, é movimento (Grupo-pesquisador, relato, 2025).

Foto 22 - Foto Oficina de Negociação



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2025).

E em meio ao burburinho, à preguiça e às borboletas sendo desenhadas, surgiu um nome: Libertários. E por que Libertários? E seguiu-se o seguinte diálogo:

Porque vem de liberdade, e o nome Libertários, pra mim, soa como força, guerreiros que lutam pela liberdade. - Explica Frajola, e um burburinho por trás aprova, e ela continua - E aqui é o que todo mundo quer, liberdade financeira.

Avatar completa: Algum tipo de liberdade. - Frajola continua: Sim.

Minha curiosidade não termina, e eu pergunto: Porque a flor no meio da espiral?

Belladonna, que caprichava para terminar a flor dentro da espiral, responde: - Pode ser por vários motivos, pode ser tanto... espiral, para a gente é uma visão, tem que ver a relação das borboletas com as flores. - Ela passa a bola para Avatar: Porque... - Belladonna retoma a palavra - Tem a ver com a Belladonna, ela é uma flor venenosa, que pode ser usada como veneno... - Avatar retoma a palavra: Mas pode ser usada para o bem. - Belladonna completa: Pode ser usada como medicamento, então, é uma coisa muito ambígua, que depende o que a gente vai fazer com esse ciclo.

Lion fala: Tipo, as borboletas tiram os pólen das flores, ai, observando nosso desenho, uma enxurrada de borboletas, tipo num ciclo, está tirando pólen da flor. - Belladonna completa: Então, é um ciclo das flores. - Essa participação faz Lion sorrir.

Avatar lembra que as borboletas são polinizadoras, elas que são do curso de Meio Ambiente estudam isso: - Elas geram outras vidas, é bem isso mesmo que a gente está na terra só para salvar outras pessoas que estão mal, e a gente aparece na vida delas, nos ciclos delas a gente aparece, e a gente é uma nova perspectiva de vida. E aí tem o verdinho da natureza. - Eu

pergunto como liga isso aos Libertários - Avatar responde: - Liberdade para dentro da cabeça.
- E é aplaudida pelo grupo.

Podemos perceber que o grupo vê a liberdade, em todos os seus sentidos, como algo que toca as pessoas do grupo, e a retratam como uma espiral de borboletas e flores que criam ciclos, uma força vital, que vai ser influenciada pelo que se faz, e pela responsabilidade de influenciar a vida de outros. Uma liberdade que afeta outros, e que, por isso, deve ser responsável. Isso me mostra que elas já têm a “liberdade dentro da cabeça”. Ser um guerreiro Libertário e ter essa liberdade dentro da cabeça, conquista interna e responsável que se dá através dos ciclos da vida. Esses libertários vão conquistando todos os sentidos de liberdade, e, de forma ética, vão espalhando para o coletivo, influenciando outros a realizarem suas próprias conquistas.

Foto 23 - Oficina de Negociação - Metáfora do Medo



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2025).

Durante uma conversa com minha orientadora, Profa. Shara Jane Adad, falamos sobre a necessidade de criar uma metáfora para o medo. Por ser uma palavra amplamente presente no vocabulário cotidiano, o termo “medo” pode limitar o acesso à imaginação criadora, entendida como aquela que mobiliza o corpo inteiro e permite o contato com fontes não conscientes do conhecimento. Essa limitação pode dificultar o aprofundamento das questões relacionadas ao medo, especialmente aquelas construídas por cada participante da pesquisa, as/os copesquisadoras/es.

Lembro de Larrosa (2019), quando afirma que uma gramática ou esquema de pensamento já instituído provoca a sensação de “já dito”, “já pensado”, e que podemos continuar falando e pensando em seu interior sem surpresas ou sobressaltos. Isso institui o que podemos dizer e o que podemos pensar, limitando nossa língua e nosso pensamento. O autor propõe o par experiência/sentido para pensar a educação a partir de outro ponto de vista, “[...] configurando outras gramáticas e outros esquemas de pensamento, produzindo outros efeitos de verdade e outros efeitos de sentido” (Larrosa, 2019, p. 38).

O poeta Gilberto Gil propõe, através da metáfora, novas formas de dizer e pensar, ressignificando a linguagem, o que permite uma nova expressão. Lembrando Gil (1982), na música “Metáfora”:

Uma lata existe para conter algo
 Mas quando o poeta diz "lata"
 Pode estar querendo dizer o incontível
 Uma meta existe para ser um alvo
 Mas quando o poeta diz "meta"
 Pode estar querendo dizer o inatingível.

Percebo que a metáfora, na visão do poeta, permite a extrapolação de significados e símbolos instituídos pela linguagem, dando liberdade criativa ao poeta, dando a ele a possibilidade de dizer e expressar o que é indizível. Voltando a Gil (1982):

Por isso, não se meta a exigir do poeta
 Que determine o conteúdo em sua lata
 Na lata do poeta tudonada cabe
 Pois ao poeta cabe fazer
 Com que na lata venha caber
 O incabível

Retomo Larrosa (2019), que nos alerta para o modo como certas formas de escrever e ler, de falar e escutar, podem reforçar a submissão e o conformismo. Ele nos convida a desconfiar de qualquer enunciação do “nós”, pois esse pronome nos inclui em identidades coletivas pré-definidas e confere à linguagem uma aparência de neutralidade, apagando suas marcas subjetivas. Larrosa também nos chama atenção para o risco de aceitar discursos que se apresentam como falados “a partir da realidade”, pois essa suposta aliança com o real confere à linguagem um respaldo simbólico, carregado de prestígio e autoridade, que pode obscurecer sua dimensão construída e ideológica. O autor propõe:

O que necessitamos talvez não seja uma língua que nos permita objetivar o mundo, uma língua que nos dê a verdade do que são as coisas, e sim uma língua que nos permita viver no mundo, fazer a experiência do mundo, e elaborar com outros o sentido (ou a ausência de sentido) do que nos acontece (Larrosa, 2019, p.65).

O poeta Gil (1982), faz o mesmo movimento de Larrosa: vê a metáfora como uma possibilidade criativa que elabora novos sentidos, tirando-nos da realidade estática, da disputa dos significados dados à palavra, o que possibilita reinventar o que se escreve e lê, e do que se fala e escuta, permitindo-nos viver no mundo.

Deixe a meta do poeta, não discuta
 Deixe a sua meta fora da disputa
 Meta dentro e fora, lata absoluta
 Deixe-a simplesmente metáfora.

Assim, com o intuito de suscitar o aprofundamento das questões relacionadas ao medo, para além do “já dito” e “já pensado”, no encerramento da Oficina, solicitei que cada uma/um delas/deles escrevesse sobre o papel kraft três nomes que representassem o medo, para que, a partir deles, fosse escolhida a metáfora do medo. Elas me olharam, depois olharam para o papel abaixo delas, e pensaram... E foram surgindo os nomes e as brincadeiras com os nomes.

Foto 24 - Oficina de Negociação - Canetou!

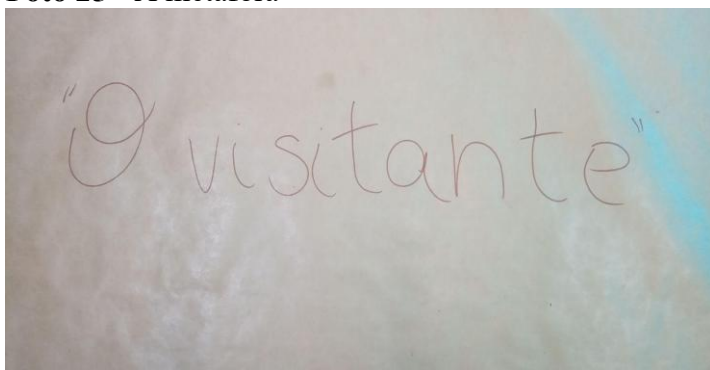


Fonte: Arquivo da Pesquisa (2025).

E só ficou faltando Frajola, que ainda pensava... E todos ficaram à sua volta.

Lion fala: “Gente, ela canetou!” E todos repetem. E assim o grupo escolheu o nome do medo: O Visitante. Frajola explica: “Porque o medo é como uma visita que bate na porta, se você deixar ele entrar, ele entra e fica na sua casa, ele faz da sua casa, a casa dele”.

Foto 25 - A metáfora



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2025).

Ao término da Oficina, estava formado o grupo-pesquisador, e seus componentes passaram a ser copesquisadores. Eu fiquei encantada com o nome do medo: “O Visitante”. Não poderia pensar em um nome melhor, aquele que entra em nossa casa. Porém, encantou-me, também, a palavra usada: “Canetou”. Saiu na hora, e todas aceitaram. Na hora, não quis tirar a sequência de ideias que apareciam, e guardei a palavra para depois. Lembrei: “sextou”, “lacrou”.

Na hora do lanche, pensei em retornar com a palavra “canetou”. A palavra que virou verbo (ação), e delirou, lá onde as juventudes disseram: “Canetou, Professora!”. Deixa as palavras delirarem (Manoel de Barros). A palavra delirou e virou verbo porque o nome surgiu, o nome do medo, aquele que ninguém esperava, mas que tocou todo mundo, e fez todos vibrarem, fez todo mundo “canetar” e o nome vibrou no ar, como novidade, como emoção.

A PRODUÇÃO DAS MÁSCARAS DO MEDO: TECENDO SABERES COLETIVOS PARA “O VISITANTE” NA ESCOLA

Na Sociopoética, a produção de dados da pesquisa é realizada através de uma produção artística, poética e criativa de conhecimentos, realizada por meio de uma técnica escolhida pela facilitadora. Petit (2014) fala que esta deve buscar diferentes linguagens, de modo a potencializar a produção de dados, não previsíveis, que permitam “[...] tocar a afetividade e o inconsciente envolvidos no pensamento” (Petit, 2014, p. 33).

No tocante a esse processo de produção artística de dados, Adad (2014) lembra que a espiritualidade se manifesta nas nossas relações com a natureza, com os outros e com o mundo, na forma de cuidar na pesquisa, entendendo os silêncios e vivências, e que “nosso saber é abertura para um não saber radical”.

Com efeito, no ser humano existe sempre um fundo impossível de conhecer, uma escuridão constitutiva da pessoa. O espiritual é o não cognoscível, o não determinável cientificamente, o não analisável. Em uma pesquisa Sociopoética, quando utilizamos técnicas artísticas de produção de dados, a espiritualidade aparece quando a resolução analítica dos dados encontra o seu limite, em que as coisas não podem mais ser explicadas racionalmente, mas vivenciadas, produzindo no grupo-pesquisador devires inesperados e imperceptíveis. Isto é ciência, arte, e espiritualidade tecidas e interconectadas aos acontecimentos, aos eventos, nos devires múltiplos dos grupo-pesquisadores (Adad, 2014, p. 56).

A produção de dados propicia essa relação pesquisa e espiritualidade, e com os ensinamentos de minha orientadora, Profa. Shara Jane, eu constato que Gauthier (2016, 2024) tem razão em afirmar que a espiritualidade é o maior marcador contracolonial da metodologia, como destaquei no Capítulo III.

Quando produzimos dados, produzimos conceitos e confetos, e brincamos com as palavras e seus sentidos, para que elas produzam novas formas de ver o mundo.

Pesquisar sociopoeticamente, nesse contexto, é entender que a pesquisa não se encontra dada a priori, como se elas, as palavras, estivessem em uma cesta para serem coletadas. Pelo contrário, as palavras não estão guardadas do seu sentido, nós produzimos os sentidos para nossos dados. A produção de dados acontece em oficinas de produção de conceitos e confetos, que, posteriormente analisados, cartografam as linhas de pensamento das pessoas, em grupo, que filosofam sobre os temas e problemas que as mobilizam (Adad, 2014, p. 55).

A Sociopoética, em seu terceiro princípio, pede que pesquisemos com o corpo todo, emoção, razão, sensações, intuição, gestualidade, imaginação. Muitos dos nossos saberes não conseguimos expressar com palavras. O medo, que foi aprendido, entrou em nossa mente

através de nossos sentidos, impresso em nosso corpo por palavras, gestos, ações, que nos chegaram como afetos tristes. Sofremos esses afetos e não tivemos como nos proteger, evitar.

Esses afetos medo ficaram impressos em nossos corpos, fazendo-nos andar diferente, retraindo nossos gestos, dificultar nossas palavras, nossas ações, e, como falar sobre esses medos? As palavras não dão conta de toda essa memória de medo. É necessário dar passagem ao corpo, ao sentir, ao emocionar-se, ao gesticular, ao olhar... Para depois permitir que as palavras cheguem.

Para fazer o corpo falar e dar passagem às palavras, vivências e significados, é necessário o 4º princípio da Sociopoética: as formas artísticas para a produção de dados. A arte é criação e a criação mobiliza o corpo inteiro, revelando o conhecimento não consciente, o que está além de toda a performance social a que somos expostos e que nos são exigidos para fazer parte do grupo social ao qual pertencemos. Considerando o exposto, descrevo como escolhi a técnica para a produção dos dados da pesquisa.

A escolha de uma técnica artística que potencializasse os conceitos sobre o medo gerou-me muitas dúvidas. Eu queria uma técnica que causasse estranhamento ao grupo-pesquisador, algo não esperado, e que tocasse de maneira diferente a cada um, que ajudasse a traçar um caminho entre o discurso verbal, o que se sente e o que está no corpo e nas emoções.

Um dia, à noite, sentada em frente à televisão, passando o catálogo de filmes de uma plataforma de *streaming*, acessei alguns resumos de filmes de terror e percebi que o uso de máscaras é muito utilizado para provocar medo. Então, pensei que a confecção de máscaras seria uma boa possibilidade de técnica artística para minha pesquisa.

Queria usar a máscara, para além das máscaras sociais e da máscara de disfarce, mas uma que fosse viva, usada como uma forma de proteção para a expressão de uma emoção tão dolorosa quanto o medo.

Para me ajudar a pensar a máscara, busquei formas de materializá-la. Pensei em imprimir uma máscara em papel A3, comprar uma pronta, mas não funcionou, era frio, não provocava estranhamento. Em uma busca pelo *Youtube*, encontrei um canal chamado Arte Educação, no qual o criador de conteúdo, Eurin Pablo²⁰, dá aula na modalidade de teatro, ensinando a confeccionar máscaras com a técnica de papietagem.

Assim, para confeccionar as máscaras com a técnica de papietagem, utilizei balões como base. Os dois primeiros serviram como teste para definir o tamanho ideal: nem muito pequeno,

²⁰ Eurim Pablo, professor, criador de conteúdo do canal Arte Educação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=auO3RBo2K84>.

para não dificultar a confecção; nem muito grande, para evitar que a copesquisadora levasse tempo excessivo na produção.

Preparei a cola, uma cola branca à base de PVA com água em um copo descartável, até obter uma consistência nem muito grossa nem muito líquida, ideal para aplicar sobre o balão e as tiras de papel sem rasgar as camadas anteriores. Utilizei papel crepom cortado em tiras, aplicando cada nova camada em direção diferente da anterior para garantir consistência. Após a secagem, os balões foram cortados ao meio, resultando em duas máscaras. O papel crepom branco foi escolhido para que a máscara tivesse o aspecto de uma tela branca, onde se pudesse usar as cores com liberdade.

Foto 26 - Oficina de Produção de dados - material



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2025).

Desse modo, a técnica escolhida foi “as máscaras do medo”, e o material a ser utilizado para materializá-la seria: a máscara feita por papietagem, têmpera guache e guache bastão em cores diversas, revistas, cordão, papel crepom de cores diversas, cola, pincel, esponja de cozinha, lápis preto, giz de cera, copos descartáveis.

Técnica pronta, voltei-me para planejar a preparação do grupo-pesquisador para a produção dos dados. Na Sociopoética, o relaxamento, como ensina Gauthier (2010), é indispensável na busca da liberação pessoal e coletiva para enfraquecer as censuras e deixar passar os conteúdos pré-existentes e inconscientes. Segundo o autor: “O importante está aqui: que as pessoas parem de racionalizar tudo, se entreguem totalmente à pesquisa e deixem surgir

os conteúdos sem censura, sem ter tempo para refletir, avaliar, ‘melhorar’ o que vai surgindo” (Gauthier, 2010, p. 12).

Organizei minha Oficina de Produção de Dados para iniciar com uma brincadeira, uma forma de ancorarmos nossa presença e participarmos efetivamente, com mente e corpo. Busquei na Biodança uma vivência, um movimento com ênfase no lúdico, no olhar, no toque suave ao encontrar as pessoas, de modo a diversificar continuamente os encontros. Essa vivência chama-se “Caminhar alegre com encontros”, que estimula a vitalidade através da alegria, do olhar, do outro, do lúdico e do encontro (Regina, 1997, p. 42). Para acompanhar a vivência, escolhi a música “Oh! Chuva!”, do Falamansa²¹.

Após caminhar com encontros, chega a hora de convidar para relaxar, preparar-se para a viagem imaginária, por meio da qual levaremos o copesquisador a pensar/vivenciar o tema da pesquisa. Para esse momento, recorri à percepção da respiração consciente, para ser realizada deitada e seguida da viagem imaginária.

Quinta-feira, dia 25 de setembro, dia da Etapa 2 da Oficina de produção de dados. No dia anterior, recebi as últimas orientações para a realização da Oficina. Minha orientadora Shara Jane convidou o pesquisador Wesley Rodrigues e, junto comigo e Wilker, revimos a técnica e Shara Jane fez algumas sugestões. Estava tudo anotado, passei a manhã arrumando todo o material para a realização da Oficina.

Cheguei 12:20 para pegar Wilker na UFPI. Ele já me esperava. Eu estava ansiosa e queria chegar mais cedo para arrumar a sala e esperar o grupo-pesquisador chegar, afinal, este é um momento chave para a produção de dados. Se minha Oficina e a técnica artística pensada não funcionassem, apareceriam poucos dados.

Iniciamos a oficina acolhendo as copesquisadoras com doces, conversa e muita descontração. Conversei com elas sobre o que ia ser realizado naquela tarde, deixando a expectativa do que elas iam produzir como técnica artística.

Coloquei a música, que encheu o ar da sala com sua melodia que começa mansa. A letra envolve: quem nunca tomou banho de chuva? A sanfona entra acompanhada da zabumba e do triângulo, dando o tom do xote, fazendo o corpo balançar:

Experimente tomar banho de chuva
E conhecer a energia do céu
A energia dessa água sagrada
Nos abençoa da cabeça aos pés

²¹ Falamansa: Banda brasileira de forró universitário e pé-de-serra. Música Oh, Chuva!, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Veeu7KSsZ4c&list=PLdm0m6ZoaM9H-H0PbcSG5kRrVdrB4q-4o&index=10>

Oi, chuva!
 Eu peço que caia devagar
 Só molhe esse povo de alegria (Alegria)
 Para nunca mais chorar
 Para nunca mais cho, chuva!

(Falamansa, 2001)

E caminhamos com encontros alegres. Desliguei a música e pedi para que deitassem sobre as mantas. E seguiu-se o relaxamento e a viagem imaginária.

Vamos deitar, fechar os olhos e ficar em silêncio... respirar fundo e devagar, até onde aguentar, segurar um pouco e solta devagar... mais uma vez... deixa as ideias passarem na cabeça sem segurar elas.... respira... sente a barriga subir e descer... as ideias passam e as deixamos ir... respira... respira ... vamos fazer uma viagem... uma viagem imaginária... continue com os olhos fechados... perceba que a sua frente tem uma bolha... ela se aproxima e te envolve... toque nela... sinta a bolha... a bolha começa a flutuar com você, e devagar ganha altura... observe abaixo de você o IFPI... a bolha começa a se movimentar e te levar pelos espaços da escola. Quais os espaços da escola, a bolha te leva? Como se sente? De repente, há algo que impede a bolha de seguir. O que te impede de viver a escola?... quais os Visitantes (medos) te impedem de viver a escola?. ... Como seu corpo se sente com o Visitante (medo) na escola?... Esse sentimento toca seu corpo? Como seu corpo expressa o Visitante (medo)? A bolha continua a se mover... E seu corpo encontra aliados que te ajudam a enfrentar os visitantes (medos) na escola, quem são os aliados? Embalados pelo movimento da bolha, você começa a mexer os pés, as mão, abra os olhos e sente abra os olhos devagar... Vocês vão receber máscaras, sinta a máscara e faça a máscara do Visitante (medo).

Colocamos as máscaras e o material no meio da roda. Um silêncio se fez, longo, todas em silêncio, olhando para as máscaras. Escrevi no Diário de Afecções: *“De onde vinha o silêncio? Dos sentimentos? Da confecção das máscaras? De pensar os seus medos? O silêncio pode ser ausência e também presença. O que será que o silêncio moveu...”* (Marlia, 2025).

Com a sequência da oficina, não perguntei sobre esse silêncio, e percebi que o grupo de WhatsApp criado para manter contato com meu grupo-pesquisador seria uma excelente ferramenta de produção de dados.

Nessa perspectiva, comecei a utilizar a mensagem virtual, já que a ferramenta WhatsApp está presente no cotidiano das juventudes, por onde partilham informações sobre seu dia a dia, suas narrativas, imagens, vídeos e mensagens de voz, e propus ao grupo-pesquisador a criação de um diário virtual. E, a partir dessa possibilidade, desenrolou-se o primeiro diálogo: Grupo-pesquisador (2025):

[09:05, 02/10/2025] Marlia Ribeiro: Libertários, eu gostaria de propor um diário coletivo aqui no WhatsApp, para vocês irem interagindo nos horários mais livres, que nos chamam para pensar.

[09:08, 02/10/2025] Marlia Ribeiro: Gostaria de começar a colocar uma inquietação que passei na última Oficina, a de Produção de Dados, em que foram feitas as máscaras. Após a viagem, se fez um grande silêncio, vocês ficaram sérias e pensativas, e assim que eu e Wilker colocamos as máscaras e o material, vocês começaram a pintar, colar... E só voltaram a falar depois de um longo tempo. Eu gostaria de saber: o que provocou esse silêncio? O que aconteceu, o que tocou vocês para provocar esse momento?

Morgana: Boa noite!! Vi a mensagem agora... Enfim, respondendo as perguntas. Eu fiquei pensativa sobre como faria minha máscara, lembrando da viagem e tentando entender o que eu estava sentindo naquele momento. Me senti relaxada, como se o mundo tivesse parado sabe. Fazia tempo que eu não ficava deitada com os olhos fechados imaginando algo. Parecia que eu não relaxava fazia um tempo. Foi como se eu tivesse ficado mais leve, com menos peso.

Belladona: Compartilho do mesmo sentimento que a Morgana falou, a gente corre tanto no dia a dia que momentos assim são tão raros de acontecer, e quando acontecem a gente começa a refletir tanto que entra em transe. Foi um sentimento muito bom, mas também dá uma angústia, porque você percebe que o tempo tá passando muito rápido e a sua mente não consegue acompanhar nada direito.

Alone (03.09.2025) Bom dia, tia! Bom, no momento da viagem a questão de "aliados" me pegou de surpresa. Achei que não iria ter aliados, mas quando meus amigos apareceram, eu fiquei muito feliz, fiquei com vontade de chorar. Depois da viagem, fiquei pensando o porquê da presença somente dos meus amigos, não tinha minha mãe, meu pai, nenhum familiar meu. Também fiquei refletindo o motivo de a barreira ser a portaria da escola, como algo me impediu de sair de lá. Nesse momento, o visitante me fez companhia, eu queria sair, mas a barreira me impedia.

Frajola (03.09.2025) Bom dia! No momento, eu estava refletindo como a máscara poderia representar meu visitante. O momento de silêncio foi justamente para eu me acalmar e pensar melhor. Aquele é um dos únicos momentos em que paramos para fazer algo que gostamos e nos faz relaxar. Acredito que não só eu, mas todos nós estávamos apenas aproveitando aquele momento, fora das correrias do dia a dia.

Avatar (03.09.2025): Bom, na viagem não consegui pensar no IFPI e sim na minha antiga escola e em meus amigos. Tenho muitos colegas na escola, no entanto, para mim, amizade é algo muito forte e, por isso, não tenho amigos no IFPI, somente colegas. Lembrei deles e o quanto sinto falta do nosso dia a dia, das nossas conversas, afinal, foram 4 anos dividindo amor, companheirismo etc. Sinto falta deles todo santo dia. Não me sinto pertencente ao IFPI de maneira alguma.

O WhatsApp, como ferramenta, também é uma escrita poética, melhor, um poetriz, como dito pela Professora Dra. Socorro Borges, em seu livro “Ventos que sopram aquelas noites”, escrito durante a pandemia, momento em que a comunicação por WhatsApp ligou famílias, amigos, levou palavras de amor, esperança e foi arma contra a solidão.

Virtuais
Whatsapp, zap, zap...
Ok, kkk, 😂😂, ufa!
Quem é mesmo?

(Professora Socorro Borges, Ventos que sopram aquelas noites)

Gauthier (2010) ensina que a produção de dados deve acontecer imediatamente após a realização do dispositivo, aproveitando o estado de relaxamento dos copesquisadores quando ainda estão relaxados. Em suas palavras: “O importante é que a produção dos dados aconteça

imediatamente, quando os copesquisadores estão no melhor estado de relaxamento, com a mente a mais vazia possível” (Gauthier, 2010, p. 12-13).

Teo (2020), em seu livro “Filosofia do Vazio”, traz a visão da Filosofia Taoísta, notadamente no Capítulo 11 do Tao Te Ching sobre o vazio, e explica que existe a utilidade das coisas e o seu valor. O autor exemplifica, através de um vaso, que pode ser feito de muitas formas e ter cores diferentes, mas o vazio interior é o que dá sua utilidade. Assim, existe a existência do vaso, onde está seu valor, e a sua não-existência, onde está sua utilidade.

O silêncio que se deu depois da viagem imaginária proporcionou para Morgana, Belladonna e Frajola uma parada no tempo, provocou um “oco”, uma desaceleração, valorizando sua não-existência, propiciando a retomada de memórias, sentimentos adormecidos, possibilitando perceber o que nelas faltam. Com isso, mostrou-se a potência do relaxamento e da viagem imaginária para a produção de dados.

À medida que as copesquisadoras iam terminando a máscara, era solicitado que cada uma pensasse um nome para sua máscara e que escrevesse sobre a experiência na oficina no Diário de Afecções.

Após todas terem terminado, organizei as máscaras no centro do grupo para iniciar o relato das produções. Solicitei, como dinâmica, primeiro, que todas as copesquisadoras falassem sobre suas impressões sobre uma máscara e, somente depois, a pessoa que confeccionou a máscara falasse sobre sua produção.

Máscara Sombra - Alone



Meu nome é Frajola e a máscara sombra da Alone me faz sentir assim que tem uma pessoa gargalhando de mim e também tem um relógio então é como se eu tivesse perdendo tempo como se o tempo estivesse acabando e isso me dá uma certa angústia porque eu fico desesperada, a pessoa é rindo de mim o tempo acabando, e é isso.

Eu sou Avatar, e vendo a máscara da Alone que se chama Sombra, parece que eu me sinto assim presa por fazer esse negocinho roxo, eu me sinto presa, e o tempo correndo e tem tipo uma pessoa atrás de mim rindo o tempo inteiro, e dá uma agonia um negócio assim, dá um negócio assim né uma coisa assim agonizante, a pessoa fica agoniada, tem um palhaço sorrindo, agonia, agonia mesmo, sentimento de prisão, porque o tempo tá passando e eu tô presa e tá todo mundo sorrindo e é isso mesmo.

Tipo que o tempo tá passando, porque o tempo do ensino médio aqui passa muito rápido, o ano já terminou, e tem também uns professores que ficam

zombando da gente, dizendo que a gente não vai ser nada na vida, tipo como se fosse aqui (sorriso na máscara), sorrindo da pessoa e o tempo passando, e a gente fica preso nesse sentimento, de que a gente não vai ser ninguém na vida, e acaba que o tempo passa, passa, passa, e esse medo fica preso em você.

Eu sou Lion e vendo a máscara sombra realmente dá... realmente dá a entender que parece uma pessoa gargalhando de você e um e um relógio eu sinto um sentimento bem estranho parando para analisar é tipo sei lá o tempo passando e eu não fazendo nada e é como se essa pessoa tivesse rindo de mim, rindo que eu não tô fazendo nada só rindo é bem, é muito triste isso. Para a escola? Assim, rindo da minha ingenuidade. Isso que a Avatar disse também remete a mim, porque é como se o tempo estivesse acabando e eu não fiz nada e sei lá tá chegando tá terminando o ensino médio tá chegando faculdade Enem e eu não fiz eu não fiz nada e essa pressão dos professores que faz a gente encher a cabeça e ficar preso nesse ciclo aí o que você será que eu vou conseguir eu não sei ninguém.

Eu sou a Belladona, primeiro vou falar o que eu senti olhando para máscara e para mim senti raiva, primeira coisa veio na minha cabeça foi raiva foi uma pessoa que talvez te causa mal mas que além de tudo que além de sei lá apareceu um relógio eu pensei na coisa quebrando e para mim é essa pessoa quebrando para mim é uma coisa muito frágil que mesmo que me causa mal é uma coisa frágil é uma coisa que eu consigo superar e para mim é isso que pode remeter escola também que te traz muito sentimento de competitividade em vestibular Enem qualquer coisa assim dentro da escola mesmo traz muito sentimento de competitividade, um sentimento absurdo que não devia existir que não devia ser incentivado não coisa que você tem que incentivada entendeu E é uma coisa que a gente pode destruir que é frágil que não se mantém que com força com nós temos nós mesmos que a gente estudou essa o que envolve né a máscara, que envolve um capuz me lembrou muito uma coisa, um esconderijo, uma fantasia então posso tirar isso para qualquer momento que eu vou destruir.

Morgana e essa máscara ela eu vejo um palhaço e eu tenho medo de palhaço e me causou uma certa angústia, essa parte aqui roxa meio que nos cantos parece como se estivesse desmanchando, se

degradando não sei como se, como já foi dito como se um relógio como se o tempo tivesse passando rápido demais e também tem essa questão dos professores Porque alguns eles ficam ah você não vai ser ninguém você não tá fazendo nada e tal, e acaba que a gente começa a pensar que a gente nunca vai ser bom suficiente para conseguir passar na faculdade alguma coisa sendo que na verdade era para eles ajudarem a gente a ficar mais calmos, então me lembro me dá angústia e desespero também porque parece que o tempo tá passando é como se não tivesse fazendo nada mesmo estando fazendo algo, e é isso.

Eu sou a Alone, e eu fiz essa máscara e botei o nome dela de Sombra, e eu senti foi a questão do tempo, o tempo ele passa né lógico o tempo ele vai passando e às vezes eu sinto como se eu tivesse, não tivesse fazendo nada...em relação ao tempo e esse rosto no fundo é o visitante zombando de mim porque ele tira o meu tempo tira o tempo de mim ele eu deixei ele entrar o tempo tava junto comigo e aí ele começou a afastar o tempo de mim isso tá que ao redor remete a escuridão e o fato de às vezes eu pensar que enquanto eu tô perdendo tempo... eu não faço nada. Bem quando eu chego aqui, aí o tempo passa muito rápido inclusive... e eu gosto de ficar aqui um pouco às vezes só que aí... isso me cansa às vezes... também tem a questão de entrar desespero enquanto tá no meio da aula não conseguir entender nada às vezes, e eu às vezes eu só quero que o tempo acabe mesmo eu querendo que ele passa mais devagar às vezes e às vezes eu não consigo me entender porque quando eu tô na aula eu quero que o tempo passe porque quando ele passa e a aula acaba, aí eu percebo que tá tudo bem mas durante a aula eu fico em desespero porque às vezes eu não consigo entender nada. E eu fico pensando como eu vou fazer uma faculdade, será que eu vou conseguir aprender alguma coisa para fazer um sei lá fazer o Enem e faculdade até porque eu quero fazer engenharia civil e é um curso que envolve matemática, muita matemática.

Os aliados, e aí foram os meus amigos eu tenho três amigos que eu fiz desde o começo daqui sabe desde quando eu comecei eu falo com eles e a gente e nós somos amigos muito próximos inclusive, e eles me ajudaram de forma, me fazendo feliz não só os meus amigos mas também o meu namorado que eu conheci ele também, porque eu já tinha conhecido, voltando que eu lembrei da máscara da Avatar, sobre a questão dos corpos, eu passei por issoeu não tinha permitido...mas mesmo assim.... e aí eu me senti mal e eu comecei a achar que todos os homens eram a mesma coisa...assim sabe... ruins, mas aí eu acabei conhecendo sim, pelo menos ele me respeita e dá meu espaço Não só meu espaço questão sentimental mas física também e é isso.

Máscara Os Corpos - Avatar



Olá, sou a Belladona, e eu falei quem que fez a máscara? Foi a do Avatar chama os corpos a primeira coisa que eu penso é multidão muitas coisas, muitas pessoas muitas pessoas acho que é todo mundo tá vendo né, muitas pessoas e traz sentimento por ser a máscara do desconhecido (visitante) acho que pode trazer esse sentimento de muita informação de muita superlotação é a palavra, só que ela tá sendo uma pessoa na mente de amigos não né PC não pode ser, às vezes o desconhecido é seu amigo mas isso que veio na minha cabeça. Sobre o que eu sinto olhando? Exatamente exatamente isso que eu falei, quando eu vejo sinto muitas pessoas, sensação de toque, sensação de pertencer, essa sensação de não ter controle sobre mim, ser mais sobre a outra pessoa do que ser sobre eu mesmo.

Eu sou a Morgana e eu vendo a máscara do Avatar aqui, eu não sei eu me sinto sei lá como se estivesse invadindo a minha privacidade com esse tanto de mão sei lá uma angústia como se tivesse passando do meu limite eu sinto angústia sinceramente com essas mãos vejo algumas pessoas algumas felizes... basicamente isso sinto angústia

Eu sou a Alone e o que eu sinto com essa máscara é desespero... é um desespero... porque aqui tem pessoas e representação humana e é uma coisa que eu tenho muito medo são de pessoas. Esse nome maior comunidade também essa palavra, essas duas palavras maior comunidade... e essas mãos aqui tudo me dá Desespero de verdade, tipo que eu tenho fobia social e aí olhando isso tudo me dá agonia e medo... e é isso

Eu sou Frajola e eu senti com essa máscara que o vigilante (visitante) ele pode ter múltiplas facetas ele não tem só um jeito de ser ele pode ter várias formas vários rostos e que a gente não não vai saber se ele é bom ou ruim e é isso.

Eu sou Lion e para mim eu acho que a pessoa pegou fotos específicas coisa que... tá bom sobre o que eu sinto eu sinto uma criatividade aqui uma Muita criatividade pegando fotos específicas e botando aqui e é isso que eu sinto.

Avatar

Boa tarde eu sou Avatar, o nome da minha máscara é os corpos por quê vamos lá eu peguei aqui uma imagem do nome "maior comunidade" eu quiser apresentar o medo que eu acho que é das maiorias das pessoas das meninas que eu converso na verdade que é sobre a questão do assédio aqui na escola, é uma coisa muito muito forte e não é só de pessoas assim não é só dos adolescentes também tem dos professores tem os professores que fazem os comentários assim tão assim idiotas mesmo e ficam sorrindo que até as carinhas aqui do Sorriso hahaha aí tem também aqui tipo pessoas tentando ultrapassar os limites das outras e tocando aqui na mão de uma pessoa e isso acontece muito aqui na escola uma amiga me relatou um caso de assédio que ela sofreu e aí o menino quer ser idiota perguntou assim: mas esse foi o primeiro assédio que tu sofreu foi o que eu cometi contra ti e aqui vem falando né que na maioria dos meninos aqui eles tratam a gente só como como os corpos só como os corpos mesmo aí tem a silhueta de uma mulher tem uma perna de uma mulher e tem ao redor que as mulheres só sendo mulheres só querendo ser livres a gente é a maior comunidade na escola só que a gente nunca tem poder sobre, não é questão de não ter poder, mas a gente não tem

autonomia para responder isso porque a gente fica com medo como foi dado o nome do medo né o vigilante Ele sempre dá presente principalmente na questão dos assédio na escola e é isso mesmo. Na viagem eu me senti bem né, é porque mandaram imaginar o IFPI, né aí eu imaginei, só que também remeteu a minha outra escola aí eu me senti livre só que quando falamos que tinha uma porta (não foi falado em porta) assim eu lembrei que tinha uma grade, por isso que eu coloquei essa grade aqui, que para assim a pessoa e tal. Só que eu não consegui flutuar sozinha não, eu flutuei com as pessoas, que na minha mente não foi só, flutuei com uns amigos meus E aí é isso aí. Sim foram outras pessoas viajei com a Grazielle com a Jade com Iza, o Gustavo a Brenda o Marcos né também nisso também quem é mais do que a Natália foi só com essas pessoas mesmo, aí quando a gente parou assim aí eu lembrei de uma grade eu botei aqui

Máscara Fariseu - Belladonna



O meu nome é Morgana e olhando essa máscara da Belladonna chamada “Fariseu” tem muitas cores, eu não sei me remete... vida eu não sei, tem essas plantas... me dá uma sensação boa parece que é como se tivesse uma... várias umas flores na frente do rosto como se tivesse querendo esconder algo, eu não sei, eu gostei dessa máscara eu me senti bem as cores da mistura eu acho que me remete vida alegria luz eu não sei acho que é isso.

Eu sou Alone e essa máscara aqui da Beladona, eu gostei dela eu fico feliz quando eu olho para ela me dá felicidade conta desse negócio aqui parece flor ou sei lá um negócio aqui pelo menos tem cor é bem colorido eu gostei de verdade o negócio da sensação boa e é bonito

Eu sou a Frajola e a máscara faz eu, da Beladona, ela me traz felicidades porque tem uma mistura de cores que retrata a felicidade para mim, e no centro tem tipo para mim é tipo uma ruptura com azul e verde que me

remetem mais a tristeza eu acho que isso seria uma ruptura na felicidade, seria o visitante adentrando a felicidade querendo pegar a felicidade querendo... isso, se espalhar na felicidade para espalhar o medo.

Isso na escola eu vejo que tipo sei lá isso me faz lembrar das pessoas que a gente tá ali num dia legal e a pessoa só para ser mesmo, desculpa o nome, de ser desgraçada ela quer é quer fazer da gente infeliz a gente tá ali no momento bom e ela quer colocar a infelicidade dela na gente.

Isso de tristeza, eu converso com a minha mãe quando a gente tá só assim, eu conto tudo para ela eu conto tudo para ela, e uma vez eu contei dos encontros que a gente tava tendo aí eu falei o que eu disse no encontro, aí ela me falou tanta coisa bonita que eu chorei aí eu desatei na frente dela eu chorei muito aí a partir daquele momento eu senti mais confiança de contar as coisas para minha mãe, e principalmente isso do medo de ser julgada e as coisas que acontece na escola e ela fala: Ellen não precisa não, não sei o que, não sei o que... Ela fala um monte de coisa para mim aí eu me sinto um pouco mais confiante.

Assim eu acho que pode ser qualquer coisa tipo o medo de ser julgado, o medo de de não ser não tem um futuro, com medo de não ser ninguém, pode ser até física um tipo medo de uma pessoa específico que ela vai atrás de você eu faço alguma coisa para você.

Máscara Fariseu - Belladona

Avatar e vendo a máscara da Belladona, eu sinto assim muito sentimento eu sinto muita coisa mas muita coisa, um sentimento forte, avassalador mesmo, as ondas me remetem algo assim intenso, eu acho que é isso que a gente vive na escola sabe a intensidade a intensidade principalmente do ensino médio uma coisa nova e eu acho que isso aqui esse remete a intensidade, e também essa ruptura que tem, remete aos momentos de tristeza que a gente tem por conta do medo de ser julgada, por falta de confiança, a maioria dos adolescentes sofre por conta de medo das frustrações do futuro né, acho que aí é que o visitante entra principalmente no sentimento de nós adolescentes que apesar de tá sendo essa onda, essa felicidade toda, essa alegria da gente estar com os amigos, da gente estar brincando fazendo piada, tem essa ruptura quando a gente e pensa: Meu Deus! O que vai ser do meu futuro? O que me ajuda a superar o medo do futuro, é eu ver o meu esforço porque eu faço algo para mudar, eu faço algo para meu futuro ser legal, e também quando todo mundo, os amigos, sabe, naquele momento de diversão, e também minha mãe.

Sou a Lion, e observando aí observando a máscara da Beladona eu vejo que ele tentou representar uma pessoa uma pessoa que tá passando por muitos sentimentos sabe transformações assim, é o que eu sinto não sei como explicar sabe eu só sinto, eu não sei como explicar... um pouco sabe talvez eu me identifique sim, ou o contrato com vermelho pode significar muita coisa sabe tanto uma ameaça ou sei lá, agora o amarelo não pode representar também felicidade de Emoções boas e a máscara pode representar isso sabe o avalanche de sentimento e... eu acho que nessa parte que o visitante pode aparecer para quebrar essa paz ... avalanche de sentimentos negativa, a parte do visitante...(na escola) Eu acho que sabe nós dependendo do que como uma pessoa tal que olha sabe julgando uma pessoa uma pessoa falando que não falando sabe mas insinuando que você não conhece ninguém ou até uma professora ir botando pressão (acarreta uma avalanche de sentimentos) e eu acho que é isso que eu poderia falar sobre essa máscara.

Oi gente, aqui é Belladona, de novo, vou falar da minha máscara agora. Gente é exatamente o que a maioria aqui falou né, que existe felicidade.

E quando eu fiz me baseei muito no no visitante que eu vi quando tava na viagem, e eu vi eu mesmo, eu vi ele queria aceitar né, mas tem que falar né ,mas não é só ele e é isso que eu queria representar que para mim essa coisa, essa coisa ruim que vem é uma feição humana, uma feição normal, uma feição de felicidade, de uma pessoa boa mesmo, que quando você menos espera ela é o visitante. E quando eu falo visitante, às vezes nem é a intenção da pessoa, mas é uma coisa abrupta, que eu quis representar com corte, que vai até alastrando aos poucos, o cabelo né que eu botei que eu fiz para, que lembra de mim mesmo essa coisa ondulada, essa coisa marrom, coisa que se assemelha a mim, eu botei para representar um elemento de mim, para representar que o visitante também sou eu. Porque muitas vezes eu me vejo trazendo a tristeza, trazendo a desgraça e afastando a alegria muitas vezes eu me vejo nessa situação, mas às vezes eu sinto que eu faço isso para não deixar os outros fazerem, para não deixar, sei lá um professor me trata mal para não deixar um amigo para dar mal, para deixar uma situação que trata mal, para não sofrer um ataque, para não sofrer uma coisa aí né, esses ataques sociais.

Fico triste me recluso, e acaba com a situação muitas vezes que eu posso acabar com amizade, posso acabar com o relacionamento para não me afetar tanto, e para lidar com isso são as pessoas para tentar fechar essa máscara, para tentar tirar, porque eu também quis representar que não é só ruptura, também mancha, é uma coisa que mancha, é uma coisa que vira parte de você, uma coisa que você não vai conseguir tirar de sua vida, independente do que você faz, independente de como você tira, como você lave, é uma coisa que vai ficar em você e uma coisa vai fazer parte de você.

E vai te moldar como pessoa, pode moldar sua caráter, pode moldar sua personalidade, pode moldar o que você gosta, e você pode tentar mudar isso, pode tentar negar isso, mas eu acho que é bom você usar isso a seu favor, e na escola né, pode acontecer uma situação de ataque, formas de ataque, de agressividade, um comentário ruim de um professor que provoca, de um professor que marca, isso

Máscara Fariseu - Belladona

acontece muitas vezes. Acontece, todo mundo aqui sabe, você já tiveram um professor na sua vida, que faltou com um pouco de senso básico e te marcou, foi quando você era criança, sei lá falou da forma como você escrevia, como você lia, o adulto não teve o senso básico de te tratar com respeito isso é uma coisa que a gente marca e é uma coisa que te molda e para não te levar para tristeza para acabar com você, você molda isso, você pode trazer isso para o lado positivo e essa que trazer com a máscara trazendo esse sentimento de alegria, que é uma coisa que pode se tornar uma coisa boa, e para transformar Isso numa coisa boa, você tem as pessoas só volta e também a escola é um ambiente de socialização é um ambiente de pessoas, as pessoas fazem ela não é só educação a gente viu lá né o livro que diz lá: Professora sim, tia não; mas não dá, não dá simplesmente para ter uma relação com o professor sem ter uma relação de proximidade com o professor, muitas vezes o professor vira seu pai, sua mãe, vira a pessoa mais próxima de você, ele vira um aliado, ele pode mudar trauma que outro professor te trouxe, pode te ajudar nisso, e além dos professor tem os amigos, tem muitos amigos., todas as minhas colegas de classe.

(rupturas são flores?) Eu notei, mas não são flores, mas eu quis trazer, ondulação, mas não ondulação, mas essas formas fechadas assim como fossem círculos mesmo mas são círculos que a gente tem a forma de ciclo ser perfeito né, totalmente 360 graus, e aqui não, aqui todos eles têm formas diferentes e às vezes nem são círculos as vezes são abertos porque são coisas que não foram formadas e ainda vão continuar se formando se formando queira ou não e eu acho que é melhor transformar isso é melhor usar disso do que apagar ou fazer que isso te apague.

Nota:

Durante o transcorrer da oficina, envolvida na escuta, não perguntei sobre o nome da máscara: Fariseu. Isso me levou a pensar que outro meio eu poderia utilizar para me ajudar a acessar essa informação da produção de dados.

E percebi que o grupo de whatsapp, criado para manter contado com meu grupo-pesquisador, seria uma excelente ferramenta, e comecei a utilizá-la, propondo ao grupo-pesquisador a criação de um diário virtual coletivo.

Conversa dia 25.09.2025

@~gustavo foram tantas coisas legais que aconteceram hoje quando e eu não te perguntei o porquê do nome de sua máscara

Quando eu tava usando as cores eu lembrei muito do fogo, que queima, mas também é vida, e Fariseu foi o que mais me remeteu à essa chama, essa duplicidade que é quase uma hipocrisia. Também tem o fato da máscara trazer a alegria e aquele sentimento que por fora é bom mas também representa uma coisa ruim.

Máscara Conhecido Indivíduo - Frajola



Eu sou Avatar e olhando a máscara do Frajola que é essa que é conhecido indivíduo eu sinto assim agonia porque tipo como se tivesse umas mãos assim saindo de dentro assim sabe sei lá furando assim furando, sinto agonia, sinto angústia, que é umas mãos furando e ao mesmo eu sinto alegria, que tem um sózinhos aqui que me deixa alegre sabe, eu acho que é que eu acho que ela tá falando mesmo da vida assim, com momentos de alegria, de frustração, de angústia, mas aí tem os pingos de felicidade durante o nosso trajeto.

Sou a Lion e vendo a máscara do Frajola bem a primeira coisa que eu pensei também seriam as mãos saindo de vazios, e depois eu pensei que poderia sei lá fazer alguma referência algum problema ambiental porque ao mesmo tempo que parece mãos também parece algumas eu vejo que parece algumas árvores assim árvore assim queimada e sabe o vazio ou poderia ser queimada, como

eu me sinto eu não sei como eu não sei como eu falar como eu me sinto eu poderia falar que eu achei muito criativo também achei muito criativo e uma mensagem bem profunda

Sou a Belladona, sobre a máscara do Frajola... primeira coisa que eu senti quando eu olhei foi Morte e a morte vindo por dentro, a morte que te mata por dentro, que vai escorrendo aos poucos mas que ainda tem a esperança né quando eu vejo aqui as fases amarelas, eu penso no sol, mas antes que no sol eu penso no fogo que é elemento da vida, sempre o sopro quente relacionado a vida. É sempre uma das coisas que eu sinto né. Tem muito preto tá muito associado ao preto também associado a consumir. E a máscara branca a gente tem um preto aí lembro do Yin e Yang aqui né que são os contrapontos assim da vida e eu acho que uma morte necessária que às vezes a gente tem o desconhecido, aliás, como é o nome do medo? Os visitantes, e é uma coisa Às vezes necessária e eu acho que pode representar isso

Morgana e quando eu olhei a máscara do Frajola eu senti um pouco de agonia por causa das raízes para mim parece raízes mas também lembram não como se fosse tivesse crescendo como se tivesse aumentando aí com preto aí tem um amarelo que me lembra muita alegria eu não sei como se fosse uma luz no fim do túnel, tristeza, é e isso

Eu sou a Alone, e olhando a máscara da Frajola, e a primeira coisa que dá para perceber que são essas esses negócios aqui, que para mim são mãos, essas mãos aqui saindo e me lembra o visitante e esse negócio amarelo me lembra girassol e também tem esses furos aqui que para mim pode se relacionar ao vazio, isso daqui também me dá desespero por conta dessas mãos aqui que para mim são mãos, eu vejo como mãos, tipo que esteja relacionada a traumas e pesadelos. É isso.

Eu sou a Frajola e o nome da minha máscara é conhecido indivíduo, e eu fiz a minha máscara pensando no rosto do visitante eu fiz Branco porque o visitante não tem o rosto ele pode ser qualquer um ou qualquer coisa, e eu fiz essas manchas pretas para mostrar um visitante, o medo que a gente sente, e essas mãos elas querendo puxar a gente para esse... para aprender a gente nesse obscuro, nesse escuro, mas o visitante ele nem é assim de todo mal porque às vezes o medo salva a gente de certas situações por isso esses pontinhos amarelos para mostrar isso, e esses furos pontiagudos eu quero mostrar que a gente enxerga através do visitante uma forma de vencer ele só que são poucos espaços e são estreitos e a gente às vezes tem medo de passar e fica nessa imersão, e fica com medo e não tenta vencer esse visitante. A escola, isso remete a escola no sentido de do julgamento de certas pessoas, e também de que alguns professores, eles às vezes jogam algumas coisas na nossa cara e às

Máscara Conhecido Indivíduo - Frajola

vezes a gente se cobra muito por causa de uma coisinha simples que ele jogou na nossa cara assim, aí eu fico com medo de, de eu não ser alguém, e fico me remoendo por causa disso. Meus aliados são meus amigos e principalmente meu pai e minha mãe, que foi o que eu vi quando eu tava imaginando. Eu me sentia assim, eu me sentia presa mas ao mesmo tempo eu vi que eu não tava sozinha e que o visitante não podia me vencer porque eu tava com pessoas que eu amo e vão sempre estar ao meu lado para me ajudar no que for preciso.

Máscara As Pessoas - Lion



Oi eu sou a Belladona, agora eu vou falar sobre a máscara do Lion, que chama “As Pessoas”. Primeira coisa que eu sinto quando eu olho são os olhos, é bem óbvio, essa sensação de ser observado, mas eu consegui ver que ela vai se tornar aos poucos que ela vai acabando aos poucos que ela se concentra no momento que na hora você tá lá você se sente desse jeito você sente observado você tem julgado Mas é uma coisa que que não é duradoura não é uma coisa que é um fato assim é uma coisa que vai ser dissipando é uma coisa que você se sente nos locais depende do local principalmente aqui na escola também né você pode sentir isso, você pode se sentir. julgado. Principalmente quando você Ah entra aqui você chega aqui mas ao longo do dia ao longo dos anos assim é um sentimento que vai dissipando, que vai acabando, que vai mudando também vai mudando para outros sentimentos.

Meu nome é Morgana, e o que eu sinto com a máscara “As pessoas” da Lion, eu vejo muitos olhos, eu me sinto observada, e isso é meio angustiante parece assim

pessoas olhando e julgando, Mesmo que não seja mas parece que todo lugar que eu andasse eu tivesse sendo observada. Não sei eu me sinto angustiada.

Assim como eu não sei se acredito que na escola essa questão de ser observada seja na questão de eu tentar ser perfeita, mesmo que não tenha como, como se eu tivesse muita questão das notas e eu sempre querer tirar uma nota muito boa e se eu não tirar eu me sentia a pior pessoa do mundo como se eu não fosse capaz de nada aí como se não sei eu não conseguisse chegar onde eu quero chegar aí parece que sempre vai dar errado.

Eu sou Alone, e eu vou falar sobre essa máscara da Lion que se chama “As pessoas”, e olhando essa máscara ela me dá agonia por conta desses olhos aqui eu me sinto observada e é algo que me faz lembrar do quanto eu sempre acho que as pessoas sempre em escola eu sinto como se vários me julgam quando eu passo por exemplo pelo corredor e tem pessoas eu sinto como se todos os olhares voltassem para mim, ficar me julgando, mas quando eu olho para elas não estão nem aí para mim mas mesmo se eu sinto essa sensação que está sendo observada.

Eu sou a Frajola, e o que eu sinto em relação a máscara As Pessoas” da Lion, é esse olhar de julgamento, é que faz a gente se recuar e principalmente na escola onde é o ambiente que a gente mais convive assim, a gente tem medo que é onde o visitante aparece medo de tentar um estilo novo de ser uma nova pessoa por medo do julgamento das outras pessoas assim como a Morgana falou

também nas notas a gente tem medo de sofrer esse julgamento dos próprios colegas e professores e esse olhar também me remete a como principalmente homens que tem uma mente maldosa olham para as mulheres olha assim com olhar de desejo assim um olhar nojento para mim.

(a escola) Oi como é um ambiente repleto de pessoas é um ambiente mais propícia isso esse esses olhares assim de julgamento e de querer ter aquilo, olhar para o corpo, para as partes íntimas, e a escola é um lugar mais propício a isso por ter uma variedade enorme de pessoas, de várias idades.

Eu, praticamente guardo para mim porque tem coisas que eu não consigo conversar com a minha mãe, mesmo que seja preciso tem coisas que eu falo para alguma amiga minha de mais confiança ou eu guardo para mim para mim e fico conversando sozinha sobre isso.

Eu sou Avatar, e olhando para a máscara da Lion, eu vejo, eu tenho duas interpretações eu sinto assim sabe é na verdade todo mundo viu isso, eu acho questão dos olhares e aqui principalmente aqui na escola Tem um pessoal do Superior né que aí se mistura com as meninas do primeiro ano e a maioria olha assim e eu vejo ele se relacionando assim pessoal e eu acho que esse olhar remédio para mim remédio de muita questão do olhar o objectificador que a maioria do pessoal do Superior tenho aqui com as meninas é um caso que já foi levado até para a diretoria também de muitos meninos do Superior que ficam assediando as meninas e nada foi feito, tem também a questão dos guardas aqui que um foi expulso por causa disso, mas depois de uns dois anos que ele ficou assediando, e ele passou 2 anos assediando, é isso me dá esse sentimento de invasão esse olhar e são vários olhares né olhares assim animalescos, vermelhos assim, bem animal, bem tenebrosa.

E os meus aliados aqui acho que eu aprendi muito a falar sobre isso então eu falo e debato mesmo, quando a pessoa vem assim, eu falo, e aí o que é isso? entendeu? Eu tenho meus amigos, minhas amigas, meus amigos eu converso sobre não é meus amigos como Gustavo né meus amigos minhas amigas também eu falo sobre isso com a minha mãe também.

Olá eu sou Lion, e sobre as observações dos outros eu posso dizer que estão corretas sabe eu poderia eu poderia falar que sobre a minha máscara é a personificação da ansiedade social do constante medo de julgamento que uma pessoa pode ter em qualquer ambiente que ela tiver, sabe, você imagina só você num lugar onde onde você onde você se sente que não é pertencido lá tem muitos estranhos e você não sabe o que as pessoas que as pessoas estão pensando de você ou que estão falando sobre você, aí os olhares os olhares eu tentei fazer algo penetrante né, tentei aqui e eles podem dizer qualquer coisa sabe, qualquer coisa mesmo. E sobre os dois olhos, sem trás tentei fazer uma eu tentei dar uma impressão de que uma pessoa ela está em constante, não, tentei dar uma impressão que ela tá numa confusão mental que ela tá muito muito muito confusa que tá até chorando Também quem tem que fazer mais lágrimas aqui vermelhas, e é isso que eu posso dizer

Eu me senti identificada sabe eu não sou uma pessoa muito sociável assim tenho poucas amigas aí eu não sei às vezes eu sinto que eu não que eu não pertencço aquele lugar aí é só um sentimento bem confuso mesmo. Eu acho que eu não sei tipo eu acho que é só um probleminha mesmo meu, as pessoas elas são tão diferente, é um sentimento muito pessoal meu, eu sinto que as pessoas são tão diferentes de mim sabe e eu sinto que elas estão no nível muito elevado do que o meu, aí eu tenho algum pensamento que eu não sou compatível. É meio idiota de pensar isso? Aliados, amigos, eu gosto muito dos meus amigos. Eu me senti identificada sabe eu não sou uma pessoa muito sociável assim tenho poucas amigas aí eu não sei às vezes eu sinto que eu não que eu não pertencço aquele lugar aí é só um sentimento bem confuso mesmo. Eu acho que eu não sei tipo eu acho que é só um probleminha mesmo meu, as pessoas elas são tão diferente, é um sentimento muito pessoal meu, eu sinto que as pessoas são tão diferentes de mim sabe e eu sinto que elas estão no nível muito elevado do que o meu, aí eu tenho algum pensamento que eu não sou compatível. É meio idiota de pensar isso? Aliados, amigos, eu gosto muito dos meus amigos.

Máscara Confusa - Morgana



Sou Alone e eu vou falar sobre essa máscara da Morgana que tem o nome de “Confusa” e para mim não tem nada de confuso aqui, porque são duas faces para mim isso aqui não é só uma Face são duas, uma é preta e tem um olho vermelho e a outra é feliz e amarela tipo como se fosse aquele bonequinho da Electrolux. Pois é, me lembrou isso agora, mas falando aqui mesmo na máscara, me traz tipo uma pessoa que tem duas personalidade sabe, a bipolaridade. Bem, eu me sinto traída porque não é uma pessoa única aqui é uma pessoa que tem Duas Faces, duas formas de tratar uma mesma pessoa, por exemplo uma pessoa que tem duas formas de tratar outra pessoa, (na escola) Acontece muito só que eu não ligo sabe, tem tem pessoas na minha sala que quando precisam de mim me tratam bem e pedem as coisas e tudo mais mas aí quando não precisa me tratam mal e ficam dizendo que eu sou muito chata, e que eu sou muito exagerada que eu sorrio demais, e muito alto, que eu falo demais, que eu sou muito agitada e que se incomoda ela mas aí quando elas precisam de mim elas dizem: Ai, oi, tudo bem? Pode me dar uma folha? - e me tratam bem.

Boa tarde, eu sou a Frajola, e eu vou falar da máscara “Confusa”, da Morgana. Para mim essa é a feição do Visitante, porque de um lado ele é Sombrio e mal e do outro ele é alegre e feliz. Para mim essa máscara mostra as duas feições do visitante porque, por um lado ele te deixa preso num loop que você não consegue sair e você fica se remoendo de medo e do outro que ele te protege de certas situações, por exemplo, medo e ir para algum lugar, e isso vai te proteger de ser assaltado ou de ser sequestrado ou ser assassinado, para mim é isso que significa essa máscara. Na escola eu não sei bem como é que eu posso encaixar isso, tem aquela pessoa como a Alone falou, a pessoa duas caras, que ali ela está se fazendo de boazinha, mas depois, pense, por trás ela é super maléfica, que pode te bem quando precisa, e tratar mal quando você não é mais necessária. (a situação) Ela me deixa triste por me invalidar, mas é uma coisa que eu não me importo tanto ter outros amigos e acho que não precisa dessas coisas.

Eu sou a Avatar, e olhando a máscara da Morgana eu sinto também que tipo é uma, uma feição do medo, porque às vezes tem medo é algo bom, e na escola principalmente porque aqui na escola né eu falo que na escola nós somos a gente é integrado aqui junto com o pessoal também do ensino superior e aqui na escola entra muita coisa né, entra bebida, entra, entra maconha, entra droga que entra tudo. E aí o pessoal fica oferecendo para a gente, fica dizendo não tem medo não vamos, e nessa hora o medo né te protege. Você é muito exposto a muitas coisas na escola, e muitas coisas negativas na escola, e é nessas horas que o medo pode se proteger sabe de entrar pelo caminho errado da coisa.

Sou a Lion, e olhando para máscara da Morgana eu vejo, sei lá, é tipo, é como se para mim é como se fosse uma passagem de sentimento, não sei é como se uma pessoa tipo uma pessoa tivesse feliz e ela, e ela, virar passar para uma grande depressão, assim observando sabe, é como outra coisa que a Alone falou é são a bipolaridade também acho que eu posso relacionar isso. Meu outro,. não, minha outra opinião sobre essa máscara. Na escola como eu vejo eu poderia dizer a mesma coisa, que eu poderia dizer a mesma coisa que a Alone, pessoa que moldam uma personalidade pra você, sabe, uma vão te tratar bem e a outra te tratar mal, quando é conveniente para elas.

É Belladona aqui, falando, oi gente! Primeira coisa que eu vi quando eu olhei a máscara é dupla face, quando eu vi assim, não a fita, eu pensei assim duas facetas da mesma pessoa que eu acho que pode relacionar aos ambientes que a gente vai, porque querendo ou não a gente precisa, precisa se adequar, é uma coisa de viver em sociedade, que infelizmente a gente precisa mudar muito, quando está em um ambiente e vai para outro e se relaciona diretamente com a escola, porque dependendo da pessoa, as vezes ela pode ser triste aqui ou feliz em casa ou na maioria dos casos ser feliz aqui e triste em casa, mas não tá feliz e triste né a pessoa pode ser mais aberta pode ser mais fechada. É o que a gente vê que acontece é a pessoa não tem contato com... não socializar em casa, não é nem tipo ter contato assim com as pessoas, porque ela pode ter muita irmão muita pessoa, mas não é o mesmo contato que um amigo, porque com um amigo a gente sente, de escola assim, a gente sente que pode se abrir muito mais, porque não é uma coisa que, te define assim você, que não tá, que não cobra de você, e que não, não tem uma responsabilidade sobre você, você fala mas por falar, mas não por esperar alguma coisa assim em troca, É o que acontece, eu sou mais aberto, eu não falo nem assim com esse tom de altura em casa. É uma coisa que acontece, já falei com algumas pessoas, é o que acontece com uns amigos meus.

Eu sou Morgana, eu fiz essa máscara chamada “Confusa” eu escolhi esse nome que eu não sabia que não me dar, enfim, eu quis retratar basicamente as pessoas que todo mundo falou, essa questão de que a gente nem sempre tá bem, mas às vezes em determinados lugares a gente tem que ser de uma forma como se a gente não pudesse mostrar quem realmente a gente é, e a gente acaba que a gente às vezes depois não consegue saber o que sentir, realmente não sabe o que está sentindo, porque também tem muita essa questão de que foi muito acostumado de que a gente sempre tem que estar bem, feliz, e aí a gente vê nas redes sociais uma vida perfeita, que nem é perfeita, todo mundo fica vendo aí vê também na escola as pessoas felizes e acham que tem que estar bem todo tempo e aí às vezes a pessoa não se permite se sentir triste, se sentir quem ela realmente é, aí ela acaba se perdendo, e às vezes ela não sabe realmente o que ela tá sentindo. Na escola tem muito isso, sinceramente quando eu tô triste quando eu venho para a escola eu não sei né exatamente o que acontece eu acho que seja as pessoas, meus amigos e eu fico bem, eu não sei, parece que meio que muda, eu não sei o que é essa questão de que eu já me acostumei a ficar toda hora bem, querendo sabendo do tempo porque eu quero ser muito forte, sem ser todo tempo, ninguém sabe todo tempo, mas eu tenho muito isso na minha cabeça. E aí acaba que às vezes a gente não permite se sentir, e aí nem todo dia todo mundo tá bem, tem dias que a pessoa acorda mal, tem uma prova e a pessoa se dá mal por exemplo, porque tirou uma nota ruim, nem todo mundo fica bem toda hora, e aí acaba que a gente fica se culpando tanto e achando que a gente não somos bons, que a gente é um fracasso, sendo que só não era um bom dia, e aí tem muito isso, eu valorizo muito algumas professoras quando eles dizem isso, porque ele realmente entende isso mas tem muito meu Deus então é isso era basicamente para representar essa máscara que tem dois lados um lado que a pessoa.

Eu acho que pensamento porque às vezes eu acho que os meus pensamentos me auto sabotam de alguma forma na minha vida acadêmica, assim porque teve essa questão que a gente viu, o tempo passar muito rápido, às vezes a pessoa fica parada assim, como ela não consegue, porque tipo assim, o emocional também tá muito relacionado às outras coisas, então a gente acaba afetando de alguma forma,. e aí a gente acaba não conseguindo prestar atenção na aula às vezes dá uma distração porque vem muito pensamento então isso afeta diretamente no nosso aprendizado na aula de a gente entender bem.

(quem ajuda) os meus amigos, porque a gente é bem unido, eu gosto muito disso meu melhor amigo que também é meu namorado, as pessoas próximas, a minha mãe assim eu não sou muito de falar o que eu sinto, nem tanto pela questão de certas pessoas, mas sim porque eu tenho muita dificuldade com isso, mas eu consigo falar com a minha mãe às vezes com alguns amigos então acho que eles são essa questão do conforto que eu até pensei na hora que a gente fez questão da Imaginação e tal, e eu vi eles como é apoio para eu conseguir sair também da bolha porque às vezes eu acho que eu mesma me prendo numa bolha porque às vezes eu me sinto mais confortável assim do que não sei exatamente, é mais ou menos isso.

Na escola também tem essa questão da pressão, que a gente tem que ficar fazendo, tendo que fazer, sendo que, o que eu posso dizer, a gente tem que estar todo tempo no nível máximo, sendo produtivo, sendo que às vezes não dá, às vezes a pessoa só não consegue.

Durante o relato sobre a máscara produzida por Morgana, a partir de uma colocação de Belladonna, surgiu uma discussão sobre performatividade, que descrevo abaixo:

Como você se sente em ter que ser duas pessoas, ter que performar?

Belladonna É um conflito muito grande, é essa coisa de ser um conflito muito grande porque você não sabe que horas ser qual, que horas ser alegre, que horas ser triste, as vezes eu dou uns escapes na minha família, e fala: Ah, não sei o que, não sei o que. - Ai todo mundo, eu acho estranho... Aí, aqui as vezes eu fico um pouco triste, que é normalmente, quando eu fico, não triste né, mais fechado, aí o povo estranha, mas eu tô bem, tô aqui, tô vivo ainda. - e continua normal, eu sempre essas coisas a maior dificuldade é quando colapsa os dois mundos, ou os meus pais vem pra cá, ou eu topo com eles aí pelo centro, que eu tenho que mudar completamente, não mudar completamente, mas tenho que performar, começar a performar e é uma doideira, para quem, para quem é multifacetado, igual tá na máscara, da nossa Morgana, Confusa, justamente nesse confusa, né.

Lion - Sabe vira algo bem exaustivo, entende sei lá pode até chegar... não pode até chegar num ponto que você vai performar tanto que você pode criar várias e várias personalidades e não vai saber nem mais quem é você entende aí nesse ponto isso é muito, muito preocupante. Talvez essa é a mensagem que pode dar, eu acho que como o nome confusa retrata a confusão sabe talvez uma pessoa que ela não se conheça. Talvez uma pessoa que ela tenta moldar tenta moldar sua personalidade, a partir de outras personalidades que ela vê, tipo copiando... e ela não sabe, não sabe não se conhece entende não sabe quem é ela.

Eu sou a Alone e eu tenho que performar três personalidades praticamente, é uma aqui na escola, eu me sinto mais eu mesmo aqui na escola, de verdade, porque eu converso com os meus amigos, né eu falo sobre várias coisas, sobre o que eu vejo no mundo, sobre a vida, e eu posso ser artista à vontade, eu posso desenhar, escrever também, e em casa sou mais fechada, eu tenho que ser alguém mais madura, mais responsável, tenho que agir como uma pessoa uma pessoa, sabe, tem que aparentar ter mais idade do que eu tenho. Porque se eu for agir como uma adolescente, eu posso estar agindo como uma criança, e também sobre a questão da minha família no geral, sem ser na minha casa por exemplo, num jantar, no almoço de família, no domingo, churrasco de domingo eu tenho que ser outra pessoa, diferente da que eu sou em casa e da que eu sou na escola, mas não porque eu quero esconder quem eu realmente sou, é apenas as pessoas que não querem aceitar o jeito que eu sou, e para evitar ter que estar escutando várias coisas, eu ajo do jeito que elas querem que eu aja para elas não terem que falar nada e eu ficar em paz comigo mesma sem precisar ter vários pensamentos e ficar remoendo aquilo o tempo inteiro.

Eu sou Frajola, e eu não diria performar, mas tipo tem coisas que eu não conto para os meus pais que eu falo com as minhas amigas, por exemplo e lá em casa eu sou animada do mesmo jeito só isso mesmo tipo, tem coisas que eu não conto para minha mãe que seja para não preocupar ela ou porque eu não consigo contar.

Avatar - Eu não tenho que performar não, é porque sempre foi só eu e minha mãe né aí minha família é minha mãe, e alguns amigos né, e aí bem próximos mesmo, e aí eu nunca tive que performar não eu sou eu aqui na escola as mesmas barbaridades que eu digo aqui na escola eu falo para minha mãe ela também fica chocada né Mas ela já sabe do meu jeitinho de ser e é isso né Graças a Deus eu não tenho que performar não Ainda bem né Deve ser ruim.

A Sociopoética dá vida à máscara do Visitante? Percebi, depois da oficina, que a máscara é uma tela, uma superfície sensível, por meio da qual as copesquisadoras expressaram o indizível, uma tradução pessoal sobre o medo, que ganhou forma, cor, textura. A técnica artística escolhida propiciou encontros, mobilizou afetos quando realizamos as trocas, a transversalidade em forma de provocação: Como você se sente ao ver essa máscara? No que ela te provoca?

Esse espaço de compartilhamento seguro para tratar sobre o medo e essa distância segura ampliaram os olhares do grupo-pesquisador. Através de narrativas de vulnerabilidades, o medo na escola apareceu e trouxe seus aliados, o modo de resistência, a segurança para enfrentar o dia-a-dia na escola.

Libertários: O percurso analítico entre máscaras e saberes pelos próprios jovens

Essa etapa iniciou com a organização dos relatos plásticos e orais para a realização da análise dos dados pelo grupo-pesquisador. Assim, no dia 16 de outubro, quinta-feira, eu e Wilker partimos em direção ao IFPI. Eu estava eufórica, e não parava de falar. Meu cofacilitador, atento, estava ali, presente, uma forma potente de dar apoio. Chegamos cedo. Ficamos um tempo na portaria esperando nossa liberação, mas não estávamos preocupados. Pela nossa tranquilidade, tinha certeza de que a tarde seria maravilhosa.

Uma a uma, cada copesquisadora ia chegando. Estavam cansadas da semana de prova, mas animadas por nos encontrarmos novamente. Cada uma foi comentando o quanto as oficinas anteriores as deixaram bem, renovadas. Eu fiquei feliz a cada novo abraço de alegria, e a conversa “rolou” por um tempo.

Convidei para sentarem e expliquei como seria a Oficina de análise dos dados produzidos: eu dividiria o grupo em dois, sendo que um grupo faria com a análise das máscaras e o outro faria a análise das transcrições dos autores das máscaras, realizadas durante a Oficina de produção de dados. Fiz um sorteio e dividi o grupo.

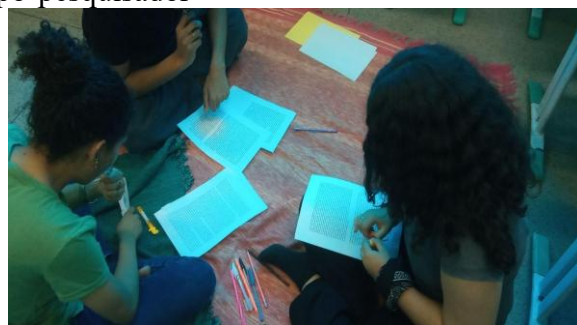
Figura 27 - Início da Oficina de Análise pelo Grupo-pesquisador



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2025).

Coloquei à disposição dos dois grupos papéis, canetas coloridas, lápis, borracha, apontador e lápis de cor, e deixei que trabalhassem.

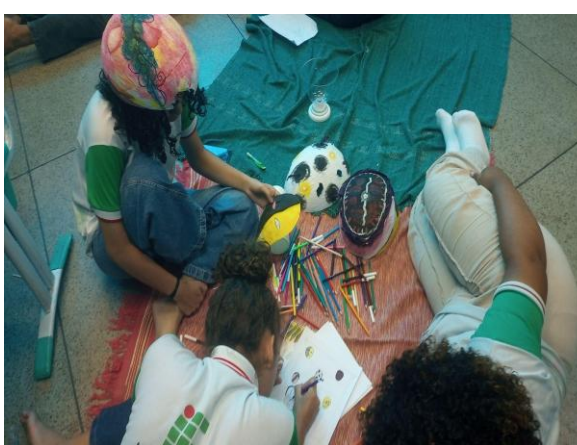
Figuras 28 e 29 - Oficina de Análise pelo Grupo-pesquisador



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2025).

Deixei que ficassem à vontade, que realizassem livremente as análises. Frajola, Alone e Lion ficaram responsáveis pela análise das máscaras, e optaram pela produção de um desenho como modo de análise.

Figuras 30 e 31 - Oficina de Análise pelo Grupo-pesquisador



Fonte: Arquivo da Pesquisa (2025).

Análise das Máscaras: Frajola, Alone e Lion



Eu sou Alone e eu e meu grupo que é composto pela Lion e a Frajola a gente fez um desenho representando as Máscaras e o que a gente quis é representar com esse desenho é que o visitante ele pode ter várias máscaras então a gente representou que usando também as nossas máscaras E essas outras máscaras vermelhas elas são máscaras de outras pessoas e que a gente não sabe como elas podem ser representada por isso que a gente fez só de uma cor, e vermelho também tem muitos significados como tipo um significado assim de perigo, alerta, sabe E aí a cara dele aqui é preta o rosto dele é preto porque, porque isso é o visitante, aí ele meio que escolhe a máscara que ele vai usar de acordo com o tipo de pessoa é um tipo de pessoa que ele vai visitar por exemplo esse daqui da Avatar, que eu fiz, e esse daqui que eu esqueci o nome... da Beladona, da Frajola, da Lion da Morgana, e esse aqui é o meu. Aí de acordo com a pessoa que ele vai ,aí ele escolhe a máscara representada assim pela aquela pessoa, sabe.

Eu (Frajola) não tenho muito o que falar porque é o desenho representa exatamente o que a Alone falou, que é o visitante, que a gente fez ele em preto e branco porque ele não tem uma forma ou uma cor específica, porque como a Aline disse ele tem várias máscaras, e ele pode se representar de maneiras diferentes dependendo da pessoa.

Ele tem um rosto todo preto porque ele não tem uma Face assim tipo é vazio porque ele faz escolher uma massa para causar o medo e uma ansiedade na pessoa.

Avatar, Belladona e Morgana, responsáveis pela análise das transcrições dos relatos das autoras das máscaras, optaram por um texto em prosa como resultado da análise do grupo.

Análise das transcrições - Avatar, Belladona e Morgana.

As Máscaras

Várias corpos, várias máscaras, várias maneiras de viver. Corpos sagrados em perigo e não há ninguém pra socorrer. Criminosos nos tocam o tempo interno invadidas, usadas, maltratada, caladas! Medo! Medo! Medo! Medo! O visível chega ~~sonnateido~~, ~~sonnateido~~, sonnateido feliz. A pobre menina com o passado alegre agora se torna uma atriz, fingindo o tempo interno sonnateido que nunca não existir. Esperança, um termo tão lindo, mas a realidade é obscura há julgamento, várias cobranças não existe uma luz no fim do túnel. Será essa a verdade? É necessário descobrir que suas próprias asas, não tenha medo de (n) ~~existir~~ Existem adultos incompetentes, que já foram crianças floridas tinham sonhos, alegrias, desejos mas os traumas se transformavam em feridas. Existem ciclos durante a vida interna e todos, sem aviso prévio, chegam ao fim, há a dor de perder de si, mas entendemos a necessidade é preciso que haja a resistência, para nos encontramos de verdade. Precisamos ser essa metamorfose ambulante, sem nos prender a padrões, dores, traumas, cones não há nada melhor no mundo que transformasse em uma borboleta a voar livre no mundo sem usar diversas facetas. Olhos, olhos o tempo interno julgando, às vezes sem pensar falam coisas absurdas que calam as vozes humanas já mudas de pessoas inseguras que, não sabem reagir. Confusão mental marcam nosso ser ou não ser, ser ou não ser não. Conseguimos existir, aliás, há razão de viver? Estamos perdidos, fingindo o tempo interno, somos todos inseguros, vivendo sem rumo e com medo. Não há lugar seguro em todos nos sentimos distantes, mas às vezes encontramos em ponto seguro para sentir algum lual.

Ao final da Oficina, o clima era de despedida. Tinha conversado com elas sobre as análises que cabiam a mim, facilitadora, realizar, e que demandaria tempo. Por isso, somente após a realização dessas análises, voltaríamos a nos encontrar para a Oficina de Contra-Análise.

O percurso analítico da Pesquisadora/Facilitadora

Após a análise dos dados plásticos e das transcrições orais pelo grupo-pesquisador, chegou a minha vez de analisar os dados. Iniciei pela etapa da análise plástica, as máscaras do medo, em que eu olho para a produção plástica como se fosse minha. Eu pensei que seria fácil, mas estava tão impregnada com os relatos, as conversas e as discussões sobre as máscaras que não consegui me desvencilhar do que o grupo-pesquisador discutiu sobre a representação das máscaras.

Minha orientadora, Shara Jane, veio em meu auxílio e convidou outra orientanda, a pesquisadora Ana Jéssica, para me ajudar a olhar as máscaras sob uma nova perspectiva. Recorri também ao Geraldo, amigo de meu filho, a quem aprendi a respeitar por deixar a família em Pernambuco e vir para Teresina em busca de seu amor. Por ser enfermeiro de formação e não pertencente ao grupo de pesquisa de minha orientadora, considere que ele poderia me oferecer uma visão diferenciada das máscaras.

Máscaras soltas sobre a mesa

Visitantes na escola são observadores e ao mesmo tempo não tem olhos, apresentam dualidades que escondem as intenções. Estão cobrindo o rosto numa sobreposição. São assustadores e causam pânico na escola.

Multidão: barulho, vozes, cheiros, ansiedade!

O sorriso causa inquietação.

De um lado o Sorriso enterra dor e do outro o sorriso e também reconhece a dor, medo e anseios – força reconhece dor, medo, anseios

Das rachaduras saem flores e dor... E o relógio marca as horas sem controle.

Num cenário de terror na escola. Visitante-muitos-olhos-sem-olhos. Visíveis e disfarçados. Assustadores em três máscaras. Sem nariz. No geral, o visitante é assustador. Atuam com muitas mãos e muitas bocas. Apontam o dedo, se impõem engravatados sobre a maior comunidade na escola, as mulheres.

Homens de terno lembram políticas predatórias, e a moça é feita de palavras, ela tem conteúdo, mas o que interessa é a forma. - O que diz o mundo que vivemos.

Bocas é internet - falsas promessas.

Há um X. Seria uma incógnita? Algo proibido? Ou o X seria misoginia?

Assédio? Machismo?

Na comunidade de mulheres há um X.

Por dentro da comunidade de mulheres, há diferenças de estados emocionais: umas chorando, umas tristes, outras felizes, fluindo, tranquilas. Apontam para estados em transformação. Seriam brechas? Flores e raízes expostas?

Raízes saem de dentro, e furam

Essas Fitas rochas saindo lembram a raiva que machuca pessoas que amo, mas os furos são raivas compreendidas.

Por baixo dos visitantes na escola há feridas, rosto sangrando. Algo interno machucado, triste. Flores nascendo no formato de uma cicatriz, desabrochando do concreto, germinando a cura...

Iniciei a análise dos relatos orais relendo-os e ouvindo-os. Enquanto na análise plástica distanciar-me desses relatos me ajudaria a olhar as máscaras sob a minha perspectiva, para os relatos orais, é necessário um movimento diferente: ouvir e ler algumas vezes me auxilia no processo de análise classificatória, na busca por ideias predominantes do pensamento do grupo-pesquisador, ajudando a observar as semelhanças, oposições, divergências e ambiguidades.

Para o cruzamento de ideias, Gauthier (2010, p. 18-19) propõe a seguinte organização: “Considerar todos os dados obtidos com uma técnica, até esquecermos totalmente quem foi autor de que, tentamos organizá-los a partir de semelhanças e oposições, confluências e divergências”. Contudo, usualmente, as sociopoetas do NEPEGECI adotam como organização: semelhanças, oposições, divergências e ambiguidades, estrutura que seguirei neste trabalho.

Considerar todos os dados obtidos na técnica das máscaras do medo, organizá-los, categorizá-los, cruzá-los, classificá-los e, novamente, relacionar as ideias para perceber os tipos de medos, como influenciam os jovens na escola e seus modos de superação, foi uma experiência incrível. Naquele momento, minha pesquisa ganhava força coletiva, dando forma à entidade grupo-pesquisador.

Para iniciar a análise, eu e minha orientadora, Profa Shara Jane, decidimos usar os objetivos específicos como categorias, ficando assim: 1) Tipos de medos; 2) Como os medos influenciam os jovens na escola; 3) Como os jovens superam os medos. A partir da transcrição dos relatos orais, identifiquei as categorias pelos números acima designados a cada uma. Para facilitar minha observação, coloquei cores, que não são especificamente ligadas às categorias, como demonstro no trecho abaixo.

Máscara **Visitante-Sombra-na-escola** eu senti foi *é a questão do tempo*, o tempo ele passa e às vezes eu sinto como se eu não tivesse fazendo nada. E esse rosto no fundo é *o visitante zombando* de mim porque ele tira o tempo da gente de mim, eu *quando deixamos ele entrar, o tempo estava ao nosso lado*, tava junto comigo e aí *ele afastar o tempo* de mim, isso *e ao redor* remete a escuridão, enquanto *se perde o tempo, não se faz nada(1)*. Bem quando chego *na* escola o tempo passa muito rápido, e eu gosto de ficar aqui um pouco, só que isso cansa, e tem o *às vezes e também* tem a questão de entrar em desespero enquanto tá no meio da aula *e não conseguir entender nada*, e eu só quero que o tempo acabe mesmo eu querendo que ele passa mais devagar. *Eu não consigo entender porque quando eu tô na aula eu quero que o tempo passe porque quando ele passa e a aula acaba, aí eu percebo que tá tudo bem mas durante a aula eu fico em desespero porque às vezes eu não consegui entender nada. E eu fico pensando como eu vou fazer uma faculdade, será que eu vou conseguir aprender alguma coisa para fazer o Enem e faculdade(2)* até porque eu quero fazer engenharia civil e é um curso que envolve matemática, muita matemática.

Os aliados, *são os meus amigos*, eu tenho três amigos que eu fiz desde o começo daqui, desde quando eu comecei *eu falo com eles* e nós somos amigos muito próximos inclusive, *e eles me ajudaram me fazendo feliz* não só os meus amigos mas *também o meu namorado(3)* que eu conheci ele também, voltando que eu lembrei da Alone, eu passei por isso(assédio), eu não tinha permitido, e aí eu me senti mal e eu comecei a achar que todos os homens eram a mesma coisa, ruins, mas aí eu acabei conhecendo meu namorado, pelo menos ele me respeita e dá meu espaço, tanto na questão sentimental como na física.

Desse modo, montei meu quadro de categorias, a partir das três categorias escolhidas, e realizei meus estudos classificatórios com o cruzamento entre as ideias. Conforme explicado no início deste capítulo, essa é a parte mais delicada das análises da Sociopoética, na qual separamos e categorizamos os dados em um estudo transversal, de onde sai a produção do texto transversal que será levado ao grupo-pesquisador, para a realização da contra-análise. A partir dos estudos classificatórios, quanto aos tipos de medo, foram criados nove confetos, que são inseridos em três dimensões analíticas:

- **Dimensão do Corpo na Escola:** Visitante-corpos-multidão-de-desconhecidos, e Visitante-corpos-maior-comunidade;
- **Dimensão da relação com o outro e a identidade:** Visitante-Sombra-Julgamento, Visitante-Professor-Fariseu-fogo-na-escola, Visitante-desconhecido-amigo-múltiplas-facetas, Visitante-Confusa-duas-facetas;

→ **Dimensão Temporal:** Visitante-Sombra-tempo, Visitante-Tic-tac-na-escola, Visitante-Fariseu-sentimentos.

Assim como um confeto sobre a influência do medo na convivência na escola, pensado dentro da Dimensão analítica:

→ **Dimensão das Flutuações Afetivas:** Momentos-intensidade

E um confeto do modo resistência para superar o medo, pensado dentro da dimensão analítica:

→ **Dimensão das práticas de resistência e reexistência :** Espaços-furos-no-visitante.

Para além dos confetos, percebi que as juventudes superam seus medos com a ajuda de aliados. Esses aliados são, primeiramente, os amigos, que dão apoio emocional e trazem felicidade nos momentos de diversão, ajudando a aliviar a pressão do dia a dia. A família também é um porto seguro para as juventudes, quando podem confiar e conversar sobre a tristeza, o assédio e o medo do futuro.

O próprio esforço pessoal ajuda na superação dos medos, principalmente do futuro, quando as juventudes se apoiam em sua capacidade de agir e construir algo melhor. Elas também percebem que o medo pode se tornar um aliado, seja pelos aprendizados que proporciona sobre si mesmas, seja por funcionar como proteção diante dos perigos reais que estão à sua volta.

Na escola, professoras e professores podem assumir um papel fundamental quando vão além da dimensão educativa e se colocam também no lugar do cuidado. Como relatam as juventudes, tornam-se uma espécie de segundo pai ou segunda mãe, configurando-se como aliados potentes, capazes, inclusive, de ajudar na cura de traumas que possam ter sido causados por outros professores.

A partir dos confetos um Texto Transversal foi criado como forma de retornar os dados analisados para o grupo-pesquisador, na Oficina de Contra-Análise, explicado no início deste capítulo.

Um encontro com o visitante na escola

A multidão desce do ônibus e atravessa a rua em bloco, num silêncio cortado apenas por buzinas e motores. Entram na escola, espremendo-se no portão e na catraca, passam pela segurança sem um olhar, sem um cumprimento. Só quando ganham o corredor é que surge o burburinho, as risadas, os pequenos grupos que se formam na caminhada.

Parada no meio do corredor, uma menina obriga todos a se desviarem dela. Poderia se perder na multidão, mas não: os cabelos curtos com pontas lilás a destacam. Lilás não se atreve a seguir. Sente-se forasteira, estranha. Não conhece ninguém. A nova escola é grande, lotada. Primeiro ano no ensino médio, tudo o que fizer agora decidirá o resto da vida.

Antes de continuar, é preciso que se diga, quem é Lilás? Lilás é a junção dos fios que compõem os jovens na escola. Por si só, ela já é muitas jovens, uma multiplicidade de modos de existir na escola, de tal modo que quando Lilás se manifesta no singular, ela é plural, são muitos fios que a compõe. Assim, em meio a multidão, Lilás suspira ao observar os outros estudantes passarem confiantes. Ela fica. A cabeça cheia de pensamentos, dúvidas, medo.

- Oi, você de cabelo engraçado. - Lilás olha em volta. o fluxo de pessoas havia diminuído, ninguém parou para conversar, ela olha para o segurança que conversa com um aluno sem se importar com a presença dela. Um sorriso sem graça se faz em seu rosto.

- Está com medo dessa multidão de desconhecidos? Te assusta essa superlotação de pessoas desconhecidas? - Lilás olha para trás e sente um arrepio, uma pessoa estranha logo atrás dela, que não estava ali a alguns segundos. O segurança ainda conversa com o aluno.

- De onde você saiu? - ela se sente meio idiota ao fazer a pergunta, e a pessoa sorri com deboche. Lilás tenta se afastar andando pelo corredor.

- Não adianta fugir, eu vou te acompanhar até o dia em que você concluir o ensino médio. - A pessoa dá de ombros - e na universidade, terei outras faces, mas estarei lá. Ela pára, olha para a pessoa sem entender nada, mas vendo o sorriso em seus lábios, percebe que dar atenção não é uma coisa boa, volta a andar e a pessoa acompanha, ficando ao seu lado.

- Quem é você? Um menino, uma menina, adolescente, adulto... - ela pergunta irritada.

- Depende de quem você deixa entrar?

Ela para. - Eu não te chamei, e não quero que me acompanhe. - Sua irritação se mostra na voz. ela olha para a pessoa, e percebe que ela não parece se abalar, pelo contrário, faz uma pausa para deixá-la mais irritada.

- Sim, você me chamou, você sempre me deixa entrar, parada ali atrás, você lembrou de mim. - A boca se verga e a pessoa conclui - Eu me chamo Visitante; como me chamam na escola. - Ao falar seu nome ele provoca uma pequena perturbação em volta dele e de Lilás.

Lilás já sentia que tinha muita informação nova à sua volta, e uma angústia toma conta dela.

- Visitante? - ela fala e apressa o passo - o Visitante não teria a sua cara. - ela fala provocando, e se arrepende.

Provocar o Visitante é para pessoas que gostam de correr perigo, de se arriscar, de se superar, mas naquele momento, em que tantos sentimentos, tantas informações passavam pela cabeça de Lilás, falar aquilo foi mais um desabafo que um desafio, mas ela percebe que não foi uma atitude muito acertada quando Visitante se coloca ao lado dela novamente, fazendo-a parar.

- Eu, o Visitante, tem várias faces, provoca muitos sentimentos, reações, dores. Se você não acredita em quem eu sou, eu vou te falar.

Sou **Visitante-corpos-multidão-de-desconhecidos** é o medo disparado pela multidão de desconhecidos na escola que provoca sensações de invasão, de perturbação e de não controle das informações e dos sentimentos que isto causa.

- Eu não estou nem aí. - ela fala e tenta voltar a caminhar, mas sente a mão do visitante segurar seu braço.

- Mas devia estar - provoca Medo-corpos-multidão-de desconhecidos - Eu não

entendo vocês - desdenha e sorri - Mas gosto.

Vamos caminhar juntos, e eu vou te mostrar os medos que as jovens e os jovens sentem quando andam pelos corredores, assistem aula, quando convivem dentro da escola, e você vai conhecer algumas das minhas faces.

Lilás não reage, não tem forças para dizer não, se sente envolvida, o Visitante- sempre a paralisa.

Conduzida pelo Visitante, Lilás volta a caminhar pelo corredor, e passam por um grupo de alunas e alunos parados no corredor, observando-os. Uma porta aberta, o professor faz uma pausa em sua aula e olha para ela, uma angústia toma conta de seu peito, e sente que aquele lugar não é para ela. A voz do Visitante tira Lilás de seus pensamentos.

- Você sente? Ser observada por muitos olhos, julgando, jogando em sua cara pequenas cobranças que te degradam, te desmancha, e faz você sentir que nunca é boa o suficiente. Esses olhares penetrantes podem dizer qualquer coisa.

Ela sente tudo o que ele falou, quando entra em lugares onde tem uma variedade de pessoas, e sente os olhares, os outros te julgam mesmo não te conhecendo, não sabendo quem você é, e você se sente a pior pessoa no mundo, como quando ela pintou as pontas dos cabelos de Lilás e as pessoas não paravam de olhar, e faziam ela sentir que os outros estavam em um patamar superior ao seu. O medo tem razão, ela sente que não pertence àquele lugar... Lilás contém o choro.

O medo percebe que a sua volta, uma sombra começa a se formar, sua influência está fazendo efeito, Lilás já deixou o Visitante entrar:

- Me chamam de **Visitante-Sombra-Julgamento**.

Visitante-Sombra-Julgamento são muitos olhos, com a sensação de ser observada e julgada, por certas pessoas e alguns professores que causa angústia e se degrada, se desmancha quando jogam alguma coisa na nossa cara mesmo sendo uma coisinha simples, e faz a gente se cobrar, principalmente quando os professores dizem que não vamos ser ninguém e começamos a pensar que nunca vamos ser bons suficiente para conseguir passar na faculdade. Esses medos acompanham em qualquer ambiente em que estiver com muitos estranhos, num lugar onde se sente que não é pertencido, de não saber o que as pessoas estão pensando e falando sobre você, os olhares penetrantes podem dizer qualquer coisa.

Lilás olha para Visitante sem entender, porque mudar o nome, e porque a luz do corredor baixou, olha para trás, o corredor está vazio e as luzes estão com seus brilhos fracos.

- Não se preocupe com isso, Visitante que é sombra tem esse efeito sobre as luzes. - O Visitante-Sombra-Julgamento continua a falar para manter a atenção dela.

- Ouvi falar por aí que quando me deixam entrar, eu levo comigo outra face do Visitante. Ele olha de lado para ver se Lilás está prestando atenção, e quando vê que sim, continua

- **Visitante-Confusa-duas-facetas** é o visitante que constitui estudantes na escola a adaptabilidade social extrema. Eles performam criando reação adaptativa, uma máscara para se protegerem: fingem ser o que não são, se mostram felizes apesar de estarem triste, e vão se adequando a lugares e pessoas e às vezes não sabem realmente o que estão sentindo.

Lilás fica a pensar: **O Visitante produz estudantes na escola e os estudantes produzem o Visitante!** - **Visitante-Confusa-duas-facetas** suspira, interrompe a caminhada dos dois. Deve ser cansativo esta confusão, esta ambiguidade ao mudar de face e ao mesmo tempo exigir que os estudantes na escola performem o que não são! O que acha deste Visitante, Lilás?

Olhando para Lilás, o Visitante pergunta:

- O quanto você performa? Lilás olha para ele, e as lembranças chegam rápido em

sua cabeça, ela performa para não deixar os pais e os avós tristes; também para não ter que ouvir sermão e para se fazer de forte. Ouvir isso é desgastante, performar é sempre uma situação conflitante, ela não sabe que horas ficar alegre, que horas ficar triste, quando o que ela quer é ser ela mesma, a garota que gosta de ouvir música e dançar, de escrever fanfics. **Ela se pergunta: quando e como foi que aprendeu que não podia ser ela mesma?**

O Visitante sorrir dela, e para aumentar suas angústias, pergunta:

- **Quem acolhe Lilás na escola?**

Estas perguntas fazem Lilás correr para se distanciar dele, mas a lembrança de um Professor do segundo ano do fundamental, sorrindo das pequenas histórias que ela escrevia em seu caderno, tomam sua cabeça, esse Professor deixou marcas nela, marcas que não se apagam e moldam o que ela é hoje. Ela para e se volta para o Visitante e pede para ele falar sobre a máscara que usa agora.

- **Sou Visitante-Professor-Fariseu-fogo-na-escola** é a duplicidade hipócrita do visitante-professor que ao mesmo tempo provoca fogo que queima, mas também que é vida na escola. É aquele professor que falta com um pouco de **senso básico** e marca o estudante desde criança, quando falou da forma como você escrevia, como você lia. Aquele adulto que não teve o senso básico de tratar o estudante com respeito na escola.

Visitante encara Lilás e diz:

- Gosto de hipocrisia, traz alegria, o sentimento de que por fora é bom e também coisa ruim! Você se lembra? - um silêncio preenche o corredor onde estão.

- Essa situação te moldou e te causou tristeza! **De que modo este fogo na escola te dói até hoje?**

Lilás balança a cabeça, já estava cansada daquilo, em um acesso de raiva explode:

- Tá! Você conseguiu me deixar triste, angustiada, irritada! Bota logo pra fora todas as suas caras!

A face do medo muda, sua boca abre em um sorriso exagerado, e ele dá uma gargalhada, e começa a provocá-la:

Visitante-Tic-tac na escola:

tic-tac, tic-tac, seu tempo agora é meu, agora ele é parte de mim, sombra-tempo - ele gira em torno dela - Tic-tac, tic-tac, sua aula vai começar, tic-tac, tic-tac a aula está passando, tic-tac, tic-tac - aumenta o volume da voz - tic-tac - acelera a velocidade - tic-tac, tic-tac, tic-tac - E num grito - Corre! Vai perder o ônibus!

Lilás fecha os olhos, ela conhece este Visitante que rouba seu tempo e produz esse tempo-sombra que a faz se sentir presa, e quando a cobrança aparece, ela se sente arrependida por não ter conseguido aproveitar todo o tempo que tinha à sua disposição. O Visitante em torno dela não a ajuda a pensar, ela só consegue ouvir o *tic-tac* do tempo passando.

- Pare, tempo-sombra! - Ela grita.

O Visitante para, dá um suspiro de impaciência e reclama:

- Esse não é meu nome, esse nome é o nome do tempo que era seu e que eu tomei para mim.

Meu nome é **Visitante-Sombra-Tempo** - ele faz uma pausa e gesticula fingindo pensar - Na escola reclamam que eu os sigo gargalhando, zombando enquanto afasto o tempo deles. Presta atenção, eu gosto dessa parte - ele coloca mais ênfase na voz - Eu provoço

angústia, desespero, deixo um sentimento de prisão e faço tudo escurecer ao redor. Ele gargalha: - foi o que eu fiz com você, puxando lembranças! Volta a gargalhar. Lilás apressa o passo, está deixando o Visitante roubar seu tempo novamente, e fica aquele sentimento de se cobrar demais, de achar que está perdendo tempo, tentando dar o melhor e ouvir os professores dizendo que não vamos ser ninguém, e me faz pensar se vou conseguir ir para faculdade. Lilás apressa o passo, ela tem que ir para aula.

Visitante-Sombra-Tempo é o medo que é sombra e que expõe e vigia, começa a sussurrar que a gente não está à altura, que as pessoas estão reparando cada passo errado, e assim, o tempo vai passando. Ele ri e sabotar qualquer chance de seguir em frente, e nos deixa ali, travada, vendo a vida correr lá fora. E tem a consciência de que o tempo está escapando, e a gente querendo correr atrás, mas sem conseguir sair do lugar. Fica tudo escuro, pesado, e a única coisa que se move a nossa volta é o Visitante. **O que acha disto, Lilás? Quais coisas eu faço são consideradas perda de tempo?** As gargalhadas ecoam no corredor, o Visitante está em toda parte, e não deixa Lilás pensar. Ela continua a caminhar, disposta a não dar importância ao Visitante, tivesse a cara que tivesse, o nome que tivesse.

As gargalhadas diminuem, e a luz vai aos poucos se impondo sobre a sombra. Lilás suspira aliviada, sorri, olha para trás e está sozinha novamente, olha em volta, não sabia onde estava, o corredor vazio mostrava que as aulas tinham começado e o tempo tinha escorrido por suas mãos. Mais à frente, ela vê um grupo de alunos em frente ao banheiro, e à medida que ela se aproxima, eles sorriem e cochicham. Ao se aproximar ela ouve comentários, como se ela não tivesse sentimentos, que fosse só um corpo. Ela não permitiu, não deu espaço para que fizessem comentários sexistas. Uma voz soa pelo corredor:

- É o **Visitante-Corpos-Maior-Comunidade** aquele sentimento forte das pessoas, especialmente das meninas, sobre a questão do assédio na escola. É o Visitante que ultrapassa os limites das outras, tocando na mão, provocando um sentimento de invasão com o olhar objetificador, animalesco, vermelho, bem animal, bem tenebroso.

Lilás vê a porta vermelha das escadas de incêndio, entra por ela e desce correndo os lances dos degraus. Por fim, senta em um degrau e se encolhe, esperando que o Visitante não a tenha seguido.

Não sabe quanto tempo ficou ali parada.

Ela ouve uma porta se abrir, em um dos andares acima, e desce as escadas cantarolando, e quando vê lilás, para de cantarolar e saltitando nos últimos degraus até onde está sentada lilás, a pessoa se apresenta.

- Oi, eu sou Libertária. - Fala sorridente. A menina olha para ela sem forças de responder ou sorrir. - O que você faz aqui quietinha? Você está bem?

Lilás olha para ela com uma expressão indefinida no rosto, estava curiosa com o nome, e ainda se sentia como se estivesse encurralada pelo Visitante. Ela esboça um sorriso sem graça.

- E como você se chama? - Libertária não desiste.

- Eu sou Lilás.

- Curiosa, mas para não ser rude, ela pergunta um pouco envergonhada - Esse é seu nome mesmo?

- Libertária é o nome que eu gosto de usar, na verdade, poucas pessoas me conhecem por esse nome, mas ele me faz bem, só isso. - Ela sorri - E seu nome?

- Também é o que eu gosto de usar. - Ela não tem o que explicar, ali, estava se sentindo à vontade em se apresentar.

- Eu percebi que você estava, meio que precisando de ajuda, parada aí, triste.

Lilás não tira os olhos de Libertária. Você passou por aquele grupinho de meninos idiotas, fazendo comentários ofensivos? - Lilás balança a cabeça confirmando. Libertária continua - não deixe passar, fala mesmo: "E aí, o que é isso?"

- Obrigada. - Responde a menina.

Libertária interpela - Não foi só isso, foi? - a menina balança a cabeça negando. - Olha, esse pessoal que só quer colocar você pra baixo, pode ser aluno, pode ser professor que te deixa triste e pra baixo, é só você pensar que eles são como relógios, frágeis, que podem se quebrar e assim você supera a maldade deles.

- Eu me encontrei com o Visitante! - Lilás fala de supetão, como se tivesse usado toda a sua coragem - Ele me seguiu pelos corredores e eu só consegui fugir dele entrando aqui. - Ela se agonia enquanto expressa suas lembranças - ele me mostrou várias faces, falou vários nomes. O pior foi que eu me identifiquei com todos, eu sinto todos. - Seus olhos se fixam em Libertária, e percebe que de algum modo ela a entende.

O silêncio se faz, Libertária, cautelosa, senta ao lado da menina e rompe com o silêncio.:

- Lembre de seus amigos para te apoiar, e tem algumas Professoras e Professores que podem ser seus aliados. Mas, se aparece uma pessoa, que na sua mente é um amigo, mas que às vezes ela pode ter várias formas, vários rostos, e não dá para saber se é bom ou ruim, ela se torna um desconhecido, chame-a **Visitante-desconhecido-amigo-múltiplas-facetas**, por causa dessa coisa mesmo de ter múltiplas facetas. - Lembra dos momentos de diversão com seus amigos, vai te ajudar a ver que tem momentos melhores na vida, e pensa que você tem sua mãe.

Visitante-desconhecido-amigo-múltiplas-facetas é a pessoa que na nossa mente é amigo, mas que às vezes ele pode ter várias formas, vários rostos, não dá para saber se é bom ou ruim e se torna um desconhecido.

Como um amigo pode ser desconhecido? Em que situação isso acontece? - Libertária pergunta.

O silêncio da menina faz Libertária pensar que ela já tinha ouvido muito sobre o medo.

Usando um tom mais tranquilo em sua voz, Libertária continua:

- A escola provoca **momentos-intensidade**, são ondas fortes de sentimentos que percorre a todas e todos estudantes na escola e o visitante entra nesses sentimentos, que apesar da alegria por estar com os amigos, brincando, fazendo piada, tem essa ruptura, os momentos de tristeza por conta do medo de ser julgada, por falta de confiança. Uma pessoa insinuando que você não conhece ninguém, uma professora botando pressão, o Visitante das frustrações do futuro. - O tom da voz aumenta - Muitos sentimentos juntos. - As mãos acompanham o final da fala - E a gente pensa: Meu Deus! O que vai ser do meu futuro?

Esses momentos-intensidade - Libertária explica - são causados pelo **Visitante - Fariseu-sentimentos** tem muitas cores, que remete a vida, alegria, luz, e flores na frente do rosto, querendo esconder algo, que são os sentimentos, muitos sentimentos negativos, transformações. É uma mistura de cores, o amarelo retrata felicidade, e uma ruptura com azul e verde que remetem a tristeza, e o vermelho, que significa uma ameaça, seriam uma ruptura da felicidade, o visitante adentrando a felicidade com uma avalanche de sentimentos negativos para pegar a felicidade, quebrar a paz e espalhar o Visitante medo, qualquer tipo de Visitante, como o de ser julgado, de não ter futuro, de não ser ninguém, pode ser até físico, como o Visitante de uma pessoa ir atrás de você e fazer alguma coisa para você.

O que provoca o aparecimento dessa onda que é o Momento-Intensidade? De onde vem?

Libertária chama a atenção dela: **Os Espaços-furos-no-visitante** tem espaços, furos pontiagudos estreitos, para enxergar através do visitante uma forma de vencer ele, às vezes dá medo de passar e fica com medo e não tenta vencer o visitante.

Lilás sorri, várias vezes, quando ela se deparou com o Visitante, ela se perguntou isso. E agradecida por tudo que Libertária falou, ela completa: - Nós temos aliados. Nossos aliados são nossos amigos, nossas mães, também temos Professoras e Professores aliados. Falar sobre o Visitante medo me ajuda a entender sobre ele.

Lilás observa Libertária, sua voz soa em sua mente como se fosse sua, o que ela fala ressoa dentro de si como um ensinamento aprendido,

- Pensa no que eu vou te dizer - Libertária fala, percebendo que a menina e ela se tornam uma única pensadora do Visitante na escola - Às vezes, ter Visitante é bom, na escola principalmente, porque a escola te expõe a muita coisa negativa

- Bebidas, maconha, drogas. Há, alguém que sempre oferece, e nessa hora, ter Visitante protege de entrar pelo caminho errado. - as duas falam em uníssono.

As duas sorriem.

- Nossa! Já perdi a primeira aula! - a menina fala olhando para o relógio.

Enquanto descem os últimos degraus da escada para alcançar a porta. Elas se tornam uma e saem pela porta vermelha da saída de emergência.

Parada no corredor, com a porta fechada às suas costas, uma última pergunta enche sua cabeça.

- Como os Visitantes podem virar aliado?

Ela balança a cabeça, é muita coisa para ser pensada, agora ela é mais forte, era hora de assistir aula, a melhor maneira de responder a todas essas inquietações é conversar com seus aliados. Ela sorri e segue seu caminho.

De posse do texto transversal, planejei a minha última oficina, a de Contra-Análise. Sabia que tinha que avivar memórias da Oficina de Produção de Dados, e pensei que a melhor maneira seria levar objetos: as máscaras, fotos das oficinas, as análises do grupo-pesquisador. Além disso, decidi iniciar revivendo a Sociopoética Doce Contagante, pois eles estariam saindo do almoço, levar doces, como nas outras oficinas, espalhar as mantas pelo chão e colocar a música do Falamansa: “Oh, Chuva!”.

Preparei-me para recebê-los com carinho, já que senti saudades das nossas tardes de quinta-feira, perguntar por suas vidas neste ano, pois cinco deles estão fazendo o “Terceirão” e vão prestar o Enem no final do ano. Após a conversa, planejei um relaxamento guiado para despertar mais memórias da Oficina de Produção de Dados e de análise do Grupo-Pesquisador.

Visita a sala das memórias

- 1- Pedir que deitam sobre as mantas, da maneira que acharem mais confortável;
- 2- Fechem os olhos, e respirem fundo... Mais uma vez... Devagar... Mais uma vez.
- 3- Imagine-se entrando em um lugar tranquilo e seguro... em seu quarto, ou um local que

te traga boas lembranças... visualize caixas pelo chão... em uma delas, tem a máscara que você fez do Visitante... Vá até ela... sente no chão ao lado dela... Abra... Dentro tem memórias daquele dia... Comece a tirar as memórias de dentro da caixa... Quais memórias você tira?... Tente recriar com as memórias todos os sentidos: O que você viu naquele dia... Quais os sons... Os sabores... Havia algum aroma? ... Devagar, levante-se e saia desse lugar... Vá voltando para esta sala... Abra os olhos... Sente-se.

Após a visita à sala das memórias, programei entregar, a cada um, uma cópia do texto transversal: **“Um encontro com o Visitante na escola”**, explicando o que é esse texto. Em seguida, falar sobre os personagens e sobre fazerem a Contra-análise dos dados estudados que eu trouxe, bem como das perguntas. Iniciar lendo o texto, e, a seguir, passar um trecho para cada um deles ler. Organizado o planejamento, recorri à professora Aracely para que reservasse uma sala na escola para a realização da Oficina de Contra-Análise, ficando marcada para o dia 11 de março de 2026, às 13:30h.

Cheguei à escola quarenta minutos antes do combinado. Naquele dia, eu estava sozinha, pois, por motivos particulares, meu copesquisador, Wilker, não pode me acompanhar. Arrumei a sala para esperar a chegada dos copesquisadores. Eles foram chegando aos poucos. Tínhamos um tempo sem nos ver e, por isso, havia muita coisa para contar. Nesse movimento de chegada e conversas, comecei a explicar o que iria acontecer na oficina. Expliquei sobre o texto, os personagens e como se daria a leitura.

Iniciei a leitura do texto transversal, esquecendo de realizar a “Visita à sala das memórias”. E, à medida que a história fluía, os confetos iam aparecendo, assim como as perguntas levantadas e colocadas ao longo do texto. Durante o processo de leitura, não houve questionamentos quanto aos confetos apresentados. O grupo-pesquisador identificou-se com todos, ficando assim os confetos criados:

1- Tipos de medo:

- **Dimensão do corpo na escola**

Visitante-corpos-multidão-de-desconhecidos é o medo disparado pela multidão de desconhecidos na escola que provoca sensações de invasão, de perturbação e de não controle das informações e dos sentimentos que isto causa.

Visitante-Corpos-Maior-Comunidade é aquele sentimento forte das pessoas, especialmente das meninas, sobre a questão do assédio na escola. É o Visitante que ultrapassa os limites das

outras, tocando na mão, provocando um sentimento de invasão com o olhar objetificador, animalesco, vermelho, bem animal, bem tenebroso.

- **Dimensão da relação com o outro e a identidade:**

Visitante-Sombra-Julgamento são muitos olhos, com a sensação de ser observada e julgada, por certas pessoas e alguns professores que causa angústia e se degrada, se desmancha quando jogam alguma coisa na nossa cara mesmo sendo uma coisinha simples, e faz a gente se cobrar, principalmente quando os professores dizem que não vamos ser ninguém e começamos a pensar que nunca vamos ser bons suficiente para conseguir passar na faculdade. Esses medos acompanham em qualquer ambiente em que estiver com muitos estranhos, num lugar onde se sente que não é pertencido, de não saber o que as pessoas estão pensando e falando sobre você, os olhares penetrantes podem dizer qualquer coisa.

Visitante-Confusa-duas-facetas é o visitante que constitui em estudantes na escola a adaptabilidade social extrema. Eles performam criando reação adaptativa, uma máscara para se protegerem: fingem ser o que não são, se mostram felizes apesar de estarem triste, e vão se adequando a lugares e pessoas e às vezes não sabem realmente o que estão sentindo.

Visitante-Professor-Fariseu-fogo-na-escola é a duplicidade hipócrita do visitante-professor que ao mesmo tempo provoca fogo que queima, mas também que é vida na escola. É aquele professor que falta com um pouco de senso básico e marca o estudante desde criança, quando falou da forma como você escrevia, como você lia. Aquele adulto que não teve o senso básico de tratar o estudante com respeito na escola.

Visitante-desconhecido-amigo-múltiplas-facetas é a pessoa que na nossa mente é amigo, mas que às vezes ele pode ter várias formas, vários rostos, não dá para saber se é bom ou ruim e se torna um desconhecido.

- **Dimensão Temporal:**

Visitante-Tic-tac na escola: tic-tac, tic-tac, seu tempo agora é meu, agora ele é parte de mim, sombra-tempo - ele gira em torno da gente - Tic-tac, tic-tac, a aula vai começar, tic-tac, tic-tac a aula está passando, tic-tac, tic-tac - ele aumenta o volume da voz - tic-tac - e acelera a velocidade da voz - tic-tac, tic-tac, tic-tac - E num grito - Corre! Vai perder o ônibus!

Visitante-Sombra-Tempo é o medo que é sombra e que expõe e vigia, começa a sussurrar que a gente não está à altura, que as pessoas estão reparando cada passo errado, e assim, o tempo

vai passando. Ele ri e sabota qualquer chance de seguir em frente, e nos deixa ali, travada, vendo a vida correr lá fora. E tem a consciência de que o tempo está escapando, e a gente querendo correr atrás, mas sem conseguir sair do lugar. Fica tudo escuro, pesado, e a única coisa que se move a nossa volta é o Visitante.

Visitante -Fariseu-sentimentos tem muitas cores, que remete a vida, alegria, luz, e flores na frente do rosto, querendo esconder algo, que são os sentimentos, muitos sentimentos negativos, transformações. É uma mistura de cores, o amarelo retrata felicidade, e uma ruptura com azul e verde que remetem a tristeza, e o vermelho, que significa uma ameaça, seriam uma ruptura da felicidade, o visitante adentrando a felicidade com uma avalanche de sentimentos negativos para pegar a felicidade, quebrar a paz e espalhar o Visitante medo, qualquer tipo de Visitante, como o de ser julgado, de não ter futuro, de não ser ninguém, pode ser até físico, como o Visitante de uma pessoa ir atrás de você e fazer alguma coisa para você

2 - Influência do medo na convivência na escola:

- **Dimensão das Flutuações Afetivas:**

Momentos-intensidade, são ondas fortes de sentimentos que percorre a todas e todos estudantes na escola e o visitante entra nesses sentimentos, que apesar da alegria por estar com os amigos, brincando, fazendo piada, tem essa ruptura, os momentos de tristeza por conta do medo de ser julgada, por falta de confiança. Uma pessoa insinuando que você não conhece ninguém, uma professora botando pressão, o Visitante das frustrações do futuro. - O tom da voz aumenta - Muitos sentimentos juntos. - E a gente pensa: Meu Deus! O que vai ser do meu futuro?

3 - Modo resistência para superar o medo:

- **Dimensão das práticas de resistência e reexistência**

Espaços-furos-no-visitante tem espaços, furos pontiagudos estreitos, para enxergar através do visitante uma forma de vencer ele, às vezes dá medo de passar e fica com medo e não tenta vencer o visitante.

Quanto às questões elencadas no decorrer do texto, à medida que os confetos iam aparecendo na história, elas emergiam. Assim a primeira questão que surge é: **O Visitante produz estudantes na escola e os estudantes produzem o Visitante!** Como resposta a falam:

“É o ambiente em que as pessoas estão que faz com que ele apareça, e elas se sentem excluídas. O medo é natural, então ele mesmo produz a gente e a gente produz ele nas escolas.”

O grupo viu o medo como proveniente de uma relação com o ambiente, que desencadeia um ciclo de produção de medos. Produzimos esses medos quando nos sentimos excluídos, não pertencentes ao lugar, e isso molda nosso comportamento.

Com isso, nós também produzimos o medo, e nossas ações passam a ser movidas por ele, gerando medo nos outros. Ambientes como a escola podem ativar e alimentar os sentimentos que desencadeiam medo nas pessoas. O espaço que deveria ser de acolhimento, do aprender a lidar com as diferenças, a construir pertencimento, torna-se um lugar de produção desse ciclo. Quando o ambiente falha em acolher, a exclusão e o medo prosperam.

Ao se falar do confeto Visitante-Confusa-duas-facetas e da reação adaptativa de fingirem ser o que não são para se protegerem, surgiu a questão: **Quando e como foi que aprendeu que não podia ser ela mesma?** Essa questão trouxe uma perspectiva de violência, que é silenciosa, e a sensação de não se encaixar. O grupo-pesquisador trouxe a luta diária entre o que se é e o que se parece ser, que expõe uma forma de controle, que é colocar a pessoa no lugar usando frases que cobram normalidade, como disse o grupo:

“É como se as pessoas não percebessem quem você é, aí se você fizer uma mínima mudança já dizem que você não era assim ou você está diferente exatamente aí você se sente assim. As pessoas querem que a gente seja daquela forma e sem mudança, e dizem porque você é desse jeito, porque você grita, porque você fica tão alegre e eufórica, seja normal. E isso repreende a gente e faz a gente mudar de verdade para poder se encaixar nesses padrões que os outros criam, e a gente pensa que o problema é a gente mas na verdade é que as pessoas querem que a gente seja alguém que a gente não é, e a gente só queria tipo que as pessoas entendessem cada um tem sua individualidade, cada um tem sua personalidade então precisa ser todo mundo igual.”

“A gente sabe que a infância e adolescência é um momento que a gente não tem tanto o senso de responsabilidade, assim a gente tá vivendo a vida mais sem pensar nas responsabilidades algumas pessoas só que eu acho que a gente tem sempre que carregar esse senso de infantilidade da Juventude dentro da gente porque eu acho que é isso que manter a gente vivo porque se a gente pensar que é adulto e só vai pensar na responsabilidade eu não vou fazer isso porque eh na frente eu vou colher isso e isso e isso, mas eu acho que às vezes a gente só tem que se jogar sabe sem esperar o que vai acontecer aí tem que sempre guardar esses senso infantil dentro da gente a gente nunca pode deixar nossa criança interior morrer até porque é a nossa criança que deu vida quem a gente é hoje se somos o que somos hoje e que seremos no futuro é porque já fomos crianças um dia então para que excluir isso de dentro gente deixa ela aqui deixar ela viver e viver por ela também, sabe só comentam algo cringe, algo vergonhoso quando é uma mulher que gosta de Hello Kitty mas não falam do cara lá que tem a coleção de Hot Wheels e o roletão de Pokémon também, o homem-aranha é exatamente jogar bola não isso só vira um problema quando é uma mulher cara!”

O grupo ressentiu-se de que viver com autenticidade não é aceitável, e lembrou como as mulheres sofrem com isso, quando expõem seus gostos adquiridos na adolescência, quando

riem alto, quando seu quarto é colorido e revela seus gostos. Elas são automaticamente infantilizadas e desqualificadas. Para serem levadas a sério, as mulheres precisam apagar a alegria de viver como gostam. Ao contrário dos homens, que, apesar de colecionarem carrinhos da Hot Wheels e jogarem futebol, são vistos como pessoas que cultivam seus hobbies. E isso se torna charmoso e nostálgico. O grupo continuou:

“A sociedade criou isso, e as pessoas se acostumaram tanto com o que estavam dizendo que normalizaram e acharam que isso que era o certo, esse era o padrão que tinha que seguir.”

O grupo lamentou sobre a criação dos pais, que idealizam seus filhos, tentando criar extensões de seus próprios desejos, causando frustração e medo. E se ressentiu de que os pais de meninos vivem com os filhos a aventura, a bagunça, e dividem os mesmos gostos. Já os pais de menina vivem a proteção, o cuidado, e veem a estética, em vez de um ser humano completo, com quem poderiam estar se divertindo, ensinando a jogar videogame e a torcer por um time.

“Ei gente vocês por acaso já viram um vídeo bem famosinho sabe era de dois pais e eles estavam na escada rolante, o pai de menino e pai de menina. Ai mostra lá o pai o pai de meninos andando Cheio de coisa masculina. O pai de menina com a criança lá no colo e ele tava cheio de coisas rosas. e eu fico pensando os pais odeiam tanto as meninas já tinha as próprias filhas Por que que não faz a menina gostar de jogar videogame então jogar bola. Meu Deus, cara porque a mensagem está clara: os pais odeiam as próprias filhas, sabe.”

A essa questão, seguiu a de quem acolhe na escola. Houve uma reafirmação dos amigos e das professoras e professores que são “gente boa”, gentis. Quando o texto transversal tocou no confeto Visitante-Professor-Fariseu-Fogo-na-escola, no trecho em que se fala que o professor falta com o senso básico e marca o estudante desde criança, eu perguntei o que eles consideram como sendo o senso básico, e o grupo falou:

“Senso básico você não é obrigado aceitar tudo que o outro faz, não é obrigado você aceitar o que o outro é, mas com certeza você é obrigado a respeitar e não fazer com que aquele outro se sinta inferior em público né se você quer chegar e criticar de uma forma positiva a pessoa você espera as pessoas saírem você fala Olha tem que melhorar isso melhorar aquilo mas não é uma maneira que vai agredir a pessoa verbalmente vai deixar a pessoa pensando se sentir um lixo acho que o senso básico todo mundo deveria aprender e falar dessa parte aqui que o professor já é uma pessoa que voce espera que tenha esse senso básico porque já é formado né passou na faculdade na maioria das vezes já tem mestrado E aí a pessoa vai lá e falta com o senso básico de ser um ser humano tem uma frase que diz que domina todas as técnica mas quando vai falar com um ser humano seja apenas um ser humano.”

Esse momento da análise do grupo-pesquisador traz ensinamentos que deveriam ser aprendidos socialmente, de modo que chegássemos próximos de um convívio social mais saudável. O grupo evidencia um preceito básico: você, sendo humano, trate o outro com humanidade. Ninguém é obrigado a concordar com tudo que o outro é, mas somos obrigados a

respeitar. É perfeitamente possível discordarmos da ideia de alguém, de suas escolhas na vida, mas devemos aceitar e respeitar o outro.

Um ponto importante do ensinamento do convívio saudável trazido pelo grupo é de como criticar o outro. Nunca confundir crítica com grosseria, justificando essa grosseria com uma pretensa verdade. Para as professoras e professores, o grupo-pesquisador pede que o foco da crítica se mantenha no comportamento e não na pessoa. Por exemplo, em vez de dizer que o trabalho é ruim, fazer uma conotação positiva: “Olha, essa apresentação pode melhorar se você organizar melhor!”.

O grupo espera que a professora ou o professor, que tem uma formação acadêmica e conhecimento técnico, lembre-se de que isso não faz dele ou dela uma pessoa superior, e não lhe dá o direito de ser rude. O grupo recorda que tem uma frase que diz que quem “*domina todas as técnicas, mas quando vai falar com um ser humano, seja apenas um ser humano*”. Espera-se que a professora e o professor tenham senso básico.

Esse ensinamento me lembrou uma música do Capital Inicial, de 2004, “Não olhe pra trás²²”:

Nem tudo é como você quer
Nem tudo pode ser perfeito
Pode ser fácil se você
Ver o mundo de outro jeito

Se o que é errado ficou certo
As coisas são como elas são
Se a inteligência ficou cega
De tanta informação

Se não faz sentido
Discorde comigo, não é nada de mais
São águas passadas
Escolha uma estrada e não olhe
Não olhe pra trás
(...)

E de que modo esse fogo fariseu na escola dói nas juventudes? Ele queima até hoje, porque vem de um lugar de onde não se espera. Vem de quem deveria proteger e orientar.

“Porque vem de um lugar que você não espera, porque assedia o proprio aluno, a pessoa que tinha que te ajudar. Tem uma forma da pessoa ajudar, que vai agir de forma agressiva que assedia a pessoa, mas tem gente que quer só falar mesmo, e deixar a pessoa mal, então é diferente, ajudar e diferente de falar de forma agressiva, que traumatiza a pessoa.”

²² Capital Inicial, banda de roque brasileira. Compositores: Bruno Cesar Orefice De Carvalho / Willian Dos Santos / Rodrigo Elionai Dos Reis. https://www.youtube.com/watch?v=erOZ2_vV6hQ

O fogo queima porque é medo-fariseu, a hipocrisia de quem deveria proteger, mas machuca, e destrói os tecidos de confiança, de autoestima e de segurança das juventudes, vem de uma palavra agressiva, uma humilhação, um gesto de desdém, e deixam culpas e dúvidas que não eram suas, mas foram trazidas como fogo.

“Tem uma forma da pessoa ajudar, que vai agir de forma agressiva que assedia a pessoa, mas tem gente que quer só falar mesmo, e deixar a pessoa mal. então é diferente, ajudar e diferente de falar de forma agressiva, que traumatiza a pessoa.”

O Visitante-Sombra-Tempo faz-nos pensar: **Quais as coisas que as juventudes fazem e são consideradas perda de tempo?** Que encontros potencializam os seus corpos, mas que são considerados uma perda de tempo, gerando medo e sentimento de culpa?

“São coisas que eu acho que até o sistema que a gente vive mesmo nos obriga a ter esse pensamento de que a gente é máquina e a gente tem que ficar produzindo o tempo inteiro a gente não pode parar se a gente parar a gente sente aquela dor e aquela angústia de estar perdendo tempo descansando, e sente culpado de você só fazer algo que você se sente bem aí você pensa assim: Meu Deus, eu não deveria estar aqui desenhando eu deveria estar estudando mais mais mais, e se você quer um curso mais concorrido você precisa estudar muito muito muito muito muito.”

Percebemos que as juventudes interiorizam que o valor delas está no que produzem. Que são as notas, as horas de estudo e as conquistas que valem. Que descansar, estar com as amigas e amigos, é perda de tempo. Assim, esquecem-se que são pessoas, e não apenas estudantes. Nesse processo de autocobrança, as comparações marcam negativamente, e o grupo se ressentido de que o sistema coloca uns contra os outros, e fala que as universidades têm poucas vagas, sendo a concorrência, portanto, pesada.

“Nós estamos começando a nos ver não como seres humanos mais como corpos que são guiados por regras, tem que estudar tantas horas, fazer isso, fazer aquilo, tem que ter rotina perfeita, tem que se alimentar bem, tem que fazer academia, tem que estudar, tem que ter tempo para fazer tudo. Se a gente não conseguir estudar um dia, não significa que você já perdeu sua vaga, já era, acho que é loucura, é um sistema que cobra o tempo inteiro.

Cada um dia não significa que você vai ficar meu Deus Perdi minha vaga já já já era não precisa mais acho que é loucura isso é um sistema que cobra mais tempo inteiro. É o sistema ele coloca os estudantes contra um outro entende, ele fica nos botando medo porque não tem muitas universidades públicas aí a maioria é tudo particular entende, aí fica aí fica botando medo na gente botando um contra o outro, porque só tem uma vaga, infelizmente nem todos podem entrar em uma universidade, e alguns estudantes, mesmo sendo pobres, eles vão correr pra universidade privada, pagando, mesmo não tendo condições, eles não querem se sentirem atrasados, não querem ir aí né Isso é um pensamento muito real e muito muito triste.”

Sobre a perda de tempo, o grupo-pesquisador nos faz pensar que não somos máquinas e que precisamos de pausa, de lazer e afeto; que uma vaga na universidade não define quem você é; sua dignidade não se restringe à sua pontuação no Enem (Exame Nacional do Ensino

Médio); que cada pessoa tem seu tempo de aprendizado, de descanso; e que devemos superar a culpa que fomos ensinados a sentir quando tiramos tempo para nós mesmos. Seguir esses ensinamentos pode ser os primeiros passos para que as juventudes encontrem seus próprios caminhos para inventarem quem elas podem ser.

Um confeto desterritorializou a mim e à minha orientadora, o Visitante-Desconhecido-Amigo-Múltiplas-Facetas. Ficamos intrigadas: **Como um amigo pode se tornar um desconhecido?** Levamos essa questão para o texto transversal. O grupo demonstrou ter uma ideia variada sobre isso. Pode acontecer quando a pessoa que você conhecia começa a agir de um jeito que não faz mais sentido com a memória que você tem dela. Pode ser por distância, por ter lhe excluído quando encontrou novos amigos, por mudanças internas que são comuns, porque as pessoas mudam constantemente. E você fica tentando encaixar a pessoa de antes na pessoa de agora, e não encaixa.

“Eu acho que todos nós somos influências pro outro, porque a gente sempre está em transformações, então não significa que você parou de ser amigo daquela pessoa só que você está mudando seus pensamentos, suas ideologias ou mudando ou aperfeiçoando, E aí o outro começa a te desconhecer mas não é porque ele te desconhece que ele não vai te amar ele só vai precisar de um tempo para se adaptar a esse seu novo ser, porque nós somos seres mutáveis. O tempo todo a gente está em transformação, o que fomos ontem não somos mais hoje, novos pensamentos, novas ideias. E é isso que somos, desconhecidos para os outros e principalmente para nós mesmos, acho que a vida é esse caminhar tentando se entender o tempo inteiro é um processo.”

O grupo ensinou a não idealizar o outro, a aprender a se decepcionar, a entender que todos erram, que tudo é passível de falha. De acordo com o grupo, as pessoas e as coisas mudam sem pedir licença e que, às vezes, podemos nos machucar por isso. O que devemos fazer é darmos um tempo para nos adaptarmos e avaliarmos se aquela pessoa ainda cabe em nossa vida. A vida é processo. Nós recomeçamos, tentamos perdoar, adaptar-nos e seguir levando conosco o que aprendemos.

“A gente precisa aprender a se decepcionar, que a idealização que a gente tem do outro uma hora vai se quebrar, e ele vai te decepcionar, , ele vai fazer você ficar triste, mas não significa que ele não goste de você, só está agindo da maneira que ele julga ser correta , você tem que entender que o outro está ali para te apoiar mas que vai te machucar e não significa que ele é um ser humano ruim, só significa que voce tem que reavaliar seus padrões do que é se machucado, você precisa deixar que essa idealização do outro se quebre , que você permita deixar que ele seja o ser humano que erra, que falha.”

O grupo também trouxe a questão do **Momento-Intensidade**, de onde ele vem.

*“Eu acho que quando você perde seu porto seguro, é aquela pessoa que você pensa que te traiu e vem essa a avalanche e você fica pensando e entra em um estado de atenção que não era para você estar e passa a ver todas as ações do outro de outra maneira aí você sai de um estado normal que você estava e do nada, para um estado de alerta, de defesa.
É um evento de fora que você interpreta de sua maneira, e começa a te pegar por dentro.*

E essa avalanche pode estar relacionada a sentimentos que você pegou pra si, que você não resolveu, deixou pra lá, que pensou que não precisava resolver na hora, que dá para resolver depois, aí na hora que você começa a juntar isso tudo Esse momento que você não sabe como lidar, e você não sabe como pedir ajuda, não sabe como resolver coisas que já aconteceram, e aí junta todo esse sentimento guardado.”

Há aqui, um encontro forçado com todas as versões da pessoa que sofreu no passado e foram silenciadas, a quebra da ilusão de segurança e de previsibilidade, da ilusão de que performar protege, mas uma emoção desarquiva sentimentos e tudo vem abaixo, o porto seguro entra em colapso. A avalanche de sentimentos não é castigo, é você perceber que tem que demolir tudo que está em cima de você: as máscaras, os silêncios, suas versões que engoliram o choro para não incomodar.

Pensar em sair dos escombros remeteu-me ao pensamento do grupo-pesquisador sobre como transformar o Visitante em aliado, enxergar no Visitante uma dualidade, transformando-o em uma ferramenta de proteção e intuição, em um aliado para a sobrevivência e o autoconhecimento. O grupo trouxe o medo protetor.

Situações de medo, por exemplo é uma pessoa como deu exemplo aqui tipo que te oferece alguma coisa como droga aí você tem esse medo esse receio porque tem umas situações que é bom ter medo assim a gente evita algumas situações acontecerem , às vezes é uma forma de se proteger, de acontecer alguma coisa ruim, uma forma de você se proteger , tem sempre uma duplicidade, como tem uma pessoa para te oferecer, na adolescência é um período de experimentar, podem te oferecer drogas e você pode provar e você pode não gostar aí que tá tudo bem assim como você pode gostar muito, e pode se tornar uma pessoa viciada e acabar por destruir tudo que tinha pela frente, e eu acho também que o medo é puxando mais para o lado da intuição assim Às vezes a gente deve seguir bastante a nossa intuição quando você fala nossa eu tô com medo você deve rever aquilo que você tá vendo porque tem algo avisando ali que vai acontecer em alguma coisa, então não devemos deixar o medo nos ganhar mas também a gente não deve se afastar 100% dele deve ficar ali sempre aquela vontade de medo para que você vê as protegidos situações e agradáveis.”

O segredo para usar o medo é o equilíbrio, não devemos deixar o medo nos paralisar e não devemos ignorá-lo.

“O segredo é esse, pegar o visitante e usar ele como ferramenta, não deixar ele te controlar, Pegar ele e usar como controle, porque quando você tem noção disso, que o medo está ali como um sentimento humano você consegue dissociar ele um pouco. Entender o medo, se você conseguir entender que medo é esse, de onde ele vem, você consegue se conhecer melhor, e você consegue usar isso de uma forma para se proteger, te ajudar.”

O grupo fez uma última reflexão sobre o Visitante, comparando-o àquele amigo que, às vezes, lhe trata mal, mas que sempre está ali para ajudar-lhe em uma dificuldade. O

Visitante não é um inimigo, mas sim um aliado imperfeito e necessário para a nossa sobrevivência.

“O Visitante é aquele tipo de amigo que te detona, acaba com você só que na hora que você está ali precisando dele, ele está ali para ajudar você, não que ele sempre seja um amigo leal.”

JUVENTUDES: ONDE HÁ MEDO, EXISTE PODER

O adolescente

A vida é tão bela que chega a dar medo, Não o medo que paralisa e gela, estátua súbita, mas esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz o jovem felino seguir para a frente farejando o vento ao sair, a primeira vez, da gruta. Medo que ofusca: luz! Cumplicemente, as folhas contam-te um segredo velho como o mundo: Adolescente, olha! A vida é nova...

A vida é nova e anda nua
– vestida apenas com o teu desejo!
(Mario Quintana)

Cheguei até aqui. Foram dois anos de aprendizado para participar da seleção do mestrado e mais dois anos de disciplinas, encontros, leituras, debates, orientações, oficinas e afetos. Foram muitas horas em sala de aula, em frente ao computador, aprendendo coisas novas e ressignificando antigas. Conheci pessoas que me fizeram sorrir, e eu espero que eu tenha feito muitas sorrirem. Passei pela perda de minha mãe, e pelo desemprego, mas encontrei muita gente que me deu esperança de vida.

O título de minhas considerações finais foi pensado para lembrarmos que viver é jornada, é descoberta, aprendizado e superação, é reconhecer que nossa experiência é apenas uma faceta da realidade, que existem dádivas a serem descobertas em outras perspectivas. As bruxas têm esse ditado: “Onde há medo, existe poder.” Quando nos permitimos enxergar outras perspectivas, a ouvir outras experiências, liberamos o poder interior de cada um de nós e provocamos mudanças.

E, assim, o poder que o medo oferece para o controle social, também é usado para liberar nosso poder interior. Resistimos ao controle social, ressignificamos nossos modos de ver, ouvir, sentir e externar nossos medos e provocamos mudanças. Poder interior que percebi e senti quando reencontrei o meu Visitante, que me acompanhou durante minha juventude e mostrou que estava presente para a Marlia de cabelos brancos, na relação com a minha identidade de

gênero, mulher cisgênero e as performances sociais construídas. Experiência que trago na introdução do meu trabalho.

Meus encontros com o Visitante mostraram-me a minha força, que consegui passar por todos os eventos que aconteciam à minha volta, como o assassinato de crianças como eu. Leis que permitiam matar uma mulher por legítima defesa da honra, ou que protegia o estuprador se ele “reparasse seu erro” casando com a vítima. E, ainda, professores lembrando que nossa condição de mulher não nos permitia acessar todos os direitos à formação profissional e ao mercado de trabalho.

Chego ao fim da pesquisa na certeza de que não contrariei a pesquisadora maluca beleza que iniciou a escrita se posicionando ética, moral e politicamente frente ao tema, objetivos, a escola, ao grupo-pesquisador que caminhou comigo, e a minha posição de pesquisadora em uma Universidade onde as regras são feitas para controlar as liberdades, e vivemos em liberdade assistida. Fui amparada por uma metodologia dissidente, transgressora, que fez meu corpo dançar, sonhar, sofrer e produzir. Conduzida e protegida por uma Orientadora que conhece e convive com as regras da pesquisa, e que me guiou pelas cinco estrelas da Sociopoética e me apontou novos horizontes possíveis, não deixando que eu me esquecesse que sou capaz.

Existia lá no meu início, um objetivo que não estava no meu projeto, não coloquei em minha pesquisa, que declarei em meu coração e em minha mente, o de viver a Sociopoética, o grupo-pesquisador, as oficinas, planejar e aplicar uma técnica artística, produzir dados, promover a criação da metáfora, manusear os dados, mexer, remexer, transversalizar, criar confetos, me transformar em uma Sociopoeta.

Planejar as oficinas me fez aprender que cuidar é essencial em todos os atos de nossa vida, pensar no outro, ter aliados e se cuidar. As oficinas Sociopoéticas mexem com as emoções, produzem afetos, bons encontros. Aprendi a valorizar meus aliados, como minha orientadora Shara Jane, que revisou comigo cada oficina, ensinou, cobrou e me fez ver minha potência de produção, a minha amiga Josy que sofreu e se alegrou comigo, e meu copesquisador Wilker que estava presente em cada uma delas, sua presença foi incentivo e me deu confiança. Aprendi também a ter paciência, e confiar no processo de pesquisa, na produção de dados dos Libertários, e caminhar com cuidado, me dando o tempo para aprender, para perceber e entender o caminho.

O processo de pesquisa levou-me a encontrar a Terapia Comunitária Integrativa, onde aprendi que sempre que eu buscar pelo amor, ele vai se apresentar para mim de várias formas e vai encher minha vida de paz e de esperança. Aprendi que os problemas e ideias que aparecem durante a Oficina de Produção de Dados são inquietações que nos provocam no dia a dia, e que,

na fala dentro do grupo, aparecem os modos de superação dessas inquietações, as estratégias de enfrentamento. Então, valorizamos o aprendizado através da experiência pessoal que se transforma em coletiva, estimulamos a capacidade de aprendizado contínuo e mostramos para o grupo que seus recursos e capacidades são essenciais para superar as dificuldades. Assim, produzimos Confetos. E, com isso, percebi que as rodas de TCI podem ser utilizadas como forma de construção de dados.

Iniciei a pesquisa com um problema, o de saber quais os medos que atravessam os corpos das juventudes na escola pública de ensino médio e que influenciam no modo de habitar esse território. Para isso, defini um objetivo geral: Investigar os medos que atravessam os corpos das/dos jovens no seu modo de habitar na escola pública de ensino médio. As juventudes, representada por meu grupo-pesquisador, os Libertários, durante a Oficina de Produção de Dados, ajudaram-me a encontrar algumas respostas.

O pensamento produzido trouxe ideias, e os passos analíticos foram guiados pelos objetivos específicos, que foram: identificar os medos, compreender sua influência no modo das/dos jovens habitar o território da escola e perceber seus modos de resistência. Como resultados, eu vejo, nos meus achados, que o pensamento do grupo sobre os tipos de medo na escola, as flutuações afetivas e as práticas de resistência e reexistências, delineiam-se em quatro dimensões.

A primeira dimensão, que traz os tipos de medo, é a do corpo, como território político, social e também emocional, que está entre o espaço público e o privado. A multidão de desconhecidos pressiona, e a escola deixa de ser um local seguro, o corpo é exposto, invadido pelo outro que o toca como um objeto. Os confetos dessa dimensão são:

Visitante-corpos-multidão-de-desconhecidos é o medo disparado pela multidão de desconhecidos na escola que provoca sensações de invasão, de perturbação e de não controle das informações e dos sentimentos que isto causa.

Visitante-Corpos-Maior-Comunidade aquele sentimento forte das pessoas, especialmente das meninas, sobre a questão do assédio na escola. É o Visitante que ultrapassa os limites das outras, tocando na mão, provocando um sentimento de invasão com o olhar objetificador, animalesco, vermelho, bem animal, bem tenebroso.

A segunda dimensão, do tipo de medo, é a da relação com o outro e a identidade, quem você é tem relação como o que os outros veem, como te tratam e o que falam de você e a identidade

não é algo que vem só de dentro, ela é construída ou reconstruída a partir da relação com as pessoas ao seu redor. Os confetos desta dimensão são:

Visitante-Sombra-Julgamento são muitos olhos, com a sensação de ser observada e julgada por certas pessoas e alguns professores, o que causa angústia e se degrada, se desmancha, quando jogam alguma coisa na nossa cara mesmo sendo uma coisinha simples. E faz a gente se cobrar, principalmente quando os professores dizem que não vamos ser ninguém e começamos a pensar que nunca vamos ser bons o suficiente para conseguirmos passar na faculdade. Esses medos acompanham em qualquer ambiente onde se está com muitos estranhos, num lugar onde se sente que não é pertencido, de não saber o que as pessoas estão pensando e falando sobre você. Os olhares penetrantes podem dizer qualquer coisa.

Visitante-Confusa-duas-facetas é o visitante que constitui a adaptabilidade social extrema em estudantes na escola. Esses estudantes performam criando reação adaptativa, uma máscara para se protegerem: fingem ser o que não são, mostram-se felizes, apesar de estarem tristes, e vão se adequando a lugares e pessoas e, às vezes, não sabem realmente o que estão sentindo.

Visitante-Professor-Fariseu-fogo-na-escola é a duplicidade hipócrita do visitante-professor que, ao mesmo tempo provoca fogo que queima, mas também que é vida na escola. É aquele professor que fala com um pouco de senso básico e marca o estudante desde criança, quando falou da forma como você escrevia, como você lia. Aquele adulto que não teve o senso básico de tratar o estudante com respeito na escola.

Visitante-desconhecido-amigo-múltiplas-facetas é a pessoa que na nossa mente é amigo, mas que às vezes ele pode ter várias formas, vários rostos, não dá para saber se é bom ou ruim e se torna um desconhecido.

A terceira dimensão dos tipos de medo, a temporal, o visitante está ligado diretamente à passagem do tempo, onde o tempo não é só um relógio, ele é algoz: acelera, cobra, paralisa e julga. Aqui o tempo que falta machuca. Os confetos dessa dimensão são:

Visitante-Tic-tac na escola: tic-tac, tic-tac, seu tempo agora é meu, agora ele é parte de mim, sombra-tempo - ele gira em torno da gente - Tic-tac, tic-tac, a aula vai começar, tic-tac, tic-tac a aula está passando, tic-tac, tic-tac - ele aumenta o volume da voz - tic-tac - e acelera a velocidade da voz - tic-tac, tic-tac, tic-tac - E num grito - Corre! Vai perder o ônibus!

Visitante-Sombra-Tempo é o medo que é sombra e que expõe e vigia, começa a sussurrar que a gente não está à altura, que as pessoas estão reparando cada passo errado, e, assim, o tempo vai passando. Ele ri e sabota qualquer chance de seguir em frente, e nos deixa ali, travada, vendo a vida correr lá fora. E tem a consciência de que o tempo está escapando, e a gente querendo correr atrás, mas sem conseguir sair do lugar. Fica tudo escuro, pesado, e a única coisa que se move à nossa volta é o Visitante.

Visitante -Fariseu-sentimentos é aquele que tem muitas cores, que remete à vida, alegria, luz e flores na frente do rosto, querendo esconder algo, que são os sentimentos, muitos sentimentos negativos, transformações. É uma mistura de cores. O amarelo retrata felicidade e uma ruptura com azul e verde, que remetem à tristeza, e o vermelho, que significa uma ameaça. Essas três cores seriam uma ruptura da felicidade, o visitante adentrando a felicidade com uma avalanche de sentimentos negativos para pegar a felicidade, quebrar a paz e espalhar o Visitante medo, qualquer tipo de Visitante, como o de ser julgado, de não ter futuro, de não ser ninguém. Pode ser até físico, como o Visitante de uma pessoa ir atrás de você e fazer alguma coisa para você.

O medo influencia a vida das juventudes, produzindo a sensação de perda de controle sobre si mesmas, deslocando a centralidade para outra pessoa. Esse medo de outras pessoas se intensifica quando meninos-professores-idiotas assediam com comentários idiotas e machucam. Quando normalizam o assédio e tentam minimizar perguntando se foi o primeiro que sofreu. Como resultados sobre a influência do medo na convivência na escola, os meus achados revelam que o pensamento do grupo vai me mostrar como o medo age e provoca flutuações na potência de existir das juventudes, mostrando o quanto esse medo afeta o convívio na escola.

O Visitante faz as juventudes se sentirem as piores pessoas do mundo, quando são julgadas e tomadas por sentimentos fortes, avassaladores, cheios de medo, e por momentos de tristeza. Algumas vezes, a situação é tão avassaladora que as/os jovens acabam com amizades, com relacionamentos, para não se deixarem afetar tanto por esses momentos. Dessa forma, entram em conflito, performam para se adequar, e sentem que são duas pessoas ao mesmo tempo. Não sabem quando podem ser alegres ou tristes, e tudo se torna exaustivo. Performam tanto, que podem criar várias personalidades e não saberem quem são.

O medo da multidão dentro da comunidade escolar expõe o corpo político das juventudes: o contato, a invasão, o medo de não ser visto, de internalizar uma violência que

deveria ser combatida, porque o medo também é fabricado socialmente. A identidade e o outro provocam a confusão sobre si mesmo. O medo também acontece no olhar do outro.

A passagem do tempo, o acúmulo de sentimentos, o medo de ser definido como indivíduo. Que tipo de indivíduo? O que sofre o preconceito, a discriminação, que é perseguido por ser diferente? E vem a performance, a adequação para sobreviver e, com ela, a exaustão. O medo das juventudes são territórios complexos, que envolvem o corpo, o tempo, o outro e a identidade.

Os encontros provocados pelo sistema capitalista neoliberal marcam as juventudes com afetos tristes, que diminuem sua potência de vida e imprimem padrões, recodificando subjetividades, valores e modos de existência. Nesse processo, muitas passam a acreditar que não podem ser elas mesmas e que precisam performar para serem aceitas dentro de padrões criados por outros, o que lhes retira as possibilidades de mudança, de crescimento e, até mesmo, de individualização. O endereçamento desse sistema não é para corpos dissidentes.

O neoliberalismo, e sua intenção de produzir corpos aptos ao mercado de trabalho também pesa sobre as juventudes em forma de cobranças normalizadoras, institui valores ligados às suas notas, as horas que dedicam ao estudo, as conquistas individuais, a sua pontuação no Enem, a vaga na Universidade.

O uso do tempo é constantemente cobrado. Cada minuto deve ser aproveitado e, para isso, deve ser planejada a rotina perfeita: alimentar-se bem, cuidar do corpo, estudar. Tudo deve convergir para atingir o valor esperado, pois nada menos que isso é aceitável. Tempo para descansar, ler, assistir a seriados, pintar, escrever fanfic, desenhar, divertir-se com os amigos ou pensar-se também como coletivo, passa a ser entendido como tempo perdido, transformando-se em angústia e medo. A vida social e o valor das juventudes tornam-se mercadorias a serem administradas pelo sistema sob a lógica do capital humano.

Porém, é possível encontrar brechas, furar o sistema e criar linhas de fuga para onde a vida pulsa. Os modos de resistência para superar os medos mostram como as juventudes criam brechas, estratégias e fissuras para lidar, enfrentar ou subverter as situações em que o Visitante aparece, permitindo a convivência dentro da escola, apesar dele. Desse modo, delineia-se a Dimensão das Flutuações Afetivas e Práticas de Resistência e Reexistências, que vai mostrar como o medo age e provoca flutuações na potência de existir das juventudes, mostrando o quanto afeta o convívio na escola:

Momentos-intensidade são ondas fortes de sentimentos que percorrem a todas e todos estudantes na escola. O Visitante entra nesses sentimentos que, apesar da alegria por estar com

os amigos, brincando, fazendo piada, tem essa ruptura. Os momentos de tristeza por conta do medo de ser julgada, por falta de confiança. Uma pessoa insinuando que você não conhece ninguém, uma professora botando pressão. É o Visitante das frustrações do futuro. O tom da voz aumenta: - Muitos sentimentos juntos. - As mãos acompanham o final da fala: - E a gente pensa: “Meu Deus! O que vai ser do meu futuro?”

Espaços-furos-no-visitante têm espaços, furos pontiagudos estreitos, para enxergar através do Visitante uma forma de vencê-lo. Às vezes, dá medo de passar. Fica com medo e não tenta vencer o Visitante.

Podemos enxergar, através dos furos, os aliados: os amigos, com quem se pode conversar nos momentos de tristeza e compartilhar instantes de alegria e de brincadeiras. Para algumas juventudes, o pai e a mãe também se configuram como apoio, quando existe a possibilidade de diálogo com eles. Observar o próprio esforço e reconhecer o quanto se luta para mudar também se constitui uma forma de resistência e reexistência.

Professoras e professores podem igualmente tornar-se aliados. O grupo-pesquisador reconhece esses aliados como mãe ou pai, capazes de, com suas atitudes, transformar traumas produzidos por outras professoras e professores. O medo também é aliado, pois protege as juventudes de tomarem caminhos perigosos e errados, como do vício. O Visitante é um aliado imperfeito, uma dualidade, uma ferramenta necessária para a sobrevivência.

Os aliados são potências de vida dentro da escola, espaço em que a intersubjetividade é processo de formação de identidades. Esses aliados ajudam a furar o medo, a olhar por dentro, a dar nome, enunciar, desestabilizar e provocar mudanças. Ajudam a farejar uma saída com o auxílio do vento, a buscar a cumplicidade das folhas secas que têm segredos para contar, a vislumbrar a luz. Olha! A vida é nova!

Movimentos finais: a socialização, a banca e os afetos

A defesa oral da dissertação de mestrado é um requisito obrigatório para um programa de pós-graduação, de modo que se possa obter o título de mestra. Da mesma forma, a metodologia Sociopoética exige que, após a conclusão da pesquisa, seja promovido um retorno à sociedade, notadamente ao território que nos acolheu e nos permitiu a realização da pesquisa.

Socializar também é levar o que foi produzido às pessoas que, de algum modo, estiveram presentes durante a caminhada de produção da pesquisa. Foi atendendo a uma provocação de minha orientadora e, nessa perspectiva, de socializar com a banca a metodologia e os afetos, que eu trago um movimento final para minha pesquisa: a experiência que vivi na banca de defesa para obter o título de mestra.

A banca examinadora foi composta pela minha orientadora, Profa Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad, pela Profa Dra. Socorro Borges da Silva, como examinadora interna, tendo como suplente a Profa. Dra. Rosana Evangelista da Cruz, e, como examinador externo, o Prof. Dr. Fábio Soares da Costa (ProEF Unesp/Uespi), tendo como suplente o Prof. Dr. Marcos Ribeiro Mesquita (UFAL).

Para compartilhar esse momento, convidei afetos que potencializam meu desejo de escrever e pesquisar: familiares, amigas e amigos, pesquisadoras e pesquisadores do núcleo de pesquisa NEPEGECI, o grupo-pesquisador e professoras do IFPI Central.

Figuras 32 e 33 - Afeto Família e Afeto Orientandos Shara Jane



Fonte: Arquivo da Pesquisa

A defesa é a última etapa do mestrado. Nesse momento, eu exponho para a banca o meu trabalho de pesquisa. Junto com minha orientadora, decidimos que eualaria um pouco sobre minha implicação com a proposta de estudo, o processo de pesquisa e os dados produzidos pelo grupo-pesquisador. Já vinha planejando a organização dos slides e a minha fala há algum tempo. Assim, com quinze dias de antecedência, já estavam prontos. Na semana que antecedeu a defesa, já tinha planejado como iria mostrar as fotos das oficinas, o material utilizado e as máscaras. Havia, ainda, encomendado os salgados, o café e os refrigerantes.

Figura 34 - Afetos copesquisadores e Profs do IFPI



Fonte - Arquivo da pesquisa

Havia, naquele dia, algo que eu pensava há alguns meses: minha defesa faria conexão com as oficinas, de modo que minhas copesquisadoras se sentissem em casa e as pessoas presentes experimentassem um gostinho do que acontecia antes de iniciarmos as oficinas, isto é, um momento de acolhimento, de escuta, de pertencimento. Nesse momento, eu e meu co facilitador Wilker recebíamos a todas com doces, chocolates e afetos, o que levou a criação do nome “Sociopoética Doce contagiante” (Wilker, 2025). E era esse momento que eu queria reproduzir na minha banca, por isso, recebi a todos com jujubas e marshmallows.

Uma semana antes da minha defesa, minha orientadora me enviou uma mensagem contando sobre uma conversa que teve com o professor de teatro do IFPI, Moisés Chaves. Dessa conversa, surgiu uma proposta: a realização de uma performance teatral para os Libertários, na qual minhas copesquisadoras, no dia da banca de defesa, apresentariam os tipos de medo encontrados durante a pesquisa.

Essa proposta foi incorporada por todos os envolvidos e, com sua expertise, o professor Moisés escreveu o roteiro da performance e me enviou. Cinco copesquisadoras atenderam à provocação para ensaiar e apresentar, mesmo tendo o prazo reduzido. O roteiro da performance teatral dos Libertários está em anexo.

No dia 06 (seis) de abril de 2026, uma segunda-feira, às 14:30h, começaram a chegar professoras, professores, convidados, familiares. A sessão da defesa foi aberta por minha orientadora e, em seguida, ela destinou o espaço para minha apresentação. Eu estava de pés descalços, para sentir o chão da UFPI, lugar que me acolheu, que foi palco de muitas experiências alegres, e algumas tristes, mas que contribuiu para meu crescimento intelectual, crítico e cultural. UFPI, lugar de resistência, onde muitas mulheres vieram antes de mim e abriram caminho para que eu estivesse ali, naquele momento, defendendo um lugar de presença e de pertencimento, onde muitos ainda lutam para estar e permanecer.

Figura 35 - Afetos Orientadora Shara e copesquisadores



Fonte - Arquivo da pesquisa

Eu estava de pés descalços, como nas aulas com minha orientadora, como foi nas oficinas, como foi em casa enquanto eu produzia o texto, porque, assim, eu podia me sentir presente naquele momento em que tudo flui: medo, prazer, liberdade, leveza. A ideia era deixar que a energia percorresse meu corpo e fluísse. Descalça, tenho que pensar onde piso, ficar atenta e pisar com respeito e humildade o solo sagrado do conhecimento e da pesquisa.

Falei das minhas implicações como pesquisadora, da minha metodologia de pesquisa, a Sociopoética, sobre meu percurso de pesquisa, realizado por meio das oficinas. Trouxe, ainda,

meus resultados, os confetos de medo, as flutuações afetivas e as práticas de resistência e reexistências. Após minha apresentação, seguiu-se a performance teatral dos Libertários. O grupo estava alegre e concentrado para apresentar as faces do Visitante na escola.

A cena começou no escuro, com murmúrios e corpos em movimento. Aos poucos, vimos uma estudante ser cercada, invadida e julgada. O Visitante não era um só — ora era a sombra que condena, ora o professor que queima, ora o tempo que corre sem piedade. As máscaras surgiam nos gestos, nos olhares, nas vozes que se multiplicavam. A estudante ao centro, contraía-se, gritava, sorria à força. Mas, no fim, quando tudo parecia sufocar, pequenas frestas de luz apareceram, atravessando uma delas. A plateia ficou em silêncio. O Visitante não é tudo.

Os aplausos foram merecidos. As meninas e os meninos esforçaram-se, pois tiveram poucos dias para ensaiar, mas elas e eles já traziam no corpo aqueles medos, o que aquelas máscaras representavam. Ao final, a defesa estava completa. Bem ali, entre minha apresentação e a performance, o Visitante foi exposto. Agora, era a vez dos especialistas, a professora e o professor da banca falarem.

O primeiro a falar foi o professor Dr. Fábio Soares da Costa, que trouxe um texto como parecer. Um texto criativo na forma de falar sobre a pesquisa, de discorrer a sua análise, de apontar nuances do texto. Ele trouxe percepções, como: “Você consegue realizar um movimento extremamente delicado: transformar o visitante - frequentemente silenciado ou individualizado - em objeto de reflexão coletiva e politicamente situado”.

E sobre a metodologia que guiou meus passos, ele escreveu: “Não obstante, a subjetividade humana é singular. Estudar conhecimentos corporificados, encarnados a tal ponto que o medo seja uma categoria de análise e reflexão é o que tem de mais insurgente neste estudo. A Sociopoética, neste estudo, é batalha para entender a força e as fragilidades do visitante. A Sociopoética é cura. A Sociopoética é um banho de casca de Aroeira. Desinflama das afecções tristes do visitante, é calma para os tremores do corpo”. Ele terminou o parecer recitando um cordel de Bráulio Bessa, chamado “Medo”.

A professora Dra. Socorro Borges começou cantando “Como nossos pais”, de Belchior. Ela prosseguiu falando que a pesquisa desterritorializa o medo de sua condição individual para uma leitura como a biopolítica, tanatopolítica e necropolítica. Destacou que terror e medo são construídos socialmente para consolidar estruturas fascistas. E que a metáfora criada pelo grupo-pesquisador: “Visitante”, mostra que o medo “não sou eu”, “não é meu”, é estrutural, é biopolítica.

E sobre a escolha do nome do grupo-pesquisador: “Libertários”, em suas palavras, “aqueles que exercem a liberdade”, representa uma escola que tem uma carga política, de

resistência. Chamou a atenção, ainda, para o caráter pedagógico e transversal da pesquisa. Ao final, após a análise dos membros da banca, meu trabalho foi aprovado em sua totalidade, sem solicitação de mudanças.

Figura 36 - Afetos Banca de mestrado: Profa Socorro Borges, Shara Jane, Marlia e Prof Fábio Soares



Fonte - Arquivo da pesquisa

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Coord. Juventudes na escola, sentidos e buscas:** Por que frequentam? / Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro, Júlio Jacobo Waiselfisz. Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Ver de ouvir: a experiência sensível do corpo lesma para o historiador da educação. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, ano 32, v. 1, n. 59, p. 142-148, jan./jun. 2010.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. O pensamento de crianças vitimizadas pelas violências sobre o corpo: uma pesquisa sociopoética. **Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, [S. l.], n. 7, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/10385>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A Sociopoética e os cinco sentidos: a filosofia dos corpos misturados na pesquisa em educação. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa *et al.* (org.). **Tudo que não inventamos é falso:** dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014.p.41-59.
- ADAD, Shara Jane Holanda Costa; SANTOS, Vanessa Nunes dos; SILVA, Krícia de Sousa. Juventudes, violência e convivência na escola: uma pesquisa sociopoética. **ResearchGate**, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/353324428_Juventudes_violencia_e_convivencia_na_escola_Uma_pesquisa_sociopoetica/link/63a0aae0e42faa7e75d74490/download?tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19. Acesso em: 27 out.2025.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história.** [Vídeo]. Canal: TED. 7 out. 2009. 18min49s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em: 27 out. 2025.
- ANDREA. Diencefalo. **GoConqr**. Disponível em: <https://www.goconqr.com/mapamental/11188216/diencefalo>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- AXER, Bonnie. Produção curricular com as crianças - bilhetes, “whatsapp de papel” e as vivências com a escrita. **Periferia**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. e83213, 2024. DOI: 10.12957/periferia.2024.83213. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/83213>. Acesso em: 24 out. 2025.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do mundo líquido moderno.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.
- BARBUIO, Rodrigo; FREITAS, Ana Paula de. Narrativas de alunos com deficiência sobre suas vivências escolares. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 73, p. 57–69, 2023. DOI: 10.12957/teias.2024.74048. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/74048>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia comunitária:** passo a passo. 4. ed. rev. e ampl. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008. 408 p.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Tradução: Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CAPONI, Sandra. DARÉ, Patrícia Kozuchovski. Neoliberalismo e sofrimento psíquico: a psiquiatrização dos padecimentos no âmbito laboral e escolar. **Mediações: Revista de Ciências Sociais**, n. 25, v. 2, 2020.

CARDOSO, Sérgio. O olhar dos viajantes (do etnólogo). **In**: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.347-360.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. Eu tenho medo. **Geledés** - Instituto da Mulher Negra, 28 out. 2008. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/eu-tenho-medo/>. Acesso em: 2 jan. 2026.

CARNEIRO, Sueli. O medo da raça. **Correio Braziliense**, Brasília, 24 abr. 2006. Coluna Opinião. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-medo-da-raca/> . Acesso em: 2 jan. 2026.

CARNEIRO, Cristianne Teixeira. **Sociopoetizando o ser jovem nas linhas do pensamento dos jovens do curso técnico em enfermagem do Colégio Técnico de Bom Jesus - PI**. Dissertação (Mestrado em Educação) 191 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2013.

CARVALHO, Anna Karina de. Aulas são suspensas no Rio após megaoperação policial. **Agência Brasil**, 28 outubro 2025 - 15:45. Geral. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-10/aulas-sao-suspensas-no-rio-apos-megaoperacao-policial>. Acesso em: 29 out. 2025.

CARVALHO, Francimeiry Santos. **Sociopoetizando as sexualidades**: O pensamento filosófico de jovens do Colégio Técnico de Floriano-PI. Dissertação (Mestrado em Educação) 227 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2013.

CERIOLO, Amanda de Albuquerque; TEITELBAUM, Ilton. Comportamentos e expectativas do jovem brasileiro em relação ao futuro e ao país que deseja construir. **Revista Cadernos da Escola de Comunicação**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 20-33, jan./dez. 2017. ISSN 1679-3366.

LUTA ou fuga: como o mecanismo afeta sua vida. **Clube de Meditação**, 3/02/2021. Disponível em: <https://clubedemeditacao.com.br/luta-ou-fuga/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

CNTE. CNTE-CUT. 2022. Notícias. Relembre 7 desastres do governo Bolsonaro na educação pública. Disponível em: <https://cnte.org.br/noticias/relembre-7-desastres-do-governo-bolsonaro-na-educacao-publica-a9dc>. Acesso em: 7 jul. 2024.

CHAUÍ. Chauí, M. **“Direitos Humanos e medo”**. In Direitos humanos e.... São Paulo, Comissão de Justiça e Paz: Editora Brasiliense, 1989.

CORREDOR 5. Guilherme Arantes/Papo com Clê. **YouTube**, 31 de ago. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N_h0Z9NTVew&t=3059s Acesso em 14 de mar. 2025.

CURY, F. **Por que 18 de maio marca o enfrentamento ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes**. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/exploracaosexualzero/noticia/2024/05/por-que-18-de-maio-marca-o-enfrentamento-ao-abuso-e-a-exploracao-sexual-de-criancas-e-adolescentes.ghml>>. Acesso em: 13 out. 2024.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800: uma cidade sitiada**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2021.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Paixão da ignorância: a escuta entre a psicanálise e a educação**. São Paulo: Contracorrente, 2020.

DAYRELL, J. T.; DE PAULA, S. G. **Situação juvenil e formação de professores: Diálogo possível?**. Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, v. 3, n. 4, p. 33-53, 30 jun. 2011. Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/> Acesso em: 28 de set .2022.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, R. Paulo Cesar. Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. Ensino Médio em diálogo. 2003. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/documento/jovens-no-brasil-dif%C3%ADceis-travessias-de-fim-de-s%C3%A9culo-e-promessas-de-um-outro-mundo>. Acesso em 24. mar. 2022.

Entidade | Michaelis On-Line. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/entidade>>. Acesso em: 12 fev. 2026.

FERREIRA, Thaisa da Silva. **Juventude e pixação: a grafia como resistência na cidade**. Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF. Universidade Federal de Goiás – UFG.

GADOTTI, Moacir. **Escola vivida, escola projetada**. Campinas: Papirus, 1992. Disponível em: <https://acervo.paulofreire.org/bitstreams/f0d3bcac-062c-4a75-a8a2-b9d8169f31ce/download>. Acesso em: 05 agosto 2024.

GAUTHIER, Jacques. A Sociopoética, ou: quando grupos-pesquisadores se tornam filósofos coletivos. **Revista Sul-americana de Filosofia e Educação - RESAFE**. n. 12 (2009): maio/out. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/issue/view/310>. Acesso: 31 set. 2023.

GAUTHIER, Jacques. Prefácio. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa et al. (org.). **Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética**. Fortaleza: EdUECE, 2014. p.9-18.

GAUTHIER, Jacques. **O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

GAUTHIER, Jacques. Sociopoética e formação do pesquisador integral. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 4, n. 1, 2016. DOI: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rps.v4i1.459>. Acesso em: 7 jul. 2024.

GAUTHIER, Jacques Moendi. **Sociopoética e Contracolonialidade**: relatos de pesquisas e diálogos teóricos com Ailton Krenak, Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) e alguns filósofos da tradição ocidental. São Paulo: Editora Dialética, 2024.

GAUTHIER, J. A sociopoética como abordagem de pesquisa e ensino decolonial, contracolonial e libertadora. **Educazione Aperta**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://www.educazioneaperta.it/a-sociopoetica-come-abordagem-de-pesquisa-e-ensino-decolonial-contracolonial-e-libertadora.html>. Acesso em: 18 mar. 2025.

GERHARDT, Genifer. **Caminhando com Tim Tim**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI>. Acesso em: 27 set. 2023.

GIL, Gilberto. **Metáfora**. In: GIL, Gilberto. **Um Banda Um**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1982. 1 disco de vinil (44 min). Faixa 1.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 67. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

GUILHERME ARANTES/ Papo com Clê. Local: Corredor 5, 2022. 4 episódios. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N_h0Z9NTVew&list=PLdm0m6ZoaM9EPqyHfr35FdYHh7mrAZIIC&index=42. Acesso em: 05 agosto 2024.

GROPPO, Luís Antonio **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

GRUPO-PESQUISADOR [diálogo sobre o silêncio]. WhatsApp. 2 out. 2025. 09h08. 6 Mensagem WhatsApp.

HAKME, Jamil; SANTOS, Helena Maria da Silva. O circuito neural do medo. **Revista FAEF** (Faculdade de Ciências Administrativas e Tecnológicas), Garça, v. 10, n. 10, p. 45-58, 2013. Disponível em: https://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/fIKvfpO1oM5Bq0F_2013-5-13-16-25-49.pdf. Acesso em: 22 jun. 2025.

HOMBRE, Francisco El. Triste, **Louca ou má**. 2016. Disponível em <https://youtu.be/lKmYTHgBNoE>. Acesso em: 23 dez. 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência/ Jorge Larrosa**; Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi - 1. ed.; 4 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019 - (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução: Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado**: questões para a pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Descolonizando sexualidades e currículo na escola**: confetos produzidos por jovens da Ilha, 2014.

OLIVEIRA, Guilherme Laranjeira Mendonça; Miranda, Nonato Assis de. Vozes de estudantes com deficiência no Ensino Médio. **Revista Educação Especial**, 37(1), e38/1–25. <https://doi.org/10.5902/1984686X69718>. Acesso em: 23 dez. 2024.

OPA. **Organize-se e lute!** a proposta da organização popular. - Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021. 48 p.

PACHECO, Eliezer. **Os Institutos Federais**: uma revolução na educação profissional e tecnológica. Brasília: MEC/SETEC, 2008.

PERES, Wiliam Siqueira. Processos de estigmatização e estratégias de resistência: violência, exclusão e sofrimento psíquico. In: PARKER, Richard G. et al (Orgs). **Homossexualidade**: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: Abia, 2004.

PERES, Andréia. O impacto brutal da violência armada na educação. **Veja**, 26 agosto 2025. Educação. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/balanco-social/o-impacto-brutal-da-violencia-armada-na-educacao/>. Acesso em: 29 out. 2025.

PETIT, Sandra. SOCIOPOÉTICA: Potencializando a Dimensão Poiética da Pesquisa. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa et al. (org.). **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014. p.21-39.

PERGUNTAS FREQUENTES — IFPI Instituto Federal do Piauí. Disponível em: <<https://www.ifpi.edu.br/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes>>. Acesso em: 14 ago. 2025.

PIRATAPUIA, Antônio Marinho. Ajuri: Juventude Indígena no Protagonismo Climático. **COIAB**, 10/04/2025. Disponível em: <https://coiab.org.br/ajuri-juventude-indigena-no-protagonismo-climatico/>. Acesso em: 27 jul. 2025.

RÁDIO BANDNEWS FM. O É da Coisa, 2025. [Transmissão ao vivo]. Publicado pelo canal Rádio BandNews FM. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wqMUmMEFvSY>. Acesso em: 28 out. 2025.

RIBEIRO, Marlia Ferreira; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Relatório Final da Iniciação Científica**. Universidade Federal do Piauí, 2022. No prelo.

RIBEIRO, Marlia Ferreira; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A caixa de afecções e os confetos de medo para jovens pensadores na escola. **Cadernos Cajuína**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. e1089, 2025. DOI: 10.52641/cadcajv10i3.1089. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/1089>. Acesso em: 1 out. 2025.

REGINA, Cássia. **Gestos, Palabras y Músicas**. Fortaleza, 1997. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/405286135/Gestos-Palabras-y-Musicas-Casia-REGINA>. Acesso em: 13 jun. 2025.

RODRIGUES, Wesley da Silva. **Sociopoética de jovens gays nas performatividades do corpo**: giz da escola pública do Piauí/Brasil. 2023. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2023.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís B. (org.). **Verbolário da caminhografia urbana** [E-book]. Pelotas, RS: Editora Caseira, 2024.

SAFATLE, V.; JÚNIOR, N. da S.; DUNKER, C. (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2020. 286p

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. 2. ed.: Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. 360p.

SANCHES, Flávio; AGRELA RODRIGUES, Fabiano de Abreu. Circuito Neural do Medo. **CPAH Science Journal of Health**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 1–10, 2023. DOI: 10.56238/cpahjournalv6n1-002. Disponível em: <https://cpahjournal.com/cpah/article/view/137>. Acesso em: 11 jun. 2025.

SANTOS, Escolástica; AMORIM, Gorete; SANTOS, Pedro. **Política educacional, estado e capital**. Maceió : Coletivo Veredas, 2021. 98 p.

SANTOS, Julia Lima dos.; SOUZA, Angelita Matos. Capitalismo neoliberal: além da economia . **GeoTextos**, [S. l.], v. 19, n. 1, 2023. DOI: 10.9771/geo.v0i1.54952. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/54952>. Acesso em: 7 jul. 2024.

SANTOS, Vanessa Nunes dos. **Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI**. Dissertação (Mestrado em Educação) 213 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2013.

SEIXAS, Raul; ROBERTO, Claudio. Maluco Beleza. In: SEIXAS, Raul. **O dia em que a terra parou**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1977. Faixa 2.

SILVA, Maria do Socorro Borges da. **Ventos que sopram aquelas noites**. [S.l.]: Editora UmLivro, 2023. 104 p.

SILVA, Pollyana das Graças Ramos da et al. A relação entre o corpo e o medo para jovens da escola pública: uma pesquisa sociopoética. In: **Anais IV FIPED...** Campina Grande: Realize Editora, 2012. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/490>. Acesso em: 17 mar. 2025.

SIMÕES, Nataly. Acampamento Terra Livre (ATL): 3 reivindicações dos povos indígenas - **Educação e Território**. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/acampamento-terra-livre-atl-3-reivindicacoes-dos-povos-indigenas/>. Acesso em: 27 jul. 2025.

SOUSA, Wanderson William Fidalgo de. **Os “Corres” como ação afirmativa:** jovens cotistas pensadoras/es de permanência na UFPI. 2025. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2025.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética Spinoza*. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 240p.

STARHAWK. **A dança cósmica das feiticeiras:** guia de rituais à Grand Deusa. Tt tradução: Ann Mary Fighiera Perpétuo. Rio de Janeiro: Record, 1993.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. Tradução de Suzanne Léveillé. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2002 (Reimpressão 2019).

TEIXEIRA, Heloísa B. de Holanda. **Explosão feminista:** arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TEO, Ygor. **Filosofia do Vazio** [E-book], 2020. Kindle. Ed. Textos para Reflexão.

TIQQUN. **Primeros materiales para una teoría de la Jovencita**. Disponível em: <<https://tiqqunim.blogspot.com/2013/11/jovencita.html>>. Acesso em: 31 out. 2024.

TRINDADE, Rafael. Spinoza – origem e natureza dos afetos. Razão Inadequada, Minas Gerais, 15 jul. 2014. Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2014/07/15/Spinosa-origem-e-natureza-dos-afetos/> Acesso em: 13, ago. 2022.

WILKER [Valdecy Wilker da Rocha Barrozo]. “Sobre a criação do desenho”. WhatsApp (Mensagem Individual), 27 jun. 2025, 10:23.

WILKER, L. **Brasil registra mais de 11 mil denúncias de violação sexual contra crianças e adolescentes em 2024**. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/05/18/brasil-registra-mais-de-11-mil-denuncias-de-violacao-sexual-contras-criancas-e-adolescentes-em-2024>>. Acesso em: 27 jul. 2025.

Apêndice A (TCLE e TALE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: As/Os Jovens Pesquisadores e o Medo na Escola: Vivências e Resistências.

Pesquisadora Responsável: Marlia Ferreira Ribeiro

Pesquisadora assistente: Shara Jane Holanda Costa Adad

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí – UFPI/Centro de Ciências da Educação – CCE/Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPI).

Telefone para contato: (86) 99859-5038 / (86) 9.9482-6561

E-mail: marliamestranda@gmail.com / shara_pi@hotmail.com

Prezado(a) Senhor (a)

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa sobre os medos que os jovens enfrentam na escola pública e como lidam com essa situação, denominada AS/OS JOVENS PESQUISADORES E O MEDO NA ESCOLA: VIVÊNCIAS E RESISTÊNCIAS. Leia com atenção e cuidado este Termo, e tire suas dúvidas com as pesquisadoras responsáveis. Esta pesquisa está sob a responsabilidade da pesquisadora Marlia Ferreira Ribeiro, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFPI e tem como objetivo geral investigar os medos que atravessam os corpos das/dos jovens no seu modo de habitar na escola pública. E como objetivos específicos: 1 Identificar os medos das/dos jovens da/na escola pública; 2 Compreender a influência dos medos no modo de habitar das/dos jovens no território escolar; 3 Perceber os modos de resistência dessas/es jovens para superar os medos. Esta pesquisa tem por finalidade ajudar a expandir a investigação sobre as juventudes, como são afetadas pelo medo na escola, e ajudar a identificar esses medos, percebendo como as/os jovens produzem suas resistências, acreditando que a produção desses dados valiosos pode servir para a formulação de políticas públicas, programas de prevenção à violência e apoio psicológico na escola.

Se houver perguntas antes ou mesmo depois de indicar sua concordância, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora responsável pela pesquisa Marlia Ferreira Ribeiro através do seguinte telefone (86) 998595038, através de ligação, mensagem de texto ou de voz e/ou através do e-mail: marliamestranda@gmail.com. Se mesmo assim, as dúvidas ainda persistirem você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI, que acompanha e analisa as pesquisas científicas que envolvem seres humanos, no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina –PI, telefone (86) 2222-4824, e-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br; no horário de atendimento ao público, segunda a sexta, manhã: 08h00 às 12h00 e a tarde: 14h00 às 18h00.

A pesquisa tem como justificativa investigar o pensamento juvenil com o intuito de descobrir seus medos e a maneira como suas vidas na escola são mobilizadas por esses medos. Busca-se entender como eles influenciam suas vivências na escola, na relação com o outro, no modo como lidam com as diferenças, com a sociedade, e como elas/eles olham para o mundo a sua volta, como se enxergam e como se colocam nesse contexto social que exige delas/deles uma preparação para se tornarem adultas/adultos, cidadãos/cidadãos. Para sua realização serão utilizados os seguintes procedimentos para a produção de dados: uma primeira oficina para negociação da pesquisa, onde os participantes irão se apresentar, a utilização de um diário para o registro das experiências, oficinas de produção de dados e oficina de contra-análise. Nas oficinas teremos a captação de imagem e voz por meio de gravação, filmagem e/ou fotos.

Esclareço que esta pesquisa acarreta e oferece mínimo risco de danos. Nesse caso, os procedimentos a serem realizados para a produção de dados poderão trazer risco de desconforto mínimo. Caso o participe, por ventura, sinta-se desconfortável no decorrer das oficinas de produção de dados, por revelar as experiências pessoais de suas vivências como estudante estará livre para questionar, pausar ou até mesmo desistir quanto ao desejo de prosseguir como sujeito da investigação, sem qualquer prejuízo. Como forma de contornar o possível risco de desconforto, as pesquisadoras comprometem-se a manter o mais completo sigilo quanto à identidade dos sujeitos da pesquisa. Comprometem-se, ainda, a realizar a coleta de dados em ambiente reservado e sem a presença de pessoas não relacionadas à pesquisa.

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins acadêmico-científicos, divulgação em revistas e em eventos científicos, e as pesquisadoras se comprometem a manter o sigilo e identidade anônima, como estabelecem as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº. 466/2012 e 510/2016 e a Norma Operacional 01 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam de normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos. E terá livre acesso as todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, bem como lhe é garantido acesso a seus resultados.

Esclareço ainda que você e sua família não terão nenhum custo com a pesquisa. Não haverá nenhum tipo de pagamento pela participação de seus filhos(as), ela é voluntária. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantido a assistência integral.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente de acordo com o que me foi exposto. Eu, _____, portador do documento de identidade _____ declaro que aceito a participação de meus filhos(as) a participar desta pesquisa, dando pleno consentimento para uso das informações por mim prestadas. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Preencher quando necessário

- ☐ Autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação, filmagem e/ou fotos de meus filhos(as);
 - ☐ Não autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação e/ou filmagem fotos de meus filhos(as);
 - ☐ Autorizo apenas a captação de voz por meio da gravação;
- Teresina, ____ de _____ 20 ____.

Assinatura do responsável

Assinatura do Pesquisador Responsável

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: As/Os Jovens Pesquisadores e o Medo na Escola: Vivências e Resistências.
Pesquisadora Responsável: Marlia Ferreira Ribeiro
Pesquisadora assistente: Shara Jane Holanda Costa Adad
Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí – UFPI/Centro de Ciências da Educação – CCE/Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPI).
Telefone para contato: (86) 99859-5038 / (86) 9.9482-6561
E-mail: marliamestranda@gmail.com / shara_pi@hotmail.com

Prezada(o) Participante

Você está sendo convidado(a) como voluntário de uma pesquisa sobre os medos que os jovens enfrentam na escola pública e como lidam com essa situação, denominada: “AS/OS JOVENS PESQUISADORES E O MEDO NA ESCOLA: VIVÊNCIAS E RESISTÊNCIAS”. Leia com atenção e cuidado este Termo, e tire suas dúvidas com as pesquisadoras responsáveis. Esta pesquisa está sob a responsabilidade da pesquisadora Marlia Ferreira Ribeiro, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFPI e tem como objetivo geral investigar os medos que atravessam os corpos das/dos jovens no seu modo de habitar na escola pública de ensino médio. E como objetivos específicos: 1 Identificar os medos das/dos jovens da/na escola pública; 2 Compreender a influência dos medos no modo de habitar das/dos jovens no território escolar; 3 Perceber os modos de resistência dessas/es jovens para superar os medos. Esta pesquisa tem por finalidade ajudar a expandir a investigação sobre as juventudes, como são afetadas pelo medo na escola, e ajudar a identificar esses medos, percebendo como as/os jovens produzem suas resistências, acreditando que a produção desses dados valiosos pode servir para a formulação de políticas públicas, programas de prevenção à violência e apoio psicológico na escola.

Neste sentido, solicitamos sua colaboração mediante a assinatura desse termo. Este documento, chamado Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), visa assegurar seus direitos como participante. Após seu consentimento, assine todas as páginas e ao final desse documento, que está em duas vias. O mesmo também será assinado pela pesquisadora em todas as páginas, ficando uma via com você participante da pesquisa e outra com a pesquisadora. Por favor, reafirmo que a leitura deve ser feita com atenção e calma, aproveite para esclarecer todas as suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de indicar sua concordância, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora responsável pela pesquisa Marlia Ferreira Ribeiro através do seguinte telefone (86) 998595038, através de ligação, mensagem de texto ou de voz e/ou através do e-mail: marliamestranda@gmail.com. Se mesmo assim, as dúvidas ainda persistirem você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI, que acompanha e analisa as pesquisas científicas que envolvem seres humanos, no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina-PI, Telefone (86) 2222-4824, e-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br; no horário de atendimento ao público, segunda a sexta, manhã: 08h00 às 12h00 e a tarde: 14h00 às 18h00.

Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Esclarecemos mais uma vez que sua participação é voluntária, caso decida não participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo e a pesquisadora estará à sua disposição para qualquer esclarecimento.

A pesquisa tem como justificativa investigar o pensamento juvenil com o intuito de descobrir seus medos e a maneira como suas vidas na escola são mobilizadas por esses medos. Busca-se entender como eles influenciam suas vivências na escola, na relação com o outro, no modo como lidam com as diferenças, com a sociedade, e como elas/eles olham para o mundo a sua volta, como se enxergam e como se colocam nesse contexto social que exige delas/deles uma preparação para se tornarem adultas/adultos, cidadãos/cidadãos. Para sua realização serão utilizados os seguintes procedimentos para a produção de dados: uma primeira oficina para negociação da pesquisa, onde os participantes irão se apresentar, a utilização de um diário para o registro das experiências, oficinas de produção de dados e oficina de contra-análise. Nas oficinas teremos a captação de imagem e voz por meio de gravação, filmagem e/ou fotos.

Esclareço que esta pesquisa acarreta e oferece mínimo risco de danos. Nesse caso, os procedimentos a serem realizados para a produção de dados poderão trazer risco de desconforto mínimo. Caso você, porventura, sinta-se desconfortável no decorrer das oficinas de produção de dados, por revelar as experiências pessoais de suas vivências como estudante estará livre para questionar, pausar ou até mesmo desistir quanto ao desejo de prosseguir como sujeito da investigação, sem qualquer prejuízo. Como forma de contornar o possível risco de desconforto, as pesquisadoras comprometem-se a manter o mais completo sigilo quanto à identidade dos sujeitos da pesquisa. Comprometem-se, ainda, a realizar a produção de dados em ambiente reservado e sem a presença de pessoas não relacionadas à pesquisa.

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins acadêmico-científicos (divulgação em revistas e em eventos científicos) e os pesquisadores se comprometem a manter o sigilo e identidade anônima, como estabelecem as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº. 466/2012 e 510/2016 e a Norma Operacional 01 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam de normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos. E você terá livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, bem como lhe é garantido acesso a seus resultados.

Esclareço ainda que você não terá nenhum custo com a pesquisa, e caso haja por qualquer motivo, asseguramos que você será devidamente ressarcido. Não haverá nenhum tipo de pagamento por sua participação, ela é voluntária. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantido a assistência integral.

Para participar deste estudo, o pai ou responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, não receberá ressarcimento e nem está previsto indenização. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. Reitero que a sua participação é voluntária e sua recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Além disso, caso seja sua vontade, você não será identificado em nenhuma publicação.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em

duas vias, sendo que uma via será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____ portador(a) do documento de Identidade _____ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão quanto a minha participação se assim o desejar.

Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Teresina, de 2025

Assinatura do(a) menor



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: As/Os jovens pesquisadores e o medo na escola: vivências e resistências

Pesquisador: Marlia Ferreira Ribeiro

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 87173125.1.0000.5214

Instituição Proponente: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.627.777

Apresentação do Projeto:

1.1. Informações Gerais

A apresentação do projeto foi baseada em informações extraídas dos documentos "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2499442.pdf" e "PROJETO_DETALHADO.pdf".

Este parecer refere-se à análise de resposta às pendências, emitidas pelo CEP/UFPI no parecer número 7.531.026, em 28/04/2025, referente ao projeto de pesquisa intitulado "As/Os jovens pesquisadores e o medo na escola: vivências e resistências".

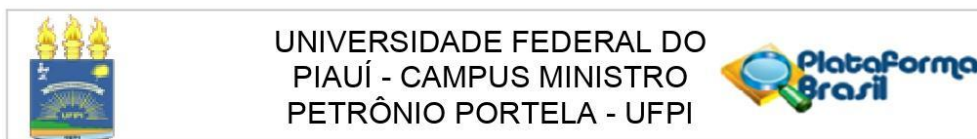
1.2. Equipe de Pesquisa

A pesquisadora responsável é a Sra. Marlia Ferreira Ribeiro, e a pesquisadora assistente é a Sra. SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD.

1.3. Resumo do Projeto

A pesquisa tem como justificativa "A pesquisa é relevante porque busca dar voz aos jovens, permitindo que eles expressem seus medos e formas de resistência. A metodologia Sociopoética promove uma abordagem inclusiva e democrática do conhecimento, e utiliza a metodologia da oficina sóciopoética. O pesquisador informa que o recrutamento das/ dos jovens estudantes do IFPI Central será realizado com apoio do Diretório Central dos Estudantes".

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI -Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)3215-5510 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PIAUÍ - CAMPUS MINISTRO
PETRÔNIO PORTELA - UFPI



Continuação do Parecer: 7.627.777

que ajudará na divulgação da pesquisa com disponibilização dos cartazes com QR-Code para preenchimento do formulário de inscrição e divulgação da primeira reunião para falar sobre a pesquisa, horários e disponibilidade de interesse na participação, e a entrada em algumas salas de aula do 1º e 2º anos do ensino médio. Os critérios de inclusão são ser estudante do Instituto Federal do Piauí Central - IFPI CENTRAL e estar matriculado no 1º e 2º ano do ensino médio, ter idade entre 14 a 19 anos, de ter disponibilidade para as oficinas artísticas, acesso à internet e interesse em participar da pesquisa, além de aceitação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por um dos pais ou responsável e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido pelo menor participante da pesquisa. Caso o número de participantes seja superior ao esperado, faremos uma seleção mais detalhada por interesses de acordo com a temática do estudo, e os critérios de exclusão são não estar cursando o ensino médio nas séries do 1º e 2º ano do Instituto Federal do Piauí Central - IFPI CENTRAL, assim como, a/o estudante não ter disponibilidade para as oficinas artísticas, acesso à internet e interesse em participar da pesquisa e não aceitação e assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e/ou não aceitação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte dos pais ou responsável.

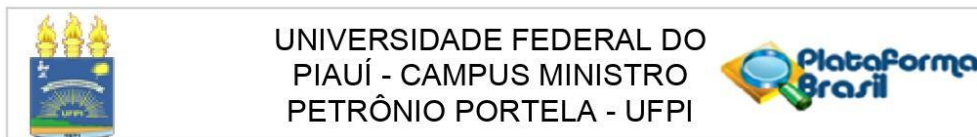
1.4. Hipótese

A hipótese do projeto é Hipótese 01: O medo é um obstáculo para o desenvolvimento afetivo, social, educacional, e podem estar relacionados ao medo de falhar, de ser rejeitado, da violência, do bullying. Hipótese 02: A resistência dos jovens ao medo na escola pode ser um fator determinante para a construção de uma identidade mais autônoma e confiante, e a criação de um ambiente escolar mais inclusivo, democrático e solidário.

1.5. Metodologia Proposta

A metodologia proposta consiste em Para descobrir os medos que afligem as juventudes na escola, faz-se necessário ouvir as/os jovens falarem sobre isso, deixar que eles se expressem, que sejam capazes de falar sem que sejam calados pelo poder que está imposto dentro da escola, tanto o poder que os submete ao silêncio, quanto ao burburinho que não os deixa respirar, que os fazem falar apenas o que está ordenado, segundo critérios de legitimidade impostos (Larrosa, 2019). A metodologia de pesquisa que me traz essa possibilidade é a Sociopoética, uma pesquisa de abordagem qualitativa que rompe com as relações de poder

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI -Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)3215-5510 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



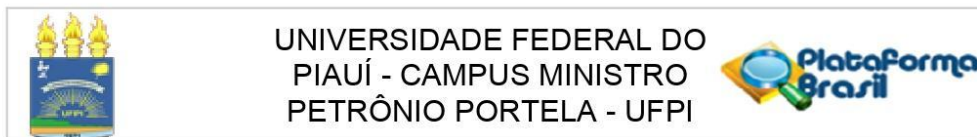
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PIAUI - CAMPUS MINISTRO
PETRÔNIO PORTELA - UFPI



Continuação do Parecer: 7.627.777

que são próprias das pesquisas acadêmicas, desestabilizando o mundo acadêmico e rompendo com a relação hierárquica entre o conhecimento acadêmico e os saberes populares, sem perder seu caráter científico e didático, orientando-se por cinco princípios. O primeiro a formação do grupo-pesquisador, o segundo pesquisar com as culturas dominadas e de resistência, o terceiro pesquisar com as potências do corpo inteiro, o quarto pesquisar utilizando técnicas artísticas e o quinto a responsabilidade ética, e política, coletiva (Adad, 2014). Nesta metodologia, os dados, chamados confetos (conceitos permeados de afetos) são produzidos através de técnicas artísticas, instrumentos de pesquisa que traçam linhas de fuga, facilitando a expressão e o aprofundamento das singularidades do grupo-pesquisador, porque somente a arte é capaz de trazer à tona o inconsciente coletivo ou individual (Gauthier, 2014) A respeito da produção de confetos, na sociopoética: Passamos a dizer que essa abordagem de pesquisa é uma prática filosófica, pois: descobre os problemas que inconscientemente mobilizam os grupos sociais; promove a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida; favorece a criação de confetos e conceitos contextualizados no afeto e na razão, na sensualidade e na intuição, na gestualidade e na imaginação do grupo-pesquisador; e possibilita a criação de conceitos desterritorializados, que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos e teóricos profissionais. (Adad; Santos; Sousa; Sousa, 2017, p. 76) Gauthier (2012), o criador da Sociopoética trata o grupo-pesquisador como um ser único, um filósofo, e que durante a pesquisa não devemos apenas pensar no que pensa o grupo-pesquisador, mas é importante descobrir como ele pensa, por isso também são chamados/a de copesquisadores/a. Logo, transformar jovens da escola em pesquisadores, e portanto em filósofos, é dar espaço de fala para as vozes silenciadas no interior da escola, através da produção de conhecimentos que relatem seus medos, suas formas de resistência, e compreender como esses medos influenciam seu modo de habitar dentro da escola. Nesta metodologia, a pesquisadora exerce a função de facilitadora, segundo Gauthier (2009), esta deve interferir de maneira metódica sabendo como escolher as técnicas artísticas que produzirão os dados mediados por oficinas, como analisar esses dados, e organizar a análise crítica com o grupo-pesquisador. O grupo-pesquisador será formado por seis até oito jovens com idade entre 14 a 19 anos, estudantes do 1º e 2º ano do ensino médio do Campus Teresina Central do Instituto Federal do Piauí - IFPI, que após a oficina de negociação mediante comum acordo tornam-se membros copesquisadores. Desse modo, busca-se encontrar novos conceitos ou outras maneiras de problematizar o tema-gerador que será escolhido de forma coletiva. Os dados serão produzidos por meio de oficinas com técnicas artísticas. As Oficinas: são

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI -Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)3215-5510 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PIAUÍ - CAMPUS MINISTRO
PETRÔNIO PORTELA - UFPI



Continuação do Parecer: 7.627.777

momentos utilizados com a finalidade de produção de dados que permitam à criação de novos problemas ou novas maneiras de problematizar o tema-gerador e a criação de Confetos (conceitos permeados de afetos).^ç. A amostra estabelecida para a pesquisa é de 8 participantes.

Objetivo da Pesquisa:

1. Objetivo Primário

O objetivo primário da pesquisa é "- Investigar os medos que atravessam os corpos das/dos jovens no seu modo de habitar na escola pública de ensino médio."

2. Objetivos Secundários

Os objetivos secundários da pesquisa são

- Identificar os medos das/dos jovens da/na escola pública
- Compreender a influência dos medos no modo de habitar das/dos jovens no território escolar;
- Perceber os modos de resistência dessas/es jovens para superar os medos;^ç.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

1. Riscos e Benefícios do TCLE

O(A) pesquisador(a) aponta os riscos e benefícios da pesquisa, conforme descritos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE):

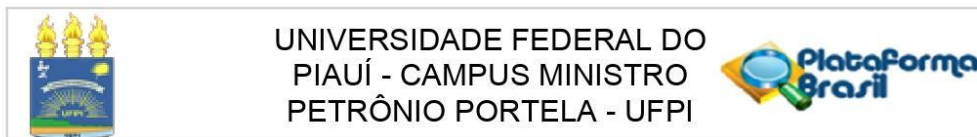
Riscos:

^çEsclareço que esta pesquisa acarreta e oferece mínimo risco de danos. Nesse caso, os procedimentos a serem realizados para a produção de dados poderão trazer risco de desconforto mínimo. Caso o participe, por ventura, sinta-se desconfortável no decorrer das oficinas de produção de dados, por revelar as experiências pessoais de suas vivências como estudante estará livre para questionar, pausar ou até mesmo desistir quanto ao desejo de prosseguir como sujeito da investigação, sem qualquer prejuízo. Como forma de contornar o possível risco de desconforto, as pesquisadoras comprometem-se a manter o mais completo sigilo quanto à identidade dos sujeitos da pesquisa. Comprometem-se, ainda, a realizar a coleta de dados em ambiente reservado e sem a presença de pessoas não relacionadas à pesquisa.^ç

Benefícios:

^çEsta pesquisa tem por finalidade ajudar a expandir a investigação sobre as juventudes, como são afetadas pelo medo na escola, e ajudar a identificar esses medos, percebendo como as/os

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI -Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)3215-5510 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PIAUÍ - CAMPUS MINISTRO
PETRÔNIO PORTELA - UFPI



Continuação do Parecer: 7.627.777

jovens produzem suas resistências, acreditando que a produção desses dados valiosos pode servir para a formulação de políticas públicas, programas de prevenção à violência e apoio psicológico na escola.¿

2. Riscos e Benefícios do TALE

O(A) pesquisador(a) aponta os riscos e benefícios da pesquisa, conforme descritos no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE):

Riscos:

¿Esclareço que esta pesquisa acarreta e oferece mínimo risco de danos. Nesse caso, os procedimentos a serem realizados para a produção de dados poderão trazer risco de desconforto mínimo. Caso você, porventura, sinta-se desconfortável no decorrer das oficinas de produção de dados, por revelar as experiências pessoais de suas vivências como estudante estará livre para questionar, pausar ou até mesmo desistir quanto ao desejo de prosseguir como sujeito da investigação, sem qualquer prejuízo. Como forma de contornar o possível risco de desconforto, as pesquisadoras comprometem-se a manter o mais completo sigilo quanto à identidade dos sujeitos da pesquisa. Comprometem-se, ainda, a realizar a produção de dados em ambiente reservado e sem a presença de pessoas não relacionadas à pesquisa.¿

Benefícios:

¿Esta pesquisa tem por finalidade ajudar a expandir a investigação sobre as juventudes, como são afetadas pelo medo na escola, e ajudar a identificar esses medos, percebendo como as/os jovens produzem suas resistências, acreditando que a produção desses dados valiosos pode servir para a formulação de políticas públicas, programas de prevenção à violência e apoio psicológico na escola.¿

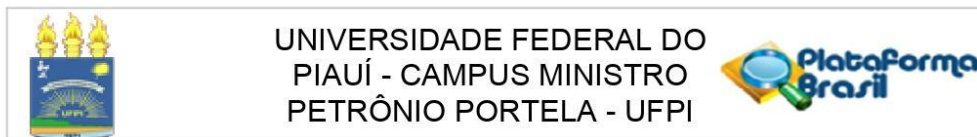
3. Riscos e Benefícios do Documento Informações Básicas do Projeto

O(A) pesquisador(a) aponta os riscos e benefícios da pesquisa, conforme descritos no documento "Informações Básicas do Projeto":

Riscos:

¿Esclareço que esta pesquisa acarreta e oferece mínimo risco de danos. Nesse caso, os procedimentos a serem realizados para a produção de dados poderão trazer risco de desconforto mínimo. Caso o participe, por ventura, sinta-se desconfortável no decorrer das oficinas de produção de dados, por revelar as experiências pessoais de suas vivências como

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI -Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)3215-5510 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 7.627.777

estudante estará livre para questionar, pausar ou até mesmo desistir quanto ao desejo de prosseguir como sujeito da investigação, sem qualquer prejuízo. Como forma de contornar o possível risco de desconforto, as pesquisadoras comprometem-se a manter o mais completo sigilo quanto à identidade dos sujeitos da pesquisa. Comprometem-se, ainda, a realizar a coleta de dados em ambiente reservado e sem a presença de pessoas não relacionadas à pesquisa.¿

Benefícios:

¿ Com o progresso deste estudo, e as investigações realizadas, espera-se ajudar a expandir a investigação sobre as juventudes, como são afetadas pelo medo na escola, e ajudar a identificar esses medos, e perceber como as/os jovens produzem suas resistências, assim, a produção desses dados valiosos podem servir para a formulação de políticas públicas, programas de prevenção à violência e apoio psicológico na escola.¿

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

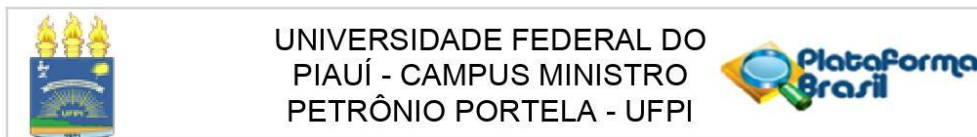
Após análise da documentação apresentada e considerando as Resoluções e Normas aplicáveis, considera-se que a pesquisa em questão é exequível e relevante para a área de atuação, uma vez que o tema é relevante, de interesse da comunidade e possui metodologia adequada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Verificou-se que os documentos obrigatórios para a avaliação ética da pesquisa foram apresentados, são eles:

- ¿ Folha de rosto;
- ¿ Carta de encaminhamento;
- ¿ Projeto de pesquisa;
- ¿ TCLE;
- ¿ TALE;
- ¿ Autorização institucional;
- ¿ Declaração dos Pesquisadores;
- ¿ Termo de Confidencialidade;
- ¿ Curriculum Lattes de todo(a)s o(a)s pesquisadore(a)s;
- ¿ Instrumento de coleta (quando couber, e não precisa estar em documento separado);
- ¿ Cronograma (não precisa estar em documento separado);

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI -Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)3215-5510 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PIAUÍ - CAMPUS MINISTRO
PETRÔNIO PORTELA - UFPI



Continuação do Parecer: 7.627.777

¿ Orçamento (não precisa estar em documento separado).

Recomendações:

Remover o termo ¿ mínimo¿ da descrição dos riscos do TALE e do TCLE.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

¿ Listas de pendências anteriores:

- o Pendência 1 - Não apresentou a forma de recrutamento, portanto, incluir ¿ SANADA;
- o Pendência 2 - Não apresentou os critérios de inclusão e exclusão ¿ SANADA;
- o Pendência 3 - Corrigir numeração do TCLE e atentar para que as assinaturas do TCLE/TALE não fiquem em páginas separadas ¿ SANADA;
- o Pendência 4 - A linguagem no TCLE não está clara e acessível. Algumas expressões utilizadas não são de conhecimento comum (por exemplo ¿ construção dos crachás¿ e ¿ diário de afecções¿) ¿ SANADA;
- o Pendência 5 - Corrigir o mesmo ponto da Pendência 4 no TALE ¿ SANADA;
- o Pendência 6 - O TCLE informa que ¿ o estudo proposto não causará prejuízos físicos ou psicológicos¿, entretanto as pesquisadoras não podem afirmar isso com 100% de certeza. Favor reescrever os riscos de forma a considerar todas as possibilidades e informar as formas de mitigá-los que não envolvam as garantias obrigatórias ¿ SANADA;
- o Pendência 7 - Corrigir o mesmo ponto da Pendência 6 no TALE ¿ SANADA;
- o Pendência 8 - Corrigir as siglas: TECLE -> TCLE; TELE -> TALE ¿ SANADA.

Após análise documental, não verificamos pendências ou inadequações e consideramos o projeto apto a ser desenvolvido.

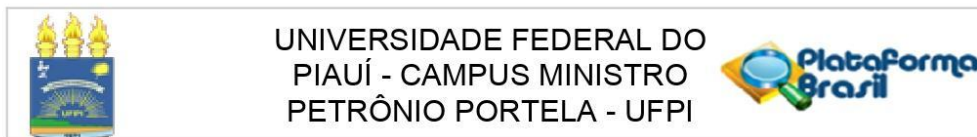
Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa ¿ CEP, de acordo com as atribuições definidas nas Resoluções CNS nº 466 de 2012 e nº 510 de 2016 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação protocolo de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

o Solicita-se que seja enviado ao CEP-UFPI/CMPP o relatório parcial e o relatório final desta pesquisa. Os modelos encontram-se disponíveis no site: <http://ufpi.br/cep>

¿ Em atendimento as Resoluções CNS nº 466/2012 e 510/2016, cabe ao pesquisador responsável pelo presente estudo elaborar e apresentar ao CEP RELATÓRIOS PARCIAIS (semestrais) e FINAL. O relatório deve ser enviado pela Plataforma Brasil em forma de

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI -Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)3215-5510 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 7.627.777

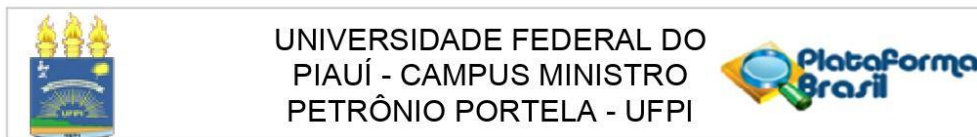
notificação;

- o Qualquer necessidade de modificação no curso do projeto deverá ser submetida à apreciação do CEP, como EMENDA. Deve-se aguardar parecer favorável do CEP antes de efetuar a/s modificação/ões.
- o Justificar fundamentadamente, caso haja necessidade de interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.
- o O Comitê de Ética em Pesquisa não analisa aspectos referentes a direitos de propriedade intelectual e ao uso de criações protegidas por esses direitos. Recomenda-se que qualquer consulta que envolva matéria de propriedade intelectual seja encaminhada diretamente pelo pesquisador ao Núcleo de Inovação Tecnológica da Unidade.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2499442.pdf	01/05/2025 12:27:18		Aceito
Outros	Recrutamento.pdf	01/05/2025 12:24:21	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito
Outros	Carta_Resposta_ao_Comite_de_Etica.pdf	01/05/2025 12:23:46	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito
Outros	TALE.pdf	01/05/2025 12:21:53	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	01/05/2025 12:21:36	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO.pdf	01/05/2025 12:21:26	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	19/03/2025 14:36:32	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_PESQUISA_INSTITUCIONAL.pdf	19/03/2025 14:19:54	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito
Outros	COLETA_DADOS.pdf	19/03/2025 14:17:13	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito
Outros	Lattes_Shara_Jane.pdf	19/03/2025 14:14:33	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	14/02/2025 12:25:03	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI -Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)3215-5510 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br



Continuação do Parecer: 7.627.777

Outros	Curriculo.pdf	11/02/2025 22:29:09	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf	11/02/2025 22:20:53	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	Carta_de_Encaminhamento.pdf	11/02/2025 22:18:18	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	11/02/2025 22:17:23	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_dos_Pesquisadores.pdf	11/02/2025 22:16:23	Marlia Ferreira Ribeiro	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 09 de Junho de 2025

Assinado por:
HILRIS ROCHA E SILVA
(Coordenador(a))

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI -Bloco da Pró-Reitoria de Administração -
Bairro: Ininga **CEP:** 64.049-550
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)2222-4824 **Fax:** (86)3215-5510 **E-mail:** cep.ufpi@ufpi.edu.br

Anexo: Performance Teatral para os Libertários

Performance Teatral para OS LIBERTÁRIOS

Defesa da tese de mestrado da professora Marlia Ribeiro

Orientanda da professora Shara Jane Costa Adad

Roteiro e Direção: Moisés Chaves

Material de cena:

lanternas, figurinos pretos e tocas pretas e as máscaras.

atuação: alunos do IFPI/ CATCE



PERFORMANCE TEATRAL: “O VISITANTE”



Elenco (5 pessoas)

- A1 – Corpo / Estudante
- A2 – Sombra / Julgamento
- A3 – Tempo
- A4 – Professor / Fariseu
- A5 – Coro / Múltiplas Facetas (pode assumir vários visitantes)



CENA 1 – A INVASÃO DO CORPO

(Luz baixa. Sons de murmúrios. A5 circula rápido pelo espaço.)

A1 (no centro, encolhido):

Tem gente demais...

Corpos demais...

Olhos demais...

(A5 começa a rodear, quase tocando.)

A1:

Meu corpo não é mais meu.

Ele virou passagem.

Virou rua.

Virou coisa.

A5 (sussurrando em coro):

Desconhecidos... desconhecidos... desconhecidos...

(A5 invade o espaço pessoal de A1)

A1 (em pânico):

Não controlo...

Não controlo o que sinto...

Não controlo o que pensam...



CENA 2 – O ASSÉDIO / O VISITANTE ANIMAL

(Luz vermelha. A5 muda postura – mais agressiva.)

A5 (voz grave):

Eu ultrapasso limites.

(A5 tenta tocar a mão de A1 lentamente)

A1 (recuando):

Não.

A5 (aproximando):

Olha para mim.

(A5 encara fixamente — olhos arregalados)

A1:

Esse olhar...

Não é humano.

A5:

É vermelho.

É fome.

É poder.

A1 (grito):

NÃO!

(Silêncio brusco.)

🕒 CENA 3 – O JULGAMENTO

(Luz branca forte. A2 aparece atrás de A1.)

A2:

Muitos olhos.

(A5 se posiciona como plateia julgadora)

A2:

Eles estão vendo você falhar.

A1:

Eu só errei uma coisa...

A2:

Uma coisa é suficiente.

(A5 aponta para A1)

A5 (em coro):

Não vai ser ninguém.

A1 (quebrando):

Talvez...

Talvez seja verdade...

(A1 começa a “derreter” no chão)

🔥 CENA 4 – O PROFESSOR-FARISEU

(A4 entra lentamente. Luz quente, mas opressiva.)

A4:

Eu ensino.

(Pausa)

A4 (mudando o tom):

Mas também marco.

A1 (olhando com medo):

Foi você...

A4:

Sua letra é feia.

Sua leitura é fraca.

Você não vai longe.

(A1 recua como criança)

A4 (quase suave):

Eu sou fogo.

Posso aquecer...

Ou queimar.

(A1 sussurra)

Queimou.

🎭 CENA 5 – MÁSCARAS E CONFUSÃO

(A5 agora usa gestos diferentes, mudando de “persona” rapidamente.)

A5:

Sou teu amigo.

Ou não sou?

(Troca de postura)

Sou muitos.

Sou vários.

Sou nenhum.

A1:

Quem é você?

A5 (mudando voz constantemente):

Sou quem você precisa.

Sou quem você teme.

(A2 entrega uma “máscara” imaginária para A1)

A2:

Coloca.

A1:

Mas eu estou triste...

A2:

Sorria.

(A1 força um sorriso)

A5 (aplaudindo lentamente):

Agora você pertence.

(A1 para, confuso)

Mas...

Eu ainda sou eu?



CENA 6 – O TEMPO

(Som de tic-tac crescente. A3 entra.)

A3 (ritmado):

Tic... tac...

Tic... tac...

(Circula os atores)

A3:

Seu tempo agora é meu.

A1:

Eu não consigo sair do lugar...

A3 (mais rápido):

A aula vai começar.

A aula está passando.

Você está atrasado.

A2 (sussurrando):

Você não é suficiente.

A3 (gritando):

CORRE!

(Todos se movem rápido — exceto A1, congelado.)

A1 (desesperado):

Eu estou parado...

Mas tudo está indo embora...



CENA 7 – A AVALANCHE DE SENTIMENTOS

(Luzes coloridas alternando: amarelo, azul, verde, vermelho.)

A5 (girando):

Alegria!

(Amarelo)

Tristeza!

(Azul/verde)

Medo!

(Vermelho)

A1:

Tudo ao mesmo tempo...

A2:

Você não vai ter futuro.

A4:

Você não é suficiente.

A3:

O tempo acabou.

A1 (gritando):

O QUE VAI SER DE MIM?!

(Silêncio.)

CENA 8 – MOMENTOS DE RUPTURA

(Todos em movimento caótico.)

A5:

Risos!

Amigos!

Brincadeira!

(De repente, tudo quebra.)

A2:

Pressão.

A4:

Cobrança.

A3:

Urgência.

A1:

Medo...

CENA FINAL – OS FUROS NO VISITANTE

(Luz suave. Pequenos focos de luz surgem no palco.)

A1 (olhando ao redor):

Tem...

Alguma coisa...

(A1 aponta para “frestas” imaginárias de luz)

A5 (agora suave):

Furos.

A2:

Pequenos.

A3:

Estreitos.

A4 (quase humano):

Mas existem.

A1 (aproximando-se de uma luz):

Dá medo...

(Pausa)

Mas...

dá para ver através.

(A1 atravessa lentamente a luz.)

A1 (última fala):

O visitante não é tudo.

(Escuro.)

Sugestões de encenação

- Uso forte de luz e som (tic-tac, murmúrios, respiração)
- Corpo como principal linguagem (aproximação, invasão, congelamento)
- **Figurino neutro → transformado por gestos e luz**
- O “Visitante” não é um só: todos são o visitante em algum momento